



Joseph Balsamo

Memorias de un médico

Alexandre Dumas

I

ALBA



Memórias De Um Médico:

José Bálsamo

Volume I

Alexandre Dumas

PRÓLOGO

I

O MONTE TROVÃO

A margem esquerda do Reno, distante algumas léguas da cidade imperial de Vórmia, próximo do lugar onde nasce o pequeno rio Selz, começam os encadeamentos de uma série de montanhas, cujos cumes escarpados parecem fugir para o norte, como uma manada de búfalos espavoridos que desaparecem no nevoeiro. Estas montanhas, que desde o seu começo dominam já uma região quase deserta, e que parecem formar um cortejo à mais elevada de entre elas, têm todas um nome expressivo que indica a forma ou recorda a tradição: uma é a *Cadeira do Rei*, a outra é a *Pedra da Madressilva*, esta o *Rochedo dos Falcões*, aquela

a *Cabeça da Serpente*. A mais elevada de todas, a que mais altiva se ergue para o céu, cuja fronte de granito tem uma coroa de ruínas, é o *Monte Trovão*.

Quando a noite torna mais densa a sombra dos carvalhos, quando os últimos raios do Sol vêm doirar as cumeadas dessa família de gigantes, parece que o silêncio desce pouco a pouco desses sublimes degraus do céu até à planície, e que um braço poderoso e invisível desenrola dos seus flancos, para o espalhar sobre o mundo cansado pelos trabalhos e tumultos do dia, esse grande véu azulado em que cintilam as estrelas da noite. Então passa tudo insensivelmente da vigília ao sono; tudo adormece sobre a Terra e no espaço. No meio deste profundo silêncio, apenas murmura, seguindo o seu curso misterioso por entre os abetos, o riacho de que já falamos, conhecido pela gente do país com o nome de Selzbach; e conquanto nem o dia nem a noite o interrompam, porque precisa lançar-se no

Reno, que é a sua eternidade, a areia do seu leito é tão fresca, são tão flexíveis os juncos que o enfeitam, os seus rochedos são tão bem forrados de musgo e de flores, que nem uma das suas pequenas ondas sussurra desde Morsheim, onde começa, até Freiwenheim, onde acaba.

Um pouco acima da sua nascente, entre Albisheim e Kirchheim-Poland, começa uma estrada tortuosa, aberta entre enormes rochedos, que conduz a Danenfels. Para além de Danenfels a estrada torna-se em trilho, depois este diminui, extingue-se, perde-se, e a vista procura-o em vão, descortinando apenas a imensa encosta do *Monte Trovão*, cujo cume misterioso, tantas vezes visitado pelo fogo do Senhor, que lhe deu o nome por que é conhecido, se oculta sob um cinto de árvores verdes, como se estas formassem um muro impenetrável.

Efectivamente, logo que se chega junto dessas árvores frondosas como os carvalhos da antiga Dodona, o viajante pode

continuar o seu caminho sem que o vejam da planície, mesmo que seja em pleno meio-dia; e ainda que o seu cavalo fosse mais enfeitado de guizos que uma mula espanhola, o som destes não se ouviria; ainda que fosse ajaezado de veludo e ouro como o cavalo de um imperador, a folhagem das árvores não deixaria ver sequer um reflexo do ouro ou da púrpura, tão espessa é a floresta que abafa o ruído, tão profunda é a sua sombra que torna imperceptíveis as cores.

Hoje mesmo que as montanhas mais elevadas se tornaram em simples observatórios; hoje que as lendas mais poeticamente terríveis só despertam um sorriso de dúvida nos lábios do viajante, essa grande solidão causa terror e torna essa parte do país tão venerável, que apenas algumas casas de mesquinha aparência se mostram, como sentinelas perdidas das aldeias vizinhas, para testemunhar junto dessa cinta mágica a presença do homem.

Os que habitam essas casas dispersas na solidão, são moleiros que deixam ao rio o cuidado de moer o trigo de que vão depois levar a farinha a Rockenhausen e a Alzey, ou pastores que, levando os seus rebanhos a pastar na montanha, estremecem por vezes, tanto eles como os seus cães, ao ouvirem a queda de algum pinheiro secular, que de velho cai nos abismos da floresta. Talvez mesmo que algum dos seus habitantes actuais tivesse ouvido já contar a seu pai ou a seu avô, o que nós hoje nos propomos narrar.

No dia 6 de Maio de 1770, na hora em que as águas do grande rio tomam um reflexo branco-avermelhado, isto é, no momento em que para todo o habitante das margens do Reno, o Sol desce por detrás da torre da catedral de Estrasburgo, cortando-o assim em dois hemisférios de fogo, um homem que vinha de Maiença, depois de ter atravessado Alzey e Kirchheim-Poland, apareceu do lado oposto da aldeia de Danenfels, seguiu o caminho enquanto foi visível, depois, quando

de todo estava sumido o vestígio do trilho, apeando-se do cavalo e levando-o pela rédea, foi prendê-lo, sem hesitar, ao pinheiro que lhe ficava mais próximo nessa tremenda floresta. O animal relinchou desassossegado, e o bosque pareceu estremecer a esse estranho ruído.

- Bem! Bem! Murmurou o viajante; sossega, meu bom Djérid; caminhamos já doze léguas, e tu, pelo menos, já chegaste ao termo do teu caminho.

E o viajante diligenciava profundar a vista por entre a folhagem das árvores; as sombras, porém, eram já tão densas, que só deixavam distinguir vultos negros, recortando-se sobre outros vultos mais negros ainda. Concluído este exame, sem resultado, o viajante voltou-se para o cavalo, cujo nome árabe indicava ao mesmo tempo a origem e a velocidade, tomou entre as mãos o focinho, e chegando-lhe a boca junto das ventas, disse:

- Adeus, meu valente cavalo; se te não tornar a encontrar, adeus para sempre!

O cavalo sacudiu as macias crinas do pescoço, bateu com uma pata no chão e relinchou, como relincharia no deserto ao sentir aproximar-se o leão. O viajante, desta vez, limitou-se a mover a cabeça, sorrindo-se ao mesmo tempo, como se quisesse dizer:

- Não te enganas, Djérid, o perigo está aqui.

Então, decidido como estava já a não combater esse perigo, o temerário desconhecido tirou dos coldres duas belas pistolas de canos cinzelados e de coronha dourada, depois, com o saca-trapos da vareta descarregou-as, e tirando-lhes a bala e a bucha, espalhou a pólvora sobre a relva. Acabada esta operação, guardou as pistolas. Não é tudo.

O viajante trazia à cinta uma espada com punho de aço; desacolchetou o cinturão, enrolou-o na espada, e pondo-a debaixo da sela, atou-a com os loros, de modo que a

ponta ficasse para baixo e o punho para cima. Por fim, terminadas estas singulares formalidades, o viajante sacudiu o pó das botas, descalçou as luvas, procurou alguma coisa nas algibeiras, e achando uma tesoura pequena e um canivete com cabo de tartaruga, atirou-os fora, por cima do ombro, sem ter olhado para onde caíram.

Feito isto e passando ainda uma última vez a mão sobre a anca de Djérid, depois de ter tomado a respiração, como para dar ao peito o maior grau de dilatação de que era susceptível, o viajante procurou, inutilmente, um caminho qualquer, e não vendo nenhum, entrou ao acaso na floresta.

Parece-nos ser este o momento de darmos aos nossos leitores uma idéia exacta do viajante que acabamos de pôr sob os seus olhos, e que está destinado a representar um papel importante no seguimento da nossa história. Aquele que acabava de se apeiar do cavalo e tão ousadamente se aventurara na floresta, parecia ser um homem de trinta a

trinta e dois anos, de estatura mais que mediana, mas tão admiravelmente organizado, que se lhe via circular nos membros musculosos e elásticos a força e a agilidade. Trajava uma espécie de sobrecasaca de veludo preto com botões de ouro; as duas pontas de uma vestia bordada apareciam por baixo dos últimos botões da sobrecasaca; o calção de anta, justo à perna, desenhava-lhe os contornos, que poderiam servir de modelo a um escultor, e a forma elegante adivinhava-se, apesar das botas de bezerro envernizado lhe ocultarem parte das pernas.

Quanto ao rosto, que tinha toda a mobilidade dos tipos meridionais, era um singular composto de força e finura; o olhar, que podia exprimir todos os sentimentos quando o fitava em alguém, parecia despedir sobre o olhar daquele a quem examinava dois raios de fogo, como se quisesse penetrá-lo até ao íntimo da alma. As faces morenas, via-se logo, haviam sido crestadas por um sol mais

ardente do que o nosso. Enfim, a boca grande, mas bela de forma, abria-se para deixar ver duas ordens de magníficos dentes, que pareciam ainda mais brancos por causa da cor morena da cútis. O pé era comprido, mas delicado; a mão era pequena, mas musculosa.

A personagem, cujo retrato acabamos de esboçar, teria apenas dado uns dez passos na sombria floresta de pinheiros, quando ouviu passos apressados na direcção em que deixara o cavalo. O seu primeiro movimento foi retroceder, mas conteve-se; todavia, não podendo resistir ao desejo de saber o que era feito de Djérid, ergueu-se nos bicos dos pés, e relanceou os olhos para um claro da floresta; levado por mão invisível que lhe desatara a rédea, Djérid tinha desaparecido. A fronte do desconhecido enrugou-se ligeiramente, e como que um sorriso lhe contraiu as faces bochechudas e os lábios delgados. Depois continuou o seu caminho para o centro da floresta.

O crepúsculo exterior, penetrando através dos ramos das árvores, guiou ainda por algum tempo os seus passos; depois, faltando-lhe esse fraco reflexo, achou-se numa tal escuridade que, não vendo sequer aonde punha os pés e receando perder-se, parou.

- Vim facilmente até Danenfels - disse ele em voz alta - porque de Maiença a Danenfels há uma estrada; vim bem de Danenfels ao Tojo Negro, porque de Danenfels ao Tojo Negro há um caminho; vim do Tojo Negro até aqui,, e apesar de não haver nem estrada, nem caminho trilhado, via a floresta; aqui, porém, sou obrigado a parar... Não vejo nada.

Tinha apenas pronunciado estas palavras, num dialecto meio francês, meio siciliano, quando divisou uma luz a uns cinqüenta passos de distância.

- Obrigado - disse ele; - agora que essa luz caminha, e eu a seguirei.

A luz caminhou logo sem oscilar, serena, com um movimento igual, semelhante a essas luzes fantásticas que aparecem nos teatros, e cuja marcha é dirigida pelo maquinista e pelo contra-regra.

O viajante caminhou ainda uns cem passos, depois pareceu-lhe sentir que alguém se lhe inclinara ao ouvido. Estremeceu.

- Não te voltes - disse uma voz da direita - senão morres!

- Bem! - respondeu o impassível viajante sem pestanejar.

- Não fales - disse uma voz da esquerda - senão morres!

O viajante inclinou-se e não falou.

- Mas se tens medo - disse uma terceira voz, que semelhante à do pai de Hamlet parecia sair das entranhas da terra - se tens medo, volta para trás, isso significará que renuncias, e deixar-te-ão voltar para o lugar de onde vens.

O viajante limitou-se a fazer um aceno com a mão e continuou a andar.

A noite estava tão escura e a floresta tão sombria, que o viajante, apesar da luz que o guiava, tropeçava a cada passo. A luz caminhou durante uma hora, pouco mais ou menos, e o viajante seguiu-a sem deixar ouvir um murmúrio, sem dar sequer o menor sinal de medo. De repente, desapareceu a luz.

O viajante estava já fora da floresta. Levantou os olhos; no azul sombrio do céu cintilavam algumas estrelas.

Continuou a caminhar na mesma direcção em que desaparecera a luz; pouco depois viu surgir diante de si umas ruínas, como que o espectro de um antigo castelo. Em seguida começou a encontrar debaixo dos pés as pedras dispersas dessas ruínas. Então sentiu cingirem-lhe a fronte e taparem-lhe os olhos com um objecto frio como o gelo. Desde esse momento nem mesmo as trevas pôde continuar a ver.

Haviam-lhe ligado a cabeça com um lenço molhado. Era decerto coisa convencionada, ou pelo menos, que ele

esperava já, porque não fez esforço algum para tirar a venda. Somente o que fez foi estender silenciosamente a mão, como um cego que pede um guia.

Perceberam o gesto, porque sentiu imediatamente a mão agarrada por outra mão mais fria, áspera e descarnada.

Conheceu que era a mão de um esqueleto; e se essa mão tivesse sentimento, teria conhecido que a sua não tremia.

Então o viajante sentiu-se levado com rapidez e percorreu o espaço de umas vinte toezas.

De repente a mão largou a do viajante, a venda caiu-lhe dos olhos, e o desconhecido parou: tinha chegado ao cume do *Monte Trovão*.

II

EGO SUM QUI SUM

No centro de um claro formado pela queda de algumas árvores velhas, via-se o rés-do-chão de um desses castelos em ruínas, de que outrora os senhores feudais, ao regressarem das cruzadas, haviam semeado a Europa.

Os pórticos ornados de delicados labores, a cujas cavidades, em lugar das estátuas mutiladas e precipitadas ao sopé da muralha, estavam cheias de tojo ou de flores silvestres, recortavam num céu escuro as ogivas arruinadas pelos desmoronamentos.

Quando o viajante abriu os olhos, achou-se diante dos degraus úmidos e musgosos do pórtico principal; no primeiro degrau estava o fantasma da mão descarnada que o conduzira até ali.

Um sudário comprido o envolvia dos pés até à cabeça; por entre as dobras da mortalha via-se-lhe o chamejar das órbitas imóveis, a sua mão descarnada apontava para o interior das ruínas, e parecia indicar ao viajante, como termo do seu caminho, uma sala, cuja elevação acima do terreno ocultava as partes inferiores, e em que bruxuleava, suspensa na abóbada esburacada, uma luz mortiça e misteriosa.

O viajante inclinou a cabeça em sinal de assentimento. O fantasma subiu lentamente um por um e sem fazer o menor ruído os degraus, e internou-se nas ruínas; o desconhecido seguiu-o com o mesmo passo tranqüilo e solene com o qual regulava sempre o caminho da sua vida; subiu também um por um os degraus por onde subira o fantasma e entrou.

Por detrás dele fechou-se, com o estrondo semelhante ao de uma muralha de bronze, a porta do vestíbulo principal do castelo.

O fantasma tinha parado à entrada de uma sala circular, alumada por três lâmpadas, que davam uma luz com reflexos verdes. O viajante parou também a uns dez passos dele.

- Abre os olhos - disse o fantasma.

- Vejo - respondeu o desconhecido.

Puxando então com movimento rápido por uma espada de dois fios, que a mortalha lhe encobria, o fantasma bateu com ela sobre uma coluna de bronze, que respondeu ao golpe com um som metálico.

No mesmo instante, levantaram-se pedras sepulcrais em torno da sala e apareceram numerosos fantasmas, semelhantes ao primeiro, armados de espadas de dois fios, e sentaram-se em bancos, também de forma circular, colocados no lado em que com mais força reverberava a luz esverdeada das três lâmpadas, e aonde, confundidos com a pedra pela sua frieza e imobilidade, pareciam estátuas sobre pedestais.

Cada uma destas estátuas humanas destacava-se singularmente da armação negra, que cobria as paredes.

Colocados diante do primeiro degrau viam-se sete bancos; num destes, desocupado, estavam sentados seis fantasmas, que pareciam ser chefes. O que estava sentado no banco do meio levantou-se.

- Quantos somos os que estamos aqui reunidos, meus irmãos? - perguntou ele voltando-se para o lado da assembléia.

- Trezentos - responderam ao mesmo tempo todos os fantasmas com voz estrondosa, a qual, ecoando na sala, foi quebrar-se contra a armação fúnebre das paredes.

- Trezentos - redargüiu o presidente - cada um dos quais representa dez mil sócios; trezentas espadas que valem três milhões de punhais.

Depois, voltando-se para o viajante, perguntou:

- Que pedes tu?

- Ver a luz - respondeu o viajante.

- Os caminhos que conduzem à montanha de fogo são ásperos e terríveis; não receias entrar neles?

- Nada receio.

- Uma vez que tenhas dado um passo para diante, não poderás retroceder. Pensa bem!

- Só hei-de parar quando chegar ao fim.

- Estás pronto a jurar?

- Ditai-me o juramento, repeti-lo-ei.

O presidente levantou a mão direita, e com uma voz branda e solene pronunciou as palavras seguintes:

“Em nome do Filho crucificado, jurai quebrar os laços carnis que ainda vos ligam a pai, mãe, irmãos, irmãs, mulher, parentes, amigos, amantes, reis, benfeitores e a qualquer ente a quem houvésseis prometido fé, obediência, ou serviço.”

O viajante repetiu com voz firme as palavras que acabavam de lhe ser ditadas pelo presidente que, passando ao segundo

parágrafo do juramento, continuou com a mesma fleuma e solenidade:

“Ficais desde já desligado do juramento feito à pátria e às leis: jurai portanto revelar ao novo chefe que reconheceis, tudo quanto tiverdes visto ou feito, lido ou ouvido, sabido ou descoberto, e até procurar e espiar o que se vos não oferecer à vista.”

O presidente calou-se, e o desconhecido repetiu as palavras que acabava de ouvir.

“Respeitai a *aqua toffana* - continuou o presidente sem mudar de tom - como um meio seguro, pronto e necessário para purificar o globo, pela morte ou atontamento dos que procuram aviltar a verdade ou arrancá-la das nossas mãos.”

Um eco não teria reproduzido estas palavras com mais fidelidade que o desconhecido; o presidente continuou:

“Fugi da Espanha, fugi de Nápoles, fugi de toda a terra maldita, fugi da tentação de revelar o que ides ver e ouvir, porque o raio não é mais pronto em fulminar do que o será

o cutelo invisível e inevitável em qualquer parte do mundo em que estejais. Vivei em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo.”

Apesar da ameaça que estas últimas linhas continham, não foi possível descobrir-se no rosto do desconhecido o mais leve indício de comoção, e pronunciou o final do juramento e a invocação que se lhe seguiu com tanta placidez como a que mostrara quando pronunciou o princípio.

- E agora - continuou o presidente - cingi a fronte do recipiendário com a venda sagrada.

O desconhecido abaixou a cabeça; aproximaram-se dele dois fantasmas; um deles aplicou-lhe sobre a fronte uma fita de seda com emblemas de prata formando quadro a uma Nossa Senhora do Loreto; o outro atou-lhe a fita sobre a nuca. Depois afastaram-se, deixando outra vez só o desconhecido.

- O que pedes tu? - perguntou o presidente.

- Três coisas - respondeu o
recipiendário.

- Quais são?

- A mão de ferro, a espada de fogo, as
balanças de diamantes.

- Para que fim desejas a mão de ferro?

- Para abafar a tirania.

- Para que desejas a espada de fogo?

- Para expulsar da Terra o que não for
puro.

- Para que desejas as balanças de
diamantes?

- Para pesar os destinos da humanidade.

- Estás preparado para todas as provas?

- O forte está preparado para tudo.

- As provas! As provas! - exclamaram
muitas vozes ao mesmo tempo.

- Volta-te disse o presidente.

O desconhecido obedeceu e achou-se em
frente de um homem pálido como um
defunto, todo ligado e de mordação na boca.

- O que vês tu? - perguntou o
presidente.

- Um criminoso ou uma vítima.

- É um traidor, que depois de prestar o mesmo juramento que acabas de proferir, revelou o segredo da ordem.

- Então é um criminoso.

- Sim. Em que pena incorreu?

- Na de morte.

Os trezentos fantasmas repetiram: - À morte!

No mesmo instante, apesar dos esforços que fazia para se defender, o criminoso foi arrastado para o fundo da sala; o viajante viu-o lutar entre as mãos dos seus verdugos, e ouviu a sua voz abafada pela mordação. Brilhou um punhal que, semelhante a um raio, reflectiu a sua claridade à das lâmpadas; depois ouviu-se descarregar um golpe tremendo, e pelas abóbadas da sala ecoou funebremente o ruído da queda no chão de um corpo pesado.

- Fez-se justiça - disse o desconhecido voltando-se para a assembléia terrível, da qual cada membro, através do sudário que o

cobria, havia devorado com os olhos aquele estranho espectáculo.

- Então - disse o presidente - aprovas a execução que acabas de presenciar?

- Sim, se aquele que acaba de morrer foi realmente culpado.

- E beberias à morte de todo o homem que, como ele, atraçoasse os segredos da associação santa?

- Sim.

- Qualquer que fosse a bebida?

- Qualquer que fosse.

- Trazei a taça disse o presidente.

Um dos executores aproximou-se então do candidato e apresentou-lhe uma bebida vermelha e tépida num crânio humano assente num pé de bronze. O desconhecido recebeu a taça das mãos do executor, e elevando-a acima da cabeça, disse:

- Bebo à morte de todo o homem que atraçoar os segredos da associação santa.

Depois, levando a taça à boca, vazou-a até à última gota e entregou-a friamente àquele que lha tinha apresentado.

Um sussurro de admiração percorreu a assembléia, e os fantasmas pareceram olhar reciprocamente uns para os outros através das suas mortalhas.

- Muito bem! - disse o presidente. - Venha a pistola!

Um fantasma aproximou-se do presidente, trazendo numa das mãos uma pistola, e na outra uma bala de chumbo e uma carga de pólvora.

O desconhecido dignou-se apenas olhar para esses preparativos.

- Prometes, portanto, obediência passiva à associação santa? - perguntou o presidente.

- Sim.

- Mesmo quando essa obediência fosse em teu prejuízo?

- Aquele que entra aqui, não pertence a si próprio, pertence a todos..

- Assim, seja qual for a ordem que por mim te seja lida, obedeces?

- Obedeço.

- No mesmo instante?

- No mesmo instante.

- Sem hesitar?

- Sem hesitar.

- Pega nesta pistola e carrega-a.

O desconhecido recebeu a pistola, vazou-lhe a pólvora no cano, segurou-a com uma bucha, depois deitou-lhe dentro a bala, que segurou com outra bucha, e finalmente escorvou.

Todos os sombrios habitantes daquela estranha casa contemplavam o desconhecido com um profundo silêncio, que era apenas interrompido pela bulha do vento, que ia,quebrar-se nos ângulos dos arcos caídos em ruínas.

- Está carregada a pistola - disse friamente o desconhecido.

- Estás bem certo disso? - perguntou o presidente.

Um sorriso assomou aos lábios do candidato que, pegando na vareta e introduzindo-a no cano da arma, mostrou que a carga era de duas polegadas.

O presidente inclinou-se como sinal de que estava convencido.

- Sim - disse ele - está efectivamente carregada e muito bem carregada.

- Que devo fazer agora? - perguntou o desconhecido.

- Engatilhá-la.

O desconhecido engatilhou a pistola, e no meio do profundo silêncio que reinava nos intervalos do diálogo, ouviu-se o som metálico do gatilho.

- Agora - disse o presidente - põe a boca da pistola sobre a tua fronte.

O desconhecido obedeceu sem hesitar.

O silêncio na assembléia era maior que nunca; a luz das lâmpadas pareceu empalidecer; esses fantasmas eram-no realmente, porque nenhum deles respirava.

- Fogo! - disse o presidente.

Desfechou-se a pistola, e a pedra faiscou; mas só a escorva ardeu e não sucedeu à sua chama efêmera explosão alguma.

Ouviu-se um grito de admiração em quase todas as bocas, e por um movimento instintivo, o presidente estendeu a mão para o desconhecido. Mas para os mais difíceis, não bastavam duas provas, e algumas vozes bradaram:

- O punhal! O punhal!

- Exigem? - perguntou o presidente.

- Sim, sim; o punhal! O punhal! - repetiram as mesmas vozes.

- Trazei então o punhal - disse o presidente.

- É inútil - disse o desconhecido abanando a cabeça com ar de desdém.

- Como, inútil! - bradou a assembléia.

- Sim, inútil - continuou o recipiendário com uma voz que cobria todas as outras; - inútil, sim, torno a repetir, porque perdeis nisto um tempo que é precioso.

- Que dizeis?! - bradou o presidente.

- Digo que sei todos os vossos segredos, que essas provas por que me fazeis passar, são brinquedos de crianças, e indignas de se ocuparem nelas homens sérios. Digo que o homem que arrastaram não foi morto; digo que o sangue que bebi era vinho metido numa pequena bexiga, que lhe puseram sobre o peito, oculta no vestuário; digo que a pólvora e a bala da pistola caíram na coronha no momento em que, engatilhando, toquei na mola que produz esse efeito. Guardai, pois, para outros a vossa arma fraca, boa só para intimidar cobardes. Ergue-te, cadáver mentiroso, não conseguirás atemorizar os fortes!

Levantou-se um grito terrível, que fez estremecer as abóbadas.

- Conheces os nossos mistérios! - exclamou o presidente; - és então um profeta ou um traidor?

- Quem és tu? - perguntaram trezentas vozes ao mesmo tempo; entretanto, vinte espadas luziam nas mãos dos fantasmas que

mais perto dele se achavam, e por um movimento regular, como poderia ter sido o de uma falange exercitada, abaixaram-se e reuniram-se apontadas sobre o peito do desconhecido.

Mas ele, sorrindo com a maior tranqüilidade, ergueu a cabeça, e sacudindo o cabelo desempoado, disse:

- *Ego sum qui sum.*

Depois olhou para essa muralha humana que o cercava. Ao seu olhar dominador, abaixaram-se as espadas por movimentos desiguais, conforme cediam instantaneamente à sua influência ou tentavam combatê-la, aqueles a quem o olhar do desconhecido esmagava.

- Acabas de pronunciar uma palavra imprudente - disse o presidente - e com certeza a proferiste por não lhe conheceres todo o valor.

O desconhecido abanou a cabeça e sorriu.

Respondi o que devia responder - disse ele.

- Então de onde vens? - perguntou o presidente.

- Venho do país de onde vem a luz.

- Mas as nossas instruções dizem que vens da Suécia.

- Quem vem da Suécia pode vir do Oriente - redargüiu o desconhecido.

- Ainda outra vez o repito: não te conhecemos. Quem és tu?

- Quem sou?... Pois sim - continuou ele - logo vo-lo direi, já que fingis não me entender; antes disso, porém, quero dizer-vos quem sois.

Os fantasmas estremeceram, e ouviu-se o tinir das espadas, que passaram da mão esquerda para a direita, as quais levantaram novamente à altura do peito do desconhecido.

- Primeiramente - disse ele estendendo a mão para o presidente - tu que te julgas um deus, não és mais que um precursor; a ti, o

representante dos círculos suecos, direi o teu nome, para me não ver obrigado a dizer-te os de todos os demais; Swedenborg, os anjos que familiarmente conversam contigo, não te haviam revelado que aquele por quem esperavas estava em caminho?

- É verdade - respondeu o presidente levantando o sudário para ver melhor quem assim lhe falava; - é verdade que mo disseram.

E aquele, que contra todas as regras da sociedade levantara o sudário, deixou ver um rosto venerável e a barba branca de um ancião de oitenta anos.

- Bem - redargüiu o desconhecido; - agora à tua esquerda está o representante do círculo inglês, que preside à loja de Caledónia. Saúde, milorde; se em vós revive o sangue do vosso bisavô, pode a Inglaterra esperar que torne a brilhar a luz que se extinguiu.

Abaixaram-se as espadas, e à raiva sucedeu-se a admiração.

- Ah! Sois vós, capitão? - continuou o desconhecido dirigindo-se ao último chefe, que estava colocado à esquerda do presidente. - Em que porto deixastes o vosso belo navio que amais como se fora uma amante? É uma valente fragata a *Providência*, e que há-de trazer fortuna à América, não é verdade?

Depois, voltando-se para o que estava à direita do presidente, prosseguiu:

- Agora é a tua vez, profeta de Zurique; vamos, olha para mim de frente, tu que até à adivinhação levaste a ciência fisionômica, e diz em voz alta, se nas linhas do meu rosto não lês a confirmação do que digo.

Aquele a quem ele se dirigia recuou um passo.

- Vamos - continuou ele dirigindo-se ao seu vizinho - vamos, descendente de Pelágio, trata-se de expulsar os Mouros da Espanha, pela segunda vez. Será coisa fácil se os Castelhanos não perderam para sempre a espada do Cid.

O quinto chefe ficou imóvel e mudo; dir-se-ia que a voz do desconhecido o transformara em pedra.

- E a mim - atalhou o sexto chefe indo ao encontro das palavras do desconhecido, que parecia esquecê-lo; - a mim, nada tens que dizer?

- Sim - respondeu o viajante fixando sobre ele um desses olhares penetrantes, que chegam ao coração; - sim, tenho a dizer-te o que Jesus disse a Judas; mas isso logo to direi.

Aquele a quem se dirigira tornou-se mais pálido que o seu sudário, e um murmúrio, que percorreu toda a assembléia, parecia pedir ao desconhecido contas de tão singular acusação.

- Esqueces o representante da França - disse o presidente.

- Esse não está presente - respondeu ele com altivez - e bem o sabes, tu que falas, por que a sua cadeira está aí desocupada. Agora lembra-te que os laços fazem sorrir aquele

que vê nas trevas, que opera a despeito dos elementos e que vive a despeito da morte.

- És muito moço - disse o presidente - e falas com a autoridade de um deus. Pensa bem, olha que a audácia só tem poder sobre os homens irresolutos ou ignorantes.

Um sorriso de desdém assomou aos lábios do desconhecido.

- Sois então todos irresolutos - disse ele - visto que nada podeis contra mim; sois então todos ignorantes, visto que não sabeis quem eu sou; enquanto que eu, ao contrário, sei quem vós sois; portanto, para vos dominar, basta-me a audácia; mas de que serve essa audácia àquele que é todo-poderoso?

- A prova desse poder? - bradou o presidente - aonde está a prova?

- Quem vos convocou? - perguntou o desconhecido, passando de interrogado a interrogador.

- O círculo supremo.

- Não foi sem um fim - disse o desconhecido voltando-se para o presidente e

para os cinco chefes que viésteis da Suécia, de Londres, de Nova Iorque, de Zurique, de Madrid, de Varsóvia, finalmente, vós todos - continuou ele dirigindo-se para a multidão - que viésteis das quatro partes do mundo, para vos reunirdes no santuário da fé terrível.

- Não, decerto - respondeu o presidente - nós vamos ao encontro daquele que no Oriente fundou um império misterioso, que reuniu os dois hemisférios numa comunidade de crenças, que enlaçou as mãos fraternais do gênero humano.

- Existe algum sinal certo pelo qual o possais conhecer?

- Sim - disse o presidente - e Deus dignou-se revelar-mo por intervenção dos seus anjos.

- Sois então o único que conheceis esse sinal?

- Só eu o conheço.

- Não o revelastes a ninguém?

- A ninguém.

- Dizei-o em voz alta.

O presidente hesitou.

- Dizei - repetiu o desconhecido com a voz de quem ordena - dizei, porque o momento da revelação é chegado.

- Há-de trazer sobre o peito - disse o chefe supremo - uma chapa de diamantes, e sobre ela cintilarão as primeiras três letras de uma divisa, só dele conhecida.

- Quais são essas três letras?

- L. P. D.

O desconhecido abriu a sobrecasaca e o colete, e, sobre a sua camisa de cambraia finíssima, apareceu, resplandecente como uma estrela de fogo, a chapa de diamantes sobre a qual chamejavam as três letras de rubis.

- Ele! - bradou o presidente aterrado; será ele?

- Aquele que o mundo espera? - disseram os chefes com ansiedade.

- O grão-Copta? - murmuraram trezentas vozes.

- Pois bem! - bradou o desconhecido com ar de triunfo - acreditar-me-eis agora, quando pela segunda vez vos repetir *Ego sum qui sum?*

- Sim - disseram os fantasmas prostrando-se.

- Falai, mestre - disseram o presidente e os cinco chefes, com a fronte inclinada para a terra; - falai, e nós obedeceremos.

III

L.: P.: D.:

Ouve silêncio de alguns segundos durante os quais o desconhecido pareceu concentrar todos os seus pensamentos. Depois, passado um momento, disse:

- Senhores, podeis largar as espadas, que inutilmente vos fatigam os braços, e prestar-me ouvido atento, porque muito tereis que aprender nas poucas palavras que vou dirigir-vos.

Dobraram de atenção.

- A nascente dos grandes rios é quase sempre divina, por isso é desconhecida, como o Nilo, o Ganges, o Amazonas; eu sei para onde vou, mas ignoro de onde venho! Tudo quanto me lembra é que, no dia em que os olhos da minha alma se abriram à percepção dos objectos exteriores, achava-me em

Medina, a cidade santa, correndo nos jardins do mufti Salaaym.

“Era um velho respeitável que eu amava como se fora meu pai, e todavia não o era; porque poderia olhar para mim com ternura, mas não me falava senão com respeito; três vezes por dia me deixava para que um outro ancião, cujo nome repito com admiração e temor, pudesse encontrar-me só; esse ancião respeitável, sublime receptáculo de todas as ciências humanas, instruído pelos sete espíritos superiores em tudo quanto sabem os anjos para compreenderem a Deus, chama-se Althotas; foi meu aio, meu mestre; é ainda hoje meu amigo, amigo venerável, porque tem dobrada idade que o mais velho de entre vós.”

A linguagem solene, os gestos majestosos, o acento da voz ao mesmo tempo suave e austero do viajante, produziram na assembléia uma dessas impressões que se resolvem em longos estremecimentos de ansiedade.

O forasteiro continuou:

- Quando tinha quinze anos, estava já iniciado nos principais mistérios da Natureza. Sabia a Botânica, não; essa ciência limitada que cada sábio circunscreve ao estudo do canto da terra em que habita, mas conhecia as sessenta mil famílias de plantas que vegetam no universo inteiro. Sabia, quando o meu mestre a isso me obrigava, colocando as mãos sobre a minha fronte e fazendo descer aos meus olhos fechados um raio de luz celeste, sabia, por meio de uma contemplação quase sobrenatural, mergulhar a minha vista debaixo das ondas do mar e classificar essas monstruosas e indescritíveis vegetações, que flutuam e nadam brandamente entre duas camadas de água limosa, e cobrem com os seus ramos gigantescos o berço de todos esses monstros hediondos e quase informes, que nunca foi dado à vista do homem examinar, e que Deus parece ter olvidado, desde o dia em que os anjos rebeldes obrigaram o seu poder um instante vencido a criá-los.

“Também me havia dedicado ao estudo das línguas mortas e vivas. Conheço todos os idiomas que se falam desde o estreito dos Dardanelos até ao de Magalhães. Lia os misteriosos hieróglifos escritos nesses livros de granito chamados pirâmides. Abraçava todos os conhecimentos humanos, desde Sanchoniathon até Sócrates, desde Moisés até S. Jerônimo, desde Zoroastro até Agripa. Tinha estudado a Medicina, não só em Hipócrates, em Galiano, em Averróis, mas também nesse grande mestre chamado a Natureza. Tinha adivinhado os segredos dos Coptas e Drusos. Tinha colhido as sementes fatais e as sementes boas. Podia, quando o tufão ou a procela passavam sobre a minha cabeça, sacrificar ao seu ímpeto os grãos desconhecidos que iam levar longe de mim a morte ou a vida, conforme eu havia abençoado ou condenado o país para o qual voltava o meu rosto irado ou risonho.

Foi no meio destes estudos, destes trabalhos, destas viagens, que cheguei aos vinte anos.

Um dia o meu mestre veio encontrar-me na gruta de mármore para onde eu me retirava durante o grande calor do dia. O seu rosto estava ao mesmo tempo austero e risonho... Trazia na mão um frasco, e disse-me:

- Acharat, tenho-te sempre dito que neste mundo nada nascia nem morria; que o berço e o sepulcro eram irmãos; que só faltava ao homem, para ver claramente nas suas existências passadas, essa lucidez que o tornaria igual a Deus, porque no dia em que a tiver adquirido há-de sentir-se imortal como Ele. Pois bem! Achei a bebida que dissipa as trevas, enquanto não acho a que preserva da morte. Acharat, bebi ontem o que falta a este frasco; bebe tu hoje o resto.

Eu tinha grande confiança, grande veneração por meu digno mestre, e contudo a minha mão tremeu quando toquei no frasco

que Althotas me apresentava, como devia tremer a mão de Adão quando Eva lhe ofereceu o pomo.

- Bebe - disse-me ele sorrindo.

Eu bebi.

Colocou então as mãos sobre a minha cabeça, como costumava fazer quando queria momentaneamente dar-me a dupla vista.

- Dorme - disse-me ele - e lembra-te.

Adormeci imediatamente, e sonhei então que estava sobre uma cama de pau de sândalo e aloés; um anjo que passava, levando do Oriente ao Ocidente a vontade do Senhor, tocou-me com uma das asas, e a minha cama incendiando-se tornou-se numa fogueira. Mas, caso singular, em vez de me sentir possuído de temor, em vez de recear essa chama, estendi-me voluptuosamente no meio das labaredas, como a Fênix que vem aspirar nova existência no princípio de toda a vida. Então desapareceu tudo quanto em mim havia de material, ficou-me só a alma, conservando a forma do corpo, mas

transparente, impalpável, mais leve que a atmosfera em que vivíamos, e acima da qual se elevou. Então, como Pitágoras, que se lembrava de haver estado no assédio de Tróia, apresentaram-se-me na imaginação as trinta e duas existências que eu já tinha vivido. Vi passar diante dos olhos os séculos, semelhantes a uma multidão de anciãos. Conheci-me a mim mesmo sob os diferentes nomes que tinha usado desde o dia do meu primeiro nascimento até ao da minha última morte, porque, deveis sabê-lo, meus irmãos, e é um dos pontos mais positivos da nossa crença, as almas, essas inumeráveis emanções da divindade, que a cada um dos seus sopros saem do peito de Deus, as almas enchem o espaço, dividem-se numa numerosa jerarquia, desde as almas sublimes até às almas inferiores, e o homem que na hora do seu nascimento, aspira, talvez casualmente, uma dessas almas preexistentes, na hora de se finar entrega-a a uma nova

carreira e talvez a sucessivas transformações.”

Aquele que assim falava fazia-o com tal convicção e erguendo os olhos para o céu com tanta sublimidade, que foi interrompido por um geral murmúrio de admiração.

- Quando acordei - continuou o iluminado - conheci que era mais do que homem, e compreendi que era quase um Deus.

“Resolvi então dedicar, não só a minha existência actual, mas todas quantas ainda me restassem, à ventura da humanidade.

Althotas, no dia seguinte, como se tivera adivinhado o meu projecto, veio ter comigo e disse-me:

- Meu filho, há vinte anos que vossa mãe expirou, dando-vos à luz; e há outros tantos que um obstáculo invencível impede vosso ilustre pai de se dar a conhecer a seu filho. Nós vamos começar as nossas viagens; vosso pai há-de estar entre as pessoas que

encontrarmos, e há-de abraçar-vos, sem vós o conhecerdes.

Deste modo tudo em mim, à semelhança dos eleitos do Senhor, devia ser misterioso: passado, presente e futuro.

Despedi-me do mufti Salaaym, que me abençoou e encheu de presentes; depois juntámo-nos a uma caravana, que partia para Suez.

Perdoai-me, senhores, se estou comovido com esta lembrança: um dia fui abraçado por um homem venerável, e não sei que estranho estremecimento revolveu todo o meu ser, quando senti palpitar o seu coração. Era o xerife de Meca, príncipe magnificentíssimo e muito ilustre, que tinha assistido a cem batalhas e que só com um movimento do seu braço, fazia abaixar as cabeças de três milhões de homens. Althotas voltou o rosto para não se comover, ou antes para não atraiçoar o seu segredo.

Continuámos o nosso caminho, e internámo-nos na Ásia; subimos o Tigre;

visitámos Palmira, Damasco, Esmirna, Constantinopla, Viena, Berlim, Dresda, Moscovo, Estocolmo, Petersburgo, Nova Iorque, Buenos Aires, o Cabo, e Aden; depois, voltando quase ao ponto de onde partíramos, demandámos a Abissínia, descemos o Nilo, aportámos a Rodes, e depois a Malta. Tinha vindo um navio ao nosso encontro na distância de vinte léguas da ilha, e dois cavaleiros da ordem, havendo-me saudado, conduziram-nos triunfalmente ao palácio do grão-mestre Pinto.

Sem dúvida, senhores, desejais saber por que motivo o muçulmano Acharat era recebido com tantas honras por aqueles que fazem voto de exterminar os infiéis. Era porque Althotas, sendo católico e cavaleiro de Malta, só me tinha falado de um Deus poderoso e universal, que por meio dos anjos, seus ministros, havia estabelecido esta harmonia geral, a quem dera o belo e grande nome de *Cosmos*. Eu era portanto teósofo.

Terminaram as minhas viagens, sem que a vista dos diferentes costumes de tantas cidades me tivesse maravilhado; porque nada era novo para mim debaixo do Sol, porque, durante o curso de trinta e duas existências que eu tinha vivido, havia já visitado as mesmas cidades, notando somente a grande mudança que se tinha operado entre os seus habitantes. Então pude elevar-me acima dos acontecimentos para seguir a marcha do gênero humano. Vi que todos os espíritos tendiam para o progresso, e que o progresso conduzia à liberdade; vi que todos os profetas tinham sido enviados pelo Senhor para sustentar o progresso vacilante da humanidade, que, saindo cega do seu berço, dava todos os séculos um passo para a luz; porque os séculos são os dias dos povos.

Eu disse comigo que tantas coisas sublimes não me tinham sido reveladas para ficarem em mim ocultas, e que é debalde que o monte encerra os veios de ouro, e o mar as pérolas, porque o mineiro e o mergulhador os

vão procurar ao fundo do monte e do mar; e que melhor faria eu se, imitando o Sol, derramasse as minhas luzes pelo mundo.

Conheceis pois agora que não foi para cumprir meros ritos *maçónicos*, que vim do Oriente. O objecto da minha viagem foi para dizer-vos: Irmãos! Tomai asas e olhos de águia, elevai-vos acima do mundo, atingi comigo o monte onde Satanás levou Jesus, e lançai os olhos a todos os reinos do mundo.

Os povos formam uma imensa falange; nascidos em diferentes épocas e em diversas condições, formaram as suas fileiras, e devem chegar, cada um por sua vez, ao fim para que foram criados. Caminham incessantemente, conquanto pareçam descansar, e, se por acaso recuam, não é para retrocederem, mas sim para tomarem força, a fim de vencerem algum obstáculo, ou para removerem alguma dificuldade.

A França está na vanguarda das nações; metamos-lhe um facho na mão, e ainda que ele produza um incêndio que venha a devorá-

la, será este incêndio salutar porque há-de iluminar o mundo.

É por isto que o representante da França falta aqui; talvez que recuasse ante a sua missão... É mister um homem que nada tema... Eu irei a França."

- Vós? - disse o presidente.

- Sim; é o posto mais perigoso... Tomo-o eu à minha conta; é missão mais importante... Eu me encarrego dela.

- Sabeis então o que se passa em França? - perguntou o presidente sorrindo.

- Sim - respondeu o iluminado - porque eu mesmo preparei os acontecimentos... Ocupa o trono de França um rei velho, timorato e corrompido, porém, menos velho, timorato e corrompido do que a monarquia que representa. Restam-lhe apenas poucos anos de vida. É preciso que o futuro seja convenientemente disposto por nós para o dia da sua morte. A França é a chave da abóbada do edifício; desprendam essa pedra os seis milhões de mãos que se erguem a um

sinal do círculo supremo, e o edifício monárquico se aluirá; então os soberanos da Europa, os mais insolentemente sentados nos seus tronos, hão-de sentir subirem-lhes vertigens à cabeça, e por si mesmos se hão-de precipitar no abismo, aberto pelo desmoronamento do trono de S. Luís.

- Perdoai-me, venerável mestre - disse o chefe que estava à direita do presidente, e que pela pronúncia se reconhecia ser suíço; - mas tem a vossa inteligência calculado bem tudo?

- Sim - respondeu o grão-Copta.

- Todavia, venerável mestre, peço desculpa de falar assim, porque no cume dos nossos montes, no fundo dos nossos vales, nas margens dos nossos lagos, estamos habituados a falar com tanta liberdade como falam o sopro do vento e o murmúrio das águas; todavia, repito, acho a ocasião inoportuna, porque se prepara um grande acontecimento, a que a monarquia francesa há-de dever a sua regeneração. Vi uma filha de Maria Teresa de Áustria dirigir-se com

grande pompa às fronteiras da França para unir o sangue de dezessete Césares ao do sucessor de sessenta e um reis; e os povos regozijavam-se cegamente, como sempre acontece quando lhe afrouxam ou douram o seu jugo. Repito, pois, em meu nome e no de meus irmãos, que julgo a ocasião inoportuna.

Voltaram-se todos assombrados para quem, com tanta serenidade e ousadia, afrontava o descontentamento do grão-mestre.

- Fala, irmão! - disse o grão-Copta, sem se mostrar ofendido; - a tua opinião será seguida, se for boa. Nós, os eleitos do Senhor, não repelimos ninguém, nem sacrificamos o interesse de todo o mundo ao nosso amor-próprio.

O deputado da Suíça continuou:

- Nos meus estudos, venerável grão-mestre, cheguei convencer-me de uma verdade, e vem a ser: que a fisionomia dos homens revela sempre aos olhos perspicazes os seus vícios e virtudes. O homem compõe o

rosto, adoça o olhar, faz sorrir os lábios; todos estes movimentos musculares dependem da sua vontade; mas o tipo principal do seu carácter fica saliente, legível e irrefragável testemunho do que se passa no coração. Destarte, o tigre tem também as suas meiguices e carícias; mas a sua cabeça baixa, fauces proeminentes, occipício enorme e boca sanguenta dão-no logo a conhecer por uma fera. O cão, pelo contrário, encrespa o sobrolho, mostra os dentes, e parece raivoso; mas os seus olhos meigos e francos, faces inteligentes, e andar obsequioso, mostram-no serviçal e amigável. Deus escreveu nas faces de cada criatura o seu nome e qualidade. Li pois no semblante da donzela, que deve algum dia reinar em França, o orgulho, o ânimo e a caridade tão peculiar nas donzelas alemãs; e no rosto do mancebo, que há-de ser seu esposo, o tranqüilo sangue-frio, a mansidão cristã e o espírito minucioso da observação. Ora, como é possível que um povo, e sobretudo o povo francês, que não

tem tendências para o mal e que nunca se esquece do bem, porque lhe tem bastado Carlos Magno, S. Luís e Henrique IV para ressalvar vinte reis cobardes e cruéis; como é possível que um povo, que espera sempre e nunca desespera, deixe de amar uma jovem rainha formosa e cheia de bondade, e um rei afável, clemente e bom administrador, depois da era desastrosa e delapidadora de Luís XV, depois das suas orgias públicas e vinganças ocultas, depois do reinado das Pompadour e du Barry? Não abençoará a França os príncipes que hão-de ser modelos de virtude, e hão-de trazer em dote a paz da Europa? A Delfina, Maria Antonieta, vai atravessar a fronteira; o altar e o tálamo aprestam-se em Versalhes; é este porventura o momento de começar pela França, e a seu favor, a vossa obra de reforma? Perdoai-me, venerabilíssimo senhor; mas cumpria-me dizer o que pensava no fundo da minha alma, que julgo do meu dever sujeitar à vossa infalível sabedoria.

Dito isto, o que assim tinha falado, e que o viajante designara com o nome de apóstolo de Zurique, abaixando a cabeça e acolhendo o murmúrio lisonjeiro das unânimes aprovações, esperou a resposta do grão-Copta, que se não fez esperar.

- Se vós ledes nas fisionomias, ilustríssimo irmão - respondeu ele - eu leio no futuro. Maria Antonieta é orgulhosa; há-de ser pertinaz na luta e morrer sob os nossos ataques. O delfim Luís Augusto, que é bom e clemente, há-de enfraquecer no combate e perecer como sua mulher, com a diferença, porém, de que ambos hão-de morrer pela virtude ou pelo vício. Eles estimam-se neste momento, não lhes dêmos, pois, tempo para se amarem, e dentro de um ano hão-de mutuamente desprezar-se. Além disto, meus irmãos, de que serve deliberar para saber de que lado vem a luz, quando esta luz já me foi revelada? Quando venho do Oriente, guiado, como os pastores, pela estrela que anuncia uma segunda regeneração? Amanhã meto

mãos à obra, e, com o vosso auxílio, peço vinte anos para concluí-la; bastarão vinte anos, se caminhar-mos, unidos e fortes, para um mesmo fim.

- Vinte anos! - exclamaram muitos fantasmas - é muito tempo!

- Sim, sem dúvida - disse o grão-Copta, voltando-se para os impacientes - é muito tempo para quem imagina que se mata um princípio como se mata um homem, com o cutelo de Jacques Clemente, ou com a faca de Damiens. Insensatos! O cutelo mata o homem, mas, semelhante ao podão regenerador, corta um ramo para fazer rebentar do tronco muitos outros, e, em lugar do real cadáver estendido no seu túmulo, suscita um Luís XIII, tirano estúpido; um Luís XIV, déspota inteligente; um Luís XV, ídolo regado com lágrimas e sangue dos seus adoradores, como essas monstruosas divindades que eu vi na Índia esmagarem, com um monótono sorriso, debaixo das rodas dos seus carros, as mulheres e as crianças que

lhes deitavam grinaldas de flores. Como! Achais que é muito o espaço de vinte anos para riscar o nome de rei do coração de trinta milhões de homens, que ainda há pouco ofereciam a Deus a vida de seus filhos para resgatarem a do pequeno rei Luís XV? Julgais que é fácil tarefa fazer odiosas à França essas flores-de-lis, que, radiosas como as estrelas do firmamento, e suaves como o perfume das flores que representam, levaram por espaço de dez séculos a luz, a caridade e a vitória a todos os recantos do mundo? Tentai vós a empresa, meus irmãos, tentai-a! Que em lugar de vinte anos, dou-vos cem para o conseguirdes! Vós estais dispersos, receosos, e desconhecidos uns dos outros; eu só é que sei os vossos nomes, e conheço o que valeis; só eu sou a cadeia que vos liga num grande nó fraternal. Pois bem, eu vo-lo repito, filósofos! Economistas! Ideólogos! Quero que, dentro em vinte anos, esses princípios, que pronunciais em voz baixa no lar doméstico, que escreveis, com vistas inquietas, à sombra

das vossas velhas torres, e que reciprocamente vos comunicais com o punhal na mão para com ele ferirdes o traidor ou imprudente que repetir as vossas palavras em tom mais alto do que as dizeis; quero que esses princípios sejam proclamados voz em grito nas ruas, impressos com a maior franqueza e espalhados por toda a Europa por emissários pacíficos, ou na ponta das baionetas de quinhentos mil soldados, que se hão-de levantar, combatendo pela liberdade, com esses princípios escritos nos seus estandartes; quero, finalmente, que vós, que tremeis ao nome da torre de Londres e ao nome dos cárceres da Inquisição, e eu ao nome dessa Bastilha, que vou afrontar, quero que riamos de piedade pisando aos pés as ruínas dessas formidáveis prisões, sobre as quais hão-de dançar vossas mulheres e vossos filhos. Nada disto, porém, se poderá conseguir senão depois da morte, não do monarca, mas da monarquia, depois do desprezo dos poderes religiosos, depois do

completo esquecimento de toda a inferioridade social, finalmente, depois da extinção das castas aristocratas e divisão dos bens senhoriais. Peço vinte anos para destruir um mundo velho e construir outro novo, vinte anos, que vêm a ser vinte segundos da eternidade, e ainda achais muito!...

Um prolongado murmúrio de admiração e de assentimento sucedeu ao discurso do sombrio profeta, que já evidentemente havia ganho as simpatias daqueles misteriosos mandatários do pensamento europeu.

O grão-Copta gozou por um instante do seu triunfo, e depois continuou:

- Agora, meus irmãos, que eu vou atacar o leão no seu antro, agora que vou jogar a minha vida pela liberdade do mundo, que fareis vós para o bom êxito da causa a que temos dedicado a nossa vida, fortuna e liberdade? Que fareis, dissei? Eis aqui o que vim perguntar-vos.

Um silêncio assustador, pela sua solenidade, se sucedeu a estas palavras; não se via em toda a sombria sala senão fantasmas imóveis, absortos no austero pensamento que devia abalar vinte tronos.

Os seis chefes destacaram-se dos mais, depois de alguns minutos de deliberação e aproximaram-se do chefe supremo.

O presidente foi o primeiro a falar.

- Eu - disse ele - em nome da Suécia, que represento, ofereço para destruir o trono de Vasa, os mineiros que o ergueram, e mais cem mil escudos de prata.

O grão-Copta tomou nota na sua carteira da oferta que lhe haviam feito.

Seguiu-se a falar o que estava à esquerda do presidente.

- Eu - disse ele - nada posso prometer em nome da Inglaterra, que havemos de achar sempre ardente em combater-nos; mas, em nome da pobre Irlanda e da pobre Escócia, prometo uma contribuição anual de três mil homens e três mil coroas.

O chefe supremo notou esta oferta ao lado da précédente.

- E vós? - disse o grão-Copta, dirigindo-se ao terceiro chefe.

- Eu - respondeu este, cujo vigor e impetuosa actividade mal cabiam debaixo do acanhado vestuário de iniciado - eu represento a América, da qual cada pedra, cada árvore, cada gota de água, cada pinga de sangue pertencem à revolta. Daremos quanto ouro possuirmos e derramaremos todo o nosso sangue; mas nada poderemos fazer antes de sermos livres. Divididos, como estamos, representamos uma cadeia gigantesca de elos separados; seria necessário que uma poderosa mão soldasse os dois primeiros anéis, porque os demais se soldariam por si mesmo. É, pois, por nós, que seria necessário começar, venerável mestre: se quereis os franceses livres da realeza, livrai-nos primeiro do domínio estranho!

- E assim será - respondeu o grão-Copta - sereis os primeiros livres, e a França vos há-

de ajudar. Deus disse em todas as línguas: *Ajudai-vos uns aos outros*. Esperai, pois, irmão. Para vós a demora não será longa, posso afirmá-lo.

Depois voltou-se para o deputado da Suíça:

- Eu - disse este - não posso prometer senão a minha contribuição pessoal. Os filhos da nossa república são desde muito tempo os aliados da monarquia francesa; vendem-lhe o sangue desde Marignan e Pavia; são fiéis devedores: entregarão o que venderam. Pela minha parte, venerável grão-mestre, estou envergonhado da nossa lealdade.

- Sossegai - respondeu o grão-Copta - venceremos sem eles e a despeito deles. Chega a vossa vez, representante da Espanha.

- Eu - disse este - sou pobre; não tenho senão três mil irmãos que contribuam, mas dará cada um mil *reales* por ano. A Espanha é um país preguiçoso, aonde o homem se contenta em dormir sobre um leito de dores, contanto que durma.

- Muito bem - disse o Copta; - e vós?

- Eu - respondeu aquele a quem se dirigia - represento a Rússia e os círculos poloneses. Os nossos irmãos são ricos descontentes ou pobres servos votados a um trabalho sem repouso e a uma morte prematura. Não posso, pois, prometer coisa alguma em nome dos servos, que nada possuem, nem mesmo a própria vida, mas prometo de três mil ricos, de cada um, vinte luíses por ano.

Todos os mais deputados dos diversos círculos vieram fazer o seu oferecimento, e inscrevê-lo no livro do chefe.

- Agora - disse ele - a senha simbolizada pelas três letras, por que me haveis conhecido, e já dada numa parte do universo, vai ser espalhada na outra. Traga cada iniciado estas letras, não somente no coração, mas sobre o coração, porque nós, soberano mestre das lojas do Oriente e do Ocidente,

vos ordenamos a destruição dos lises: *Lilia Pedibus Destruere!*¹

Uma estrondosa aclamação, como que o rugido do mar, retumbou por toda a lúgubre mansão.

- Em nome do Pai e do Senhor, retirai-vos - disse o grão-Copta; - caminhai com ordem pelos subterrâneos que vão dar aos eirados do monte Trovão, uns pelo rio, outros pelo bosque, e outros pelo vale, e dispersai-vos antes do nascer do Sol. Tornareis a verme outra vez no dia do nosso triunfo; ide.

Terminando esta alocução, fez um sinal maçónico, que só foi compreendido pelos seis chefes principais, que ficaram na sala, depois de se haverem retirado os iniciados inferiores.

Então, tratando-os pelos seus nomes profanos, recomendou a Swedenborg, representante da Suécia; a Fairfax, representante da Inglaterra; a Paulo Jones, representante da América; a Ximenes, representante da Espanha, o que a cada um

¹ As três letras L.: P.: D.: eram efectivamente a divisa dos iluminados.

devia fazer e ter em vista. Quando, porém, se dirigiu ao representante da Suíça, disse:

- A ti, Lavater, recomendo que abjures as teorias, porque é tempo de passar à prática; não estudes mais o que o homem é, mas o que ele pode ser. Vai, e desgraçados daqueles de teus irmãos que se rebelarem contra nós, porque a ira do povo será tão intensa e devoradora como a ira de Deus!

O deputado suíço inclinou-se e saiu.

O chefe supremo, tendo ficado só com o representante da Rússia, que ia aproximar-se e que teve de parar subjugado por um gesto daquele, disse-lhe:

- Tu, Scieffort da Rússia, hás-de trair a tua causa antes de um mês; mas dentro de um mês também serás morto.

O enviado moscovita caiu de joelhos; o grão-Copta fê-lo erguer com um gesto ameaçador, e o condenado do porvir saiu tremendo.

Logo que ficou só na sala, o homem singular que apresentámos abotoou o

sobretudo de veludo, carregou o chapéu na cabeça e meteu-se pelos desfiladeiros da montanha, como se estivera muito orientado neles, e depois, chegando à floresta, franqueou-a, sem luz nem guia, como se mão invisível o conduzisse.

Quando chegou ao outro lado do limite do bosque, procurou com os olhos o seu cavalo, mas como o não visse, assobiou de certo modo, e um instante depois correu para ele Djérid, fiel e obediente como um rafeiro.

O viajante cavalgou nele ligeiramente e desapareceu rápido por entre as urzes que se estendem entre Danenfels e o cume do monte Trovão.

JOSÉ BÁLSAMO

I

A TEMPESTADE

Oito dias depois da cena que acabamos de contar, perto das cinco horas da tarde, uma carruagem puxada por quatro cavalos e conduzida por dois postilhões, saía de Pont-à-Mousson, pequena cidade situada entre Nanci e Metz, onde se acabava de fazer a muda, e continuava o seu caminho para Paris, não obstante as instâncias de uma obsequiosa estalajadeira, que no limiar da porta espreitava os viajantes.

Apenas os quatro cavalos, que arrastavam aquela pesada máquina se encobriram com a esquina da rua, vinte crianças e dez comadres, que tinham rodeado o coche enquanto se fazia a muda, voltavam a

suas casas com gestos e exclamações, uns de excessiva hilaridade, outros de profunda maravilha.

Com efeito, nunca carruagem semelhante havia até então atravessado a ponte, que, cinqüenta anos antes, o bom rei Estanislau tinha mandado construir para facilitar as comunicações entre o seu pequeno reino e a França; mesmo sem exceptuar aqueles curiosos carros da Alsácia, que em dias de feira traziam de Phalsburgo monstros de duas cabeças, ursos dançantes e as tribos nómadas desses saltimbancos, ciganos dos países civilizados.

Não era preciso ser um rapaz frívolo e galhofeiro, ou uma velha maldizente e curiosa para parar com admiração ao ver passar aquele veículo monumental, que, suspenso sobre quatro rodas de igual diâmetro, e sustentado por sólidas molas, caminhava apesar disso com bastante rapidez para justificar esta exclamação dos espectadores:

- Eis aqui uma singular carruagem de posta!

Os nossos leitores, que felizmente para eles não a viram passar, permitir-nos-ão que lha descrevamos.

Primeiro que tudo a caixa principal (dizemos caixa principal, porque era precedida por uma espécie de carrinho) era pintada de azul-claro, com uma elegante coroa de barão, sobrepujando um J e um B, entrelaçados com muita arte.

Duas janelas e não postigos com cortinas de cassa branca davam claridade ao interior, mas eram quase invisíveis ao vulgo profano, porque estavam colocadas na parte anterior da caixa, quase escondidas com o carrinho, e cobertas com uma rótula para os vidros se não quebrarem. Esta caixa posterior, que parecia ser a parte mais importante deste singular coche, e que teria oito pés de comprimento e seis de largura, recebia a luz, como temos dito, por estas janelas, e o ar por um postigo no tejadilho. Finalmente, para

completar a série das singularidades que este veículo oferecia aos olhos dos espectadores, um canudo de folha de ferro, que excedia o tejadilho a altura de um pé, vomitava um fumo azulado, que se ia embranquecendo em coluna e alargando-se em ondas no sulco aéreo formado pela rapidez da carruagem.

Nos nossos dias semelhante particularidade não teria outro resultado além de fazer acreditar em alguma nova invenção, com que o maquinista quisesse sabiamente combinar a força do vapor com a dos cavalos.

A carruagem era seguida por outro cavalo preso à traseira, o qual, pela sua pequena cabeça, pernas finas, peito estreito, crinas e cauda espessas, tinha os sinais característicos da raça árabe e parecia indicar, achando-se aparelhado e pronto, que algum dos misteriosos viajantes, encerrados naquela arca de Noé, gostava de cavalgar e galopar ao lado da carruagem, a quem semelhante passo parecia irrevogavelmente interdito.

Em Pont-à-Mousson tinha o postilhão da muda precedente recebido, como paga da corrida, as guias dadas por uma mão branca e musculosa, que saiu por entre as duas cortinas de couro, que fechavam a parte dianteira do carrinho, quase tão hermeticamente como as de casa que fechavam as janelas da caixa de trás.

O postilhão, maravilhado, tirou o chapéu e disse:

- Obrigado, excelentíssimo!

E uma voz sonora respondeu em alemão, língua que ainda se entende apesar de se não falar em Nanci:

- *Schnell! Schneller!*

Que quer dizer: depressa! Mais depressa!

Os postilhões entendem todos os idiomas, quando as palavras são acompanhadas de certa música metálica, música de que esta raça isto é perfeitamente conhecido dos viajantes é em extremo gulosa; por isso os dois novos postilhões

empregaram todas as diligências para partir a galope, mas só depois de muitos esforços, que faziam mais honra ao vigor dos seus braços do que às pernas dos seus cavalos, é que puderam enfim conseguir um sofrível trote, que lhes permitia vencer duas léguas e meia ou três por hora.

Perto das sete horas fizeram muda em Saint-Mihiel. A mesma mão passou pelas cortinas o preço da posta, ouvindo-se a mesma voz fazer igual recomendação.

Escusado é dizer que a singular carruagem excitava sempre a mesma curiosidade que em Pont-à-Mousson, contribuindo a noite, que se aproximava, para lhe dar um aspecto ainda mais fantástico.

Depois de Saint-Mihiel começa o monte.

Quando os viajantes ali chegaram foram obrigados a ir a passo, gastando meia hora em percorrer um quarto de légua.

Sobre o cume do monte pararam os postilhões para deixar tomar o fôlego aos cavalos, e os viajantes do carrinho, abrindo as

cortinas de couro, puderam abranger um vasto horizonte, que os primeiros vapores da noite principiavam a cobrir.

O tempo, que até às três horas da tarde tinha estado claro e quente, tornou-se abafadiço para a noite. Uma grande nuvem branca, vinda do sul e que parecia seguir premeditadamente a carruagem, ameaçava alcançá-la antes de chegar a Bar-le-Duc, aonde os postilhões tencionavam pernoitar.

O caminho, apertado de um lado pelo monte e do outro por uma escarpa, descendo para um vale, em cujo fundo corre o Meuse, oferecia, por espaço de meia légua, uma ladeira íngreme, que seria perigoso descer sem ser a passo, e deste modo a praticaram os postilhões.

A nuvem caminhava sempre, e dentro em pouco interceptou os últimos raios do Sol; um relâmpago abriu a nuvem com um trovão espantoso, que abalou a terra, e a nuvem começou então a correr com maior celeridade.

A carruagem ia sempre seguindo o seu caminho, e continuando a deitar fumo pela chaminé, com a diferença de que em lugar de ser negro, como a princípio, tornara-se subtil e pardacento.

Naquela ocasião escureceu de todo o céu, e o postigo do tejadilho apareceu iluminado, mostrando com evidência que o habitante daquele cubículo portátil, estranho aos acidentes exteriores, tomava as suas precauções contra a noite, a fim de não ser interrompido nas suas obras.

A carruagem ainda não tinha começado a descer do monte, quando um segundo trovão, mais violento e mais carregado de vibrações metálicas do que o primeiro, desembaraçou das nuvens a chuva, que principiou a cair em grossos pingos, passando depois a cair a torrentes.

Os postilhões pararam e pareceram conferenciar entre si.

- Então? - perguntou a costumada voz; - que temos de novo?

- Estamos combinando se devemos ir mais longe - responderam eles.

- Parece que é a mim que se devia fazer a pergunta - replicou a voz. - Sigam para diante!

Havia tal império nesta voz, que os postilhões obedeceram e a carruagem começou a rodar no declive da montanha.

- Ainda bem! - disse a voz.

E as cortinas de couro, um instante abertas, tornaram a cerrar-se de novo, entre os viajantes e o jogo dianteiro do coche.

O caminho, porém, naturalmente barrento e úmido, molhado ainda mais pela copiosa chuva que caía, tornou-se tão escorregadio que os cavalos recusaram avançar.

- Senhor! - disse o postilhão - é impossível passarmos daqui.

- Por quê? - perguntou a voz que já conhecemos.

- Porque os cavalos não querem andar.

- Estamos muito longe de outra muda?

- Quase quatro léguas.

- Pois bem - disse o viajante abrindo as cortinas e dando ao postilhão quatro escudos - põe ferraduras de prata nos teus cavalos e verás como logo caminham.

- Tem muita bondade, senhor - disse o postilhão recebendo o dinheiro e metendo-o numa das suas largas botas.

- Parece-me que o senhor está falando contigo - disse o outro postilhão que, tendo sentido o som do dinheiro, não queria ser excluído de uma conversação que parecia tão interessante.

- Sim; diz que caminhemos sempre.

- Tem alguma objecção a fazer a este respeito, meu amigo? - disse o viajante com voz afectuosa, mas firme e que indicava não sofrer contradição neste ponto.

- Não sou eu, senhor; são os cavalos que não querem andar: veja!

- E de que te servem as esporas? - perguntou o viajante.

- Ainda que eu lhes enterrasse toda a roseta na barriga, não dariam um passo; eu quero que o Céu me extermine se...

Não teve tempo de acabar esta praga, porque um raio e um trovão estrondoso lhe cortaram a palavra.

- Não é um tempo muito católico - disse ele; - veja, senhor... Eis aí a carruagem a caminhar por si só, e em cinco minutos há-de ir mais longe do que desejamos... Jesus! Agora corremos de mais!

Com efeito, o coche pesando sobre as ancas dos cavalos, que já não podiam sustê-lo, tomou um movimento progressivo, que o incremento da gravidade mudou logo numa impetuosa rotação.

Os cavalos arrebataram-se pelo estímulo que sentiam, e a carruagem correu como uma flecha pelo declive obscuro, aproximando-se visivelmente do precipício.

- Desgraçado! - bradou ele; - queres matar-nos a todos? À esquerda as guias! À esquerda!

- Ah! Senhor! Eu queria vê-lo no meu lugar! - disse o postilhão, esforçando-se inutilmente por conter os cavalos.

- José! - exclamou uma voz feminina, que pela primeira vez se fazia ouvir - José! Socorro! Socorro! Nossa Senhora nos valha!

O perigo era sem dúvida iminente, terrível, supremo, e justificava bem esta invocação à Mãe de Deus. O coche, arrastado sempre pela sua gravidade, sem direcção, continuava a caminhar para o precipício, sobre o qual um dos cavalos parecia já suspenso: três voltas mais das rodas precipitariam cavalos, carruagem e postilhão; mas o viajante arremessou-se da carruagem sobre o postilhão, agarrou-o pela gola do sobretudo e cós das calças, e levantando-o como se fora uma criança, atirou com ele a distância de dez passos; depois, saltando na sela em seu lugar, tomou rédeas e gritou ao outro postilhão com voz terrível:

- À esquerda, maroto! Ou faço-te saltar os miolos.

Esta ordem produziu um efeito mágico; o postilhão, atemorizado pelos gritos do seu infeliz companheiro, fez um esforço sobrenatural, e dando impulso à carruagem, meteu-a no meio do caminho, aonde continuou a rodar com a rapidez e estrondo do trovão, com a qual parecia competir.

- A galope! - gritou o viajante - a galope! Se afrouxas, passo-te por cima do corpo, a ti e aos teus cavalos.

O postilhão bem percebeu que não era uma vã ameaça, e por isso dobrou de energia; a carruagem continuou a descer com velocidade assustadora; e quem a visse correr de noite, com aquele terrível estrondo, chaminé fumegante, e ouvisse os gritos abafados que partiam do coche imaginaria ver um carro infernal, puxado por cavalos fantásticos e perseguido por uma proccla.

Os viajantes, porém, só tinham evitado um perigo para caírem noutro. A nuvem eléctrica, que pairava sobre o vale, parecia ter asas e corria tão rapidamente como os

cavalos. O viajante erguia de quando em vez a cabeça, principalmente quando algum relâmpago abria a nuvem, então a esta claridade, poder-se-ia divisar no seu rosto um sentimento de inquietação, que ele não procurava dissimular, porque só Deus o poderia observar naquela ocasião. De repente, no momento em que o coche chegava ao fim da ladeira e continuava a rodar, levado pelo seu impulso, num terreno mais igual, abriu-se a nuvem com um estampido horroroso. Um fogo, roxo a princípio, depois esverdeado e ultimamente branco, envolveu os cavalos; os de trás empinaram-se batendo no ar com as patas dianteiras, aspirando com força o ar impregnado de enxofre; os de diante caíram de repente como se lhes faltasse o chão; quase ao mesmo tempo o do postilhão ergueu-se também, e sentindo os tirantes quebrados, correu com o cavaleiro e desapareceu nas trevas, enquanto que a carruagem, depois de

ter rodado mais dez passos, parou impedida pelo cadáver do cavalo fulminado.

Todo este episódio tinha sido acompanhado de gritos lastimosos da senhora que ia no coche.

Houve um momento de singular confusão, durante o qual ninguém soube se estava morto ou vivo. O próprio viajante se apalpou para se certificar da sua identidade. Ficara incólume, mas a senhora estava desmaiada. Todavia, o primeiro cuidado do viajante foi averiguar o que teria acontecido ao seu belo cavalo árabe, de que já falamos. Encontrou-o com os olhos fixos, a boca espumante e como que fascinado pelo horror da tempestade, depois de haver feito inúteis esforços para quebrar a prisão, dando fortes abalos à porta do coche, a que estava preso; de modo que quando o dono assobiou, longe de o conhecer, deu um salto que fez estremecer a carruagem.

- Ainda demais a mais este cavalo endiabrado! - disse do interior do coche uma

voz cansada; - isto é insuportável! Aquele maldito animal abala as minhas paredes e inutiliza-me tudo!

Depois disto, em tom de impaciência e ameaça, gritou com mais força em língua arábica:

- Digo-te que estejas tranqüilo, demónio!

- Não vos agasteis com Djérid, meu mestre - disse o viajante afagando o cavalo; - assustou-se e nada mais, e na realidade teve razão.

Dizendo isto, abriu a portinhola, abaixou os degraus e entrou no coche, tornando a fechar a portinhola por dentro.

II

ALTHOTAS

O viajante, ao sentar-se na carruagem, ficou defronte de um velho de olhos encovados, nariz adunco e mãos trémulas mas activas; estava folheando com a direita um volumoso manuscrito de pergaminho intitulado *La Chivre del Gabinetto*, e tinha na esquerda uma escumadeira de prata.

Esta atitude e ocupação, aquele rosto enrugado e imóvel, de que só os olhos e a boca mostravam vida, este todo, finalmente, que há-de parecer sem dúvida extraordinário aos nossos leitores, era por certo muito familiar ao viajante, porque nem mesmo olhou à roda de si, apesar da mobília desta parte do coche valer bem a pena.

Três muros (o velho chamava assim às paredes da carruagem), três muros cheios de repartimentos com livros, encerravam a

poltrona, assento ordinário daquele extraordinário indivíduo, em cujo favor se haviam colocado, por baixo dos livros, prateleiras onde havia bom número de garrafas, bocais e caixas metidas em estojos de pau, como se pratica com a prata e vidros em navios; a todos estes repartimentos ou estojos podia o velho chegar, fazendo rodar a sua poltrona, levantando-a ou abaixando-a por meio de um engenho, que ele mesmo movia.

A câmara, assim chamamos a este extraordinário aposento, tinha oito pés de comprimento, seis de largura e seis de altura; defronte da portinhola, além dos alambiques, via-se um pequeno fogão, com uma forja e grelhas, que servia naquele momento para aquecer um cadinho e ferver certa mistura, cujo fumo saía pela pequena chaminé do tejadilho com extrema maravilha de quantos viam passar aquela singular carruagem.

Além disto, entre os frascos, livros e caixas, que estavam pelo chão numa

desordem pitoresca, viam-se tenazes de cobre, carvões de infusão em diferentes preparações, um grande vaso meio de água, e pendentes do tecto enfiadas de ervas, umas verdes e outras que pareciam colhidas há mais de cem anos. Todo aquele interior exalava pois um cheiro penetrante, que num laboratório menos grotesco poderia chamar-se perfume.

No momento em que o viajante entrara, o velho, fazendo rodar a sua poltrona com maravilhosa destreza e agilidade, chegou-se ao fogão, e pôs-se a escumar a sua mistura com uma atenção que parecia respeito; depois, distraído pela aparição do viajante, encaixou mais na cabeça o barrete de veludo, outrora preto, que lhe escondia a cabeça toda e orelhas, e retirou de baixo de uma das rodas da sua cadeira a aba do seu roupão de seda, que dez anos de uso tinham transformado num farrapo sem cor e sem forma. Parecia muito agastado, e resmungando continuava a

escumar a sua mistura e a erguer o roupão. De repente exclamou:

- Tem medo, o maldito animal! e de quê, pergunto eu? Sacudiu a minha porta, abalou o fogão e fez entornar no fogo a quarta parte do meu elixir. Acharat! em nome de Deus, abandona o cavalo no primeiro deserto que atravessarmos.

O viajante sorriu.

- Nós não temos que atravessar deserto nenhum - respondeu Acharat - porque estamos em França, e além disto não posso resolver-me a abandonar um cavalo de mil luíses, ou antes, que não tem valor, porque é da raça de Al-Borach.

- Mil luíses! mil luíses! eu tos darei quando quiseses, ou o seu equivalente; mais de um milhão me custou já o teu cavalo, sem contar os dias de existência que me roubou.

- Então o que fez o pobre Djérid, vejamos?

- O que fez? Fez parar a fervura do meu elixir; verdade seja que nem Zoroastro, nem

Paracelso indicam esta circunstância, mas Borri recomenda-a muito positivamente.

- Pois bem, meu mestre! daqui a poucos minutos tornará a ferver.

- Ah! sim; tornará a ferver... vê, Acharat! Parece maldição! O meu fogo apaga-se, e não sei o que lhe cai da chaminé.

- Sei eu; é água.

- Como! água! água!... então ficou perdido o meu elixir, e é preciso tornar a começar a operação, como se eu tivesse tempo para perder! Ó meu Deus! - exclamou o velho sábio, erguendo com desesperação as mãos ao céu; - água! e que qualidade de água, Acharat?

- Água pura do céu, mestre! chove a cântaros, não tendes percebido?

- Percebo eu alguma coisa quando trabalho? Água!... é isso mesmo... Vê, Acharat! isto é de impacientar, pela minha alma! Há quanto tempo te peço uma mitra para a minha chaminé? e tu que nada tens em que cuidar, porque ainda és moço, ainda o

não fizeste, resultando da tua negligência que a chuva e o vento confundem todos os meus cálculos, arruínam todas as minhas operações, e contudo devo apressar-me, bem sabes o motivo; está chegando o meu dia, e se não estou preparado para e, por não ter achado o elixir vital... adeus sábio! Adeus discreto Althotas! O meu centésimo ano começa a 15 de Julho às 11 horas da noite, e daqui até lá é preciso que o meu elixir tenha atingido toda a sua perfeição.

- Mas ele prepara-se facilmente, segundo me parece, meu caro mestre.

- Sem dúvida, e já o experimentei por absorvência; o meu braço, quase paralisado, ganhou toda a sua elasticidade; aproveito o tempo que gastaria em comer, porque só o faço de três em três dias, bastando-me nos intervalos tomar uma colher do meu elixir, apesar da sua imperfeição, para me sustentar... Oh! quando penso que provavelmente me falta só uma planta, uma folha para o meu elixir ficar completo! que

talvez tenhamos passado mil vezes perto dela, pisando-a aos pés sem a conhecermos! Acharat, é necessário que perguntes a Lourença, num dos seus êxtases, o nome dessa planta de que fala Plínio, e que nenhum outro sábio conheceu ou achou.

- Sim, mestre, descansai que eu lho perguntarei.

- Entretanto, eis aí outra vez o meu elixir perdido, e careço de quarenta e cinco dias para chegar aonde hoje estava. Toma sentido, Acharat; tu perdes pelo menos tanto como eu, no dia em que eu perder a vida. Mas que estrondo é este? É a carruagem que roda?

- Não, mestre, são trovões.

- Trovões?

- Sim, foi uma trovoada que nos ia matando há pouco a todos, principalmente a mim, que talvez escapasse por estar vestido de seda.

- Eis aí - disse o velho batendo no joelho, que soou como se fora oco; eis aí a que me expõem as tuas puerilidades, Acharat; a

morrer de um raio, a ser morto brutalmente por uma chama eléctrica, que eu obrigaria, se tivesse tempo, a descer ao meu fogão para fazer ferver a minha marmita; não basta estarmos expostos a todos os acidentes causados pela inabilidade ou maldade dos homens, é preciso também que me arrisques aos que vêm do céu, e que são tão fáceis de prevenir?

- Perdoai, mestre; mas vós não me haveis explicado...

- Como! não te desenvolvi já o meu sistema de electricidade, do meu *papagaio* condutor? Quando tiver achado o meu elixir, tornarei a repetir-to; mas agora bem vês que não tenho tempo.

- Então julgais que pode sujeitar-se o raio?

- Não somente subjugá-lo, mas conduzi-lo aonde se quiser. Algum dia, algum dia, quando eu tiver completado 100 anos e só tiver a esperar os terceiros 50 anos, hei-de pôr um freio de aço ao raio, e guiá-lo com tanta

habilidade como tu guias Djérid. Entretanto, Acharat, peço-te que mandes pôr uma mitra na minha chaminé.

- Sossegai, que eu assim o farei.

- Eu o farei! eu o farei! sempre futuros, como se o futuro estivesse na nossa mão! Dizes-me que esteja sossegado, e dentro em três meses, se não tiver concluído o elixir, tudo estará acabado. Mas também, se eu tiver passado os meus segundos 50 anos e recobrar a minha mocidade, a elasticidade dos meus membros, a faculdade de me mover, então não terei precisão de ninguém, e não me dirão: *eu farei*, porque eu é que hei-de dizer: *já o fiz!*

- Podeis vós dizer isso a respeito da nossa grande obra?

- Sim; e se eu estivesse tão certo de achar o meu elixir, como o estou de fazer diamantes...

- E estais realmente certo disso, meu mestre?

- Sem dúvida, porque os fiz: vê além naquele recipiente.

- Pó de diamante! - exclamou Acharat.

- Procura no meio desse pó.

- Sim, sim; um brilhante da grossura de um grão de milho miúdo.

- A grossura nada quer dizer; havemos de chegar a reunir todo esse pó, e a fazer do grão de milho miúdo uma ervilha; mas por Deus! meu caro Acharat, em recompensa deste empenho que tomo contigo, manda pôr quanto antes uma mitra na minha chaminé e um condutor na tua carruagem, para que a chuva e o raio vão passear para outro sítio.

- Sim, sim; descansai, meu mestre... Mas por que não tomais algum alimento?

- Não é preciso; há duas horas que tomei uma colher do meu elixir.

- Estais enganado, mestre! eram seis horas da manhã quando o bebestes.

- Então que horas são?

- Quase oito e meia da noite.

- Jesus! mais um dia perdido!... parece que já não tem vinte e quatro horas.

- Se não quereis comer, ao menos dormi alguns instantes.

- Pois bem, dormirei duas horas; toma sentido pelo teu relógio, e acorda-me passadas duas horas, porque quando adormeço receio sempre que seja por toda a eternidade. Prometes acordar-me?

- Sim, mestre.

Neste momento ouviu-se na estrada o galope de um cavalo, e um grito que podia ser de espanto ou de susto.

- O que quer isto dizer? - exclamou o viajante abrindo de repente a portinhola do coche e saltando para a estrada.

III

LORENZA FELICIANI

Eis aqui o que se havia passado fora do coche, enquanto no interior conversavam o viajante e o sábio.

Dissemos que uma mulher, que ia no carrinho, desmaiara na ocasião em que o raio caíra. Depois de estar alguns instantes sem sentidos, quando tornou a si exclamou:

- Oh! meu Deus! estarei acaso abandonada aqui sem socorro, e não haverá uma criatura humana que tenha compaixão de mim?

- Senhora! - disse uma voz tímida - aqui estou se porventura posso ser de alguma utilidade.

A dama, ao ouvir esta voz que lhe soava quase aos ouvidos, abriu as cortinas e achou-se cara a cara com um mancebo, que estava em pé no estribo do carrinho.

- Foi o senhor que me ofereceu socorro?
- disse ela.

- Sim, minha senhora - respondeu o mancebo.

- Primeiro que coisa nenhuma: poderá dizer-me o que sucedeu?

- Sucedeu que caiu um raio quase sobre a senhora, e que quebrou os tirantes da parelha dianteira, a qual fugiu com o postilhão.

A senhora olhou em torno de si com uma viva inquietação.

- E aquele que conduzia a parelha de trás, aonde está?

- Entrou agora para a carruagem.

- Teve algum perigo?

- Nenhum.

- Louvado seja Deus! Mas onde estava o senhor, que tanto a propósito se acha aqui para me oferecer auxílio?

- Fui surpreendido pela tempestade, e tendo-me abrigado naquela pedreira, vi correr esta carruagem a todo o galope. Cuidei

a princípio que os cavalos vinham com o freio nos dentes, mas conheci logo que vinham guiados por mão impotente, e de repente um raio, que caiu com um estampido horrendo, fez-me quase perder os sentidos, de modo que tudo quanto acabo de lhe contar presenciei eu como se fora em sonhos.

- Então não tem a certeza de que se acha na carruagem aquele que guiava os cavalos do tronco?

- Oh! sim, minha senhora, porque eu já tinha tornado a mim, e vi-o perfeitamente.

- Peço-lhe que verifique se ele ainda lá está.

- De que modo?

- Escutando. Se ouvir falar duas vozes é porque está lá.

O mancebo apeou-se do estribo e foi escutar junto à caixa posterior, e ouvindo as vozes dos interlocutores, voltou e disse:

- Sim, senhora, ele lá está conversando com alguém.

A senhora fez um sinal com a cabeça, como quem dizia: “Está bem!” e ficou como absorta em seus pensamentos.

O mancebo teve então tempo de a examinar bem, e viu que era uma mulher de vinte e três a vinte e quatro anos, rosto trigueiro, mas muito engraçado, olhos azuis, que erguia ao céu, e cabelos pretos sem pós, contra a moda daquele tempo, os quais lhe caíam em anéis sobre o pescoço.

- Senhor - disse ela de repente, como quem tinha tomado uma resolução onde estamos nós?

- Na estrada de Estrasburgo a Paris.

- E em que sítio?

- A duas léguas de Pierrefitte, aldeia pouco distante de Bar-le-Duc.

- Há algum caminho mais curto para Bar-le-Duc, sem ser a estrada real?

- Não sei que haja, minha senhora.

- *Peccato!* - disse ela em voz baixa, recolhendo-se para dentro do carrinho.

O mancebo, pensando que ela queria terminar a conversação, deu alguns passos para se retirar. Este movimento pareceu fazê-la despertar da sua meditação, porque tornou a abrir mais as cortinas e disse:

- Não viu um cavalo preso à carruagem de trás?

- Sim, minha senhora, e ainda lá está.

- Muita vontade tenho de me certificar de que não sofreu coisa alguma, porque é um animal de muito valor; mas como hei-de apear-me nesta lama?

- Eu vou trazê-lo aqui - disse o mancebo.

- Ah! sim, sim, faça-me esse favor, que lhe ficarei muito obrigada.

O mancebo chegou-se ao cavalo, que ergueu a cabeça e relinchou.

- Não tenha receio - disse a senhora - é manso como um cordeiro.

Apenas, porém, se sentiu solto, deu um pulo e afastou-se da carruagem.

- Djérid! - disse a senhora aqui, Djérid!... aqui!

O cavalo sacudiu a cabeça, respirou com estrondo, e fazendo *piaffer* como se seguisse um compasso de música, foi-se aproximando do carrinho.

A senhora deitou meio corpo de fora do carrinho, pegou nas crinas do cavalo com a mão esquerda, e apoiando-se com a direita na caixa do carrinho, pulou na sela com a ligeireza desses fantasmas das baladas alemãs, que saltam à garupa dos cavalos e se agarram à cintura dos viajantes.

O mancebo correu para a senhora, mas ela deteve-o com um gesto imperioso, dizendo:

- Ouça! ainda que moço, ou para melhor dizer, por ser moço, deve ter sentimentos de humanidade. Não obste pois à minha partida. Fujo de um homem a quem amo, mas primeiro que tudo sou romana e boa católica. Ora, este homem podia perder a minha alma se me demorasse mais tempo com ele, porque é ateu e nigromante. Deus acaba de o avisar pela voz do trovão, e oxalá que se aproveite

deste aviso! Repita-lhe o que acabo de lhe dizer, e Deus lhe pague o auxílio que me prestou... Adeus!

Dizendo isto, ligeira como os vapores que flutuam à superfície das lagoas, afastou-se e desapareceu arrebatada pelo galope aéreo de Djérid.

O mancebo não pôde conter um grito de surpresa, que pôs em alarme o viajante que se achava no interior da caixa principal do coche.

IV

GILBERTO

O viajante saiu precipitadamente da caixa e olhou com inquietação em torno de si. A primeira coisa que viu foi o mancebo em pé e sobressaltado. Um relâmpago, que naquele momento fendeu as nuvens, permitiu-lhe examiná-lo desde os bicos dos pés até à cabeça; exame que era habitual ao viajante, quando alguma pessoa ou coisa nova se lhe oferecia aos olhos.

Era um moço de dezesseis a dezessete anos, baixo, magro e musculoso; os olhos pretos, que fixava nos objectos que atraíam a sua atenção, eram faltos de meiguice, mas não de encanto; o nariz pequeno e aquilino, e as faces salientes anunciavam astúcia e circunspecção, ao mesmo tempo que o seu génio resolutivo se patenteava na proeminência vigorosa da barba redonda.

- Foi o senhor que gritou? - perguntou-lhe ele.

- Sim, senhor.

- E por que motivo gritou?

- Porque...

- Diga?

- Não estava uma senhora no carrinho?...

- Sim - respondeu o viajante e os seus olhos pareceram querer penetrar no interior da caixa dianteira.

- E um cavalo preso à carruagem? - continuou o mancebo.

- Sim; e agora aonde está?

- Partiu nele, a todo o galope, a senhora que vinha no carrinho.

O viajante não proferiu exclamação alguma, nem disse palavra; saltou ao carrinho, e quando ao clarão de um relâmpago que incendiou o céu viu que estava vazio, bradou com um rugido semelhante ao do trovão:

- Pelo sangue de Cristo!...

Depois olhou à roda de si como para procurar algum meio de ir no seu alcance; mas bem depressa conheceu a insuficiência desses meios.

- Tentar apanhar Djérid - disse ele abanando a cabeça - com um destes cavalos, seria o mesmo que mandar um cágado em seguimento de uma gazela . Mas sempre hei-de saber aonde ela está... a menos que...

Levou com viveza e ansiedade a mão ao bolso do colete e tirou uma carteira, que abriu: num dos seus repartimentos estava um papel dobrado, e dentro dele um anel de cabelos pretos, a cuja vista o rosto do viajante serenou ao menos em aparência...

- Vamos! - continuou ele - ela não lhe disse nada antes de partir?

- Que lhe fizesse saber que não o deixava por ódio, mas sim por temor; que era boa cristã, enquanto que o senhor... Não sei se devo repetir as suas palavras...

- Diga, diga sem receio!

- Enquanto que o senhor é um ímpio e ateu, a quem Deus tinha querido dar um último aviso, que lhe aconselhava de aproveitar.

Um sorriso de desprezo se divisou nos lábios do viajante.

- Não lhe disse mais nada?

- Nada mais.

- Muito bem! Então tratemos de outro negócio... Como se chama, meu jovem amigo?

- Gilberto.

- Foi a Providência, meu caro Gilberto, que me deparou o seu encontro nestas circunstâncias.

- Estou às suas ordens, senhor.

- Poderemos achar algum abrigo para esta noite?

- Aquele rochedo, onde me recolhi da tempestade.

- Sim; mas eu preferiria uma casa, onde achasse ceia e cama.

- Eis o que é difícil.

- Estamos muito longe de povoado?

- Quase a légua e meia de Pierrefitte.

- E não há aqui mais perto alguma habitação?

- Há o castelo de Taverney a uns trezentos passos.

- Então vamos lá.

- Isso é inútil senhor, porque o barão de Taverney, que habita no castelo, não dá hospitalidade a pessoa nenhuma.

- Não há-de receber um cavaleiro perdido, que vai pedir-lhe pousada? Então é algum urso o tal barão?

- Se é!... - disse o mancebo, com um tom que queria dizer: "Por certo."

- Não importa, quero arriscar-me; por mais urso que seja, não há-de devorar-me vivo.

- Não, mas há-de provavelmente fechar-lhe a porta.

- Então eu lha arrombarei... e uma vez que queira servir-me de guia...

- Estou pronto.

O viajante deu então uma pequena lanterna a Gilberto, e tirando do bolso um estojo de prata, e deste um pavio, meteu-o numa certa massa sem dúvida inflamável, porque o pavio acendeu-se no mesmo instante, depois de uma leve crepitação; o que fez estremecer Gilberto, pois naquela época somente alguns químicos conheciam a matéria fosfórica, e guardavam este segredo para as suas experiências particulares.

O viajante comunicou a mágica chama à vela da lanterna, e depois guardou o estojo no bolso.

O mancebo seguia com os olhos o precioso recipiente, mostrando que daria muito para ser possuidor de semelhante tesouro.

- Agora que temos luz - disse o viajante - querará guiar-me?

- Venha, Senhor! - disse Gilberto caminhando adiante com a lanterna, enquanto o seu companheiro levava os cavalos pela rédea.

O tempo havia-se tornado mais tolerável, porque a chuva havia cessado e a trovoadá afastava-se com sussurro.

- Parece-me ter muito conhecimento do tal barão de Taverney - disse o viajante.

- Sim, senhor, porque estou em sua casa desde a infância.

- É talvez seu parente?

- Não, senhor.

- Seu tutor? seu amo?

O mancebo estremeceu a esta palavra de amo, e uma viva vermelhidão lhe corou as faces ordinariamente pálidas.

- Eu não sou criado de servir, senhor - disse ele.

- Mas enfim, que relações, tem com ele?

- Sou filho de um seu antigo feitor, e minha mãe foi ama de leite de Andreia.

- Entendo: está em casa como colação dessa menina, que deve ser ainda muito jovem.

- Tem dezesseis anos, senhor.

Bem se vê que destas duas perguntas Gilberto escondia a que lhe dizia respeito. O viajante pareceu fazer esta mesma reflexão; todavia, mudando de assunto, disse:

- Por que acaso se achava na estrada com um tempo tão mau?

- Eu não estava na estrada, estava num rochedo perto do caminho.

- Então o que fazia ali?

- Estava lendo.

- Que livro?

- O *Contrato Social*, de Jacques Rousseau.

O viajante olhou para ele com espanto, e disse:

- Esse livro pertence à biblioteca do barão?

- Não, senhor, comprei-o eu a um bufarinheiro que passa por aqui vendendo bons livros.

- Quem lhe disse que o *Contrato Social* é bom livro?

- Conheci-o eu quando o li.

- Tem lido mais livros, para conhecer essa diferença?

- Sim, senhor.

- Então a que chama livros maus?

- O *Sofá*, *Tanzai* e *Neadarme* e outros deste gênero.

- E Onde diabo achou essas obras?

- Na biblioteca do barão.

- E por que meio alcança ele essas novidades no recanto onde habita?

- É presente de um amigo de Paris, um grande fidalgo.

- Como se chama?

- O duque de Richelieu.

- Como! o velho marechal?

- Ele mesmo.

- Presumo que o barão há-de esconder esses livros da sua filha Andreia.

- Pelo contrário, deixa-os por toda a parte.

- E a menina - perguntou o viajante sorrindo-se maliciosamente - também é da sua opinião a respeito desses livros?

- Essa senhora não os lê - respondeu secamente Gilberto.

O viajante calou-se por um momento. Era evidente que aquele caracter singular, aquela mistura de bom e de mau, de vergonha e atrevimento o interessavam a seu pesar. Ele continuou:

- E por que motivo lê esses livros, sabendo que são maus?

- Porque ignorava que o fossem.

- Mas fácil lhe foi conhecer que o eram; para que continuou então a lê-los?

- Porque me ensinavam coisas, que eu não sabia.

- E o *Contrato Social*?

- Esse ensinou-me o que eu já tinha imaginado; que os homens são todos irmãos, que são mal organizadas as sociedades que têm servos e escravos; porque um dia os homens hão-de ser todos iguais.

- Ah! ah! - disse o viajante.

Houve então um quarto de hora de silêncio, durante o qual Gilberto e o seu

companheiro foram caminhando; o viajante levava os cavalos pela rédea, Gilberto levava a lanterna.

- Tem grande desejo de aprender, pelo que vejo, meu amigo? - disse o viajante em voz baixa.

- Sim, senhor, é esse o meu maior desejo.

- E o que desejava aprender?

- Tudo - disse o mancebo.

- Então para quê?

- Para me elevar.

- Até onde?

Gilberto hesitou. Era evidente que o seu pensamento ocultava um fim qualquer, mas esse fim era certamente o seu segredo, e ele não o queria revelar. Por fim disse:

- Até onde é dado ao homem subir.

- Mas já estudou alguma coisa?

- Nada. Como poderia eu estudar, não sendo rico e habitando em Taverney?

- Como! não sabe alguma coisa de matemática?

- Não.

- Nem de física?

- Não.

- Nem de química?

- Não. Sei ler e escrever, nada mais; mas hei-de vir a saber tudo isso em que acaba de falar.

- Quando?

- Algum dia.

- Por que meio?

- Não sei; mas hei-de sabê-lo.

- Singular mancebo! - murmurou o viajante.

- E... E então... - murmurou Gilberto como se falasse consigo mesmo.

- Então?

- Sim.

- Como?

- Nada.

Entretanto Gilberto e a pessoa a quem servia de guia tinham sempre caminhado; a chuva cessara e a terra começava a exalar esse áspero perfume, que na Primavera sucede às abrasadoras emanações da tempestade.

Gilberto parecia meditar.

- Senhor - disse ele de repente - sabe o que é a tempestade?

- Certamente que sei.

- O senhor?

- Sim, eu.

- Sabe o que é a tempestade? Sabe o que dá origem aos trovões?

O viajante sorriu-se e respondeu:

- É a combinação das duas electricidades: a das nuvens e a da terra.

Gilberto suspirou.

- Não percebo - disse ele.

Talvez que o viajante se dispusesse a dar ao mancebo uma explicação mais compreensível; infelizmente, porém, naquele instante, viu-se uma luz entre as folhagens de umas árvores.

- Ah! ah! - disse o desconhecido - o que é isso?

- É Taverney.

- Estamos chegados?

- É esta a porta do carro.

- Então abra-a.

- Oh! meu senhor, a porta de Taverney não se abre assim.

- Então, pelo que vejo, é uma espécie de praça de guerra; vamos, bata.

Gilberto aproximou-se da porta e com a hesitação da timidez bateu uma argolada.

- Oh! oh! - meu amigo, se não bate mais rijo nunca o ouvirão.

Efectivamente, nada indicava que o chamamento de Gilberto houvesse sido ouvido. O silêncio não era alterado.

- O senhor quer tomar a responsabilidade de tudo? - perguntou Gilberto.

- Sim, meu amigo; nada receie.

Gilberto não hesitou mais, largou a argola e puxou pela campainha, que vibrou com um som tão agudo, que poderia ser ouvido a distância de algumas léguas.

Com efeito, se desta vez o senhor barão ainda não ouviu, é porque está surdo.

- Lá está Mahon a ladrar - disse o mancebo.

- Mahon! - observou o viajante - isso é uma galantaria da parte do barão em favor do seu amigo duque de Richelieu.

- Não sei o que quer dizer, senhor.

- Mahon foi a última conquista do marechal.

- Confesso-lhe, senhor, que sou um ignorante - disse Gilberto, dando um segundo suspiro.

Estes suspiros resumiam para o viajante uma série de sofrimentos ocultos e de ambições comprimidas ou malogradas.

Ouviu-se naquele momento um ruído de passadas, e Gilberto disse:

- Aí vem La Brie.

Abriu-se então a porta, mas à vista de um estranho e da sua singular carruagem, La Brie quis tornar a fechá-la.

- Queira perdoar, amigo! - disse o viajante - é para aqui que nos dirigimos, e não nos pregue com a porta na cara.

- Contudo, senhor, devo avisar o senhor barão da sua inesperada visita...

- Não merece a pena: quero arriscar-me a ver a sua má cara, e protesto que se me expulsar, há-de ser depois de eu me ter bem aquecido e enxugado. Tenho ouvido dizer que o vinho por estes sítios é bom; você deve saber alguma coisa a este respeito, hem?

La Brie, em vez de responder, tentou ainda resistir, mas o viajante havia tomado o seu partido e fez entrar a carruagem pela avenida, enquanto Gilberto fechava a porta; isto foi feito num abrir e fechar de olhos. La Brie, vendo-se então vencido, resolveu ir anunciar pessoalmente a sua derrota, e correu quanto pôde para o castelo, bradando com toda a força dos seus pulmões:

- Nicola Legay! Nicola Legay!

- Quem é esta Nicola? - perguntou o viajante continuando a caminhar com a mesma tranqüilidade.

- Nicola Legay? - articulou Gilberto com um leve estremecimento.

- Sim, Nicola, aquela por quem chama La Brie.

- É a criada de quarto da menina Andreia.

Aos gritos de La Brie apareceu uma luz entre as árvores, iluminando o rosto de uma linda rapariga, a qual exclamou:

- Que me queres, La Brie? que bulha é esta?

- Depressa, Nicola - respondeu o velho com a sua voz trémula - vai dizer ao senhor que uma pessoa surpreendida pela tempestade pede agasalho para esta noite.

Nicola correu imediatamente para executar esta intimação e desapareceu por entre as árvores da avenida. Quanto a La Brie, certo agora de que o barão seria avisado da visita, descansou e tomou fôlego.

A mensagem não tardou em produzir o seu efeito, porque dentro em pouco se ouviu uma voz áspera e imperiosa, que do limiar da porta perguntava num tom pouco hospitaleiro:

- Uma pessoa! Quem é? Quando se entra em casa de alguém, ao menos diz-se o nome.

- É o barão? - perguntou o viajante a La Brie.

- Sim, senhor - respondeu o pobre homem todo perturbado; - ouviu o que ele pergunta?

- Quer saber o meu nome... não é isso?

- Exactamente. Tinha-me esquecido de lho perguntar.

- Diga-lhe que é o barão José Bálsamo; a semelhança do título talvez adoce um pouco o seu amo.

La Brie fez este anúncio, já um tanto animado pela qualificação que tomava o recém-chegado, e o senhor de Taverney respondeu:

- Está bem! Então que entre, já que está aí.

- Queira entrar, senhor, por aqui...

O estranho caminhou então com mais rapidez, mas quando chegou ao primeiro degrau da escada quis ver se Gilberto o

seguia. Voltou-se e não o viu. Gilberto havia desaparecido.

O BARÃO DE TAVERNEY

Por mais prevenido que estivesse José Bálsamo da penúria do barão de Taverney, não pôde deixar de se maravilhar vendo a mediocridade da habitação, enfaticamente baptizada por Gilberto com o nome de castelo.

A casa só tinha um andar formando um quadrilongo, em cujas extremidades se elevavam dois pavilhões em forma de torrinhas. Este todo irregular não deixava ainda assim, visto ao luar, de ter certa graça pitoresca.

Seis janelas, afora as das torrinhas, um patamar assaz espaçoso, de que os degraus deslocados formavam pequenos precipícios a cada juntura, tal foi o todo que se apresentou à vista do recém-chegado, antes de subir ao limiar, aonde o esperava o dono da casa

vestido de roupão e trazendo na mão um castiçal.

O barão de Taverney era um velho de sessenta e cinco anos, de olhos vivos, testa elevada; trazia uma péssima cabeleira, cujos anéis tinham sido meio devorados pelas chamas das velas e pelos ratos dos armários, e na mão um guardanapo de brancura problemática, o que denotava ter sido incomodado no momento de se sentar à mesa.

O seu rosto malicioso, em que se podia achar alguma semelhança com o de Voltaire, estava naquele momento animado com duas expressões fáceis de perceber: a civilidade pedia que ele mostrasse agrado ao seu desconhecido hóspede, e a impaciência mudava esta disposição num modo atrabiliário e carrancudo, que o tornavam feiíssimo à claridade da luz que trazia.

- Senhor - disse ele - posso saber a que feliz acaso devo a satisfação de o ver?

- À tempestade que espantou os meus cavalos, que estiveram a ponto de me quebrar a carruagem. Eu estava na estrada sem postilhões, quando um rapaz que avistei me indicou o caminho do seu castelo, assegurando-me a sua bem conhecida hospitalidade.

O barão levantou a luz para ver se descobria ao longe o desastrado, que lhe tinha deparado aquela visita; mas, não vendo pessoa alguma, perguntou a Bálsamo:

- Sabe como se chama esse rapaz?

- Creio que Gilberto.

- Ah! ah! Gilberto! nem disso eu o julgava capaz! Ah! é o preguiçoso do Gilberto, o filósofo Gilberto!

A este fluxo de epítetos, ditos com acrimónia, conheceu Bálsamo que pouca simpatia existia entre o castelão e o seu vassalo.

- Finalmente - disse o barão depois de um momento de silêncio, não menos

expressivo do que as suas palavras - tenha a bondade de entrar!

- Permita, senhor - disse Bálsamo - que eu faça primeiramente recolher a minha carruagem, que contém objectos muito preciosos.

- La Brie! La Brie! - bradou o castelão - conduza a carruagem do senhor barão para debaixo do telheiro; fica lá um pouco mais abrigada do que no meio do pátio, visto que ainda tem sítios em que restam algumas telhas; quanto aos cavalos, é outra coisa, não respondo pela sua ração; mas como não são seus, pouco lhe deve isso importar.

- Contudo, senhor - disse o viajante já impaciente - se o incomodo muito, como começo a crer...

- Oh! não é isso - interrompeu cortesmente o barão - não me incomoda, o senhor é que há-de ficar incomodado, já o previno.

- Acredite, senhor barão, que lhe ficarei eternamente agradecido.

- Oh! eu não o quero iludir - disse o castelão alumando o viajante e La Brie, que conduziam a carruagem; - Taverney é uma triste mansão, e sobretudo um pobre agasalho.

O viajante estava muito ocupado para responder; escolhia o sítio menos arruinado do telheiro para abrigar a carruagem, e quando ficou quase a coberto, meteu um luís de ouro na mão de La Brie, e voltou para a companhia do barão.

La Brie meteu o luís no bolso, pensando ser uma moeda de vinte e quatro soldos, e agradeceu a Deus esta ventura.

- Deus não permita - disse Bálsamo ao barão, que para prova de ter dito a verdade, abanando a cabeça, o conduzia por uma vasta e úmida antecâmara - Deus não permita que eu pense tão mal do seu castelo, como o senhor quer!

- Bom, bom! eu bem sei o que digo; conheço desgraçadamente os meus recursos, que são limitadíssimos. Se o senhor é

francês... mas a sua pronúncia alemã e o seu nome italiano indicam-me que o não é... Isso, porém, não importa; se é francês, este nome de Taverney há-de trazer-lhe recordações de fausto: dizia-se antigamente “Taverney, o Rico”.

Bálsamo esperava que esta reflexão terminasse com um suspiro, mas não aconteceu assim.

- É filósofo! - disse ele consigo.

- Por aqui, senhor barão! por aqui! - continuou o castelão, abrindo a porta da casa de jantar. - Olá! mestre La Brie! sirva-nos como se valesse por cem criados!

La Brie correu para obedecer a seu amo.

- Não tenho senão este lacaio - continuou Taverney - e serve-me muito mal; mas não tenho meios de haver outro. Este imbecil está comigo há perto de vinte anos, sem receber um soldo de seus salários, e eu sustento-o quase como ele me serve... Verá como é estúpido!

Bálsamo, prosseguindo nas suas observações, disse consigo:

- Não tem coração!... mas quem sabe se isto é afectação?

O barão fechou a porta da sala, e só então, como levantasse a luz à altura dos olhos, pôde vê-la em toda a sua extensão.

Era uma grande casa no pavimento inferior, que tinha antigamente sido a principal de uma pequena herdade, elevada por seu dono ao grau de castelo, tão diminutamente mobilada, que parecia à primeira vista inteiramente vazia. Cadeiras de palha de costas lavradas, gravuras de batalhas de Lebrun com molduras de pau envernizado de preto, um armário de pinho enegrecido pelo fumo e antiguidade, eram todo o ornamento da casa. Elevava-se no meio dela uma pequena mesa redonda, sobre a qual fumegava um único prato de perdizes com couves. O vinho estava numa grande botija de barro; a prata usada, enegrecida e amolgada, compunha-se de três talheres, um

copo e um saleiro. Esta última peça de esquisito trabalho e de muito peso parecia um diamante de valor no meio de pedras insignificantes.

- Eis aqui, senhor! - disse Taverney, oferecendo uma cadeira ao seu hóspede. - Ah! está reparando no meu saleiro? Tem razão, porque é a única coisa digna de se apresentar nesta casa... Mas não, não, ainda há outra coisa aqui muito mais preciosa, por minha vida! é minha filha.

- A menina Andreia? - disse Bálsamo.

- Sim - redargüiu o barão, admirado do seu hóspede estar tão bem informado. Quero apresentá-lo a ela. Andreia, vem cá! não tenhas medo, minha filha!

- Eu não tenho medo, meu pai! - disse com uma voz suave e sonora uma formosa donzela, que apareceu à porta, sem acanhamento e com modéstia.

José Bálsamo, apesar de eminentemente senhor de si, não pôde deixar de se inclinar perante aquela soberana formosura.

Efectivamente, Andreia de Taverney, que acabava de aparecer como para dourar e enriquecer tudo o que a rodeava, tinha os cabelos de um louro castanho, cujo brilho se acentuava nas fontes e no pescoço; seus olhos negros, límpidos, largamente dilatados, olhavam fixamente, como os das águias, mas a suavidade desse olhar era inexprimível; sua boca vermelha, de um coral úmido e brilhante, recortava-se caprichosamente em arco; admiráveis mãos brancas, afusadas, de um desenho antigo, eram o complemento de uns braços esculturais; o seu talhe, entre flexível e forte, semelhava o de uma bela estátua pagã a que um prodígio houvesse dado vida; o seu pé, cuja curvatura excedia em perfeição o de Diana caçadora, parecia não poder suportar o peso do corpo senão por um milagre de equilíbrio; enfim, o seu traje, embora muito simples, era de um gosto tão perfeito e tão apropriado à sua pessoa, que um traje completo de rainha pareceria, à

primeira vista, menos elegante e menos rico que o que ela trazia.

Todas estas circunstâncias moveram Bálsamo logo ao primeiro relance de olhos, e notou tudo desde o momento em que ela apareceu à porta. O castelão, da sua parte, não tinha perdido de vista nenhuma das impressões que aquele conjunto de perfeições produzira no seu hóspede.

- Tem razão! - disse Bálsamo em voz baixa ao barão - esta menina é de uma beleza preciosa.

- Não gabe muito essa pobre Andreia - disse negligentemente o castelão; - acaba de sair do convento, e pode acreditar o que lhe diz. Não é porque seja vaidosa, pelo contrário, esta querida filha não tem ainda a necessária presunção, e eu, como bom pai, aplico-me a desenvolver nela essa qualidade, que faz a primeira força das mulheres.

Andreia baixou os olhos e corou, porque não pôde evitar de ouvir a singular teoria de seu pai.

- Diziam semelhante coisa a esta menina, quando estava no convento? - perguntou Bálsamo rindo; - essas doutrinas faziam parte do ensino dado pelas religiosas?

- Senhor! - respondeu o barão - eu tenho idéias propriamente minhas, como talvez já deve ter percebido.

Bálsamo baixou a cabeça em sinal de perfeito assentimento às pretensões do barão.

- Não - continuou Taverney - não quero imitar esses pais de família que dizem a uma filha: "Sê sisuda, inflexível, cega! embriaga-te de honras, de delicadeza e de desinteresse!" Imbecis! Parece-me ver os padrinhos de um desafio, que conduzem o seu campeão à liça, depois de o haverem completamente desarmado para o fazerem pelejar com um adversário armado de ponto em branco. Não, por certo! não acontecerá assim com minha filha, apesar de educada em Taverney, neste recanto provincial.

Bálsamo fez um gesto contraditório a esta qualificação dada ao castelo.

- Bom, bom - prosseguiu o velho respondendo ao jogo fisionómico de Bálsamo; - eu bem conheço Taverney; apesar da grande distância em que está desse sol resplandecente chamado Versalhes, minha filha há-de conhecer o mundo, que outrora eu mesmo conheci muito bem; há-de aparecer nele... se alguma vez assim acontecer, com um arsenal completo, que eu lhe forjo com o auxílio da minha experiência e das minhas recordações... Mas, senhor, devo confessar-lhe que o convento deitou a perder estas minhas intenções... Minha filha é a primeira pensionista que aproveitou e seguiu a letra do Evangelho... Por vida minha! Há-de convir em que é força do destino!

- A menina é um anjo - respondeu Bálsamo - e na realidade não me admira o que diz.

Andreia saudou o viajante em sinal de agradecimento e de simpatia; depois sentou-se, como lhe ordenara seu pai com um gesto.

- Sente-se, barão - disse Taverney - e coma se tem fome. É um detestável manjar que o animal de La Brie me preparou.

- Perdizes! - disse o hóspede sorrindo; - chama-lhe manjar detestável? O senhor calunia a sua mesa. Perdizes em Maio! São das suas terras?

- Das minhas terras! Há muito tempo que todas quantas possuía foram vendidas, comidas e digeridas... Graças a Deus! não tenho já de meu nem um palmo de terra. É esse vadio do Gilberto, que só serve para ler e desvairar, e que nos seus momentos perdidos terá roubado, não sei aonde, uma espingarda, pólvora e chumbo, e vai matando estas aves, caçando nas coutadas dos meus vizinhos; algum dia irá parar às galés, e asseguro-lhe que o deixarei ir para me ver livre dele. Mas Andreia gosta da caça, e isso faz com que eu lhe perdoe.

Bálsamo examinou o belo rosto da donzela, mas não notou nele a menor comoção.

Em seguida tomou lugar à mesa entre o velho e sua filha, que lhe serviu, sem se perturbar de modo algum pela penúria da mesa, o seu quinhão daquele prato, fornecido por Gilberto, temperado por La Brie, tão depreciado pelo barão.

Entretanto, o pobre La Brie, que não perdia uma palavra dos elogios que Bálsamo lhe fazia, servia à mesa com um rosto contrito, que ia tomando um ar de triunfo à medida que ouvia os elogios feitos ao seu guisado.

- Nem ao menos - exclamou o barão - deitou sal nesta péssima comida... Andreia, dá o saleiro ao senhor.

Andreia obedeceu estendendo o braço com uma graça particular.

- Ah! - disse o velho - torno a apanhá-lo admirando o meu saleiro!...

- Desta vez enganou-se, senhor barão; admirava a mão de sua filha.

- Ah! perfeitamente! Isso é muito Richelieu! Mas já que tem o saleiro na mão,

examine-o! foi encomendado pelo regente ao ourives Lucas. São amores de Sátiros e de Bacantes, um tanto livres, mas lindos.

Bálsamo notou então que as figuras do precioso relevo não só eram livres mas obscenas, e admirou o sossego e indiferença de Andreia, que, executando a ordem de seu pai, lhe apresentara o saleiro sem pestanejar, continuando a comer sem corar.

E como se quisesse embaciar esse verniz de inocência que, semelhante à túnica virginal de que fala a Escritura, envolvia a sua filha, o barão continuou a descrever as belezas do relevo do seu saleiro, a despeito dos esforços que Bálsamo fazia para mudar de conversa.

- Coma, barão! - disse Taverney - porque não há outro prato. Talvez imaginasse que ainda faltava o assado e mais iguarias? Pois está completamente enganado.

- Perdão, senhor - disse Andreia com a sua costumada frieza - se Nicola me entendeu

bem, deve ter começado uma fritada de ovos, de que lhe ensinei a receita.

- Uma receita! Ensinaste a receita de um prato a Nicola Legay, à tua aia? A tua aia feita cozinheira! Só falta que tu mesma o sejas... Porventura a duquesa de Châteauroux ou a marquesa de Pompadour faziam a cozinha ao rei? Pelo contrário, era Sua Majestade em pessoa que lhe fazia os guisados... Barão, peço-lhe que desculpe minha filha.

- Mas, meu pai - disse a donzela com todo o sossego - é preciso comer . Diz-nos, Legay, já está pronto?

- Sim, minha senhora - respondeu a rapariga, que trazia um prato do mais apetitoso cheiro.

- Bem sei eu quem não há-de comer dessa iguaria! - disse o barão furioso quebrando o seu prato.

- O senhor talvez coma - disse friamente Andreia. Depois, voltando-se para seu pai, disse: - Bem sabe, senhor, que não temos mais

que dezessete pratos deste aparelho, que herdei de minha mãe!

Dizendo isto, trinchou a iguaria fumegante, que trouxera a linda criada Nicola Legay.

VI

ANDREIA DE TAVERNEY

O espírito observador de José Bálsamo achava amplo pasto em cada circunstância daquela existência isolada e extraordinária, escondida num recanto da Lorena.

O saleiro só bastou para lhe revelar todo o carácter do barão de Taverney.

Foi por isto que, chamando em seu auxílio a mais delicada penetração, interrogou as feições de Andreia no momento em que tocava com a ponta da faca naquelas figuras de prata, que pareciam sair de um daqueles banquetes nocturnos, no fim dos quais Canillac tinha a incumbência de apagar as luzes.

Ou fosse por curiosidade, ou fosse movido por outro sentimento, Bálsamo olhou para Andreia com tal perseverança, que duas ou três vezes, em menos de dez minutos, os

olhos da donzela se encontraram com os seus. Ao princípio, a pura e casta criatura susteve aquele olhar extraordinário sem confusão; mas afinal a sua fixidade foi tal, enquanto o barão golpeava com a ponta da faca a fritada preparada por Nicola, que uma impaciência febril lhe fez subir a cor ao rosto, e sentindo-se perturbada por aquele olhar fora do natural, tentou afrontá-lo, encarando ela mesma José Bálsamo; porém, dentro em pouco, teve que abaixar os olhos para não tornar a erguê-los sem hesitação.

Entretanto, enquanto esta muda luta se estabelecia entre a jovem donzela e o misterioso viajante, ralhava o barão, ria e praguejava como um verdadeiro fidalgo camponês, e beliscava o braço de La Brie, que, infelizmente, se achava ao seu alcance num momento em que a sua irritação nervosa lhe pedia este desafogo.

Ia talvez fazer outro tanto a Nicola, quando pela primeira vez em sua vida, reparou nas mãos da jovem aia.

- Veja - disse ele - que lindos dedos tem esta rapariga! O que seria se não fossem os trabalhos grosseiros em que se empregam!

Nicola, pouco habituada a estes cumprimentos de seu amo, olhou para ele com um meio sorriso, em que tinha mais parte a admiração do que o orgulho.

- Sim, sim - disse o barão, que percebeu o que se passava no coração da rapariga; - faz-te mimosa, se te parece! Devo dizer-lhe, meu caro hóspede, que Nicola Legay não ostenta sisudeza como sua ama, e não se perturba com um elogio.

Os olhos de Bálsamo fixaram-se vivamente no rosto de Andreia, e viram nele pintado um supremo desdém. Achou conveniente harmonizar o seu semblante com o da orgulhosa menina, a qual o ficou vendo com menos inquietação do que até ali.

- Acredite, senhor - continuou o barão - que essa moça acaba de chegar do convento com minha filha, e recebeu quase a mesma educação. Daqui procede que Nicola não se

separa um instante de sua ama: é uma dedicação que faria rir de alegria os senhores filósofos, que pretendem que esta qualidade de gente tem alma.

- Senhor! - disse Andreia com mau modo
- não é por dedicação que Nicola se não separa de mim, é porque assim lho tenho ordenado.

Bálsamo olhou para Nicola para conhecer o efeito que nela faziam estas palavras da sua ama, altivas até à insolência, e viu, pela contracção dos seus lábios, que não era insensível às humilhações procedidas do seu estado de servidão.

Contudo, estes sinais passaram como um relâmpago, porque a rapariga, voltando-se para ocultar talvez uma lágrima, ficou olhando para uma janela que dava para o pátio. Tudo interessava a Bálsamo, que parecia procurar alguma coisa no meio das pessoas, entre as quais acabava de ser introduzido: seguiu Nicola com os olhos, e

pareceu-lhe ver aparecer àquela janela o rosto de um homem.

- Na verdade - disse ele consigo - tudo é curioso nesta casa. Todos têm o seu mistério: já conheço o do barão e de Nicola, e dentro em pouco espero saber o de Andreia.

Este momento de reflexão foi curto; apesar disso, porém, foi notado pelo barão, que lhe disse:

- Está distraído, meu caro hóspede? A distracção é contagiosa, e aqui mais do que em nenhuma outra parte, segundo me parece. Contemos os distraídos. Em primeiro lugar temos a minha filha Andreia, que está sempre a pensar; depois Nicola, que a imita; finalmente, vejo sempre pensativo aquele ocioso que matou as perdizes, que talvez estivessem também distraídas, quando as matou...

- Gilberto? - perguntou Bálsamo.

- Sim; um filósofo como La Brie. A propósito de filósofos, gosta deles? oh! então já o advirto que não é dos meus...

- Não, senhor; não sou amigo nem inimigo, nem mesmo os conheço.

- Tanto melhor, por minha vida! São animais vis e mais venenosos que feios. Deitam a perder os povos com as suas máximas! Já se não ri em França, lê-se, e o quê? Pensamentos como estes: *Sob um governo monárquico é muito difícil ser o povo virtuoso.*² Outro: *A verdadeira monarquia não é mais que uma constituição, imaginada para corromper os costumes dos povos e escravizá-los.*³ Outro finalmente: *Se a autoridade dos reis vem de Deus, é como as moléstias e os flagelos do gênero humano.*⁴ Como tudo isto é recreativo! Um povo virtuoso! de que serviria ele, pergunto eu?... Ah! tudo vai mal, depois que Sua Majestade falou com Voltaire e leu Diderot.

Naquele momento julgou Bálsamo ver novamente aparecer por detrás dos vidros o mesmo rosto que já tinha visto; mas desapareceu rapidamente.

² Montesquieu.

³ Helvécio.

⁴ Jean Jacques Rousseau.

- A menina será acaso filósofa? - perguntou, sorrindo, Bálsamo.

- Não sei o que é filosofia - respondeu Andreia; - só sei que gosto do que é sério.

- Parece-me - disse o barão - que nada há mais sério do que viver bem; gosta disto?

- Mas a menina - disse Bálsamo - parece-me que não aborrece a vida?

- Isso é conforme - respondeu Andreia.

- Eis aí uma palavra estúpida - disse o barão. - Acreditará, senhor, que tive igual resposta de meu filho?

- Tem um filho? - perguntou Bálsamo.

- Sim, tenho essa desgraça: um visconde de Taverney, tenente da guarda do delfim, um belo moço!...

O barão pronunciou estas três últimas palavras apertando os dentes, como se quisesse mastigar cada uma das letras que articulava.

- Dou-lhe os parabéns - disse Bálsamo inclinando-se.

- Sim, é mais um filósofo!... Acreditará que me falou um dia de libertar os negros?! “E o açúcar? - lhe disse eu; - gosto do café muito doce, assim como Luís XV. Senhor - me repetiu ele - antes passar sem açúcar do que ver sofrer uma raça. - Uma raça de macacos!” - disse eu, e ainda lhes fazia muita honra. Sabe o que ele sustentou? À fé de gentil-homem, é preciso que alguma coisa lhe fizesse andar com a cabeça à roda... sustentou que os homens eram todos irmãos! Eu, irmão de um preto de Moçambique!

- Oh! isso é ir muito longe! - disse Bálsamo.

- Então, que me diz a isto? não sou bem feliz com os meus dois filhos? Ninguém dirá que revivo na minha progénie. A irmã é um anjo e o irmão um apóstolo!... Beba, senhor... O meu vinho é detestável.

- Eu acho-o excelente - disse Bálsamo olhando para Andreia.

- Então é também filósofo... Tome sentido, que lhe mando pregar um sermão

por minha filha. Mas não, que os filósofos não têm religião. Contudo não havia nada mais cómodo: cria-se em Deus e no rei, e estava tudo feito. Hoje, para não crer em nenhuma destas coisas, é preciso ler e aprender muito, quero antes nunca duvidar. Ao menos, no meu tempo, só se aprendiam coisas agradáveis; estudavam-se jogos de cartas; puxava-se alegremente da espada, apesar da proibição; arruinavam-se duquesas e os homens arruinavam-se por dançarinas; é esta toda a minha história. Todo Taverney passou para o teatro; e é a única coisa de que tenho pena, porque um homem arruinado já não é homem. Assim, como me vê, pareço velho, não é verdade? Mas é porque estou arruinado, porque vivo neste recanto, porque a minha cabeleira está safada, o meu vestuário gótico; veja o meu amigo marechal, que tem vestido da moda, cabeleiras bem penteadas, que habita em Paris e tem duzentas mil libras de renda! Ainda está

moço, bem disposto e galante. Pois tem dez anos mais do que eu!

- Fala do senhor de Richelieu?

- Sem dúvida.

- Do duque?

- Está claro! Pois nem eu sou do tempo do cardeal. E demais, ele não fez tanto como o sobrinho, nem durou tanto.

- Admiro-me de que, com tão poderosos amigos, se tenha afastado da corte.

- Oh! é um retiro temporário, e nada mais; e algum dia para lá tornarei - respondeu o barão olhando para sua filha de um modo singular.

Bálsamo surpreendeu este olhar.

- Mas ao menos - disse ele - o senhor marechal há-de ter feito avançar em postos a seu filho.

- Tem-lhe ódio! não o pode ver.

- Ao filho do seu amigo?

- E com muita razão.

- E é o senhor que o diz?

- É um filósofo! tem-lhe ódio.

- E Filipe paga-lhe na mesma moeda - disse Andreia com o maior sossego. - Legay, levanta a mesa!

A rapariga obedeceu à sua ama, afastando-se da janela que tanto chamava a sua atenção.

- Ah! - disse o barão suspirando - antigamente estava-se à mesa até às duas horas da madrugada. É porque havia que cear! é porque, quando se não comia, bebia-se... Nicola, dá-nos um frasco de marasquino... se ainda há algum.

- Traz! - disse Andreia a Legay, que parecia esperar as ordens da sua ama para obedecer.

O barão encostou-se para trás na poltrona, com os olhos fechados, e dando suspiros com uma grotesca melancolia.

- Falava-me há pouco do marechal de Richelieu... - disse Bálsamo, que não queria deixar esfriar a conversação.

- É verdade - disse Taverney.

E começou a entoar uma cantiga, não menos triste do que os seus suspiros.

- Se ele odeia seu filho - continuou Bálsamo - e se tem razão de o aborrecer porque é filósofo, deve ter muita amizade ao senhor porque o não é.

- Filósofo, eu? não, graças a Deus!

- Creio que não lhe faltam serviços?

- Servi o rei quinze anos; fui ajudante-de-campo do marechal e militámos ambos na campanha de Magão; a nossa amizade data do famoso assédio de Filipesburgo, isto é, de 1742 ou 1743.

- Ah! muito bem - disse Bálsamo; - estive no cerco de Filipesburgo... e eu também.

O velho endireitou-se na poltrona e encarou Bálsamo, abrindo muito os olhos.

- Queira perdoar-me - disse ele; - mas que idade tem, meu caro hóspede?

- Oh! eu não tenho idade - disse Bálsamo apresentando o seu copo para receber o marasquino da formosa mão de Andreia.

O barão interpretou a seu jeito a resposta do seu hóspede, e, julgando que ele tinha alguma razão para ocultar a idade, disse-lhe:

- Senhor! permita-me que lhe diga que não parece ter a idade de um soldado de Filipesburgo. O cerco foi há vinte e oito anos, e o senhor mostra ter trinta, se me não engano.

- Oh! meu Deus! - disse o viajante com negligência - quem é que não tem trinta anos?

- Eu, por exemplo - disse o barão - porque há justamente outros trinta que os não tenho.

Andreia encarou o viajante de modo que indicava bem a irresistível atracção da curiosidade.

- Finalmente - continuou o barão - creio que toma Filipesburgo por outra cidade, porque parece ter, quando muito, trinta anos; não é assim, Andreia?

- Decerto - respondeu ela, tentando outra vez afrontar o poderoso olhar do seu hóspede, sem que o pudesse conseguir.

- Não, não! - disse Bálsamo - eu bem sei o que digo. Falo no famoso assédio de Filipesburgo, em que o Sr. Duque de Richelieu matou em duelo seu primo o príncipe de Lixen, quando voltavam da trincheira; eu passava pela estrada quando o príncipe de Deux-Ponts o segurava agonizante em seus braços, enquanto que o senhor de Richelieu limpava tranquilamente a espada.

- Senhor! - exclamou o barão - transtorna-me a cabeça! Isso sucedeu justamente como diz.

- Ouviu-o contar? - perguntou Bálsamo.

- Eu estava presente: tinha a honra de ser o padrinho do senhor de Richelieu nesse desafio.

- Ora espere - disse Bálsamo olhando fixamente para o barão.

- O que é?

- Não era nesse tempo capitão?

- Exactamente.

- E serviu no regimento de cavalaria ligeira da rainha, o qual foi depois todo acutilado em Fontenoi?

- O quê! Também estive em Fontenoi? - perguntou o barão tentando gracejar.

- Não - respondeu tranquilamente Bálsamo; - nesse tempo já eu tinha morrido.

O barão abriu muito os olhos, Andreia estremeceu e Nicola benzeu-se.

- Voltando pois ao que ia dizendo - continuou Bálsamo - o senhor estava com o uniforme da cavalaria ligeira, lembro-me perfeitamente. Vi-o segurar pelas rédeas o seu cavalo e o do marechal, enquanto durou o duelo. Cheguei-me a si e perguntei-lhe as circunstâncias do desafio, que me explicou.

- Eu!

- Sim, o senhor mesmo, reconheço-o agora muito bem; chamavam-lhe então o pequeno cavalheiro.

- Com mil bombas! - exclamou o barão maravilhado.

- Desculpe-me por não o haver conhecido logo; porém trinta anos mudam muito um homem... À saúde do marechal de Richelieu, meu caro barão!

E levando o copo à boca, Bálsamo bebeu até à última gota.

- Viu-me nessa época? - perguntou o barão. - Isso é impossível!

- Repito que o vi na estrada, na ocasião do duelo, quando o príncipe dava o último suspiro.

- Mas então deve ter cinqüenta anos?

- Tenho a idade que é necessária para o ter visto nessa época.

Desta vez o barão atirou consigo para trás com tal movimento de despeito, que Nicola não pôde conter o riso.

Andreia, porém, em vez de rir ficou pensativa, com os olhos fitos nos de Bálsamo, o qual pareceu aproveitar esta ocasião para lhe dardejar raios dos seus olhos inflamados,

que a fizeram estremecer como se tivesse suportado um choque eléctrico. Inteiriçaram-se-lhe os braços, sorriu-se a seu pesar para Bálsamo, inclinou a cabeça e fechou depois os olhos.

- E a menina - disse-lhe o viajante tocando-lhe num braço - também julga que minto, quando afirmo ter assistido ao cerco de Filipesburgo?

- Não, senhor - respondeu Andreia fazendo um esforço sobrenatural; - acredito-o.

- Então - disse Taverney - sou eu que estou tonto. Ah! desculpe-me a pergunta: será por acaso uma alma do outro mundo, um duende?

Nicola, como que espantada, abriu muito os olhos.

- Quem sabe? - disse Bálsamo num tom que acabou de maravilhar a rapariga.

- Ora vamos - replicou o barão - falemos seriamente. Tem mais de trinta anos? Na realidade não parece tal.

- Acreditar-me-á, pois, se lhe disser alguma coisa menos crível?

- Não respondo por isso - disse o velho abanando a cabeça com ar malicioso, enquanto que Andreia, pelo contrário, escutava atentamente. - Previno-o de que sou muito incrédulo.

- Então de que lhe serve fazer-me uma pergunta, se não quer ouvir a resposta?

- Pois bem, acreditá-lo-ei; está satisfeito?

- Então, repito que o conheço desde o cerco de Filipesburgo.

- Era portanto ainda criança?

- Sim.

- Tinha os seus quatro ou cinco anos?

- Não, senhor; nessa época tinha quarenta e um.

- Ah! ah! ah! - exclamou o barão rindo às gargalhadas, fazendo-lhe Nicola coro.

- Bem tinha eu dito que não acreditaria.

- Mas como hei-de acreditá-lo seriamente? vejamos! dê-me uma prova.

- É muito justo - respondeu Bálsamo sem mostrar perplexidade. - Eu tinha quarenta e um anos naquela época, mas não digo que fosse então o mesmo homem que hoje sou.

- Oh! isso é paganismo! Não houve antigamente um filósofo grego (estes miseráveis filósofos têm-nos havido em todos os tempos), não houve um que não comia favas, porque dizia terem alma, assim como meu filho diz que os negros a têm? Quem inventou isso? como diabo se chamava ele?

- Pitágoras - disse Andreia.

- É isso, Pitágoras. Os jesuítas ensinaram-me isso e o padre Porée obrigou-me a compor sobre esse assunto versos latinos em concorrência com o pequeno Arouet, e ainda me lembra de que achou melhores os meus que os dele?

- E quem lhe disse que eu não tenha sido esse mesmo Pitágoras?

- Pode ser, mas eu não vi Pitágoras no cerco de Filipesburgo.

- Mas viu o visconde João de Barreaux, que servia no corpo dos mosqueteiros pretos?

- Sim, sim, esse vi eu... mas não era filósofo, apesar de não gostar de favas, e de não as comer senão em último caso.

- Muito bem. Lembra-se de que no dia seguinte ao do desafio de Richelieu, de Barreaux estava na trincheira consigo?

- Perfeitamente.

- Porque, deve lembrar-se disso, os mosqueteiros pretos e a cavalaria ligeira faziam serviço juntos todos os sete dias.

- É exacto; e depois?

- Durante a chuva de metralha, que caía sobre ambos, de Barreaux chegou-se ao pé de si muito triste, e pediu-lhe tabaco, que o senhor lhe deu de uma caixa de ouro.

- Com o retrato de uma senhora?

- Justamente. Ainda me parece que a estou vendo; cabelo louro, não é assim?

- É isso mesmo; e depois?

- Depois - continuou Bálsamo - no momento de tomar uma pitada, veio uma bala e levou-lhe a cabeça.

- Assim foi... Pobre de Barreaux!

- Então bem vê que o conheci no cerco de Filipesburgo, porque eu era esse de Barreaux.

- Mas isso é feitiçaria! - exclamou o barão estupefacto. - No século passado teria sido queimado, meu caro hóspede... Oh! meu Deus! já me parece sentir o cheiro de enforcado, de queimado...

- Senhor barão - disse Bálsamo sorrindo - quem é realmente feiticeiro não é nunca enforcado, nem queimado; só os tolos vão à forca ou à fogueira. Mas parece-me que basta por hoje, porque a sua filha está já a dormir.

E com efeito, Andreia, subjugada por uma força oculta, irresistível, balanceava languidamente a cabeça, como uma flor que recebe no cálice uma grande porção de orvalho. Porém, a estas palavras de Bálsamo, fez um esforço para repelir o peso que a

oprimia a seu pesar, levantou-se cambaleante, e apoiando-se no braço de Nicola, saiu da sala.

Ao mesmo tempo que ela ia saindo, retirara-se da janela um rosto que Bálsamo já tinha visto, e que conheceu ser o de Gilberto.

Passado um momento, Andreia atacava com vigor as teclas do seu cravo.

Bálsamo havia-a seguido com os olhos, enquanto ela atravessava, vacilante, a sala de jantar; assim que desapareceu, disse triunfante:

- Vamos! posso dizer como Arquimedes: *Heureka!*⁵

- Quem é Arquimedes? - perguntou o barão.

- É um sábio, que eu conheci há-de haver dois mil cento e cinqüenta anos - disse Bálsamo.

⁵ Encontrei-a

VII

HEURECA!

Desta vez, ou porque a bravata parecesse muito forte ao barão, ou porque a não ouvisse, ou finalmente porque desejasse desembaraçar a casa de tão estranho hóspede, foi também seguindo Andreia com os olhos até que ela desapareceu, e depois de a sentir tocar no seu cravo no quarto vizinho, ofereceu a Bálsamo mandá-lo conduzir à cidade mais próxima.

- Eu tenho - disse ele - um mau cavalo que talvez rebente, mas nem por isso deixará de o levar, e ao menos terá a certeza de ficar bem alojado. Não é porque faltem quartos em Taverney, mas eu entendo a hospitalidade cá a meu modo: *Bem* ou *nada*, é a minha divisa.

- Nesse caso, despede-me? - disse Bálsamo ocultando num sorriso o despeito

que lhe causava o barão. - Trata-me como um importuno.

- Pelo contrário, meu caro hóspede, isto é tratá-lo como a um amigo. Dar-lhe agasalho aqui, seria querer-lhe mal. É com muita pena e por descargo de consciência que lhe digo isto, porque, na realidade, o senhor agrada-me muito.

- Então, se lhe agrado, não me obrigue a caminhar quando estou cansado, a andar a cavalo quando poderia descansar numa cama. Não exagere a sua mediocridade, se não quer que desconfie que há nesta hospitalidade, que me concede, uma vontade má que me é pessoal.

- Oh! se pensa assim - disse o barão - então dormirá no castelo.

Depois, procurando La Brie com a vista, e vendo-o a um canto, bradou-lhe:

- Aproxima-te, maroto!

La Brie avançou timidamente.

- Aproxima-te, depressa! Diz-me, a câmara vermelha estará em bom estado?

- Certamente, senhor - respondeu o velho criado; - é onde fica o Sr. Filipe quando vem a Taverney.

- Pode ser muito boa para um pobre diabo de um tenente que vem passar três meses com um pai arruinado, e muito má para um fidalgo rico que corre pela posta a quatro.

- Afianço-lhe, senhor barão - disse Bálamo - que a hei-de achar óptima.

O barão fez um trejeito, que bem traduzido queria dizer: “Está bom, bem percebo”.

Depois acrescentou em voz alta:

- Conduz então o senhor à câmara vermelha, já que quer absolutamente curar-se da vontade de voltar a Taverney. Decididamente quer cá dormir?

- Sim, senhor.

- E contudo, havia talvez um meio...

- Para quê?

- Para não fazer o caminho a cavalo.

- Que caminho?

- O que conduz daqui a Bar-le-Duc.

Bálsamo esperou o desenvolvimento da idéia do barão.

- Veio até aqui com cavalos de posta, não é verdade?

- Sem dúvida, ou com cavalos de Satanás.

- Também não julgo isso impossível, por me parecer que está em muito boa harmonia com ele.

- Faz-me uma honra que não mereço.

- Pois bem! os cavalos que trouxeram a sua carruagem podem tornar a levá-la.

- Não, porque de quatro que eram estão reduzidos a dois. A carruagem é pesada e os cavalos de posta também dormem.

- Mais uma razão. Decididamente tem empenho em dormir cá?

- Tenho empenho nisso hoje, para tornar a vê-lo amanhã. Quero dar-lhe os agradecimentos.

- Tem para isso um meio bem simples.

- Qual é?

- Visto ter tão boas relações com o Diabo, é pedir-lhe que me faça achar a pedra filosofal.

- Se nisso tiver muito empenho, senhor barão...

- De achar a pedra filosofal? Pudera! tenho o maior empenho.

- Para isso deveria então dirigir-se a uma pessoa que não é o Diabo.

- Quem é essa pessoa?

- Eu, como diz Corneille não sei em que comédia que ele me lia, há exactamente cem anos, passando nós sobre a Pont-Neuf, em Paris.

- La Brie! maroto! - bradou o barão que começava a achar perigosa a conversa com semelhante homem e a tais horas; - leva essa luz e conduz o senhor ao aposento.

La Brie apressou-se em obedecer, e procurando uma vela, quase tão difícil de encontrar como a pedra filosofal, chamou por Nicola a fim de que subindo adiante, pudesse dar algum ar à câmara vermelha.

Nicola deixou Andreia só, ou antes Andreia estimou ter ocasião para despedir a sua aia: precisava pensar.

O barão deu as boas noites a Bálsamo, e foi logo deitar-se.

Bálsamo puxou pelo relógio, porque se lembrava da promessa que fizera a Althotas. Havia duas horas e meia que o sábio dormia. Eram trinta minutos perdidos. Perguntou a La Brie se a carruagem estava no mesmo lugar.

La Brie respondeu que a não ter a carruagem caminhado por si mesmo, devia lá estar.

Bálsamo perguntou então o que era feito de Gilberto.

La Brie asseverou que Gilberto era um mandrião e que naturalmente haveria já mais de uma hora que estava deitado.

Bálsamo saiu para ir acordar Althotas, depois de ter aprendido a topografia do caminho que conduzia à câmara vermelha.

O senhor de Taverney falara verdade quanto à mediocridade dessa câmara; a mobília correspondia à das outras casas do castelo.

Um leito de faia com uma coberta de velho damasco verde, uma mesa de pinho com os pés curvos, um grande fogão de pedra do tempo de Luís XIII e ao qual o fogo, no Inverno, poderia dar uma certa sumptuosidade, mas que sem isso, de Verão, apresentava o mais triste aspecto, sem lenha, sem utensílios para o fogo, mas, em troca disso, cheio de gazetas antigas; tal era a mobília, cujo usufruto era concedido a Bálsamo por uma noite.

Acrescentemos a isto duas cadeiras e um armário de madeira pintada de cinzento.

Enquanto La Brie tentava pôr alguma ordem nesse aposento que Nicola fora arejar, tendo-se em seguida retirado para o seu quarto, Bálsamo, depois de ter ido acordar Althotas, entrou em casa.

Bálsamo, ao passar por defronte da porta de Andreia, parou para escutar. No momento em que Andreia saiu da casa de jantar, havia conhecido que se subtraía à misteriosa influência que o viajante exercia sobre ela, e para combater até os seus pensamentos, entrando naquela casa, sentara-se ao cravo para tocar.

Apesar de estar fechada a porta, Bálsamo ouvira os fracos sons do cravo, e como dissemos já, parou defronte da porta.

Alguns instantes depois, fez vários sinais que pareciam ser uma conjuração, e eram-no efectivamente, porque, atacada com uma nova sensação semelhante à que já experimentara, Andreia parou de tocar, deixou pender as mãos e voltou-se para a porta com um movimento vagaroso, semelhante ao de um sonâmbulo.

Bálsamo sorriu-se, como se visse através da porta.

Era isso sem dúvida tudo quanto ele desejava, e tinha adivinhado que esse desejo

estava cumprido, porque, estendendo a mão esquerda para segurar-se ao corrimão, subiu a escada que conduzia à câmara vermelha.

À medida que se afastava, Andreia, com o mesmo movimento vagaroso, voltava-se de novo para o instrumento. Quando chegou ao último degrau da escada, ouviu Bálsamo as primeiras notas da melodia interrompida.

Bálsamo entrou na câmara vermelha, e despediu La Brie, que era visivelmente um bom criado, costumado a obedecer ao mais pequeno sinal. Apesar disso, depois de ter dado um passo para a porta, parou.

- Então? - disse Bálsamo.

La Brie meteu a mão no bolso do colete, pareceu procurar alguma coisa no fundo do bolso, mas não respondeu.

- Tem alguma coisa a dizer-me, meu amigo? - perguntou Bálsamo aproximando-se dele.

O criado pareceu fazer um esforço sobre si mesmo, e tirando a mão da algibeira, respondeu:

- Quero dizer, senhor, que se enganou.

- Eu?! - disse Bálsamo; - em que me enganei, meu amigo?

- É porque me deu uma moeda de vinte e quatro libras, julgando certamente que me dava uma de vinte e quatro soldos.

E abriu a mão, mostrando, assim, um brilhante luís de ouro.

Bálsamo olhou para o criado com um sentimento de admiração que parecia indicar que não tinha geralmente grande consideração pelos homens no que toca à probidade.

- *And honest!* - disse ele, como Hamlet.

E metendo também a mão na algibeira, tirou um segundo luís, que pôs junto do primeiro.

Não se imagina a alegria de La Brie vendo tão esplêndida generosidade. Havia pelo menos vinte anos que não via ouro.

Para ele ter a certeza de que era dono de tão grande tesouro, foi preciso que Bálsamo mesmo lho metesse na algibeira.

Inclinou-se até ao chão, e retirava-se recuando, mas Bálsamo ainda o demorou para lhe perguntar:

- Quais são os costumes do castelo, pela manhã?

- O senhor de Taverney fica na cama até tarde, mas a menina Andreia levanta-se cedo.

- A que horas?

- Às seis.

- Quem dorme por cima deste quarto?

- Eu, senhor.

- E por baixo?

- Ninguém; aqui por baixo fica o vestíbulo.

- Bem, agradecido; agora pode retirar-se.

- Boa noite, senhor.

- Boa noite. É verdade, tome sentido na minha carruagem.

- Oh! pode ficar descansado.

- Se por acaso ouvir algum rumor dentro dela, ou se vir alguma luz no interior, não se assuste; está lá um criado antigo e enfermo que trago comigo. Recomende também ao Sr.

Gilberto que não o vá incomodar; diga-lhe igualmente que não se afaste daqui amanhã pela manhã, antes de eu lhe ter falado. Não se esquece disto?

- Oh! não, senhor. Mas tenciona partir tão cedo?

- Conforme - disse Bálsamo sorrindo. - Em todo o caso tenho necessidade de estar amanhã de tarde em Bar-le-Duc.

O criado suspirou com um modo resignado, lançou uma última vista à cama, e aproximou-se da chaminé para lançar fogo aos papéis que nela havia para dar algum calor a essa grande câmara úmida.

Mas Bálsamo fê-lo suspender.

- Não - disse ele - deixe aonde estão essas gazetas; se eu não dormir, entreter-me-ei lendo-as.

La Brie inclinou-se e saiu.

Bálsamo aproximou-se da porta, escutou os passos do velho criado, que descia a escada. Pouco depois sentiu os mesmos

passos no pavimento que lhe ficava superior. La Brie tinha entrado em casa.

Então o barão foi à janela.

Em frente dele, via-se luz por dentro de um quarto, cujas cortinas mal fechadas deixavam ver o que se passava no interior. Era o quarto de Nicola. A rapariga tirava lentamente o lenço do pescoço e desacolchetava o vestido. Chegava repetidas vezes à janela e debruçava-se para olhar para o pátio.

Bálsamo olhou para ela com uma atenção que sem dúvida não lhe havia querido prestar durante a ceia.

- Pasmosa semelhança! - murmurou ele.

Neste momento apagou-se a luz do quarto, apesar de não se ter ainda deitado a criada.

Bálsamo ficou de pé, encostado à janela.

O cravo continuava a ouvir-se.

O barão pareceu escutar para ver se distinguia algum outro rumor misturar-se ao do instrumento... Depois, quando teve a

certeza de que só a harmonia reinava no silêncio geral, tornou a abrir a porta, fechada por La Brie, desceu vagarosamente a escada e abriu mansamente a porta da sala, que girou sem fazer barulho.

Andreia nada ouviu.

Corria as alvas mãos sobre o marfim amarelado do instrumento; em frente dela estava um espelho numa moldura esculpida, e que tendo sido outrora dourada apresentava a este tempo uma cor cinzenta com que haviam pintado o ouro.

A música que Andreia tocava era melancólica; parecia algum improviso, que traduzia no instrumento os seus pensamentos ou os sonhos da sua imaginação. Talvez que seu espírito contristado pela vida que levava em Taverney divagasse momentaneamente nos imensos jardins de Nossa Senhora da Anunciada de Nanci, povoados de alegres pensionistas. Fosse o que fosse, o seu olhar perdia-se no sombrio espelho colocado em frente dela, e que em mui pequena distância

reflectia os fracos raios de uma única luz colocada sobre o cravo.

Algumas vezes parava de repente. É porque se lembrava da estranha visão daquela noite e das desconhecidas impressões que se lhe tinham seguido. Ora, antes que o seu pensamento tivesse fixado qualquer coisa a semelhante respeito, já o seu coração tinha palpitado, e um estremecimento havia percorrido os seus membros. Estremecia como se o contacto de um ente qualquer tivesse vindo perturbá-la... e contudo estava isolada.

De repente, quando pensava em querer explicar-se dessas singulares impressões, tornou a senti-las. Sentiu um arrepio como se fosse produzido por uma comoção eléctrica. Despertou o seu olhar, o seu pensamento acordou, e viu no espelho a sombra de um objecto.

Era a porta da sala que se abria sem fazer o menor rumor.

Pela abertura da porta entrou um vulto.

Andreia estremeceu, os dedos pararam sobre o teclado. Entretanto era bem natural essa aparição.

Esse vulto, que era impossível ainda conhecer por causa das trevas, não podia ser o senhor de Taverney ou Nicola? La Brie, antes de se deitar, não poderia ter tido necessidade de entrar na sala por um motivo qualquer?

Isso acontecia-lhe muitas vezes, e nessas excursões o discreto criado nunca fazia bulha.

Mas a donzela via com os olhos da alma, que não era uma nem outra dessas três pessoas.

O vulto aproximava-se sem fazer bulha. Quando chegou ao alcance dos raios da luz, conheceu Andreia que era o estranho, com o seu rosto pálido e com o seu sobretudo de veludo preto.

Não era sem algum motivo, sem dúvida misterioso, que ele tinha despido o trajo de seda que ao princípio trazia.⁶

Andreia quis voltar-se e gritar.

Mas Bálsamo estendeu os braços para diante, e ela não se moveu mais.

- Senhor - disse ela - o que me quer? em nome de Deus lhe peço que mo diga.

Bálsamo sorriu-se, e o espelho repetiu essa expressão da sua fisionomia; Andreia observou-a com avidez.

Mas não respondeu.

De novo tentou Andreia erguer-se, mas não o conseguiu; uma força invencível, um entorpecimento que alguma coisa tinha de suave, pregaram-na sobre a cadeira, enquanto que o seu olhar permanecia fixo sobre o espelho mágico.

Esta nova sensação espantou-a, porque se sentia inteiramente entregue à discrição

⁶ A seda repele a electricidade, e quase impossível magnetizar alguma pessoa que traga objecto de seda sobre si.

daquele homem, e esse homem era um desconhecido.

Andreia fez um esforço sobrenatural para pedir socorro e chegou a abrir a boca; Bálsamo, porém, estendeu as mãos ambas por cima da cabeça da donzela, e não lhe saiu da boca som algum.

Andreia ficou muda; sentiu no peito um calor fortíssimo, que em nuvens de vapor lhe subiu ao cérebro. A donzela não tinha já força nem vontade; deixou pender a cabeça sobre o ombro.

Pareceu neste momento a Bálsamo que do lado da janela ouvia algum rumor; voltou-se e julgou ver da parte de fora o rosto de um homem que se afastava.

Franziu as sobrancelhas, e coisa pasmosa, a mesma expressão reflectiu-se no rosto da donzela. Voltando-se então para o lado de Andreia, abaixou as mãos que conservara constantemente levantadas sobre a sua cabeça, tornou a erguê-las e a abaixá-las, e continuou durante alguns segundos a

carregar a donzela com fortes colunas de electricidade.

- Durma! - lhe disse ele.

Depois, como ela ainda lutava contra o encanto, repetiu-lhe com o acento do domínio:

- Durma! eu o ordeno.

Então cedeu tudo a essa vontade poderosa. Andreia apoiou o cotovelo sobre o cravo, a cabeça sobre a mão e adormeceu.

Depois Bálsamo, saindo a recuar, fechou a porta após si, e subindo a escada tornou a entrar na câmara vermelha.

Assim que a porta da sala se fechou, o rosto que Bálsamo julgara ver tornou a aparecer furtivamente por fora da vidraça.

Era Gilberto.

VIII

ATRACÇÃO

Gilberto, que pela inferioridade da sua posição era excluído das salas do castelo de Taverney, tinha toda a noite vigiado as pessoas que nelas figuravam.

Durante a ceia tinha visto Bálsamo falar e gesticular. Reparara na atenção com que Andreia o honrava, na extraordinária afabilidade do barão para com ele e nas atenções respeitosas de La Brie.

Depois, quando se levantaram da mesa, tinha ido esconder-se entre uns arbustos do jardim, a fim de não ser incomodado por Nicola, quando se recolhesse ao seu quarto, o que poderia estorvar a sua espionagem.

Nicola tinha fechado as janelas da sala, menos uma, cujos gonzos quebrados não deixavam girar as portas. Gilberto conhecia esta circunstância, e por isso, como já vimos,

não tinha abandonado o seu posto, porque estava certo de poder ali continuar as suas observações, quando Legay se retirasse.

Esta palavra observações, talvez pareça vaga ao leitor. Que observações poderia Gilberto fazer? Não conhecia ele todos os recantos do castelo de Taverney? Não conhecia bem todas as pessoas que o habitavam, ele que havia dezessete ou dezoito anos vivia quotidianamente com elas?

É porque nessa noite Gilberto tinha outras tenções; além de observar, esperava.

Quando Nicola saiu da sala, deixando Andreia só; quando, depois de fechadas portas e janelas, foi passear no jardim, olhando para todos os lados como quem espera alguém; sem saber o que era feito de Gilberto, nem o que ele iria fazer, resolveu recolher-se ao seu quarto.

Gilberto, como facilmente se imagina, conservando-se imóvel entre os arbustos em que se escondera, respirando apenas, não

tinha perdido um único dos movimentos, um único dos gestos de Nicola; depois, quando desapareceu, quando viu luz no seu quarto, atravessou o jardim nos bicos dos pés, aproximou-se da janela, agachou-se na sombra e esperou, talvez sem saber o que esperava, mas não tirando os olhos de cima de Andreia, que estava sentada diante do cravo. Foi neste momento que José Bálsamo entrou na sala.

Gilberto estremeceu, e então o seu olhar concentrou-se sobre as duas pessoas da curiosa cena que acabámos de descrever.

Julgou perceber que Bálsamo fazia cumprimentos a Andreia sobre o seu talento, e que esta lhe respondia com a sua costumada frieza; que insistindo este nos seus elogios, ela suspendia o seu estudo para lhe responder e despedi-lo.

Admirou a graça com que ele se retirava. De toda a cena que ele julgava ter entendido, nada era exacto, porque a realidade dessa cena era o silêncio.

Gilberto nada tinha podido ouvir, só tinha visto moverem-se lábios e agitarem-se braços. Como, por melhor observador que fosse, poderia ter compreendido um mistério, ali onde tudo se passava com aparente naturalidade?

Bálsamo retirou-se e Gilberto ficou, não em observação, mas em contemplação diante de Andreia, tão formosa; pouco depois percebeu com admiração que ela estava dormindo. Demorou-se alguns minutos na mesma atitude para ter a certeza de que a sua imobilidade provinha realmente do sono. Depois de bem convencido disto, levantou-se segurando a cabeça com as mãos ambas, como um homem que receia vê-la despedaçar-se com a quantidade de pensamentos que lhe ocorrem; depois, num momento de vontade forte, que mais parecia um rasgo de fúria, exclamou:

- Oh! a sua mão! chegar a minha boca à sua mão... nada mais. Vamos, Gilberto! vamos! eu o quero!

Dito isto, obedecendo a si mesmo, correu para a antecâmara e abriu a porta da sala, sem bulha, como já Bálsamo a abrira.

Mas apenas se abriu essa porta, apenas se achou junto da donzela, sem que o impedisse obstáculo algum, compreendera toda a importância da acção que ia cometer; ele, Gilberto, o filho de um caseiro e de uma aldeã, ele, o mancebo tímido, senão respeitoso, que apenas do fundo da sua obscuridade se atrevera a erguer os olhos para a altiva e desdenhosa donzela, ia tocar com seus lábios o vestido ou os dedos dessa majestade adormecida que, acordando, poderia fulminá-lo com o olhar. Com esta idéia dissiparam-se todas essas nuvens de embriaguez que lhe haviam toldado o espírito; parou, segurando-se à ombreira da porta, porque as pernas lhe tremiam de tal modo que receava cair.

Mas a meditação ou o sono de Andreia era tão profundo (Gilberto não sabia ainda ao certo se a donzela dormia ou meditava) que

não fez um único movimento, apesar de que muito bem poderia ouvir as palpitações do coração de Gilberto, que este se esforçava por comprimir no peito; ele ficou de pé alguns momentos, arquejando; a donzela permaneceu imóvel.

Estava tão formosa assim, brandamente encostada à sua mão, com seus lindos cabelos soltos e caídos sobre os ombros, que ateou mais ainda o fogo do mancebo. Apossando-se dele nova embriaguez, nova loucura, não pôde resistir; deu um passo mais na direcção em que ela estava. O sobrado estalou sob os seus passos mal seguros; um suor frio orvalhou-lhe o rosto, mas Andreia pareceu não o ter ouvido.

- Está dormindo - murmurou Gilberto; - oh! Que felicidade! ela dorme.

Mas, depois de dar mais três passos, Gilberto parou de novo; havia uma coisa que parecia atemorizá-lo; era a claridade extraordinária da luz que, quase a apagar-se,

lançava esses últimos fulgurantes raios, que precedem as trevas.

Além disto, não se ouvia em toda a casa nem o mais leve rumor; La Brie estava deitado e decerto adormecido. A luz de Nicola havia-se já apagado.

- Vamos - disse ele.

E avançou novamente.

Mas, caso estranho! o sobrado rangeu outra vez, e Andreia não fez movimento algum.

Gilberto admirou-se desse sono tão pesado; assustou-se quase.

- Dorme - repetiu ele com essa mobilidade de pensamento que num minuto faz mudar vinte vezes a resolução de um amante ou de um cobarde. E cobarde é todo aquele que não tem poder sobre o seu coração. - Ela dorme, ó meu Deus!

Mas no meio de todas essas febris alternativas de receio e de esperança, Gilberto, que continuara a caminhar para Andreia, achava-se dois passos distante dela.

Então, pareceu-lhe que o guiava um poder mágico; ainda que tivesse querido fugir, a fuga tornava-se-lhe impossível. Depois de entrar no círculo de atracção de que a donzela formava o centro, sentiu-se como ligado, amarrado, vencido e deixou-se cair de joelhos.

Andreia permaneceu imóvel, muda; parecia uma estátua. Gilberto pegou com as mãos ambas na fímbria do seu vestido e beijou-o.

Depois, sustendo a respiração, sem fazer movimento algum, ergueu lentamente a cabeça: com os olhos procurou os de Andreia.

Estavam bem abertos, e contudo Andreia não via.

Gilberto, na maior surpresa, não sabia já o que devia pensar. Passou-lhe pela mente a horrível idéia de que estava morta e, para se certificar, atreveu-se a pegar-lhe na mão: achou-a quente e as artérias pulsavam brandamente. Mas a mão de Andreia ficara imóvel nas de Gilberto. Então o mancebo,

decerto embriagado por tão voluptuosa pressão, figurou-se que Andreia via, que sentia, que tinha adivinhado o seu amor insensato; julgou, pobre coração iludido! que ela esperava a sua visita, que o seu silêncio era prova do seu consentimento, a sua imobilidade um favor.

Então levou a mão da donzela à altura dos lábios e imprimiu-lhe um beijo ardente.

De repente Andreia estremeceu e Gilberto conheceu que ela o repelia.

- Oh! estou perdido! - murmurou ele largando a mão e batendo no chão com a fronte.

Andreia levantou-se como se um jogo de molas a isso a obrigara; nem sequer abaixara os olhos para o chão, onde estava Gilberto aterrado pela vergonha e pelo receio, e que nem coragem tinha para implorar um perdão com o qual não podia contar.

Mas Andreia, de cabeça alta, colo erguido, como se um poder secreto a impelisse para um fim invisível, roçou o

vestido pelos ombros de Gilberto, continuou seu caminho, e dirigiu-se para a porta com um passo mal firme.

Gilberto, sentindo-a afastar-se, levantou-se um pouco e seguiu-a com a vista, admirado do que acontecia.

Andreia abriu a porta, saiu e dirigiu-se para a escada. Gilberto, pálido e trémulo, seguiu-a arrastando-se sobre os joelhos.

- Oh! - pensou ele - está tão indignada que nem me quis dizer coisa alguma; vai ter com o barão, vai contar-lhe a minha terrível loucura, e vou ser expulso como um laçao!

A idéia de ser expulso de Taverney fez perder a cabeça ao mancebo; não poderia ver mais aquela que era a sua luz, a sua vida, a sua alma; deu-lhe ânimo o desespero; ergueu-se de todo e correu para Andreia.

- Oh! perdão, senhora, em nome de Deus, perdoai-me! - bradou ele.

Andreia pareceu não ouvir, mas passou e não entrou nos quartos de seu pai.

Gilberto respirou.

Andreia pôs o pé no primeiro degrau da escada, depois no segundo.

- Oh! meu Deus! meu Deus! - disse Gilberto - onde irá ela? Esta escada só conduz à câmara vermelha que o viajante habita, e à água-furtada de La Brie. Se fosse para La Brie, chamava, tocava... Irá ela... oh! é impossível! impossível!

E só com a idéia de que Andreia ia ter com Bálsamo, Gilberto cerrou os punhos com raiva.

Entretanto, Andreia parou diante da porta do estranho.

Um suor frio corria da fronte de Gilberto; para não cair segurou-se ao corrimão da escada; tinha sempre seguido a donzela, e tudo quanto via ou julgava adivinhar, parecia-lhe monstruoso.

A porta de Bálsamo estava entreaberta; Andreia abriu-a sem bater. A luz, que saía do quarto, alumiou as suas nobres e puras feições, e espalhou reflexos de ouro em seus olhos bem abertos.

No centro da câmara pôde Gilberto ver o viajante: estava de pé, com o olhar fixo, a fronte enrugada e a mão estendida em ar de comando. Depois tornou a cerrar-se a porta.

Gilberto sentiu faltarem-lhe as forças. Uma das suas mãos largou o corrimão, levou a outra à sua fronte ardente; girou sobre si como uma roda que se escapa do eixo, e caiu atordoadado na fria pedra do primeiro degrau, com o olhar sempre fito naquela porta maldita por onde acabava de desaparecer todo o sonho passado, toda a felicidade presente, toda a esperança futura.

IX

A VIDENTE

Bálsamo veio ao encontro da donzela que, semelhante à estátua de pedra do Comendador, para ele se dirigia sem desviar-se da linha recta.

Por estranha que fosse esta aparição para outrem que não Bálsamo, a este não pareceu causar surpresa.

- Ordenei-lhe que dormisse - lhe disse ele; - está dormindo?

Andreia suspirou e não respondeu.

Bálsamo aproximou-se da donzela e carregou-a com maior porção de fluido.

- Quero que fale - disse ele.

A donzela estremeceu.

- Ouviu o que eu disse? - perguntou o estranho.

Andreia fez um sinal afirmativo.

- Então por que não fala?

Andreia levou a mão à garganta como para mostrar que as palavras não podiam sair.

- Bem! sente-se aí - disse Bálsamo.

Levou-a pela mesma mão que Gilberto tinha beijado sem que ela se apercebesse, e bastou esse contacto para lhe causar o mesmo estremecimento que já lhe vimos experimentar quando na sala lhe chegou o fluido supremo.

Seguida por Bálsamo, recuou Andreia três passos, e sentou-se numa poltrona.

- Agora, vê? - perguntou-lhe ele.

A donzela abriu muito os olhos, como se quisesse abranger todos os raios luminosos espalhados na câmara pelo clarão divergente das duas luzes.

- Não lhe disse que visse com os olhos - prosseguiu Bálsamo; - olhe com o peito.

E tirando de sob o seu sobretudo bordado uma varinha de aço, chegou a extremidade dela ao peito arquejante de Andreia, a qual deu um salto como se lhe

tivesse penetrado o coração uma espada de fogo; seus olhos fecharam-se logo.

- Ah! muito bem - disse Bálsamo - já começa a ver, não é assim?

Andreia fez um sinal afirmativo com a cabeça.

- E vai falar, não é verdade?

- Sim - respondeu Andreia.

Mas ao mesmo tempo levou a mão à fronte, com um indizível gesto de dor.

- Que tem? - perguntou Bálsamo.

- Oh! padeço muito!

- Por quê?

- Porque me obriga a ver e a falar.

Bálsamo levou duas ou três vezes as mãos à altura da cabeça de Andreia, para aliviá-la de parte do fluido eléctrico.

- Ainda padece?

- Menos alguma coisa.

- Bem, olhe; onde está?

Os olhos de Andreia ficaram fechados, mas o semblante pareceu carregado e exprimiu a mais viva admiração.

- Na câmara vermelha - murmurou ela.

- Com quem?

- Convosco - continuou a donzela estremecendo.

- Que tem?

- Tenho medo! tenho vergonha!

- De quê? Não estamos nós simpaticamente unidos?

- Decerto.

- Não sabe que as minhas intenções são puras?

- Ah! sim, é verdade - redargüiu ela.

- E que a respeito como se fosse minha irmã?

- Sim, bem o sei.

O seu rosto serenou e tornou depois a aparecer carregado.

- Não me disse tudo - continuou Bálamo; - não me perdoa inteiramente?

- É porque vejo que se me não quer mal a mim, o quer talvez a outros.

- É possível - murmurou Bálsamo; - mas não pense nisso acrescentou ele em tom imperioso.

Andreia serenou.

- Todos dormem em casa?

- Não sei - disse ela.

- Então olhe.

- De que lado quer que olhe?

- Do lado de seu pai primeiramente; onde está ele?

- No seu quarto.

- Que está fazendo?

- Está deitado.

- Dorme?

- Não, está lendo.

- Que lê ele?

- Um desses maus livros que ele quer que eu leia.

- E que não lê, não é assim?

- Não - disse ela.

- Bem. Então desse lado nada temos a recear. Olhe para o lado de Nicola.

- Não há luz no seu quarto.

- Precisa de luz para ver?

- Não, se assim o ordenar.

- Olhe! ordeno-o eu!

- Ah! vejo-a!

- Então?

- Está meio despida; abre vagarosamente a porta do quarto; desce a escada.

- Bem. Aonde vai?

- Pára na porta do pátio, e oculta-se por detrás dessa porta; espreita e espera.

Bálsamo sorriu-se.

- Espreita ou espera por si?

- Não.

- Isso é o principal. Quando uma menina está livre de seu pai e de sua aia, não tem que temer; só Se...

- Não - disse ela.

- Ah! ah! responde ao meu pensamento?

- É porque o vejo.

- Então não ama ninguém?

- Eu? - disse desdenhosamente Andreia.

- Sim, parece que poderia amar alguém.

Quando uma menina sai do convento não é

para ir viver numa clausura; a liberdade deve ser tanto para o coração como para o corpo.

Andreia abanou a cabeça.

- O meu coração está livre - disse ela com tristeza.

E uma tal expressão de candura e modéstia virginal aformoseou tanto suas feições, que Bálsamo, maravilhado, exclamou:

- É um lírio! uma rosa! uma vidente!

E de mãos postas ergueu os olhos ao céu em sinal de agradecimento; depois, voltando-se para Andreia, continuou:

- Mas se não ama, amam-na decerto?

- Não sei - respondeu a donzela com doçura.

- Como! não sabe? - redargüiu Bálsamo asperamente. - Indague, procure! Quando pergunto, quero que me respondam.

E pela segunda vez tocou o peito da donzela com a sua varinha de aço. Andreia estremeceu, mas sob a impressão de uma dor visivelmente menos viva que a primeira.

- Sim, sim, eu vejo - disse ela - mas trate-me com mais brandura porque me mata.

- O que vê?

- Um mancebo que, desde a minha volta do convento, segue-me, espreita-me, cobiça-me, mas esconde-se sempre.

- Quem é esse mancebo?

- Não lhe vejo o rosto, só lhe vejo o vestuário; parece o traje de um trabalhador.

- Onde está ele?

- No fim da escada; padece, chora.

- Por que lhe não vê o rosto?

- Porque o tem escondido entre as mãos.

- Olhe através das mãos.

Andreia pareceu fazer um esforço.

- Gilberto! - bradou ela. - Oh! bem dizia eu que era impossível.

- Impossível, por quê?

- Porque não se atreveria a amar-me - respondeu a donzela com uma expressão de soberba.

Bálsamo sorriu como um homem que conhece o homem, e que sabe que não há

distância que o coração não percorra, mesmo quando nessa distância haja um abismo.

- E que faz ele no fim da escada?

- Espere! Tira as mãos do rosto, agarra-se ao corrimão, ergue-se, sobe.

- Para onde se dirige?

- Para aqui... Não importa, não se atreverá a entrar.

- Por que não?

- Porque tem medo - disse Andreia com um sorriso de desprezo.

- Mas poderá escutar.

- Sem dúvida; lá põe ele o ouvido à escuta.

- Então incomoda-a ali?

- Sim, num momento de raiva ou ciúme; sim! Num desses momentos, é capaz de tudo.

- Então livremo-nos dele - disse Bálsamo.

Dirigiu-se rapidamente para a porta.

A hora da valentia não tinha ainda soado para Gilberto, porque ao ouvir o rumor dos passos de Bálsamo, receando ser ali

surpreendido, saltou sobre o corrimão da escada e deixou-se escorregar até abaixo.

Andreia soltou um pequeno grito de terror.

- Não olhe mais para esse lado - disse Bálamo voltando para Andreia. - Os amores vulgares são coisa de pouca importância. Falemos do barão de Taverney, se lhe aprouver.

- Quero tudo quanto o senhor quiser - disse Andreia suspirando.

- É muito pobre o barão?

- Muito.

- Tão pobre que lhe não possa procurar distracção alguma?

- Sim.

- Leva então aqui uma vida aborrecida?

- Aborrecimento mortal.

- Talvez tenha ambições.

- Não.

- Ama seu pai?

- Sim - disse a donzela hesitando.

- Entretanto, pareceu-me ontem que havia uma nuvem nesse amor filial? - disse Bálsamo sorrindo.

- Quero-lhe mal por ter gasto loucamente toda a fortuna de minha mãe, de modo que o infeliz *Casa Vermelha* vê-se obrigado a viver em destacamentos sem poder usar dignamente o nome da nossa família.

- Quem é *Casa Vermelha*?

- É meu irmão Filipe.

- Por que lhe chama assim?

- Porque era o nome de um castelo nosso, e que os morgados da família usavam esse apelido até à morte do pai; então chamavam-se Taverney.

- E tem amizade a seu irmão?

- Oh! sim, muita! muita!

- Ama-o sobre todos?

- Sobre todos.

- E por que o ama com tanta paixão, quando ama seu pai tão moderadamente?

- Porque tem um coração nobre, e daria a sua vida por mim.

- E seu pai?

Andreia calou-se.

- Não responde?

- Não quero responder.

Bálsamo julgou não dever obrigar Andreia a responder-lhe. Talvez que já soubesse do barão quanto lhe bastava saber.

- Onde está agora o cavalheiro de Casa Vermelha?

- Pergunta-me onde está Filipe?

- Sim.

- Está destacado em Estrasburgo.

- Vê-o neste momento?

- Onde?

- Em Estrasburgo.

- Não o vejo.

- Conhece a cidade?

- Não.

- Conheço-a eu; procuremos juntos, quer?

- Quero.

- Está no teatro?

- Não.

- Está no botequim da praça com os outros oficiais?

- Não.

- Está já em casa, no seu quarto?
Ordeno-lhe que veja a câmara de seu irmão.

- Nada vejo. Julgo que já não está em Estrasburgo.

- Conhece a estrada?

- Não.

- Não importa! conheço-a eu; vamos segui-la. Está em Saverne?

- Não.

- Está em Sarrebruck?

- Não.

- Em Nanci?

- Espere! espere!

Andreia calou-se; o coração batia como se lhe quisesse despedaçar o peito.

- Vejo-o, vejo-o! - bradou ela com uma alegria extraordinária; - oh! prezado Filipe, que felicidade!

- O que é?

- Querido Filipe! - continuou Andreia cheia de alegria.

- Onde está ele?

- Atravessa, montado no seu cavalo, uma cidade que eu conheço perfeitamente.

- Qual é?

- Nanci! Nanci! é onde está o convento em que fui educada.

- Tem a certeza de que seja ele?

- Oh! sim, os archotes que o cercam iluminam-lhe o rosto.

- Archotes? - disse Bálsamo admirado. Para que são os archotes?

- Está a cavalo! a cavalo! ao lado de uma bela carruagem toda dourada.

- Ah! ah! - disse Bálsamo, que parecia entender. - E quem vem na carruagem?

- Uma mulher... Oh! como é formosa! como é majestosa! como é bela! Mas, é singular, parece-me tê-la já visto; não, não, enganava-me, é Nicola que se parece com ela.

- Nicola parece-se com essa mulher tão formosa, tão bela, tão majestosa?

- Sim, mas como o jasmim se parece com o lírio.

- Vamos; que se passa agora em Nanci?

- A senhora da carruagem inclina-se para o postigo e faz sinal a Filipe para que se aproxime; ele obedece, tira o chapéu com sinal de respeito.

- Pode ouvir o que vão dizer?

- Escutarei - disse Andreia detendo Bálsamo com um gesto que queria dizer que não fizesse bulha alguma que lhe desviasse a atenção. - Ouço! ouço! - murmurou ela.

- Que diz a senhora?

- Com um sorriso nos lábios, dá-lhe ordem de apressar a marcha. Diz-lhe que a escolta deve estar pronta amanhã pelas seis horas da manhã, porque quer parar no caminho.

- Em que sítio quer ela parar?

- É o que meu irmão lhe está perguntando. Oh! Meu Deus! É em Taverney

que ela quer parar. Quer ver meu pai. Oh! uma princesa tão poderosa, parar aqui numa casa tão pobre... Como poderemos recebê-la dignamente?... oh! meu Deus! não temos prata, nem roupa...

- Sossegue, remediaremos esse mal.

- Ah! senhor, eu lho agradeço!

E Andreia, que se erguera um pouco, tornou a deixar-se cair sentada na poltrona, soltando um profundo suspiro.

Bálsamo aproximou-se dela, e, com passes magnéticos, deu outra direcção às correntes de electricidade, restituiu a tranqüilidade do sono a esse corpo formoso, a essa cabeça abatida.

Então pareceu a donzela sossegar.

- Ganha forças - lhe disse Bálsamo olhando para ela com êxtase; - logo precisarei ainda de toda a tua lucidez. Ó ciência! - continuou ele no tom da exaltação mais crente - tu és a única que não enganas! é a ti que o homem deve sacrificar tudo. Esta mulher é bem formosa, ó meu Deus! este anjo

é bem puro! e bem o deves saber. Tu que criaste os anjos e as mulheres! Mas, que vale para mim a beleza neste momento? que vale a inocência? Uma simples revelação que só a inocência e a beleza me podem fornecer! Morra a criatura, por mais bela, mais pura, mais perfeita que seja, contanto que a sua boca fale! Morram as delícias do mundo inteiro, amor, paixão, êxtase, contanto que eu possa caminhar sempre com passo seguro e alumiado! E agora, donzela, agora que pelo poder da minha vontade alguns instantes de sono te deram tantas forças como se houvesse dormido vinte anos, agora acorda, ou melhor, volta ao teu sono de lucidez. Preciso ainda que fales; mas agora vais falar para mim.

E Bálsamo, estendendo novamente as mãos para Andreia, obrigou-a a erguer-se por meio do seu poder imenso.

Assim que a viu pronta e obediente, tirou da carteira um papel dobrado, no qual estava uma madeixa de cabelos muito negros.

Os perfumes de que estava impregnada tinham tornado o papel diáfano.

Bálsamo pôs a madeixa nas mãos de Andreia.

- Olhe! - ordenou ele.

- Oh! ainda! - disse a donzela em tom suplicante. Oh! não, não, deixe-me, preciso sossego; sofro muito. Oh! meu Deus! eu ainda agora estava tão bem!

- Olhe! - redargüiu Bálsamo, tocando-a outra vez, sem dó, com a sua varinha de aço.

Andreia torceu as mãos, queria subtrair-se à tirania do experimentador. Saía-lhe espuma pela boca.

- Oh! eu vejo, eu vejo! - bradou ela com o desespero da vontade vencida.

- Que vê?

- Uma mulher.

- Ah! - murmurou Bálsamo com indizível alegria a ciência não é uma palavra vã como a virtude! Mesmer venceu Bruto. Vamos, diga-me como é essa mulher, para eu saber se a viu bem.

- Morena, alta, olhos azuis, cabelo negro, braços musculosos.

- Que faz ela?

- Corre, voa, parece levada por um cavalo magnífico, coberto de suor.

- Para que lado se dirige?

- Para ali, para ali - disse a donzela, apontando para o oeste.

- Vai na estrada?

- Sim.

- De Châlons?

- Sim.

- Está bom - disse Bálsamo; - leva o caminho que vou também seguir. Vai para Paris assim como eu, está bom; lá a tornarei a achar. Descanse agora - disse ele a Andreia tirando-lhe os cabelos que lhe havia dado.

Andreia deixou cair os braços.

- Agora - disse Bálsamo - volte para a sala; o cravo espera-a.

Andreia deu um passo para o lado da porta, mas as pernas, despedaçadas por uma

fadiga espantosa, vergaram-lhe debaixo do corpo e cambaleou.

- Tome forças e continue - disse Bálsamo envolvendo-a numa nova emissão de fluido.

Andreia imitou o ginete generoso que cobra valor para cumprir a vontade do seu senhor, ainda quando essa vontade é injusta.

Caminhou.

Bálsamo abriu novamente a porta, e Andreia, sempre adormecida, desceu lentamente a escada.

X

NICOLA LEGAY

Todo o tempo que durou o interrogatório de Bálsamo, passara-o Gilberto em angústias inexplicáveis.

Escondido no fundo da escada, porque já se não atrevia a subir até à porta para escutar o que se dizia na câmara vermelha, entregou-se por fim a um desespero que, num carácter como o de Gilberto, acabaria necessariamente com estrondo.

A consciência da sua fraqueza e da sua inferioridade aumentava esse desespero. Bálsamo nada mais era que um homem. Gilberto, espírito forte e filósofo, cria pouco em feiticeiros. Mas esse homem era forte, Gilberto era fraco; esse homem era valente, Gilberto ainda o não era. Vinte vezes se levantou Gilberto para subir a escada com intenção, sendo necessário, de afrontar o

barão. Vinte vezes lhe faltaram as pernas que debaixo dele vergaram e caiu sobre os joelhos.

Veio-lhe então outra idéia, era a de ir buscar uma escada de mão de que La Brie, que era ao mesmo tempo cozinheiro, criado de quarto e jardineiro, se servia para pregar os jasmineiros e a madressilva contra as paredes. Aplicando essa escada contra a galeria da outra escada interior e trepando-se a ela não perderia um único dos sons reveladores que ele tão ardentemente desejava saber.

Correu para o vestíbulo, dali para o pátio e foi buscar a escada de mão ao lugar em que sabia que devia estar. Mas quando se abaixava para apanhá-la, pareceu-lhe ouvir algum rumor do lado da casa e voltou-se.

Então os seus olhos dilatados nas trevas pareceram distinguir uma forma humana, atravessando o quadro negro da porta que ficara aberta, mas ia com tanta rapidez, que

parecia mais um espectro do que um ente vivo.

Deixou cair a escada e, com o coração a palpitar, dirigiu-se para o castelo.

Há certas imaginações que são supersticiosas por necessidade; são geralmente as mais ricas e exaltadas; admitem menos a razão que a fábula; acham muito vulgar o que é natural, porque são levadas pelo seu instinto para o impossível ou para a idealidade. É por isso que são apaixonadas de um bosque sombrio, porque as suas abóbadas escuras devem ser povoadas de fantasmas ou de génios. Os antigos, que foram tão bons poetas, eram também assim. Mas como o seu sol, foco de luz ardente de que apenas temos um reflexo, tinha banido as larvas e os fantasmas, haviam imaginado alegres Dríades e vaporosas Oréades.

Gilberto, filho de um país nebuloso onde as idéias são mais lúgubres, julgou ver passar uma visão. Desta vez, apesar da sua

incredulidade, apresentou-se-lhe ao espírito o que a mulher de Bálsamo lhe havia dito quando fugiu; não poderia o feiticeiro ter evocado algum fantasma, ele que tivera o poder de arrastar para o mal o próprio anjo da pureza?

Contudo, Gilberto tinha sempre um segundo movimento pior que o primeiro: era o da reflexão. Chamou em seu auxílio todos os argumentos dos *espíritos fortes* contra os espectros, e a palavra *duende* do dicionário filosófico deu-lhe certo ânimo trazendo-lhe ao mesmo tempo um temor mais fundado.

Se, pois, tinha visto alguém, devia ser uma pessoa bem viva, e principalmente muito interessada em espreitar.

O susto indicou-lhe o barão de Taverney; a consciência dizia outro nome.

Olhou para o segundo andar do torreão. Já o dissemos, a luz de Nicola estava apagada, e pela vidraça da janela não se via claridade alguma.

Nem um sopro, nem um rumor em toda a casa, exceptuando a câmara de Bálsamo. Olhou, escutou, e não vendo nem ouvindo mais nada, pegou na escada, bem convencido desta vez que tivera a vista perturbada como a deve ter um homem, quando o coração lhe palpita apressado, e que essa visão era antes uma intermitência da faculdade vidente, como tecnicamente se pode dizer, do que o resultado do exercício das suas faculdades.

Acabava apenas de colocar a escada, quando, ao pôr o pé no primeiro degrau, sentiu abrir-se a porta de Bálsamo e tornar a fechar-se, deixando passar Andreia, que desceu vagorosamente sem luz, como se a guiasse um poder sobrenatural.

Andreia passou junto de Gilberto, roçando-lhe o vestido pelos ombros, e prosseguiu no seu caminho.

O barão de Taverney adormecido, La Brie deitado, Nicola no seu quarto, e a porta de Bálsamo fechada, garantiam o mancebo contra qualquer surpresa.

Fez um esforço violento, e pé ante pé seguiu Andreia.

Andreia atravessou a antessala e entrou na sala.

Gilberto, com o coração despedaçado, seguia-a. Entretanto, apesar da porta ter ficado aberta, parou. Andreia foi sentar-se no banco do cravo, sobre o qual ainda ardia a luz acesa.

Gilberto rasgava o peito com as unhas. Era nesse mesmo lugar que meia hora antes beijara o vestido e a mão dessa mulher, sem que ela por semelhante coisa se irritasse; ali é que ele fora feliz, ali lhe nascera no peito a esperança! A indulgência da donzela provinha certamente de uma dessas corrupções profundas, como Gilberto as conhecia, pelos romances que havia lido, e que faziam parte da biblioteca do barão.

- Pois bem! - pensava ele indeciso em suas idéias - se assim é, eu, como os outros, beneficiarei dessa surpresa dos sentidos. E já que o anjo lança ao vento a sua túnica de

candura, venham a mim alguns farrapos da sua castidade!

Desta vez a resolução de Gilberto estava tomada, correu para a sala.

Mas quando ia entrar, sentiu a mão de alguém que o agarrava vigorosamente pelo braço.

Gilberto voltou-se aterrado, parecia-lhe que o coração lhe saltava fora do peito.

- Ah! desta vez não me escapas, descarado! - disse-lhe ao ouvido uma voz agastada; atrever-te-ás ainda a negar que tens entrevistas com ela? quererás ainda negar que a amas?...

Gilberto nem sequer teve forças para se desprender das mãos que o seguravam.

E todavia, não era grande a força que o detinha, eram simplesmente as mãos de uma rapariga. Era Nicola Legay.

- Vamos, que me queres ainda? - perguntou ele em voz baixa e com impaciência.

- Ah! queres que fale alto, pelo que parece? - disse Nicola levantando a voz.

- Não, não, pelo contrário, quero que te cales - respondeu Gilberto apertando os dentes e levando consigo Nicola para a antessala.

- Pois bem, então segue-me!

Era o mesmo que Gilberto queria, porque, seguindo Nicola, afastava-se de Andreia.

- Pois sim, eu sigo-te - disse ele.

Seguiu efectivamente Nicola, que o conduziu para o jardim e fechou a porta atrás de si.

- Mas - observou Gilberto - a menina vai recolher-se ao seu quarto, há-de provavelmente chamar-te para a ajudares a despir-se, e não a poderás ouvir...

- Estás muito enganado, se pensas que me lembro agora disso. Que me importa que chame ou deixe de chamar! Preciso falar-te.

- Poderias talvez guardar para amanhã o que me queres dizer hoje; Andreia é severa, bem o sabes.

- Pois sim, faz bem em ser severa, e então comigo!

- Nicola, prometo-te que amanhã...

- Prometes! são sedutoras as tuas promessas, pode a gente fiar-se nelas. Não me havias prometido que hoje, às seis horas, me esperarias do lado da Casa Vermelha? Onde estavas a essas horas? Do lado oposto, pois que vieste acompanhando o viajante. Faço tanto caso das tuas promessas, como das do confessor do convento da Anunciada, que tinha jurado guardar sigilo da confissão, e ia contar à abadessa todos os nossos pecados.

- Mas lembra-te, Nicola, que se alguém desconfia disto, hão-de mandar-te embora.

- E a ti, não te hão-de também pôr fora? a ti, o namorado da menina? olha lá não venha o senhor barão pedir-te licença para isso!

- A mim?! não tem motivo para me pôr fora.

- Realmente! então foi ele que te autorizou a namorares a filha? Não o julgava tão filósofo como isso.

Com uma só palavra podia Gilberto provar a Nicola que, se era culpado, não havia pelo menos cumplicidade da parte de Andreia. Bastava contar-lhe o que tinha visto, e ainda que o caso parecesse incrível, Nicola tê-lo-ia certamente acreditado, graças a essa boa opinião que as mulheres têm geralmente umas das outras. Uma idéia, porém, mais profunda, suspendeu o mancebo no momento da revelação. O segredo de Andreia era desses que enriquecem um homem, quando esse homem prefere os tesouros do amor, a outros tesouros mais materiais e mais positivos.

Os tesouros que Gilberto desejava, eram os do amor. Calculou que a raiva de Nicola era tanto menos perigosa quanto era desejável a posse de Andreia. Tomou, pois,

logo a sua resolução, e guardou silêncio a respeito da singular aventura de que fora testemunha.

- Vamos! já que assim o queres, expliquemo-nos categoricamente - disse ele.

- Oh! a explicação é curta - redargüiu Nicola, cujo carácter, absolutamente contrário ao de Gilberto, não a deixava senhora de nenhuma das suas sensações; - mas tens razão, não estamos aqui bem no jardim; vamos para o meu quarto.

- Para o teu quarto! - bradou Gilberto assustado; - é impossível.

- Por quê?

- Podem-nos surpreender.

- Ora adeus! - replicou Nicola com um sorriso de escárnio - quem nos havia de surpreender? Andreia? Com efeito, deve ter ciúme deste belo senhor. Mas, infelizmente para ela, não são para temer as pessoas cujo segredo se sabe. Ah! a menina tem ciúmes de Nicola! Nunca pensei que me faria tanta honra!

E um riso forçado, terrível como o sussurro da tempestade, veio assustar Gilberto, muito mais que o teria feito uma invectiva ou uma ameaça.

- Não é de Andreia que eu tenho medo, Nicola, tenho medo por tua causa.

- Ah! sim, é verdade, tens-me sempre dito que, aonde não há escândalo não há mal. Os filósofos são algumas vezes jesuítas; todavia, o confessor da Anunciada dizia isso assim como tu, e tinha-mo dito primeiro que tu mo dissesse: é por isso que as tuas entrevistas com Andreia são de noite. Vamos! vamos! basta de más razões... vem para o meu quarto, quero-o eu.

- Nicola! - disse Gilberto possuído de raiva e rangendo os dentes.

- Então? - prosseguiu ela - e depois?...

- Toma sentido!

E fez um gesto ameaçador.

- Oh! não tenho medo; já me batestes uma vez, porque tinhas ciúmes de mim. Amavas-me então. Foi oito dias depois do nosso belo

dia de mel, e eu deixei que me batesse. Hoje, porém, muda o caso de figura, já não consinto que me batas, porque já não me amas e sou eu que tenho ciúmes.

- E o que hás-de tu fazer? - disse Gilberto agarrando no punho da rapariga.

- Oh! hei-de gritar tanto que a menina há-de ouvir-me e há-de vir perguntar-te com que direito dás a Nicola o que só a ela pertence. Portanto, larga-me, é o conselho que te dou.

Gilberto largou a mão de Nicola.

Depois, pegando na escada e arrastando-a com precaução, foi encostá-la à janela do quarto de Nicola.

- Ora vê o que é o destino - disse esta; - a escada que devia provavelmente servir para subir ao quarto de Andreia, vai servir simplesmente de comunicação com o meu. Isso é lisonjeiro para mim.

Nicola conhecia que era a mais forte; por consequência apressava-se em triunfar com essa precipitação das mulheres que, a não

serem realmente superiores no bem ou no mal, pagam caro essa primeira vitória prematuramente proclamada.

Gilberto sentira a falsidade da sua posição; por isso, seguia todos os movimentos da rapariga e reunia todas as suas faculdades para a luta que esperava.

E como homem de precaução, quis certificar-se de duas coisas:

A primeira, passando por diante da janela da sala, ver se Andreia continuava a estar ali.

A segunda, depois de entrar no quarto de Nicola, experimentar se da janela, sem o risco de quebrar a cabeça, era fácil pôr os pés na primeira travessa da escada e dali descer para o jardim.

Quanto a simplicidade, o quarto de Nicola era igual ao resto da habitação.

Era um celeiro, cujas paredes haviam sido forradas com um papel cinzento de desenhos verdes.

Um leito ordinário e um vaso com um gerânio, colocado numa fresta, era toda a mobília do quarto, ajuntando a isto uma enorme caixa de papelão, que Andreia havia emprestado a Nicola, e que lhe servia de cómoda e de mesa.

Nicola sentou-se na borda da cama, e Gilberto na da caixa de papelão.

Subindo a escada, sossegara mais um pouco o ânimo de Nicola. Estava senhora de si, porque tinha a consciência do seu poder. Gilberto, pelo contrário, tremendo e assustado, não podia readquirir o seu sangue-frio, e sentia-se possuir de raiva, à medida que, pela força da sua vontade, esta parecia diminuir na rapariga.

Houve um instante de silêncio, durante o qual Nicola olhou para Gilberto com um modo irritado.

- Vamos - disse ela - amas Andreia e enganas-me.

- Quem te disse que eu amo Andreia? - respondeu Gilberto.

- É claro! visto teres entrevistas com ela.

- Quem te disse que foi com ela que eu tive uma entrevista?

- Então com quem? com o feiticeiro?

- Talvez! Bem sabes que sou ambicioso.

- Diz antes invejoso.

- É a mesma palavra; a diferença está em ser interpretada em bem ou em mal.

- Não mudemos a discussão de um objecto em discussão de palavras. Já me não amas, não é verdade?

- Amo-te do mesmo modo.

- Então por que te afastas de mim?

- Porque sempre que me encontras, temos questão.

- É por fugires de mim que temos questão quando nos encontramos.

- Bem sabes que gostei sempre da solidão.

- Sim, e sobe-se para casa da solidão por uma escada de mão... Perdão, eu não sabia isso.

Gilberto neste ponto estava vencido.

- Vamos, vamos, sé franco, e, se te for possível, Gilberto, confessa que já não me amas, ou que são duas que partilham do teu amor!

- Pois bem! e se assim fosse - disse Gilberto que dirias então?

- Diria que é uma monstruosidade.

- Não; diz antes que é um erro.

- Um erro do teu coração?

- Da nossa sociedade. Bem sabes que há alguns povos, onde cada homem tem sete ou oito mulheres.

- Não são cristãos - respondeu Nicola com impaciência.

- São filósofos - respondeu soberbamente Gilberto.

- Oh! meu filósofo! acharias bom que eu te imitasse, que tomasse um segundo amante?

- Eu não quereria ser injusto e tirano; não quereria comprimir os movimentos do teu coração. A santa liberdade consiste principalmente em respeitar o livre arbítrio.

Muda de amores, Nicola, eu decerto não te constrangerei a uma fidelidade que, segundo o entendo, não é da natureza.

- Ah! - bradou Nicola - bem se vê que me não amas!

A discussão era o forte de Gilberto, não que o seu espírito fosse exactamente lógico, mas era paradoxal. Depois, por pouco que ele soubesse, sempre sabia mais que Nicola. Nicola só lia o que a divertia; Gilberto tinha lido, não só o que o divertia, mas também o que lhe parecia útil.

Por isso, durante a discussão, começava Gilberto a adquirir novamente o sangue-frio que Nicola ia perdendo.

- Diz-me uma coisa, meu filósofo, tens boa memória? - perguntou Nicola com um sorriso irónico.

- Algumas vezes - respondeu Gilberto.

- Estás lembrado do que me disseste, quando há uns cinco meses vim do convento da Anunciada com a menina?

- Não; mas recorda-me o que foi.

- Disseste-me: “Sou pobre!” Foi no dia em que juntos debaixo de uma das abóbadas do velho castelo arruinado, líamos *Tanzai*.

- Sim, continua.

- Tremias muito nesse dia.

- É possível; sou tímido por natureza, e faço quanto posso para emendar este defeito, como já tenho emendado outros.

- Desse modo, quando tiveres emendado todos os teus defeitos, serás um homem perfeito - disse Nicola rindo.

- Hei-de ser forte, pelo menos, porque a ciência faz a força.

- Onde leste tu semelhante coisa?

- Que te importa? Continua a recordar-me o que te disse debaixo da abóbada.

Nicola conhecia que ia perdendo cada vez mais terreno.

- Dizias-me: “Sou pobre, Nicola, ninguém me ama, não sabem que tenho aqui alguma coisa”; e batias ao mesmo tempo sobre o coração.

- Enganas-te, Nicola; se eu batia em alguma parte não era decerto no coração, mas sim na cabeça. O coração não é mais que uma bomba destinada a impelir o sangue para as extremidades. Podes ler isto no *Dicionário Filosófico*, no artigo *Coração*.

E Gilberto tomou um certo ar de importância. Humilhado na presença de Bálsamo, ensoberbecia-se diante de Nicola.

- Tens razão, Gilberto, era efectivamente na cabeça que batias. E batendo na cabeça, dizias: “Aqui tratam-me como se fosse um cão de guarda, e ainda assim Magão é mais feliz do que eu”. Respondi-te então que faziam mal em te não terem amizade, e que, se tivesses sido meu irmão, eu te teria amado. Parece-me que te respondi isto com o coração e não com a cabeça. Naturalmente enganei-me, porque não li o *Dicionário Filosófico*.

- Fizeste mal, Nicola.

- Então abraçaste-me e disseste-me: “És órfã, Nicola, e eu também o sou; a nossa miséria e a nossa abjecção fazem de nós mais

que irmãos; amemo-nos, Nicola, como se realmente o fôssemos. E demais, se fôssemos irmãos, a sociedade não permitiria que nos amássemos como eu quero que me ames". Deste-me então um abraço.

- É possível.

- Pensavas no que dizias?

- Sem dúvida. Quase sempre se pensa no que se diz, no momento de o dizer.

- De modo que hoje...?

- Hoje é outro caso: tenho cinco meses mais que então; aprendi coisas que ignorava; adivinho outras que ainda não sei. Hoje penso diferentemente.

- Então és falso, mentiroso, hipócrita? – bradou Nicola encolerizando-se.

- Sou como um viajante a quem, no fundo de um vale, perguntam o que lhe parece a paisagem, e a quem dirigem a mesma pergunta depois de chegado ao cume da montanha que lhe encobria o horizonte. Vejo agora mais do que via então.

- De modo que não casarás comigo?

- Nunca te disse que serias minha esposa
- redargüiu Gilberto com desprezo.

- E todavia - exclamou a rapariga desesperada - parece-me que Nicola Legay é da mesma igualha de Sebastião Gilberto!

- Os homens são todos iguais - disse Gilberto; - mas a natureza ou a educação deu-lhes valores diversos e faculdades diferentes. Afastam-se ou aproximam-se uns dos outros, conforme esses valores ou faculdades se desenvolvem mais ou menos.

- E como tens faculdades e valores mais desenvolvidos que os meus, afastas-te de mim.

- Assim é, naturalmente; ainda não sabes raciocinar, Nicola, mas já percebes muito bem.

- Sim, sim! - bradou Nicola cada vez mais desesperada - sim, entendo.

- O que entendes?

- Entendo que és um homem sem brio.

- Pode ser. Muitos nascem com maus instintos, mas a *vontade* deve corrigi-los. O Sr.

Rousseau também nasceu com maus instintos, e contudo emendou-se. Eu farei como o Sr. Rousseau.

- Oh! meu Deus, meu Deus! - disse Nicola - como pude eu amar semelhante homem?

- Mas também não chegaste a amar-me, Nicola - atalhou friamente Gilberto; - agradei-te e nada mais. Havias chegado de Nanci, onde só tinhas visto seminaristas que te despertavam o riso, ou militares que te metiam medo. Éramos ambos moços, ambos inocentes, desejando ambos não o continuar a ser. A natureza falava em nós com a sua voz irresistível. Sentimos um fogo arder nas nossas veias quando temos um desejo qualquer; um desassossego, cujo remédio em vão se busca nos livros, que mais desassossegados nos tornam. Foi uma vez, quando juntos líamos um desses livros, que... estarás lembrada, Nicola, não direi que cedeste, porque eu nada te pedi, e porque nada me recusavas mas foi assim que

achámos a palavra de um segredo para nós desconhecido. Durante um mês ou dois essa palavra foi: *felicidade!* Durante um mês ou dois, em lugar de vegetar, sentimos em nós a vida. E será uma razão que, por termos sido felizes um pelo outro, durante dois meses, devamos agora ser eternamente desgraçados um pelo outro? Reflecte, Nicola, se se fizesse um semelhante contrato, dando e recebendo a felicidade, importaria isso a renúncia do livre arbítrio, o que seria um manifesto absurdo.

- Isso que estás aí a dizer-me é filosofia?
- perguntou Nicola.

- Creio que sim - redargüiu Gilberto.

- Então para os filósofos não há nada que seja sagrado?

- Há, é a razão.

- De modo que eu, que queria ser uma rapariga honrada...

- Perdão, perdão, não falemos nisso que já é tarde.

Nicola empalideceu e corou com incrível rapidez.

- Honrada para contigo - disse ela. - Depois de casada toda a mulher é honrada, me disseste tu para me consolar, se se conserva fiel ao esposo que o coração escolheu. Estás lembrado desta teoria sobre os casamentos?

- Eu falava das uniões, Nicola, visto que nunca hei-de casar.

- Nunca hás-de casar?

- Não. Quero ser um sábio e um filósofo. Ora, a ciência ordena o isolamento do espírito, e a filosofia o do corpo.

- Que estás a dizer, Gilberto?... Tu não és mais que um miserável, e parece-me que valho mais do que tu.

- Acabemos - disse Gilberto levantando-se - porque estamos perdendo o nosso tempo, tu a dizer-me injúrias e eu a ouvi-las. Amaste-me porque assim te aprouve, não é verdade?

- Certamente.

- Pois bem! por ter feito uma coisa que foi da tua vontade, não julgo que tenhas o direito de fazer-me infeliz.

- Insensato! - disse Nicola - julgas-me pervertida, e finges não me temer!

- Temer-te! a ti, Nicola? Ora adeus! Que poder tens tu sobre mim? O ciúme transtorna-te a cabeça.

- O ciúme! o ciúme - exclamou a rapariga com um riso febril. - Ah! estás muito enganado se julgas que tenho ciúme de ti. E de que poderia eu ter ciúme? Haverá aqui, em todos estes contornos, uma rapariga mais formosa do que eu? Se eu tivesse as mãos brancas como a menina, e hei-de tê-las assim no dia em que deixar de trabalhar, não seria igual à menina em formosura? Os meus cabelos, olha bem para eles! - e dizendo isto a rapariga desatou a fita que os segurava - os meus cabelos cobrem-me até aos pés, como uma capa. Sou alta, bem feita - e Nicola fechou a cintura entre as mãos; - os meus dentes parecem pérolas - e olhou para eles num pequeno espelho que estava pendurado à Cabeceira da cama. - Quando quero sorrir-me e olhar de certo modo para

alguém, vejo esse alguém corar e estremecer, tal é o poder fascinador dos meus olhos. És o meu primeiro amante, é verdade, mas não és o primeiro homem com quem tenho galanteado. Olha, Gilberto - continuou a rapariga, mais terrível com o seu riso sofreado do que o havia sido com as suas veementes ameaças - ris-te?... Crê no que te digo, não me obrigues a declarar-te guerra; não me faças sair do caminho estreito em que ainda me detém não sei que vaga recordação dos conselhos de minha mãe, não sei que monótona prescrição das minhas orações de criança. Se chego a desprezar o pudor, toma cuidado, Gilberto, porque terás que arrepender-te não só das desgraças que disso resultarão para ti, mas também das que resultarão para os mais!

- Ora graças a Deus! - disse Gilberto, - eis-nos chegados a uma certa altura, Nicola, e agora estou convencido de uma coisa.

- Qual é?

- É que se eu consentisse agora em desposar-te...

- Que mais?

- Sim., estou persuadido que te recusavas.

Nicola reflectiu um pouco; depois, com os punhos cerrados e rangendo os dentes, respondeu:

- Parece-me que tens razão, Gilberto; parece-me que também eu agora começo a subir essa montanha de que há pouco me falavas; creio que vejo agora alargar-se o meu horizonte; creio que estou destinada para vir a ser alguma coisa; na realidade não é brilhante a sorte de vir a ser mulher de um sábio ou de um filósofo. Agora, desce a escada, Gilberto, e toma cuidado de não partires a cabeça, ainda que me parece seria uma grande felicidade para os mais, e também para ti.

E a rapariga voltando as costas a Gilberto, começou a despir-se como se ele ali não estivesse.

Gilberto permaneceu um instante imóvel, indeciso, hesitante, o olhar fixo, porque assim excitada pela poesia da raiva e pelo fogo do ciúme, Nicola era, na realidade, uma criatura encantadora. Mas no coração de Gilberto havia uma tenção bem formada, era de romper todas as suas relações com a sedutora Nicola, que poderia muito bem prejudicar os seus amores e as suas ambições; e portanto resistiu.

No fim de alguns instantes, como Nicola não sentia já rumor algum no quarto, por detrás de si, voltou-se e olhou: Gilberto tinha saído.

- Foi-se! - murmurou ela - foi-se!

E dirigiu-se para a janela; apagara-se a luz e ficou tudo às escuras.

- E a menina! - pensou Nicola.

Desceu a escada, e nos bicos dos pés dirigiu-se para a porta do quarto da sua ama e escutou.

- Bom! - disse ela - deitou-se só e já
dorme. Até amanhã. Oh! eu saberei se ela o
ama!

XI

AMA E AIA

O estado em que Nicola voltara para o seu quarto não era tão tranqüilo como ela affectava. De toda essa finura de que pretendia dar prova, de toda essa firmeza de que julgava ser senhora, não possuía realmente a rapariga mais que uma porção de fanfarrice, suficiente para a tornar perigosa e fazê-la parecer corrompida. Nicola tinha uma imaginação naturalmente desregrada, um espírito corrompido por más leituras. A combinação desse espírito e dessa imaginação dava asas aos seus sentidos ardentes; mas não era uma alma seca; e se o seu amor-próprio, que tinha imenso poder sobre ela, conseguia por vezes suspender-lhe as lágrimas nos olhos, essas lágrimas, repelidas com violência, gotejavam-lhe sobre o coração, tão

corrosivas como se fossem de chumbo fundido.

Uma única demonstração fora nela significativa e real: era o sorriso cheio de desprezo com que acolhera os primeiros insultos de Gilberto, e esse sorriso traía todas as feridas do seu coração! Nicola era por certo uma rapariga sem virtudes, sem princípios; todavia dera uma estimação à sua desonra, e quando se entregou, como a entrega foi total, julgou fazer um presente. A indiferença e fatuidade de Gilberto aviltavam-na a seus próprios olhos. Acabava de receber um cruel castigo do seu erro, e tinha sentido profundamente a dor desse castigo; ergueu-se, porém, sob o golpe, e jurou a si mesma que restituiria a Gilberto, se não todo o mal, pelo menos uma parte do que dele recebera.

Nova, vigorosa, cheia de seiva rústica, dotada dessa faculdade de esquecer, tão preciosa para qualquer que só aspira a dominar os que o amam, pôde Nicola adormecer, depois de ter combinado o seu

planozinho de vingança com todos os demónios que lhe faziam a honra de povoar o seu pequeno coração de dezessete anos.

Nicola considerava Andreia de Taverney tanto ou mais culpada que Gilberto. Uma menina pobre, cheia de prejuízos de aristocracia, soberba e altiva, que, no convento de Nanci, falava com familiaridade às princesas, duquesas, tratava por *tu* as marquesas, e não falava com quem ficava abaixo destas classes; uma fria estátua em aparência, mas sensível debaixo da sua casca de mármore; essa estátua parecia-lhe ridícula e mesquinha, quando se tornava em mulher para um Pigmalião de aldeia como Gilberto.

Porque, força é confessá-lo, Nicola, com essa compreensão delicada que a natureza deu às mulheres, sentia-se inferior a Gilberto unicamente no espírito, mas superior em tudo mais. Sem esta supremacia do espírito, que o seu amante tinha adquirido sobre ela por cinco ou seis anos de leitura, ela descia da

sua categoria, ela, a aia de um barão arruinado, entregando-se a um aldeão.

Que fazia a sua ama, se realmente se havia também dado a Gilberto?

Nicola pensou que seria um grande erro contar ao barão de Taverney o que ela tinha ou se figurava ter visto. Primeiramente por causa do carácter do senhor de Taverney, que se havia de rir da história depois de esbofetear Gilberto e pô-lo fora; e depois por causa de Gilberto, que acharia a vingança mesquinha e desprezível.

Mas fazer padecer Gilberto em Andreia, tomar sobre ambos um certo ascendente, vê-los empalidecer ou corar sob o seu olhar de criada, tornar-se em senhora absoluta e fazer talvez lembrar a Gilberto com saudade o tempo em que a mão que ele beijava era áspera só por fora, foi o que lisonjeou a sua imaginação e lhe acariciou o orgulho, foi o que lhe pareceu realmente vantajoso, foi o que ela resolveu. Depois adormeceu.

Era dia claro quando acordou, alegre e contente. Levou uma hora no seu arranjo; e não era tempo de sobra, porque, só para desembaraçar os compridos cabelos, outra mão menos hábil teria pelo menos levado dobrado tempo; Nicola examinou seus olhos nesse triângulo de vidro estanhado, de que já falamos e que lhe servia de espelho; os olhos pareceram-lhe mais formosos que nunca. Continuou o exame, e dos olhos passou a ver a boca; os lábios não tinham empalidecido e arredondavam-se como uma cereja debaixo da sombra do seu nariz delgado e levemente arrebitado; o colo, que ela tinha o maior cuidado em esconder aos afagos do Sol, era de uma alvura de lírio, e nada se podia apresentar mais rico que o seu peito, nem mais sedutoramente bem feito que o seu corpo.

Vendo-se tão formosa, pensou Nicola que lhe seria fácil inspirar ciúme a Andreia. Já se vê que não estava de todo corrompida, porque não pensou em que houvesse nisso

capricho e fantasia, e só se lembrou de que podia muito bem ser que Andreia de Taverney amasse Gilberto.

Assim armada física e moralmente, Nicola abriu a porta do quarto de Andreia, como estava autorizada por sua ama a fazê-lo, quando esta não estivesse levantada às sete horas.

Apenas entrara no quarto, Nicola parou.

Andreia, pálida, com a fronte coberta de suor em que se mergulhavam os seus lindos cabelos, estava estendida sobre a cama, respirando a custo e torcendo-se por vezes no seu pesado sono com uma visível expressão de dor.

Os lençóis, que estavam enrolados e amarrotados debaixo dela, não tinham coberto o seu corpo meio vestido e numa tal desordem, que bem revelava as suas agitações; apoiava o rosto sobre um dos braços e apertava a outra mão contra o seu formoso peito.

De vez em quando a respiração, suspensa por intervalos, saía como um arranco de dor, e soltava um gemido profundo e entrecortado.

Nicola contemplou-a alguns momentos em silêncio e abanou a cabeça, porque fazia a justiça de conhecer que não havia beleza que pudesse comparar-se com a de Andreia.

Depois dirigiu-se para a janela e abriu as portas de dentro.

A câmara inundou-se de luz, a qual fez tremer as pálpebras violáceas da donzela.

Acordou e, querendo levantar-se, sentiu uma prostração tão grande e uma dor tão aguda, que se deixou cair sobre o travesseiro, soltando um grito.

- Oh! meu Deus! - disse Nicola - o que tem, minha senhora?

- Já é muito tarde? - perguntou Andreia esfregando os olhos.

- Muito tarde, minha senhora; estive na cama uma hora mais que de costume.

- Não sei o que tenho, Nicola - disse Andreia olhando em torno de si para assegurar-se bem do lugar aonde estava. - Parece que estou com uma grande constipação, tenho o peito despedaçado.

Nicola fitou bem os olhos nela antes de responder.

- Talvez seja princípio de algum defluxo que a senhora apanhasse esta noite.

- Esta noite?! - respondeu Andreia admirada. - Oh! - acrescentou ela, examinando a desordem do seu vestuário - parece que me não despi? Como aconteceria isto?

- Eu não sei! - disse Nicola; - veja se se lembra.

- Não me lembra coisa alguma - respondeu Andreia segurando a cabeça com as mãos ambas; - o que me aconteceu? estarei doida?

E com um olhar espantado, examinou pela segunda vez o lugar em que estava;

sentou-se na cama e fazendo um esforço, bradou:

- Ah! sim, agora me lembra: eu ontem estava tão cansada, tão abatida... foi certamente resultado da tempestade; depois...

Parou; pensava naquele estranho que olhara para ela de um modo tão singular.

Nicola apontou-lhe para a cama amarrotada, mas coberta, de modo que se via claramente que Andreia não se metera debaixo dos lençóis.

- Depois?... - disse Nicola com um fingido interesse; - ia dizer mais alguma coisa...

- Depois - continuou Andreia - adormeci sobre o banco do meu cravo. - Daí por diante não me lembra mais nada. Naturalmente vim para o meu quarto, meio adormecida, e ter-me-ei deitado sobre a cama, sem ter força para me despir.

- Devia ter-me chamado, minha senhora; não sou eu a sua aia? - disse Nicola com doçura.

- Ou não me lembrou, ou não teria forças para isso - disse Andreia com sinceridade.

- Hipócrita! - murmurou Nicola.

Depois acrescentou:

- Mas então ficou até muito tarde a tocar, porque antes que se recolhesse, como ouvi bulha, desci para examinar o que seria.

Dizendo estas palavras Nicola parou, esperando surpreender algum movimento de Andreia, um sinal qualquer, alguma mudança de cor; mas esta ficou sossegada, e pelo cristal puro do seu rosto, podia ver-se até à sua alma.

- Desci - repetiu Nicola.

- E então? - perguntou Andreia.

- Não a vi na sala.

Andreia ergueu a cabeça; mas nos seus belos olhos só se lia um sinal de admiração, e disse:

- É singular!

- Pois é exacto.

- Dizes que não estava na sala, mas eu não me tirei de lá.

- Queira perdoar-me, minha senhora, não estava lá - replicou Nicola.

- Então aonde estava?

- Deve sabê-lo melhor do que eu - disse Nicola encolhendo os ombros.

- Parece-me que estás enganada - disse Andreia com a maior doçura. - Não me levantei do banco. - Só me lembro ter sentido frio, algumas dores e uma grande dificuldade em andar.

- Oh! - disse Nicola com ironia - quando a vi andava muito bem.

- Viste-me?

- Sim, minha senhora.

- Contudo, dizias ainda agora que eu não estava na sala.

- Não foi na sala que eu a vi.

- Então onde foi?

- No vestíbulo, junto da escada.

- A mim? - disse Andreia.

- À senhora, sim; parece-me que a conheço bem para o poder afirmar - exclamou Nicola com um certo riso que queria afectar boa fé.

- Todavia, tenho a certeza de não me haver ausentado da sala, - replicou Andreia fazendo esforços para se lembrar.

- E eu - prosseguiu Nicola - tenho a certeza de a ter visto no vestíbulo. Até mesmo pensei que vinha de dar alguma volta no jardim. A noite de ontem, depois da tempestade, estava muito boa. É agradável passear de noite; o ar está mais fresco, as flores têm aromas mais puros; não é verdade, minha senhora?

- Tu bem sabes que eu não me atreveria a passear de noite - disse Andreia sorrindo; - sou muito medrosa!

- Mas pode-se passear com alguma companhia - replicou Nicola - e então foge o medo.

- E com quem havia eu de passear? - redargüiu Andreia, que estava longe de ver

um interrogatório em todas as perguntas de Nicola.

Nicola não julgou prudente levar mais longe a investigação. Esse sangue-frio, que lhe parecia o cúmulo do fingimento, inspirava-lhe medo, e portanto julgou mais prudente dar outra forma à conversa.

- Disse-me há pouco que estava incomodada? - perguntou Nicola.

- Sim, padeço muito - respondeu Andreia; - estou abatida, cansada, e isto sem razão alguma. Não me lembra ter feito ontem à noite, senão o que costumo fazer todos os dias. Deus permita que eu agora não adoeça!

- Talvez não seja coisa de importância - disse Nicola; - às vezes temos cuidados...

- E então?

- Quero dizer que os cuidados e os desgostos produzem efeitos semelhantes à fadiga. Infelizmente, sei isso por experiência.

- Ora esta! Pois tu tens desgostos, tu, Nicola?

Estas palavras foram ditas com um tom que animou Nicola a explicar-se mais claramente.

- Sim, minha senhora - redargüiu ela - tenho desgostos; - e dizendo isto abaixava os olhos.

Andreia desceu da cama, e despindo-se para tornar a vestir-se, disse a Nicola:

- Conta-me isso.

- E efectivamente eu tinha vindo aqui para lhe dizer - Nicola hesitou.

- Para me dizer o quê? Santo Deus, que olhar tão espantado que tens, Nicola!

- Tenho o olhar espantado, como a senhora o tem fatigado; é porque certamente padecemos ambas.

As palavras *padecemos ambas*, não agradaram a Andreia, que franziu as sobrancelhas e exclamou:

- Ah!

Mas Nicola fez pouco caso da exclamação, apesar de que o tom em que fora proferida a poderia ter feito pensar.

- Já que assim o quer, vou explicar-me - disse ela.

- Então explica-te - respondeu Andreia.

- Tenho vontade de me casar - continuou Nicola.

- Ora! - disse Andreia - pensas em tal e não tens ainda dezessete anos?

- E a senhora tem apenas dezesseis.

- E então?

- Então, quero dizer que apesar da senhora ter apenas dezesseis anos, pensa naturalmente algumas vezes em casar.

- Por que julgas isso? - perguntou Andreia com profunda seriedade.

Nicola abriu a boca para dizer uma insolência, mas conhecia Andreia muito bem, e sabia que seria esse o meio de pôr termo à explicação, que para a sua vontade, não estava bastante adiantada, e portanto respondeu:

- Na realidade, eu não posso saber o que a senhora pensa; sou apenas uma mulher do

campo e penso como me ensina a pensar a natureza.

- Que palavras tão singulares!

- Como! pois não é natural amar alguém e fazer-se amar?

- É possível; e depois?

- Pois bem! amo alguém.

- E esse alguém ama-te?

- Assim o julgo.

Nicola pensou que era melhor não deixar isto em dúvida, e que em semelhante caso, uma afirmativa era cem vezes preferível; por isso acrescentou:

- Quero dizer que estou certa que me amam.

- Muito bem, pelo que vejo não perdes o teu tempo em Taverney.

- Sempre é bom pensar no futuro. A senhora há-de ter decerto alguma herança de qualquer parente rico; mas eu que nem sequer tenho parentes, hei-de achar-me com o que tiver adquirido.

Como tudo isto parecia bem simples a Andreia, foi esquecendo a pouco e pouco o tom com o qual tinham sido pronunciadas as palavras, que ela havia achado pouco próprias, e tornando a ser dominada pela sua bondade natural, disse para Nicola:

- Em conclusão: com quem queres tu casar?

- Oh! é com alguém que a senhora conhece perfeitamente - redargüiu Nicola fixando os seus belos olhos nos de Andreia.

- Alguém que eu conheço?

- Perfeitamente.

- Quem é? Muito te custa a falar!

- Receio que a minha escolha lhe desagrade.

- A mim?

- Sim!

- Então não o julgas digno de ti?

- Não digo isso.

- Então fala sem receio; os amos têm obrigação de se interessar pela fortuna

daqueles dos seus criados que os servem bem, e tu sabes que estou contente contigo.

- Tem tanta bondade!

- Fala depressa e acaba, pois já comes a enfastiar-me.

Nicola reuniu todas as suas forças e toda a sua penetração.

- Eu digo... é... é Gilberto.

Com grande admiração de Nicola, Andreia nem sequer pestanejou.

- Gilberto, o filho da minha ama de leite?

- Ele mesmo, minha senhora.

- Como! pois queres casar com esse rapaz?

- Sim, minha senhora.

- E ele ama-te?

Nicola julgou que era chegado o momento decisivo.

- Vinte vezes mo tem jurado.

- Pois bem, casa com ele - disse Andreia sossegadamente; - não vejo nisso obstáculo algum. Tu já não tens pai nem mãe, ele é órfão, são ambos senhores dos seus destinos.

- Certamente - balbuciou Nicola bastante admirada de ver passarem-se as coisas de um modo tão-pouco em harmonia com as suas previsões. - Como! pois dá licença?...

- Licença ilimitada; tenho unicamente a observar que são ambos muito novos.

- Teremos assim mais tempo para vivermos juntos.

- Não têm meios, nem um nem outro.

- Trabalharemos.

- Em que poderá trabalhar ele, que de nada serve?

Nicola não pôde mais conter-se; tanta dissimulação parecia-lhe extraordinária.

- Permitir-me-á que lhe diga, minha senhora, que trata esse pobre Gilberto com demasiado rigor.

- Pudera! - redargüiu Andreia - trato-o como ele merece, é um preguiçoso.

- Oh! minha senhora, ele lê muito, e o que deseja é instruir-se.

- Anda sempre de mau modo - continuou Andreia.

- Menos com a senhora - redargüiu Nicola.

- Como?

- A senhora sabe-o melhor do que ninguém, pois que o encarrega de ir buscar caça para servir na sua mesa.

- Eu?

- O que o obriga a andar algumas vezes mais de dez léguas, antes que ache alguma lebre.

- Juro-te sobre a minha consciência que nunca dei a menor atenção a isso.

- À caça?... - disse Nicola com ironia.

Se Andreia estivesse na sua costumada disposição de espírito, talvez tivesse rido deste dito de Nicola, sem perceber todo o fel contido nos seus sarcasmos. Mas os seus nervos estremeciam como as cordas de um instrumento em que se tocou demasiado, e estes estremecimentos nervosos precediam cada acto da sua vontade, cada movimento do seu corpo. O menor movimento de espírito, era uma dificuldade para vencer.

- Que quer dizer esse *espírito*? -
perguntou Andreia animando-se
repentinamente, e cobrando com a
impaciência toda a perspicácia que o seu
abatimento lhe roubara desde o princípio da
cena.

- Não tenho espírito, minha senhora -
respondeu Nicola. - O espírito é bom para as
senhoras instruídas. Sou apenas uma pobre
rapariga, e digo só o que vejo.

- E o que vês tu, vamos?

- Vejo que calunia Gilberto, que é um
moço cheio de atenção para com a senhora.
Nada mais.

- Não faz mais que o seu dever na
qualidade de criado; e depois?

- Gilberto não é um criado, minha
senhora; bem sabe que lhe não pagam
ordenado.

- É filho de antigos criados; damos-lhe
de comer, de vestir e casa para morar; não
trabalha em troca disto, portanto comete um
roubo. Mas o que queres afinal dizer, e por

que defendes com tanto calor esse rapaz que eu não ataco?

- Oh! pelo contrário - disse Nicola com um sorriso cheio de espinhos - eu bem sei que o não ataca!

- Temos mais palavras que eu não percebo.

- Naturalmente porque não as quer perceber.

- Basta! - exclamou Andreia com severidade - explica-me imediatamente o que queres dizer.

- Certamente sabe ainda melhor do que eu o que pretendo dizer.

- Não, nada sei, e principalmente não sei adivinhar os enigmas que me estás aí propondo. Pedes o meu consentimento para casar, não é isso?

- Sim, minha senhora, e rogo-lhe ao mesmo tempo de me não querer mal se Gilberto me ama.

- Que me importa a mim que Gilberto te ame ou não? Realmente, digo-te que comesças a cansar-me.

Nicola pôs-se nos bicos dos seus pezinhos como um frango que se emproa. A raiva, por tanto tempo contida, acabou por manifestar-se.

- Também - disse ela - talvez já dissesse o mesmo a Gilberto?

- Porventura falo eu com o teu Gilberto? Deixa-me em paz, tu estás doida.

- Se a senhora lhe não fala, então é talvez ele que fala à senhora.

Andreia deu um passo para Nicola, fitando nela um olhar admirável de soberba e desprezo.

- Há mais de uma hora que andas a procurar jeito para me dizer alguma insolência. Acaba com isso, sou eu que o ordeno.

- Mas... - disse Nicola, um pouco perturbada.

- Dizes que falei com Gilberto?

- Sim, minha senhora, digo-o.

Uma idéia, que muito tempo considerou como impossível, ocorreu novamente a Andreia.

- Deus me perdoe! - bradou ela soltando uma gargalhada - pois não se atreve esta desgraçada a fazer-me uma cena de ciúmes! Sossega, minha boa Legay, eu não olho para o teu Gilberto, nem mesmo te saberia dizer de que cor tem ele os olhos.

E Andreia sentia-se pronta a perdoar o que, segundo ela o entendia, já não era uma insolência, mas sim uma loucura.

Mas não era isso o que Nicola queria; ela considerava-se a ofendida e não queria perdão.

- Creio-o bem - prosseguiu a aia - não lhe sabe a cor dos olhos, porque não é de noite que se pode ver.

- Como? - disse Andreia, que já começava a entender, mas que ainda não podia crer.

- Digo que se não conversar com Gilberto senão de noite, como ontem o fez, não é essa a melhor ocasião para lhe examinar bem o rosto.

- Se te não explicas imediatamente, toma sentido! - exclamou Andreia tornando-se pálida como um cadáver.

- Oh! a explicação é bem fácil - replicou Nicola, abandonando todo o seu plano de prudência. - Esta noite vi eu...

- Cala-te, estão-me chamando lá de baixo - disse Andreia.

Efectivamente, ouvia-se uma voz no jardim que bradava:

- Andreia! Andreia!

- É o senhor seu pai com o hóspede que dormiu cá esta noite - disse Nicola.

- Desce já, e diz-lhes que não posso responder... que estou incomodada, que me constipei, volta logo para acabar, como quero, esta singular conversa.

- Andreia! - bradou novamente o barão - é o Sr. Bálsamo que quer simplesmente cumprimentar-te.

- Vai - repetiu Andreia a Nicola, apontando a porta com um gesto soberano.

Nicola obedeceu, como se obedecia a Andreia quando ela ordenava, isto é, sem replicar nem hesitar.

Mas apenas Nicola saíra, sentiu Andreia alguma coisa de estranho; apesar de resolvida como estava a não aparecer, sentiu-se arrastada por um poder superior e irresistível para a janela, que Legay deixara aberta.

Então viu Bálsamo, que a cumprimentava respeitosamente, fitando os olhos nela.

Cambaleou e segurou-se às portas da janela para não perder o equilíbrio.

- Bom dia, senhor, - disse ela correspondendo ao cumprimento de Bálsamo.

Pronunciou estas palavras no mesmo momento em que Nicola, que ia prevenir o

barão que a sua filha não responderia, parava estupefacta e de boca aberta, sem entender uma tão caprichosa contradição.

Quase no mesmo instante, Andreia de Taverney, abandonada de todas as suas forças, deixava-se cair sobre uma poltrona.

Bálsamo continuava a olhar para ela.

XII

DE DIA

O viajante levantara-se de madrugada para ir ver a carruagem e saber da saúde de Althotas.

Todos dormiam ainda no castelo, excepto Gilberto que, escondido por detrás das grades da janela do seu quarto, tinha seguido atentamente com a vista todos os passos de Bálsamo.

Mas o viajante, fechando o postigo da carruagem, retirou-se, e estava já bem longe antes que Gilberto tivesse tido tempo de chegar à avenida.

Efectivamente, Bálsamo havia ficado surpreendido da mudança que a luz do dia trazia a esse quadro, que na véspera lhe parecera tão sombrio. O castelo, branco e vermelho, porque era feito de pedra e tijolo, estava cercado por um bosque de sicómoros e

de carvalhos, cujos ramos e folhagem enlaçavam pitorescamente a habitação, cingindo depois os dois torreões, como duas coroas de ouro.

Mais adiante, no jardim, um lago de trinta passos quadrados, cercado de arbustos cheios de flores, formava um delicioso descanso para a vista, que desse lado era limitada por um belo bosque de castanheiros.

De cada lado dos torreões partia uma pequena avenida de bordos, plátanos e tílias, que conduzia a outros bosques de árvores frondosas, onde uma multidão de avezinhas executavam um concerto matutino. Bálsamo entrou na da esquerda, e no fim de uns vinte passos achou-se no centro de outro denso bosque de rosas e cilindras, que, regadas com a chuva da véspera, exalavam deliciosos perfumes. A madressilva e os jasmins penetravam por entre os alfeneiros, e uma rua comprida, formada por duas alas de lírios entremeados de morangueiros, conduzia para

uma floresta cheia de plantas bravas em flor e de espinheiro alvar.

Bálsamo chegou assim até à parte culminante do terreno. Viu as majestosas ruínas de um castelo todo construído de sílex, e do qual apenas existia uma torre no centro de um enorme amontoado de pedras, sobre o qual as heras e a vinha brava cresciam e medravam, como filhos selvagens da destruição, que a natureza colocou sobre as ruínas para mostrar ao homem que as próprias ruínas são fecundas.

Assim considerado, o domínio de Taverney apresentava um certo aspecto de dignidade. A casa parecia uma dessas cavernas, cuja entrada e contornos a natureza se compraz em embelezar com as suas flores, as suas plantas e os seus fantásticos grupos de rochedos, mas cuja nudez exterior aterra e repele o viajante perdido, que pede a esses rochedos um asilo para a noite.

Quando Bálsamo voltava do seu passeio, depois de ter andado perto de uma

hora, viu o barão que, todo metido num grande roupão de chita de ramagens, saía de casa por uma porta lateral, que dava para a escada, e passeava pelo jardim tratando das suas flores.

Bálsamo apressou-se a dirigir-se ao seu encontro.

- Senhor - disse ele com a maior civilidade - permita que junto com os meus cumprimentos lhe peça desculpa do meu procedimento; eu devia ter esperado, que se levantasse, antes de tomar a liberdade de vir passear no seu jardim; mas a vista de Taverney seduziu-me, quando me aproximei da janela, e quis ver de perto estes belos jardins e as majestosas ruínas de Casa Vermelha.

- É verdade - disse o barão, cumprimentando também o seu hóspede - as ruínas são belas, ou para melhor dizer, é tudo quanto aqui há digno de se ver.

- Era decerto um belo castelo.

- Sim, era magnífico, era o castelo dos meus antepassados, a famosa propriedade de Casa Vermelha, nome que muito tempo usámos junto com o de Taverney. O baronato mesmo é de Casa Vermelha. Mas, meu caro hóspede, não falemos mais do que já não existe.

Bálsamo inclinou-se em sinal de adesão.

- Eu, por minha parte - continuou o barão - queria também pedir-lhe desculpa. A minha casa é pobre, eu bem o tinha prevenido.

- Eu estive perfeitamente.

- É apenas uma toca - redargüiu o barão - um ninho que os ratos começaram a procurar muito, depois que foram afugentados do outro castelo pelas raposas e serpentes. Ah! o senhor - continuou o barão - que é feiticeiro ou coisa que o valha, deveria com uma vara de condão reedificar o meu antigo castelo de Casa Vermelha e ter todo o cuidado em não esquecer as duas mil jeiras de terras e pinhais que lhe formavam um

cinto. Mas aposto que, em vez de pensar nisso, teve a delicadeza de dormir numa horrível e detestável cama?

- Oh! senhor barão.

- Não o negue, meu caro hóspede, a cama é péssima, eu conheço-a, é a do meu filho.

- Juro-lhe, senhor barão, que tal como é, a cama pareceu-me excelente. Em todo o caso, estou muito penhorado pelo bom tratamento que recebi, e quisera agradecer-lhe prestando-lhe algum serviço.

O barão, que continuava a zombar, não hesitou em responder:

- Pois bem! - disse ele apontando para La Brie, que trazia um copo de água pura sobre um magnífico prato de Saxe - oferece-se uma boa ocasião para isso: faça para mim o que Nosso Senhor fez para as bodas de Caná, mude esta água em vinho, mas em vinho de Borgonha pelo menos, em Chambertin, e nisso me prestará um grande serviço.

Bálsamo sorriu-se; o velho tomou o sorriso por uma recusa, e pegando no copo bebeu de um trago toda a água que continha.

- Excelente específico - disse Bálsamo. - A água é o mais nobre dos elementos; é sobre a água que foi levado o espírito de Deus, antes da criação do Mundo. Nada resiste à sua acção; gasta a pedra, e talvez que um dia se conheça que também dissolve os diamantes.

- Pois bem, a água me dissolverá - disse o barão; - quer beber comigo, meu hóspede? Tem a vantagem sobre o meu vinho de ser perfeitamente pura e de óptima qualidade. Oh! ainda tenho alguma, e não é como o meu marasquino.

- Se junto com o copo que lhe trouxeram, viesse outro para mim, talvez me tivesse isso dado ocasião de lhe ser útil.

- Deveras? Explique-me isso, se ainda for tempo.

- Sim, senhor barão, ainda estamos a tempo. Mande-me dar um copo de água bem pura.

- Ouviste, La Brie? - disse o barão.

La Brie foi cumprir a ordem com a sua costumada actividade.

- Como! - bradou o barão voltando-se para o seu hóspede; - como! pois o copo de água que bebo todas as manhãs contém propriedades ou segredos que me são desconhecidos? Como! será possível que haja dez anos que eu faça alquimia todas as manhãs, como o Sr. Jourdain fazia prosa, sem o saber?

- Ignoro o que o senhor tem feito - respondeu Bálsamo com seriedade - mas sei o que faço.

Depois, voltando-se para La Brie, que tinha cumprido a ordem com uma espantosa rapidez, disse-lhe:

- Obrigado, bom homem.

E, pegando no copo e elevando-o à altura dos olhos, examinou com atenção a

água, sobre a qual o sol formava mil irisações e pérolas de cores as mais brilhantes.

- É belo o que há para ver num copo de água? - perguntou o barão. - Diacho! e eu que o não sabia.

- Sim - respondeu Bálsamo - algumas vezes vêem-se coisas lindas, como hoje, por exemplo.

E Bálsamo pareceu prestar maior atenção ao seu exame, enquanto o barão, sem o querer, o seguia com a vista, e La Brie, de boca aberta, segurava o prato em que trouxera o copo.

- O que vê, meu caro hóspede? - disse o barão continuando na sua zombaria. - Realmente, ardo de impaciência. Vê alguma herança para mim, algum novo Casa Vermelha para restabelecer os meus negócios?

- Vejo o convite que vou transmitir-lhe, de estar alerta.

- Como! pois querem atacar-me?

- Não; mas tem hoje mesmo que receber uma visita.

- Então ajustou com alguém vir aqui hoje encontrar-se consigo? Mas isso não é bem feito da sua parte, senhor; talvez hoje não hajam perdizes, tome cuidado.

- O que tenho a honra de dizer-lhe, senhor barão, é muito sério e da mais alta importância - atalhou Bálamo; - neste momento encaminha-se alguém para Taverney.

- Por que acaso, meu Deus! e que qualidade de visita vem a ser? Explique-me bem isso, meu caro hóspede, suplico-lho, porque sempre lhe quero confessar o que o senhor deve ter já percebido pelo acolhimento um pouco áspero que lhe fiz, que toda a visita que me chega considero-a importuna. Explique-se bem, meu caro, explique-se, se for possível.

- Não só me é possível, mas acrescentarei, para que me não fique em obrigação, que é mesmo muito fácil.

E Bálsamo volveu os olhos para o copo de água.

- Então, vê? - perguntou o barão.

- Perfeitamente.

- Então fale, madre-bruxa.

- Vejo uma pessoa de alta jerarquia que se aproxima.

- Sim! e essa pessoa vem assim sem ser convidada?

- Convidou-se a si mesmo. O seu filho acompanha-a.

- Filipe?

- Ele mesmo.

O barão soltou uma gargalhada muito pouco lisonjeira para o feiticeiro.

- Ah! Ah! - disse ele - acompanhada por meu filho?... Então diz que essa pessoa vem acompanhada por meu filho?

- Sim, barão.

- Conhece então meu filho?

- Não.

- E meu filho está neste momento?...

- Distante daqui meia légua, ou talvez um quarto de légua!

- Daqui?

- Sim, senhor.

- Meu caro senhor, o meu filho está de guarnição em Estrasburgo, e a não querer expor-se a ter nota de desertor, o que lhe juro que ele não fará, não me pode trazer ninguém.

- E todavia, traz-lhe alguém - disse Bálsamo continuando a interrogar o seu copo de água.

- E esse alguém - perguntou o barão - é homem ou mulher?

- É uma senhora, e de bem alta jerarquia. Ah!... tem uma circunstância bem singular, bem estranha!

- E importante? - acrescentou o barão.

- Talvez.

- Nesse caso, queira dizê-la.

- É que andaria bem avisado se afastasse daqui essa rapariga que é aia de sua filha.

- E para que a hei-de eu afastar?

- Porque Nicola Legay tem no rosto algumas das feições da senhora que para aqui se encaminha.

- E diz que é uma senhora de alta jerarquia? Há-de ser interessante essa senhora que se parece com a criada Nicola! Bem vê que está em contradição.

- E por que não? Comprei noutro tempo uma escrava que se parecia tanto com a rainha Cleópatra, que a queria levar a Roma para a fazer representar no triunfo de Octávio.

- Bom! - disse o barão - aí está outra vez com a mania.

- E demais, senhor barão, dê a este aviso a importância que quiser, bem vê que o negócio não é comigo, mas sim todo nos seus interesses.

- Mas em que pode Nicola prejudicar essa senhora por se parecer com ela?

- Suponhamos que o senhor é rei de França, o que lhe não desejo, ou o delfim, o que ainda menos lhe desejo. Gostaria de ver,

quando entrasse numa casa, que entre os criados dela se achasse uma *contrafacção* do seu augusto rosto?

- Ah! com os diachos! - disse o barão - esse dilema é dos mais complicados; resulta portanto, do que acaba de dizer...

- Que a muito alta e poderosa senhora que está para chegar, não gostaria talvez muito de ver o seu retrato vivo, vestido de saia e roupinhas.

- Pois bem - disse o barão rindo sempre - quando o momento for propício eu remediarei isso. Mas quer saber, meu caro barão, o que nisso tudo me alegra mais, é a chegada do meu filho, do meu querido Filipe, que um feliz acaso nos vai trazer, sem dizer: tira-te nem guarda-te!

E o barão começou a rir às gargalhadas.

- Então - disse Bálsamo - com toda a gravidade - a minha predição causa-lhe prazer? Ainda bem! mas no seu lugar, barão, eu...

- O que faria no meu lugar?

- Daria algumas ordens, faria algumas disposições...

- Realmente?

- Sim.

- Eu pensarei nisso, meu caro hóspede, eu pensarei nisso.

- Não tem tempo para pensar.

- Pelo que vejo, fala sério?

- O mais sério possível, barão, e se quer receber com dignidade a pessoa que lhe faz a honra de visitá-lo, não tem nem um minuto a perder.

O barão abanou a cabeça.

- Duvida do que lhe digo? - perguntou Bálsamo.

- Devo confessar, meu caro hóspede, que está falando com o maior dos incrédulos...

Neste momento dirigiu-se o barão para o lado da janela do quarto de sua filha, para lhe participar a predição do seu hóspede, e chamou:

- Andreia! Andreia!

Já vimos de que modo ela respondeu ao chamamento de seu pai, e por que forma a atraiu, contra sua vontade, para a janela, o olhar fascinador de Bálsamo.

Nicola estava presente e olhava com admiração para La Brie, que lhe fazia sinais.

- Custa-me muito a dar-lhe crédito, e só quando eu vir...

- Então, já que é absolutamente necessário que veja, volte-se e verá - disse Bálsamo apontando para a avenida, no fim da qual vinha um cavaleiro, cujo cavalo galopava a toda a brida.

- Oh! oh! - bradou o barão - com efeito parece-me...

- O Sr. Filipe! - bradou Nicola erguendo-se nos bicos dos pés.

- O nosso jovem amo! - disse La Brie resmungando com alegria.

- Meu irmão! meu irmão! - exclamou Andreia saudando-o da janela com o lenço.

- Será por acaso o senhor seu filho, caro barão? - perguntou Bálsamo com indiferença.

- Sim! é ele, é ele mesmo - respondeu o barão admirado.

- É o princípio - disse Bálamo.

- Decididamente o senhor é feiticeiro? - perguntou o barão.

Um sorriso de triunfo assomou aos lábios do estranho.

O cavalo aproximava-se; vinha coberto de suor, cercado por um vapor úmido, passou as últimas árvores e continuou a correr. Dentro em pouco apeava-se o cavaleiro. Era um oficial, de estatura mediana, coberto de lama, de poeira e com o rosto animado pela rapidez da corrida.

Veio abraçar seu pai.

- E esta! e esta! - dizia o barão, que sentia abalados os seus princípios de incredulidade.

- Sim, meu pai - dizia Filipe, que via no rosto do velho um ar de dúvida; - sim, meu pai, sou eu! sou eu mesmo!

- Pudera! - respondeu o barão; - bem vejo que és tu! Mas por que acaso és tu?

- Meu pai - disse Filipe - a nossa casa vai receber uma grande honra.

O velho ergueu a cabeça.

- Dirige-se para Taverney uma visita ilustre, dentro de uma hora há-de estar aqui Maria Antonieta Josefina, Arquiduquesa de Áustria e Delfina de França.

O barão deixou cair os braços com tanta humildade como mostrara antes sarcasmo e ironia, e voltando-se para Bálsamo, disse-lhe:

- Queira perdoar-me.

- Senhor - disse Bálsamo - deixo-o só com o senhor seu filho; há muito tempo que se não vêem, e devem ter muito que dizer.

E Bálsamo, depois de ter cumprimentado Andreia, que alegre corria ao encontro de seu irmão, retirou-se, fazendo um sinal a Nicola e a La Brie, que sem dúvida o perceberam porque o seguiram por entre as árvores da avenida.

XIII

FILIPE DE TAVERNEY

Filipe de Taverney, cavalheiro da Casa Vermelha, não se parecia com sua irmã, apesar de que, para homem, era tão belo como Andreia para mulher. Os olhos tinham uma expressão suave e ativa, o rosto era de um talhe airoso, as mãos admiráveis, uns pés de mulher e uma construção perfeita, tudo isto fazia dele um mancebo encantador.

Como todos os espíritos elevados, que não vivem à vontade na vida como a sociedade a criou, Filipe era triste mas não bisonho. Era a essa tristeza que ele devia a sua doçura, porque sem ela teria naturalmente sido imperioso, soberbo e pouco tratável. A necessidade de viver com todos os pobres, seus iguais de facto, e a de viver com todos os ricos, seus iguais de

direito, abrandava essa natureza que o Céu criara áspera, dominadora e susceptível.

Filipe tinha apenas acabado de abraçar seu pai, quando Andreia, acordada do seu entorpecimento magnético por este feliz acontecimento, viera lançar-se ao pescoço de seu irmão. Esta acção era acompanhada de soluços que bem revelavam a importância que o coração desta casta criança dava a semelhante chegada.

Filipe tomou a mão de Andreia e a de seu pai e entrou com eles em casa, onde ficaram sós.

- É incrédulo, meu pai; estás admirada, minha irmã - disse ele, tendo-os feito sentar a seu lado. - E contudo, nada há mais certo; daqui a alguns instantes estará a Sr^a. Delfina de França na nossa pobre morada.

- Santo Deus! é preciso por todos os modos evitar semelhante visita - bradou o barão; - a Delfina aqui! Se acontecesse semelhante coisa ficaríamos desonrados para sempre. Se é aqui que a senhora Delfina vem

buscar uma amostra da nobreza de França, compadeço-me dela, digo-o deveras. Mas diz-me, por que escolheu ela logo a minha casa?

- Oh! isso é uma história muito comprida, meu pai.

- Uma história! - repetiu Andreia - conta.

- Sim, uma história que faria crer em Deus àqueles que olvidassem que Ele é nosso Salvador.

O barão fez um gesto como alguém que duvida que o Arbitro Soberano dos homens e das coisas se dignasse baixar os olhos sobre ele e meter-se com os seus negócios.

Andreia, vendo que Filipe estava alegre, de nada duvidava e apertava-lhe a mão para agradecer-lhe a boa nova que trazia e a felicidade de que parecia gozar, murmurando ao mesmo tempo:

- Meu irmão! meu querido irmão!

- Meu irmão! meu querido irmão! - repetiu o barão; - Deus me perdoe! pois não está ela satisfeita com este acontecimento!

- Mas, meu pai, bem vê que Filipe está contente!

- Porque Filipe é um entusiasta; mas eu que feliz, ou infelizmente, peso melhor as coisas - disse Taverney lançando um olhar triste sobre a mobília da sua sala - não vejo em tudo isto nada de bem alegre.

- Não pensará assim, meu pai - disse o mancebo - depois de ouvir o que tenho para contar-lhe.

- Então conta - resmungou o velho barão.

- Sim, sim, conta tudo, meu Filipe - disse Andreia.

- Pois bem, eu estava, como sabem, de guarnição em Estrasburgo. Ora, sabem que é por Estrasburgo que a Delfina fez a sua entrada?

- Aqui não se sabe coisa alguma - disse Taverney.

- Dizias, meu irmão, que é por Estrasburgo que a Delfina...

- Sim, desde a madrugada que a esperávamos; chovia a cântaros, estávamos todos molhados até aos ossos. Não se sabia com certeza a que horas chegaria a senhora Delfina. O meu major destacou-me para ir fazer o reconhecimento. Andei uma légua, pouco mais ou menos. De repente, num recanto da estrada, acho-me cara a cara com os batedores da escolta, e troquei com eles algumas palavras; entretanto Sua Alteza chegou a cabeça ao postigo da carruagem e perguntou quem eu era.

“Pareceu-me que me havia chamado; mas eu, ansioso por ir levar a resposta ao meu comandante, tinha já partido a galope, sem ouvir coisa alguma. A fadiga causada por uma longa espera de seis horas tinha desaparecido como por encanto.”

- E a senhora Delfina? - perguntou Andreia.

- É jovem como tu, e formosa como os anjos - disse o cavalheiro.

- Diz-me uma coisa, Filipe? - exclamou o barão, hesitando.

- O que é, meu pai?

- A senhora Delfina não se parece com alguém que tu conheces?

- Que eu conheço?

- Sim.

- Ninguém se pode parecer com a senhora Delfina - bradou o mancebo com entusiasmo.

- Procura.

Filipe pensou, logo depois respondeu:

- Não conheço ninguém que se pareça com ela.

- Vejamos... não tem algumas semelhanças com a nossa criada Nicola?

- Oh! é verdade! - bradou Filipe admirado. - Sim, efectivamente Nicola parece-se um pouco com a ilustre viajante. Oh! mas é muito inferior à princesa! Mas como pôde saber isso, meu pai?

- Foi um feiticeiro que mo disse.

- Um feiticeiro? - disse Filipe admirado.

- Sim, o mesmo que me havia profetizado a tua chegada.

- Quem? o viajante? - perguntou Andreia timidamente.

- É aquele homem que estava junto de si quando eu cheguei, e que tão discretamente se retirou para nos deixar mais à vontade?

- Exactamente; mas acaba o teu conto, Filipe, acaba-o.

- Talvez fosse melhor tratar de fazer alguns preparativos - disse Andreia.

Mas o barão deteve-a.

- Quantos mais preparativos fizermos, mais ridículos nos havemos de tornar. Prossegue Filipe, prossegue.

- Eu continuo, meu pai. Voltei a Estrasburgo, desempenhei a minha comissão e foi logo prevenido o governador, o senhor de Stainville, que se apresentou imediatamente. Apenas ele chegou, a comitiva começou a aparecer, e nós todos corremos para a porta de Kehl. Eu estava junto do governador.

- O senhor de Stainville - disse o barão; -
espera, eu conheci um Stainville... É cunhado
do ministro, do Sr. Choiseul. É isso; continua
- disse o barão.

- A senhora Delfina, que é ainda nova,
gosta certamente das pessoas moças, porque
ouvindo com bastante distracção a arenga do
senhor governador, fitava sobre mim os olhos
e perguntava:

“- Não é aquele senhor, o que
mandaram ao meu encontro na estrada?

- Sim, minha senhora - respondeu o
senhor de Stainville.

- Aproxime-se, senhor - disse-me ela.

Eu aproximei-me.

- Como se chama? - perguntou a senhora
Delfina com uma voz encantadora.

- O cavalheiro de Taverney Casa
Vermelha - respondi eu balbuciando.

- Escreva este nome no seu caderno,
minha querida - disse a senhora Delfina
dirigindo-se a uma senhora já idosa, que
soube depois ser a condessa de

Langershausen, sua aia, e que efectivamente escreveu o meu nome numa pequena carteira.

Depois, voltando-se para mim, disse-me:

- Ah! senhor, em que estado o pôs este horrível tempo! Realmente, lamento muito que tanto incómodo seja causado por mim.”

- Isso da parte da senhora Delfina é um sinal de imensa bondade - disse Andreia; - que palavras tão encantadoras!

- Também não esqueci nem uma delas - disse Filipe - nem o tom, nem a expressão com que eram ditas... enfim, nada me esqueceu.

- Muito bem! muito bem! - murmurou o barão com um certo sorriso, no qual se podia ver ao mesmo tempo a fatuidade de pai e a má opinião que tinha geralmente das mulheres, sem exceptuar as rainhas. - Continua, Filipe.

- O que respondeste? - perguntou Andreia.

- Não respondi coisa alguma; inclinei-me até ao chão, e a senhora Delfina passou.

- Como! - bradou o barão - pois não respondeste coisa alguma?

- Eu não tinha voz, meu pai; senti a vida toda fugir-me para o coração, que batia com violência.

- Tinha eu a tua idade quando fui apresentado à princesa Leczinska, e sempre achei alguma coisa para lhe dizer.

- É porque tem muito espírito, meu pai - disse Filipe inclinando-se respeitosamente.

Andreia apertou-lhe a mão.

- Aproveitei a partida de Sua Alteza - continuou Filipe - para ir ao meu quartel mudar de fato, porque efectivamente estava todo molhado e coberto de lama.

- Meu pobre irmão! - murmurou Andreia.

- Entretanto - prosseguiu Filipe - tinha a senhora Delfina chegado aos paços da câmara do Município e recebia os cumprimentos dos habitantes. Acabadas as felicitações, vieram dizer-lhe que a mesa estava posta e ela retirou-se. Um dos meus amigos, o major do

regimento, o mesmo que me mandou fazer a descoberta, disse-me que Sua Alteza olhou freqüentes vezes em torno de si, como procurando alguém no meio dos oficiais que assistiam ao seu jantar, e que depois de ter renovado duas ou três vezes semelhante exame, disse:

“- Não está aqui o jovem oficial que mandaram esta manhã ao meu encontro. Não lhe disseram que eu desejava agradecer-lhe?

O major aproximou-se.

- Minha senhora - disse ele - o senhor tenente de Taverney foi mudar de farda, a fim de se apresentar em seguida de um modo mais conveniente perante Vossa Alteza Real.

Um instante depois tornei a entrar. Haveria cinco minutos que eu estava na sala, quando a senhora Delfina me viu.

Fez sinal para que eu me aproximasse.

- Senhor - disse-me ela - teria repugnância em me acompanhar até Paris?

- Pelo contrário, minha senhora! - bradei eu - seria para mim uma grande felicidade;

mas estou de serviço, destacado em Estrasburgo, e...

-E...

- Quero dizer, minha senhora, que não posso cumprir o meu desejo.

- De quem depende?

- Do governador militar.

- Bem... Eu falarei com ele a esse respeito.

Fez-me novo sinal e retirei-me.

À noite falou com o governador, e disse-lhe:

- Senhor, tenho uma fantasia que desejava satisfazer.

- Digne-se Vossa Alteza dizer qual é, que para mim será uma ordem.

- Não me expliquei bem, dizendo que era uma fantasia para satisfazer, é um voto para cumprir.

- Mais sagrado será para mim, minha senhora.

- Queira ouvir-me: fiz a promessa de tomar ao meu serviço o primeiro francês,

fosse qual fosse, que eu encontrasse ao entrar no território da França, e de fazer a sua felicidade e a de sua família, se está no poder dos príncipes fazer a felicidade de alguém.

- Os príncipes são os representantes de Deus sobre a Terra. E qual é essa pessoa, que teve a ventura de ser a primeira encontrada por Vossa Alteza?

- O senhor de Taverney Casa Vermelha, o jovem tenente que foi dar-lhe parte da minha chegada.

- Vamos todos ter inveja do senhor de Taverney, minha senhora; mas não estorvaremos a felicidade que lhe é reservada; o serviço prende-o aqui, mas vou dispensá-lo; está obrigado pela sua nomeação, mas rasgarei essa obrigação; e ele há-de partir junto com Vossa Alteza Real.

Com efeito, no mesmo dia em que a carruagem de Sua Alteza partia de Estrasburgo, recebi ordem de montar a cavalo e de a acompanhar. Desde aquele momento

não me tenho afastado do postigo da sua carruagem.”

- Eh! eh! - disse o barão com o seu costumado riso; - eh! eh! seria singular, mas não impossível!

- O quê, meu pai? - perguntou lhanamente o mancebo.

- Oh! eu cá me entendo - disse o barão - eu cá me entendo, eh! eh!

- Mas, meu caro irmão - observou Andreia - não vejo no meio de tudo isso, como foi que a senhora Delfina resolveu vir a Taverney.

- Espera; ontem à noite, pelas onze horas, quando chegámos a Nanci e atravessámos a cidade alumiados com archotes, a senhora Delfina chamou-me e disse-me:

“- Senhor de Taverney, mande caminhar mais depressa.

Eu fiz um sinal indicando que apressassem a marcha.

- Quero partir amanhã de manhã cedo - acrescentou ela.

- Vossa Alteza deseja amanhã uma jornada maior que a de hoje? - perguntei eu.

- Não, mas desejo parar no meio do caminho.

Um pressentimento perturbou-me logo o coração.

- Parar no caminho? - repeti eu.

- Sim - disse-me Sua Alteza.

Eu calei-me.

- Não adivinha onde quero parar? - perguntou ela sorrindo.

- Não, minha senhora.

- Quero parar em Taverney.

- Para quê, Santo Deus? - exclamei eu.

- Para ver seu pai e sua irmã.

- Meu pai! minha irmã!... Como? Pois Vossa Alteza Real sabe...

- Perguntei - disse ela - e soube que habitam uma propriedade pouco afastada da estrada que seguimos. Ordenará que me conduzam a Taverney.

Cobriu-me o rosto um suor frio e apressei-me a dizer a Sua Alteza:

- Minha senhora, a casa de meu pai não é digna de receber uma tão poderosa princesa como Vossa Alteza.

- Por quê? - perguntou ela.

- Somos pobres, minha senhora.

- Melhor - disse ela - a recepção que me fizerem há-de ser mais sincera e simples. Por muito pobre que seja Taverney, sempre há-de haver uma chávena de leite para uma amiga, que deseja esquecer um instante que é Arquiduquesa de Áustria e Delfina de França.

- Oh! minha senhora - respondi inclinando-me.

E nada mais acrescentei: o respeito não me deixava dizer mais. Tinha a esperança que Sua Alteza esqueceria este projecto, ou que o ar puro e fresco do caminho lhe dissipasse hoje pela manhã a sua fantasia; mas não aconteceu assim. Nas mudas de Pont-à-Mousson, perguntou-me Sua Alteza se estávamos perto de Taverney, e vi-me

obrigado a dizer que só distávamos três léguas.”

- Desastrado! - bradou o barão.

- Ah! dir-se-ia que a Delfina adivinhava a minha perturbação. “Nada tem que recear - me disse ela - não me demorarei lá muito; mas como me ameaça com um acolhimento que me fará sofrer, ficamos quites, porque também eu o fiz sofrer na minha entrada em Estrasburgo”. Como se poderia resistir a palavras tão encantadoras? diga-o, meu pai!

- Oh! era impossível - disse Andreia - e Sua Alteza Real, que segundo parece é tão boa, há-de contentar-se com as minhas flores e um copo de leite, como ela mesmo o disse.

- Sim - disse o barão - mas não há-de contentar-se com as minhas cadeiras, que lhe hão-de moer os ossos, nem com os meus farrapos, que lhe hão-de entristecer a vista. O demónio leve as fantasias! Bom, bom, a França há-de ser bem governada por uma mulher que tem semelhantes fantasias. Aí

temos nós a aurora de um reinado bem singular!

- Oh! meu pai, como pode dizer semelhante coisa de uma princesa que tanta honra nos faz!

- Diz antes, que me desonra! - bradou o barão. - Quem pensa agora em Taverney? Ninguém. O nome da família dorme sob as ruínas de Casa Vermelha, e eu tinha a esperança que só acordaria de certo modo, quando o momento fosse chegado; mas não, baldou-se a minha esperança, e eis que vai ser ressuscitado, manchado, mesquinho e miserável, pela fantasia de uma criança. As gazetas, que procuram sempre tudo o que é ridículo para publicarem os escândalos de que se sustentam, vão escrever nas suas nojentas páginas que uma augusta princesa fez uma visita ao covil de Taverney. Ah! ocorre-me uma idéia!

O barão pronunciou estas palavras de modo que fez estremecer seus filhos.

- Que quer dizer, meu pai? - perguntou Filipe.

- Digo - murmurou o barão - que graças a Deus sei um pouco de história, e que se o duque de Medina incendiou o seu palácio para dar um beijo numa rainha, posso eu muito bem queimar uma casinhola para ser dispensado de receber uma princesa. Deixem aproximar Sua Alteza e verão.

Os dois irmãos só tinham ouvido as últimas palavras e olhavam um para o outro com inquietação.

- Deixem-na chegar - repetiu Taverney.

- Não pode tardar - respondeu Filipe. Tomei um atalho pelo bosque de Pierrefitte para chegar alguns minutos mais cedo.

- Nesse caso, não há tempo a perder - disse o barão com um modo estranho.

E, com uma agilidade como se tivera vinte anos, saiu o barão da sala, dirigiu-se à cozinha, tirou da chaminé um tição ardente, e correndo aos celeiros cheios de palha, feno e ervas secas, ia lançar-lhes fogo, quando

Bálsamo, surgindo por detrás dele, lhe segurou o braço.

- Que vai fazer, senhor? - disse ele arrancando o fogo das mãos do ancião; - a Arquiduquesa de Áustria não é um condestável de Bourbon, cuja presença enxovalhe uma casa a ponto de preferir queimá-la a deixá-la entrar.

O barão parou, pálido, tremendo e não sorrindo como de costume. Fora-lhe preciso reunir todas as suas forças para adoptar em proveito da sua honra, como ele a entendia, uma resolução que fazia uma miséria completa de uma mediocridade ainda suportável.

- Vá, senhor, vá - continuou Bálsamo - tem apenas o tempo necessário para largar esse roupão e vestir um traje mais decente. Quando no sítio de Filipesburgo conheci o barão de Taverney, era ele Grã-Cruz de S. Luís. Não sei de fato algum que se não torne rico e elegante debaixo de semelhante condecoração.

- Mas, senhor - redargüiu Taverney - nada disso evita que a Delfina veja o que eu queria ocultar até mesmo ao senhor: que sou desgraçado.

- Sossegue, barão, de tal modo a distrairão, que ela não poderá reparar se a sua casa é nova ou velha, rica ou pobre. Seja hospitaleiro, senhor, é o seu dever. Que farão os inimigos de Sua Alteza Real, e não tem poucos, quando os seus amigos queimam as casas para não a receber debaixo dos seus tectos? Não nos antecipemos às iras do futuro, senhor; cada acontecimento terá a sua vez.

O senhor de Taverney obedeceu com essa resignação de que já uma vez dera prova, e encaminhou-se para o lugar onde estavam seus filhos, que desassossegados pela ausência, o procuravam por todos os lados.

Quanto a Bálsamo, retirou-se silenciosamente como quem ia terminar alguma obra começada.

XIV

MARIA ANTONIETA JOSEFA, ARQUIDUQUESA DE ÁUSTRIA

Efectivamente, como Bálsamo o tinha dito, não havia tempo a perder; ouvia-se já no caminho que conduzia à casa do barão de Taverney, e que geralmente era muito sossegado, um rumor de carruagens, de cavalos e de vozes.

Em seguida chegaram três carruagens, uma das quais toda dourada e ornada de baixos-relevos mitológicos, que não vinha por isso menos enlameada e enxovalhada que as outras, e pararam junto do portão aberto de par em par por Gilberto, cujos olhos dilatados e um estremecimento febril, bem mostravam a comoção que ele sentia na presença de tantas grandezas.

Vinte cavaleiros vieram colocar-se junto da carruagem principal, ao mesmo tempo que

um homem vestido de preto e trazendo a Grã-Cruz da Ordem, ajudava a apear-se uma jovem senhora de quinze a dezesseis anos, penteada sem pós, mas com uma simplicidade que nem por isso impedia que o cabelo se elevasse à altura de um pé acima da cabeça.

Maria Antonieta chegava a França com uma reputação de formosura, como nem sempre traziam as princesas destinadas a partilharem o trono dos reis franceses. Era difícil formar uma opinião dos seus olhos, que sem se poderem chamar bonitos, tomavam à sua vontade todas as expressões que ela queria, e principalmente as duas muito opostas da doçura e soberba; o nariz era bem feito, o lábio superior formoso, mas o inferior, aristocrática herança de dezessete Césares, era muito curto, muito saliente e algumas vezes mesmo caído, o que não dizia bem naquele lindo rosto senão quando queria exprimir a raiva ou a indignação. A cor era admirável; via-se o sangue girar debaixo do

delicado tecido da pele; o peito, pescoço e ombros eram de uma suprema formosura; as mãos eram reais. Tinha dois modos bem distintos: um adoptava-o por vezes, e esse era firme, nobre e elevado; o outro era-lhe natural, e esse era doce, suave e triste; nunca mulher alguma fizera uma medida com mais graça. Nunca rainha alguma fizera cortesia com maior ciência. Abaixando a cabeça uma só vez para dez pessoas, dava nesta única inclinação a cada uma o que lhe competia.

Nesse dia tinha Maria Antonieta o seu olhar e o seu sorriso de mulher, e mesmo de mulher feliz; estava decidida, se fosse possível, a esquecer-se durante todo esse dia de que era a Delfina. Transparecia-lhe no rosto a mais perfeita serenidade, animava-lhe os olhos o prazer mais vivo. Trajava um vestido de seda branca, e os lindos braços nus estavam resguardados do ar por um mantelete de belas rendas.

Apenas se apeou voltou-se para ajudar a descer da carruagem uma das suas damas a

quem a idade tornava menos ágil; depois, rejeitando o braço que lhe oferecia o homem vestido de preto, caminhou só, aspirando o ar puro e espalhando a vista em torno de si, como se quisesse gozar o mais possível da raríssima liberdade em que se via naquele momento.

- Oh! que lindo lugar, que belas árvores, que formosa casinha - disse ela. - Que vida tão feliz deve ser a que se passa aqui, respirando este ar tão puro, à sombra destas árvores tão frondosas!

Nesse momento chegava Filipe de Taverney seguido de Andreia que com seus compridos cabelos entrançados e trajando um vestido de seda alvadia, dava o braço ao barão, o qual vinha vestido com um fato de belo veludo azul-lóio, restos da sua antiga opulência. Está sabido que, segundo a recomendação de Bálsamo, o barão não tinha esquecido a Grã-Cruz de S. Luís.

A Delfina parou assim que viu as três pessoas encaminharem-se para ela.

A corte da jovem princesa formou grupo em torno dela: os oficiais segurando os cavalos pelas rédeas, os cortesãos de chapéu na mão, de braço dado uns com os outros e falando em voz baixa entre si.

Filipe de Taverney, pálido de comoção e com uma nobreza melancólica, aproximou-se da Delfina.

- Minha senhora - disse ele - se Vossa Alteza o permite, terei a honra de lhe apresentar o senhor barão de Taverney Casa Vermelha, meu pai, e Clara Andreia de Taverney, minha irmã.

O barão inclinou-se respeitosamente, como um homem que sabe fazer cortesias a rainhas. Andreia mostrou toda a graça da timidez elegante, toda a civilidade tão lisonjeira de sincero respeito.

Maria Antonieta olhava para os dois irmãos, e como se recordava do que Filipe lhe havia dito a respeito da pobreza de seu pai, adivinhou o seu tormento.

- Minha senhora - disse o barão com uma voz cheia de dignidade - Vossa Alteza Real faz muita honra ao castelo de Taverney; uma tão humilde habitação não é digna de receber tanta nobreza e formosura.

- Sei que estou em casa de um velho soldado da França - respondeu a princesa - e minha mãe, a imperatriz Maria Teresa, cujas tropas fizeram muitas campanhas, disse-me que no seu país, os mais ricos de glória são quase sempre os mais pobres de dinheiro.

E dizendo isto, estendia com uma graça inefável a sua linda mão a Andreia, que a beijou ajoelhando.

Entretanto o barão, possuído da sua idéia dominante, assustava-se com o grande número de pessoas que iam encher a sua casinha e que não teriam cadeiras para se sentarem.

A Delfina, porém, sossegou-o logo.

- Meus senhores - disse ela voltando-se para as pessoas da sua comitiva - nem devem sofrer as minhas fantasias, nem devem gozar

dos privilégios de uma Delfina. Queiram portanto esperar aqui por mim, eu voltarei dentro de meia hora. Acompanhe-me, minha boa Langershausen - disse ela em alemão à dama a quem ajudara a apegar-se da carruagem. - Siga-nos, senhor - disse ela ao homem vestido de preto.

Este, que debaixo de um simples trajo mostrava uma notável elegância, seria um homem de trinta anos pouco mais ou menos, de bela presença e boas maneiras. Pôs-se de lado para deixar passar a princesa.

Maria Antonieta chamou Andreia para o seu lado, e fez sinal a Filipe para ir junto de sua irmã.

Quanto ao barão, achou-se ao lado da personagem, sem dúvida eminente, a quem a Delfina concedia a honra de a acompanhar.

- Então o senhor é um Taverney Casa Vermelha? - perguntou este ao barão, brincando com a mais aristocrática insolência com os bofes da sua camisa que eram, de magníficas rendas de Inglaterra.

- Deverei tratá-lo por senhor, ou tem algum outro tratamento? - perguntou o barão com uma insolência que nada tinha a invejar à do homem vestido de preto.

- Diga simplesmente meu príncipe - respondeu este - ou Vossa Eminência, se o preferir.

- Pois bem, saiba Vossa Eminência que sou um Taverney Casa Vermelha, e verdadeiro - disse o barão sem mudar o tom motejador que tão raras vezes perdia.

A personagem, que tinha o tacto dos fidalgos, conheceu facilmente que estava falando com alguém que não era um simples fidalgote de província.

- Esta casa é a sua vivenda de Verão? - prosseguiu ele.

- De Verão e de Inverno - redargüiu o barão, que desejava pôr termo a um interrogatório que pouco lhe agradava, mas acompanhando cada resposta com uma profunda cortesia.

Filipe de vez em quando voltava-se para o lado de seu pai, com visíveis sinais de inquietação. Efectivamente, a casa parecia apressar-se em vir ao encontro dos hóspedes, para, ameaçadora e irónica, mostrar desapiadadamente toda a sua pobreza.

Já o barão estendia com resignação a mão para o limiar da porta, quando a Delfina se voltou para ele:

- Desculpe-me, senhor, por não entrar na sua casa; a sombra das suas árvores é tão agradável que de boa vontade passaria aqui toda a minha vida. De entrar em casas estou eu já cansada. Há mais de quinze dias que me recebem em casas, a mim que tanto gosto do ar, da sombra e do perfume das flores.

Depois dirigindo-se a Andreia, disse-lhe:

- Minha senhora, pode ter a bondade de me mandar servir aqui um copo de leite?

- Como me atreverei a oferecer a Vossa Alteza um refresco tão simples! - disse o barão empalidecendo.

- É o que eu prefiro, senhor. Leite e ovos, eram os meus festins quando estava em Sckcenbrunn.

De repente apareceu La Brie, todo inchado e radiante de orgulho, vestido com uma libré magnífica, e segurando na mão um guardanapo.

- Sua Alteza Real está servida - disse ele, com um misto de respeito e soberba impossíveis de descrever.

- Oh! estou em casa de um feiticeiro! - exclamou a princesa sorrindo.

E não andou, mas correu para o caramanchão de jasmims e madressilva debaixo do qual tinha sido preparada a mesa.

O barão, admirado, esquecendo a etiqueta, afastou-se do homem vestido de preto para seguir os passos da Delfina.

Filipe e Andreia olhavam um para o outro com admiração e ansiedade.

A Delfina, quando entrou debaixo do caramanchão, soltou um grito de surpresa.

O barão, que chegava atrás dela, soltou um suspiro de satisfação.

Andreia deixava cair os braços, com um modo que significava:

“Que quer isso dizer, meu Deus?”

A jovem princesa percebeu toda essa pantomima; o seu espírito era capaz de compreender esses mistérios, se o seu coração não lhos tivesse já feito adivinhar.

Debaixo de um tecto de clematites, jasmins e madressilva, cujos verdes ramos carregados de flores e folhas produziam uma doce sombra, via-se uma mesa oval, deslumbrante pela alvura da toalha de damasco que a cobria, e pelo aparelho de prata dourada e cinzelada que sobre ela estava.

Dez talheres esperavam dez convivas.

Uma merenda delicada, mas de estranha composição, tinha logo atraído o olhar da Delfina.

Eram frutas exóticas cobertas de açúcar, doces de todos os países, biscoitos de Alepo,

laranjas de Malta, limas e cidras de um tamanho invulgar; tudo isto metido em grandes taças. Finalmente, os vinhos mais delicados e mais preciosos cintilavam com todas as diversas cores dos rubis e dos topázios em quatro admiráveis garrafas de cristal da Pérsia.

O leite que a Delfina pedira estava num jarro também de prata dourada.

A Delfina olhou em torno de si, e não viu senão rostos pálidos e espantados.

As pessoas da comitiva admiravam-se e alegravam-se do que viam, sem todavia perceberem ou tentar perceber coisa alguma.

- Pelo que vejo, já me esperava, senhor?
- perguntou a Delfina ao barão de Taverney.

- Eu, minha senhora? - balbuciou este.

- Sem dúvida; estes preparativos não se fazem decerto em dez minutos e haverá apenas esse tempo que estou em sua casa.

E terminou a sua frase olhando para La Brie com um ar que queria dizer:

“Principalmente quando apenas se tem um só criado”.

- Minha senhora - respondeu o barão - eu efectivamente esperava Vossa Alteza Real, ou melhor direi, estava já prevenido da sua chegada.

A Delfina voltou-se para Filipe.

- Seu filho tinha-lhe escrito? - perguntou ela.

- Não, minha senhora.

- Todavia, ninguém sabia que eu tencionava parar aqui um instante, senhor, nem sequer eu mesma o sabia, porque ocultava a mim mesma o meu desejo; para não causar aqui o incómodo que estou motivando, só ontem à noite o disse ao senhor seu filho, que haverá ainda uma hora estava junto de mim e apenas me poderia preceder alguns minutos.

- Com efeito, minha senhora, haverá apenas um quarto de hora...

- Então foi alguma fada quem lhe revelou isto... a madrinha de sua filha, talvez?

- acrescentou a Delfina sorrindo e olhando para Andreia.

- Minha senhora - disse o barão oferecendo uma cadeira à princesa - não foi uma fada quem me anunciou esta boa fortuna, foi...

- Foi?... - repetiu a princesa, vendo que o barão hesitava.

- Ora! foi um feiticeiro!

- Um feiticeiro! como?

- Não sei, porque não entendo nada de magia; mas enfim, é a ele, minha senhora, que devo o poder receber quase decentemente a Vossa Alteza Real - disse o barão.

- Então - disse a Delfina - em nada disto podemos tocar, uma vez que é produto de bruxarias, e Sua Eminência foi muito apressado - acrescentou ela voltando-se para o homem vestido de preto - em encetar essa empada de Estrasburgo, da qual seguramente não comeremos. E a senhora, minha cara amiga - disse ela para a sua dama - o mais

prudente é não tocar nesse vinho de Chipre, e faça como eu.

E dizendo isto, a Delfina pegou numa garrafa redonda como um globo e de gargalo estreito, e vazou a água que continha num grande copo de ouro.

- Mas decerto - disse Andreia com uma espécie de espanto - Sua Alteza tem razão.

Filipe tremia de surpresa, e, ignorando tudo o que na véspera se havia passado, olhava alternativamente para seu pai e para sua irmã, como querendo adivinhar nos seus olhos o que eles mesmos não adivinhavam.

- É contrário aos dogmas - disse a Delfina - o senhor cardeal vai pecar.

- Minha senhora - disse o prelado - nós cá, príncipes... da Igreja, somos muito mundanos para crer nas iras celestes por causa de uma ou outra qualidade de víveres, e muito humanos principalmente para querermos queimar tão bons feiticeiros que nos sustentam de coisas tão deliciosas.

- Não zombe, senhor - disse o barão. - Juro a Vossa Eminência que o autor de tudo isto é um feiticeiro, muito feiticeiro, que me profetizou, haverá apenas uma hora, a próxima chegada de Sua Alteza e do meu filho.

- Apenas uma hora! - repetiu a Delfina.

- Sim, quando muito.

- E nessa hora houve tempo para fazer aprontar esta mesa, de mandar às quatro partes do mundo buscar estas frutas, estes vinhos de Tokay, de Constância, de Chipre e de Málaga? Nesse caso, senhor, é ainda mais feiticeiro que o seu feiticeiro.

- Não, minha senhora; foi ele, sempre ele.

- Como! sempre ele?

- Sim, foi ele quem fez surgir da terra esta mesa, com tudo quanto tem em cima, enfim, tal qual está.

- Dê-me a sua palavra, senhor - disse a princesa.

- Palavra de honra! - respondeu o barão.

- Ora essa! - exclamou o cardeal em tom mais sério e pondo de parte o seu prato - eu pensava que estava gracejando.

- Não, Eminência.

- Tem então em sua casa um feiticeiro, um verdadeiro feiticeiro?

- Um perfeito feiticeiro!... E não me admiraria que o ouro de que é feito este aparelho, fosse também da sua composição.

- Conhecerá ele a pedra filosofal! - bradou o cardeal, em cujos olhos se manifestava a cobiça.

- Oh! - exclamou a princesa - como isso agrada ao senhor cardeal, que toda a vida tem diligenciado por encontrá-la.

- Confesso a Vossa Alteza - respondeu a mundana Eminência - que nada acho tão interessante como as coisas sobrenaturais, e nada tão curioso como as coisas impossíveis.

- Ah! pelo que parece, toquei o lado vulnerável - disse a Delfina; - todos os grandes homens têm os seus mistérios, principalmente quando são diplomáticos. Eu

também, senhor cardeal, previno-o de que entendo muito de feitiçaria, e adivinho algumas vezes coisas, se não impossíveis nem sobrenaturais, pelo menos incríveis.

Isto era, certamente, um enigma apenas compreensível para o cardeal, porque se conheceu perfeitamente que ficara perturbado. Verdade seja que enquanto falava, o olhar tão doce da Delfina raiara com um fogo vivo, o que nela anunciava uma tempestade interior.

Contudo só se viu o relâmpago, o trovão não ribombou. A princesa conteve-se e prosseguiu:

- Vamos, senhor de Taverney, para que seja completa a festa, mostre-nos o seu feiticeiro. Onde está ele? Em que caixa o guardou?

- Minha senhora - respondeu o barão - seria antes ele quem me meteria a mim e à minha casa numa caixa.

- Está excitando a minha curiosidade - disse Maria Antonieta; - decididamente, senhor, quero vê-lo.

O tom com que estas palavras haviam sido pronunciadas, sem todavia perder esse encanto que Maria Antonieta sabia dar às suas palavras, não admitia réplica. O barão, que ficara de pé com seu filho e sua filha para servirem a princesa, entendeu isso perfeitamente.

- Fez sinal a La Brie que, em vez de servir, contemplava os ilustres convivas e parecia com essa vista dar-se por pago de vinte anos de ordenados atrasados.

Este ergueu a cabeça.

- Vai prevenir o Sr. Barão José Bálsamo - disse Taverney - que Sua Alteza Real a Sr^a. Delfina deseja vê-lo.

La Brie foi imediatamente.

- José Bálsamo! - disse a Delfina; - que nome tão singular!

- José Bálsamo! - repetiu o cardeal pensativo; - parece-me que conheço esse nome.

Passaram se cinco minutos durante os quais ninguém se atreveu a romper o silêncio.

De repente Andreia estremeceu: ouvia já, antes que a outros ouvidos fosse perceptível, os passos que se aproximavam.

Os ramos afastaram-se e apareceu José Bálsamo, mesmo em frente de Maria Antonieta.

XV

MAGIA

Bálsamo inclinou-se humildemente, mas quase no mesmo instante, tornou a erguer a sua cabeça cheia de inteligência e expressão; e com um modo respeitoso fitou o seu olhar penetrante na princesa, e esperou silenciosamente que esta o interrogasse.

- Se é a pessoa de quem o senhor de Taverney nos falou - disse Maria Antonieta aproxime-se, senhor, quero ver de que cor é um feiticeiro.

Bálsamo deu mais um passo e inclinou-se pela segunda vez.

- O seu ofício é ler no futuro, senhor - disse a Delfina olhando para Bálsamo com mais curiosidade talvez do que quisera conceder-lhe, e bebendo ao mesmo tempo o leite a pequenos tragos.

- Efectivamente, leio o futuro - disse Bálsamo - mas não faço disso ofício, minha senhora.

- Fomos criados numa fé viva e pura - disse a Delfina - e os únicos mistérios em que cremos é nos mistérios da religião católica.

- Não há dúvida que são bem veneráveis - disse Bálsamo com profundo respeito. - Mas eis aí o Sr. Cardeal de Rohan, que, apesar de ser príncipe da Igreja, poderá dizer a Vossa Alteza que não são esses os únicos mistérios que merecem respeito.

O cardeal estremeceu; a ninguém havia dito o seu nome, ninguém o havia pronunciado, e apesar disso o estranho sabia-o.

Maria Antonieta não pareceu reparar nessa circunstância, e continuou:

- Pelo menos, senhor, confessará que são os únicos que se não controversam.

- Minha senhora - respondeu Bálsamo com o mesmo respeito e com a mesma firmeza - ao lado da fé encontra-se a certeza.

- Fala em termos um pouco obscuros, senhor feiticeiro; sou boa francesa do coração, mas ainda não de espírito, por isso não percebo bem as delicadezas do idioma: é verdade que me disseram que o senhor de Bièvre me ensinaria tudo isso; mas entretanto vejo-me obrigada a rogar-lhe que seja menos enigmático, se quer que o entenda.

- E eu - disse Bálsamo abanando a cabeça com um sorriso melancólico - pedirei licença a Vossa Alteza para me conservar assim obscuro. Magoar-me-ia em extremo ter de revelar a uma tão alta princesa um futuro que, talvez, não fosse segundo as suas esperanças.

- Oh! oh! isto agora é mais sério - disse Maria Antonieta - o senhor quer excitar a minha curiosidade, esperando que o farei assim ler a minha sina.

- Pelo contrário, minha senhora - disse friamente Bálsamo - Deus me livre de me ver obrigado a isso.

- Sim - redargüiu a Delfina soltando uma gargalhada - porque se veria em alguns embarços; não é verdade?

Mas a gargalhada da princesa extinguiu-se sem que tivesse eco em nenhum dos seus cortesãos. Todos estavam dominados pela influência do homem singular que, naquele momento, era o centro da atenção geral.

- Vamos - disse a Delfina - confesse-o com franqueza.

Bálsamo inclinou-se e não respondeu.

- Todavia, foi o senhor que profetizou ao senhor barão a minha vinda a Taverney? - prosseguiu Maria Antonieta com um ligeiro movimento de impaciência.

- Sim, minha senhora, fui eu.

- Como foi isso, barão? - perguntou a Delfina, que começava a sentir a necessidade de ouvir outra voz unir-se ao estranho diálogo, que ela talvez estava arrependida de haver encetado, mas que entretanto não queria abandonar.

- Oh! meu Deus, minha senhora - disse o barão - foi da maneira mais simples, olhando para um copo de água.

- É verdade? - perguntou a Delfina - dirigindo-se a Bálsamo.

- Sim, minha senhora - respondeu este.

- É esse o seu engrimanço? pelo menos é bem inocente, assim fossem claras as suas palavras.

O cardeal sorriu-se.

O barão aproximou-se.

- A senhora Delfina nada terá que aprender do senhor de Bièvre - disse ele.

- Oh! meu caro barão - disse a Delfina alegre - não me lisonjeie ou pelo menos lisonjeie-me melhor. Parece-me que disse alguma coisa bem medíocre. Mas voltemos a este senhor.

E Maria Antonieta voltou-se para o lado de Bálsamo, para quem parecia atraí-la, mau grado seu, um poder irresistível, como algumas vezes somos atraídos para algum lugar onde a desgraça nos aguarda.

- Se leu o futuro para o senhor barão num copo de água - disse ela - não poderia lê-lo para mim numa garrafa?

- Perfeitamente, minha senhora - disse Bálsamo.

- Então por que motivo o recusava ainda há bem pouco tempo?

- Porque o futuro é incerto, minha senhora, e se eu visse alguma nuvem...

Bálsamo parou.

- Então? - perguntou a Delfina.

- Então, como já tive a honra de o dizer, magoar-me-ia contristar a Vossa Alteza Real.

- Já me conhecia, ou vê-me agora pela primeira vez?

- Já tive a honra de ver Vossa Alteza Real, quando era muito criança, junto de sua augusta mãe, na sua pátria.

- Já viu minha mãe?

- Tive essa honra; é uma augusta e poderosa rainha.

- Imperatriz, senhor.

- Quis dizer rainha pelo coração e pelo espírito, e contudo...

- Reticências, senhor, e quando se fala de minha mãe! - disse a Delfina com altivez.

- Os corações mais fortes têm também suas fraquezas, minha senhora, e principalmente quando pensam que se trata da felicidade dos seus filhos.

- Nutro a esperança de que a história não terá para registrar uma única fraqueza da imperatriz Maria Teresa - disse a Delfina.

- Porque a história não há-de saber o que só é sabido da imperatriz Maria Teresa, de Vossa Alteza Real e de mim.

- Temos um segredo entre nós três? - disse Maria Antonieta rindo com desprezo.

- Entre nós três, minha senhora - respondeu Bálsamo sossegadamente; - sim, entre nós três.

- E que segredo é esse, senhor?

- Se o digo, deixa de ser um segredo.

- Não importa, diga-o sempre.

- Vossa Alteza deseja?

- Quero.

Bálsamo inclinou-se.

- Há no palácio de Sckoenbrunn - disse ele - um gabinete chamado o gabinete de Saxe, cujo nome lhe vem de magníficas porcelanas que tem dentro.

- Sim - disse a Delfina - e depois?

- Esse gabinete faz parte dos quartos particulares de Sua Majestade a Imperatriz Maria Teresa.

- Sim.

- É nesse gabinete que ela costuma escrever a sua correspondência íntima.

- Sim.

- Sobre uma magnífica secretária de Boule, que foi dada ao imperador Francisco I pelo rei Luís XV.

- O que até agora tem dito, é verdade, senhor, mas é coisa que toda a gente pode saber.

- Digne-se Vossa Alteza ter a bondade de continuar a ouvir-me. Um dia, seriam sete horas da manhã, a imperatriz estava ainda

recolhida, entrou Vossa Alteza nesse gabinete por uma porta que lhe era particular, porque entre as augustas filhas de Sua Majestade a Imperatriz, era Vossa Alteza a preferida.

- Depois, senhor?

- Vossa Alteza aproximou-se da secretária; Vossa Alteza deve estar lembrada, há exactamente cinco anos que isto foi.

- Continue.

- Vossa Alteza aproximou-se da secretária, sobre ela estava uma carta aberta que a imperatriz tinha escrito na véspera.

- E depois?

- Vossa Alteza leu essa carta.

A Delfina corou ligeiramente.

- Depois de a haver lido, certamente desagradaram a Vossa Alteza algumas das expressões que continha, porque, pegando imediatamente numa pena, com a sua própria mão...

A Delfina parecia esperar o resto com ansiedade. Bálsamo prosseguiu:

- Riscou três palavras.

- E quais foram essas palavras? - exclamou apressadamente a Delfina.

- Eram as primeiras da carta.

- Não lhe pergunto o lugar em que estavam, mas sim a significação que tinham.

- Era decerto alguma excessiva demonstração de amizade pela pessoa a quem a carta era dirigida; é esta a fraqueza de que eu digo que em outras circunstâncias poderia ter sido acusada sua augusta mãe.

- E lembra-se dessas três palavras?

- Perfeitamente.

- Poderia repeti-las?

- Decerto.

- Queira dizê-las.

- Em voz alta?

- Sim.

- *Minha querida amiga.*

Maria Antonieta empalideceu e mordeu os lábios.

- Agora - disse Bálsamo - quer Vossa Alteza Real que lhe diga a quem era dirigida a carta?

- Não, mas quero que o escreva.

Bálsamo tirou da algibeira uma espécie de carteira com fechos de ouro, escreveu sobre uma das suas folhas algumas palavras, rasgou essa folha de papel e apresentou-a respeitosamente à princesa.

Maria Antonieta pegou na folha de papel, desdobrou-a e leu-a.

A carta era dirigida à favorita do rei Luís XV, à *Sr^a. Marquesa de Pompadour*.

A Delfina olhou com admiração para esse homem de palavras tão polidas, de voz tão pura e tão-pouco comovida, que apesar de fazer cortesias com imenso respeito parecia dominá-la.

- Isso tudo é verdade, senhor - disse ela - e ainda que eu ignore os meios por que pôde surpreender todos esses pormenores, como não sei mentir, em voz alta o repito: isso tudo é verdade.

- Então - disse Bálsamo - permita Vossa Alteza que eu me retire e contente-se com esta inocente prova da minha ciência.

- Não, senhor - redargüiu a Delfina cada vez mais excitada - quanto mais vejo que é sábio, mais empenho tenho em ouvir a sua profecia. Só me falou do passado, e o que eu lhe peço é o futuro.

A princesa pronunciou esta meia dúzia de palavras com uma agitação febril, que em vão queria ocultar ao seu auditório.

- Estou pronto - disse Bálsamo - e contudo, ainda uma vez peço a Vossa Alteza Real a mercê de me dispensar de semelhante coisa.

- Senhor, eu nunca repeti duas vezes: *eu quero*, e deve estar lembrado de que já o disse uma vez.

- Deixe-me pelo menos consultar o oráculo, minha senhora - disse Bálsamo com um tom suplicante. - Saberei depois se posso revelar a Vossa Alteza a profecia.

- Boa ou má, quero ouvi-la, entende-me bem, senhor? - bradou Maria Antonieta com uma irritação cada vez maior. - Se for boa, não lhe darei crédito, tomá-la-ei por uma

lisonja; se for má, será para mim um aviso; finalmente, seja como for, agradecer-lho-ei. Pode começar.

A princesa pronunciou estas palavras com um tom que não admitia observações nem demoras.

Bálsamo pegou na garrafa de gargalo estreito de que já falamos, e colocou-a sobre um prato de ouro.

Nesta posição, a água contida na garrafa brilhava com mil reflexos esquisitos, que pareciam oferecer alguma significação à atenção do feiticeiro.

Houve um silêncio geral.

Bálsamo levantou nas mãos a garrafa de cristal, e tendo-a assim observado alguns instantes com atenção, colocou-a sobre a mesa, abanando a cabeça.

- Então? - perguntou a Delfina.

- Não posso falar - disse Bálsamo.

O rosto da princesa tomou uma expressão que significava visivelmente:

“Deixa estar, eu tenho uma receita para fazer falar os que se calam”.

- Por que nada tem que dizer-me? - perguntou ela em voz alta.

- Há coisas que nunca se dizem aos príncipes, minha senhora - replicou Bálsamo com um tom que indicava estar decidido a resistir, mesmo às ordens da Delfina.

- Principalmente - disse esta - quando essas coisas se traduzem pela palavra: *nada*.

- Não é isso o que me impede, minha senhora; pelo contrário.

A princesa sorriu-se com desprezo.

Bálsamo parecia perturbado; o cardeal começou por dar uma gargalhada, e o barão aproximou-se a resmungar.

- Ora adeus, adeus - disse ele - lá me estragaram o meu feiticeiro; - não durou muito tempo. O que agora nos falta é ver este aparelho de ouro transformar-se em parras, como no conto oriental.

- Eu teria preferido simples parras - disse Maria Antonieta - a todo este aparato

que este senhor fez para conseguir ser-me apresentado.

- Minha senhora, - respondeu Bálsamo empalidecendo - lembre-se de que não solicitei semelhante honra.

- Não era muito difícil adivinhar que eu pediria para o ver.

- Perdoe-lhe, minha senhora - disse Andreia em voz baixa - ele julgou fazer bem.

- E eu digo-lhe que fez mal - redargüiu a princesa de modo que só Andreia e Bálsamo a pudessem ouvir. - Humilhar um ancião, não é o meio de se engrandecer; e quando pode beber pelo copo de estanho de um homem de bem, não se obriga uma princesa de França a beber pelo copo de ouro de um charlatão.

Bálsamo ergueu-se estremecendo, como se fora mordido por uma víbora.

- Minha senhora - disse ele - com uma voz alterada estou pronto a dizer-lhe o seu destino, já que a sua cegueira a impele a querer sabê-lo.

Bálsamo pronunciou estas palavras num tom ao mesmo tempo tão firme e ameaçador, que os assistentes sentiram um frio de gelo percorrer-lhes as veias.

A jovem Arquiduquesa de Áustria empalideceu.

- Não lhe dê ouvidos, minha filha - disse em alemão a velha dama a Maria Antonieta.

- Deixe-a ouvir; Sua Alteza quer saber, há-de sabê-lo - respondeu Bálsamo na mesma linguagem.

Estas palavras, pronunciadas num idioma estrangeiro, e que apenas entenderam algumas pessoas, deram maior mistério à situação.

- Vamos - disse a princesa resistindo às reflexões da sua velha dama - vamos, que fale. Se eu agora lhe dissesse que não falasse, julgaria que tenho medo.

Bálsamo ouviu estas palavras, e assomou-lhe aos lábios um sombrio e furtivo sorriso.

- É o que eu tinha dito - murmurou ele - um ânimo fanfarrão.

- Fale - disse a princesa - fale, senhor.

- Vossa Alteza Real exige que eu fale?

- Nunca revogo uma decisão.

- Então ouça-me só Vossa Alteza - disse Bálsamo.

- Pois sim - respondeu a Delfina. - Hei-de atacá-lo nos seus últimos entrincheiramentos. Afastem-se.

E fazendo um sinal que dava a entender que a ordem era geral, afastaram-se todos.

- Isto é um meio como qualquer outro para obter uma audiência particular, não é verdade, senhor? - disse a princesa voltando-se para Bálsamo.

- Não tente irritar-me, minha senhora - redargüiu o estranho; - sou apenas um instrumento de que Deus se serve para lhe dar aviso. Insulte a fortuna, ela lho pagará, porque sabe vingar-se. Eu não faço mais que traduzir as suas fantasias. Não faça, portanto, pesar mais sobre mim a cólera que em Vossa

Alteza produz a minha demora, nem me obrigue a pagar as desgraças de que sou apenas o sinistro arauto.

- Tem então que me anunciar desgraças?

- disse a Delfina, mais branda com a respeitosa expressão de Bálsamo, desarmada pela sua aparente resignação.

- Sim, minha senhora, e desgraças bem grandes.

- Diga-as todas.

- Farei a diligência.

- Então?

- Interrogue-me.

- A minha família viverá feliz?

- Qual? a que deixou ou a que a espera?

- Oh! a minha família verdadeira, a minha mãe Maria Teresa, meu irmão José, minha irmã Carolina.

- As suas desgraças não lhes chegarão.

- Essas desgraças então são-me pessoais?

- A Vossa Alteza e à sua nova família.

- Pode dar-me alguns esclarecimentos sobre essas desgraças?

- Posso, sim.

- A família real compõe-se de três príncipes?

- Sim.

- O duque de Berry, o conde de Provença e o conde de Artois.

- Exactamente.

- Qual será a sorte destes três príncipes?

- Hão-de reinar todos três.

- Então não terei filhos?

- Tê-los-á.

- Não serão varões?

- Haverá varões entre os filhos que tiver.

- Terei então a dor de os ver morrer?

- Lamentará que um esteja morto, como lamentará que outro esteja vivo.

- Meu esposo amar-me-á?

- Há-de amá-la.

- Muito?

- Demais!

- Mas então que desgraças me podem suceder, tendo eu o amor do meu marido e o apoio da minha família?

- Ambas as coisas virão a faltar-lhe.

- Ficar-me-á o amor e apoio do povo?

- O amor e apoio do povo... É o Oceano durante a calmaria... Já viu o Oceano durante uma tempestade, minha senhora?...

- Fazendo o bem, impedirei a tempestade de se levantar, ou, se ela se levantar, há-de levar-me consigo.

- Maior é a tormenta, maior é o abismo que ela abre.

- Ficarei com Deus.

- Deus não defende as cabeças que condenou.

- Que diz, senhor? não serei rainha?

- Pelo contrário, minha senhora, há-de sê-lo, mas aprouvesse ao Céu que o não fosse!

A jovem princesa sorriu-se desdenhosamente.

- Queira ouvir-me, minha senhora - prosseguiu Bálsamo - e lembre-se Vossa Alteza do que lhe digo.

- Estou ouvindo - disse a Delfina.

- Reparou - continuou o profeta - na pintura do primeiro quarto em que dormiu, na sua entrada em França?

- Sim, senhor - respondeu a princesa estremecendo.

- O que representava essa pintura?

- Uma matança, uma degolação... a dos Inocentes.

- Confesse que os rostos sinistros dos assassinos ficaram bem impressos na memória de Vossa Alteza Real?

- Confesso.

- E depois, durante a tempestade, não lhe aconteceu alguma coisa?

- Caiu um raio do lado esquerdo da estrada e quebrou uma árvore que, na sua queda, ia esmagando a minha carruagem.

- Isso são agouros - disse Bálsamo com uma voz triste.

- E agouros maus?

- Parece-me que seria difícil interpretá-los de outro modo.

A Delfina abaixou a cabeça; depois de um momento de reflexão e de silêncio, ergueu-a novamente e perguntou:

- De que modo morrerá meu marido?

- Sem cabeça.

- De que modo morrerá o conde de Provença?

- Sem pernas.

- De que modo morrerá o conde de Artois?

- Sem coração.

- E eu?

Bálsamo abanou a cabeça.

- Fale... - disse a Delfina - fale...

- Nada mais tenho que dizer.

- Mas quero que fale! - exclamou Maria Antonieta estremecendo.

- Por piedade, minha senhora...

- Oh! fale!...

- Nunca, minha senhora, nunca!...

- Fale, senhor - prosseguiu Maria Antonieta em tom de ameaça; - fale, quando não direi que isto tudo não é mais que uma

comédia ridícula. E tome conta! lembre-se de que a zombaria é perigosa com uma filha de Maria Teresa, com uma mulher que tem em suas mãos a vida de trinta milhões de homens.

Bálsamo permaneceu mudo.

- Então não sabe mais nada? - disse a princesa encolhendo os ombros com desprezo ou antes, está exausta a sua imaginação?

- Eu sei tudo, minha senhora - respondeu Bálsamo - e já que absolutamente o quer assim...

- Sim, quero-o.

Bálsamo pegou na garrafa, que continuava a estar sobre o prato de ouro e colocou-a num recanto sombrio do caramanchão. Depois, tomando a Arquiduquesa pela mão, levou-a para esse recanto.

- Está pronta? - perguntou ele à princesa a quem esta acção veemente assustara.

- Sim.

- Então de joelhos, minha senhora, de joelhos e assim estará na atitude precisa para pedir a Deus que a livre do terrível desfecho a que vai assistir.

A Delfina obedeceu maquinalmente e ajoelhou.

Bálsamo tocou o globo de cristal com a sua varinha; no meio dele apareceu decerto alguma figura horrível e medonha.

A Delfina quis levantar-se, cambaleou, caiu, soltou um grito e perdeu os sentidos. O barão acudiu; a princesa estava desmaiada.

No fim de alguns minutos tornou a si.

Passou as mãos pela fronte, como uma pessoa que tenta reunir as suas idéias.

Depois, de repente, bradou com acento de terror inexplicável:

- A garrafa! a garrafa!

O barão deu-lha. A água estava límpida e sem uma única mancha.

Bálsamo havia desaparecido.

XVI

O BARÃO DE TAVERNEY JULGA FINALMENTE DESCOBRIR UMA PEQUENA PARTE DO FUTURO

O primeiro que viu o desfalecimento da princesa, foi, como já dissemos, o barão de Taverney; estava à espera, mais curioso que ninguém, para ver o que ia passar-se entre ela e o feiticeiro. Ouvira o grito que Sua Alteza Real tinha soltado, tinha visto Bálsamo sair do caramanchão, e portanto acudia-lhe.

A primeira palavra da Delfina foi pedir que lhe mostrassem a garrafa, a segunda foi que não fizessem mal ao feiticeiro. Era tempo de se fazer esta recomendação: Filipe de Taverney ia correr ao encontro de Bálsamo, quando a voz da Delfina o fez parar.

Então a sua dama de honor aproximou-se dela e dirigiu-lhe algumas perguntas em

alemão; entretanto, nada respondeu a todas essas perguntas; disse apenas que Bálsamo não lhe havia faltado ao respeito, e que, provavelmente fatigada pela jornada e pela tempestade da véspera, tinha sido acometida de um ataque nervoso.

Estas respostas foram traduzidas ao senhor de Rohan, que esperava ouvir explicações, sem todavia se atrever a fazer a menor pergunta.

Na corte contentam-se com meia resposta; a da Delfina não satisfez, mas pareceu satisfazer a todos os assistentes. Filipe aproximou-se dela.

- Minha senhora - disse ele - é para obedecer às ordens de Vossa Alteza Real, que venho muito contra minha vontade lembrar-lhe que já decorreu a meia hora que tencionava passar aqui, e que as carruagens estão prontas e esperam Vossa Alteza.

- Bem - disse ela com um gesto encantador - mas eu resolvi outra coisa. Estou muito incomodada para partir

imediatamente... Se eu dormisse algumas horas, parece-me que isso me faria algum bem.

O barão empalideceu. Andreia olhou para seu pai.

- Vossa Alteza sabe quanto é pouco digna de a receber esta casa - disse o barão de Taverney.

- Oh! por quem é, senhor barão! - disse a princesa como se estivesse para desfalecer - tudo é bom contanto que eu possa descansar um pouco.

Andreia retirou-se logo para fazer preparar a sua câmara, que não era a maior nem, talvez, a mais ornada; mas na câmara de uma donzela aristocrática como Andreia, ainda que seja pobre como o era, há sempre alguma coisa de elegante, que alegra a vista de outra mulher.

Todos se apressaram em querer servir a Delfina, mas esta, com um sorriso melancólico, fez um sinal com a mão, como se

já não tivesse forças para falar, pedindo que a deixassem só.

Então afastaram-se todos pela segunda vez.

Maria Antonieta seguiu toda a gente com a vista até desaparecerem; depois, ficou pensativa, com o rosto escondido entre as mãos.

E não eram bem horríveis os presságios que a acompanhavam em França? Essa casa em que entrara em Estrasburgo, a primeira que havia pisado nessa terra em que deveria ser rainha, e cuja pintura mostrava a degolação dos Inocentes; essa tempestade que na véspera quebrara uma árvore junto da sua carruagem, e finalmente essas profecias feitas por um homem extraordinário, profecias seguidas pela misteriosa aparição, cujo segredo a princesa parecia não querer revelar a ninguém!

Ao cabo de dez minutos, pouco mais ou menos, voltou Andreia, volta que tinha por único fim anunciar que o seu quarto estava

pronto. Não se julgava que a ordem da princesa se entendesse com ela, e Andreia portanto dirigiu-se ao caramanchão.

Ficou de pé alguns minutos diante da princesa, sem se atrever a falar-lhe, porque parecia entregue a uma meditação bem profunda.

Finalmente, Maria Antonieta levantou a cabeça e fez um sinal com a mão a Andreia.

- O quarto de Sua Alteza está pronto - disse esta sorrindo-se; - o que unicamente lhe rogamos...

A Delfina não deixou a donzela acabar.

- Muito obrigada - disse ela. - Faça-me o favor de chamar a condessa de Langershausen, e de nos servir de guia.

Andreia obedeceu; a velha dama de honor apareceu.

- Dê-me o braço, minha boa Erigida - disse a Delfina em alemão - porque realmente não tenho forças para caminhar só.

A condessa obedeceu. Andreia deu um passo como querendo também auxiliá-la.

- Entende o alemão? - perguntou Maria Antonieta.

- Sim, minha senhora - respondeu Andreia em alemão - e também o falo um pouco.

- Optimamente! - exclamou a Delfina com alegria. - Oh! como isto se combina bem com os meus projectos.

Andreia não ousou perguntar à sua augusta hóspede quais eram esses projectos, não obstante o desejo que tinha de conhecê-los.

A Delfina apoiou-se no braço da condessa de Langershausen e caminhou a passos lentos. Os joelhos dobravam-se-lhe debaixo do corpo.

Quando ia a sair do caramanchão, ouviu a voz do cardeal de Rohan que dizia:

- Como, senhor de Stainville, quer falar com Sua Alteza Real, apesar da ordem?

- Assim é preciso - respondeu o governador com voz firme - e tenho a certeza de que me perdoará.

- Realmente, senhor, não sei se devo...

- Deixe entrar o senhor governador - disse a princesa aparecendo debaixo do arco de folhagem; - aproxime-se, senhor de Stainville.

Inclinaram-se todos diante da ordem de Maria Antonieta e afastaram-se para deixar passar o cunhado do ministro todo-poderoso que então governava a França.

O senhor de Stainville olhou em torno de si como para recomendar segredo. Maria Antonieta conheceu que ele queria falar-lhe em particular; as pessoas presentes, que também o perceberam, afastaram-se. Ficaram ambos sós.

- Ofícios de Versalhes, minha senhora, - disse o senhor de Stainville a meia voz, apresentando à Delfina uma carta que ele até então tinha conservado escondida debaixo do chapéu.

A princesa recebeu-a e leu o sobrescrito:

“Ao senhor barão de Stainville, governador de Estrasburgo.”

- A carta não é para mim, senhor, é para si; queira abri-la, e se tiver alguma coisa que me interesse, diga-mo.

- O sobrescrito efectivamente é para mim, minha senhora; mas repare num canto em que está o sinal convencionado com meu irmão, o senhor de Choiseul, que indica ser a carta para Vossa Alteza.

- Ah! é verdade, uma cruz, não tinha reparado; então dê-ma.

A princesa abriu a carta e leu as linhas seguintes:

“Está resolvida a apresentação da Sr^a. du Barry, se ela achar uma madrinha. Temos ainda a esperança que não achará nenhuma. Contudo, o melhor meio de evitar esta apresentação era a pronta chegada de Sua Alteza Real. Uma vez que a princesa esteja em Versalhes, ninguém mais se atreverá a propor uma semelhante monstruosidade.”

- Muito bem! - disse a Delfina, sem que esta carta parecesse causar-lhe nem sequer a mais leve comoção ou interesse.

- Vossa Alteza Real quer agora vir descansar? - perguntou Andreia timidamente.

- Não, menina, muito agradecida - disse a Arquiduquesa; - o ar fresco deu-me novo ânimo; sinto-me agora mais forte e bem disposta.

Repeliu o braço da condessa e deu alguns passos como se nada padecera.

- Apronte-se a carruagem - disse ela - vou partir.

O senhor de Rohan olhou admirado para o senhor de Stainville, como para lhe pedir a explicação de tão súbita mudança.

- O senhor delfim está com impaciência - respondeu o governador ao ouvido do cardeal.

A mentira foi dita com tanta habilidade que o senhor de Rohan tomou-a por uma indiscrição e contentou-se com ela.

Quanto a Andreia, seu pai havia-a acostumado a respeitar todas as fantasias de cabeça coroadas, e por isso não se admirou

desta contradição de Maria Antonieta, a qual, voltando-se para ela e não vendo em seu rosto mais que uma expressão de inefável doçura, disse-lhe:

- Muito lhe agradeço, menina; a sua hospitalidade penhorou-me muito.

Depois, dirigindo-se ao barão, continuou:

- Senhor, quando parti de Viena fiz voto de contribuir para a fortuna do primeiro francês que encontrasse em chegando às fronteiras da França. Esse francês é seu filho... Mas não ficarei nisso, e a senhora... como se chama sua filha, senhor?

- Andreia, minha senhora.

- Pois então Andreia não será esquecida...

- Oh! minha senhora! - murmurou a donzela.

- Sim, há-de ser uma das minhas damas de honor... é uma prova da minha simpatia, não é verdade? - continuou a Delfina voltando-se para Taverney.

- Oh! minha senhora! - exclamou o barão, a quem estas palavras realizavam todos os seus sonhos - por esse lado não estamos inquietos: temos mais nobreza que riqueza... entretanto... uma fortuna tão grande...

- Bem a merece, senhor... O irmão defenderá o rei no exército, a irmã servirá a Delfina no palácio; o pai dará conselhos de lealdade ao filho, e de virtude à filha... Vou ter neles dois fiéis servidores, não é verdade, senhor? - prosseguiu Maria Antonieta dirigindo-se ao mancebo, que agradeceu ajoelhando.

- Mas... - murmurou o barão a quem primeiro ocorreu a faculdade de reflectir.

- Sim, percebo - disse a Delfina - tem que fazer alguns preparativos, não é isso?

- Exactamente, minha senhora - respondeu Taverney.

- Pois sim, mas esses preparativos não podem ser longos.

Um sorriso triste, que brincou nos lábios de Andreia e de Filipe, mostrando-se igualmente com amargura nos do barão, suspendeu-a nesse caminho que se tornava cruel para o amor-próprio dos Taverney.

- Sem dúvida, não podem ser longos, a julgar pelos seus desejos de me agradarem acrescentou a Delfina. Eu deixo aqui uma das minhas carruagens para os conduzir.

- Vamos, senhor governador, preciso do seu auxílio.

O governador aproximou-se. A princesa prosseguiu:

- Deixo aqui ao senhor de Taverney uma carruagem, porque o levo comigo para Paris, com a sua filha Andreia. Nomeie alguém para acompanhar essa carruagem e fazê-la reconhecer como sendo das minhas.

- Imediatamente, minha senhora - respondeu o barão de Stainville; - aproxime-se, senhor de Beausire.

Um mancebo de vinte e quatro ou vinte e cinco anos, de boa presença, de olhar vivo e

inteligente, saiu das fileiras da comitiva e aproximou-se com o chapéu na mão.

- Mandará separar uma carruagem para o senhor de Taverney e acompanhá-lo-á.

- Faça diligência por nos alcançar quanto antes - disse a Delfina; - autorizo-o a dobrar as mudas, se tanto for necessário.

O barão e seus filhos não cessavam de dar graças a Deus.

- Esta partida repentina não lhe causa demasiada pena, senhor? - perguntou a Delfina.

- Estamos às ordens de Vossa Alteza - respondeu o barão.

- Adeus! adeus! - disse a Delfina com um sorriso. - Para as carruagens, meus senhores!... Sr. Filipe, a cavalo!

Filipe beijou a mão de seu pai, abraçou sua irmã e montou a cavalo.

Um quarto de hora depois, de toda essa brilhante caravana, já nada existia na avenida de Taverney, senão um mancebo sentado no limiar da porta, o qual, pálido e triste, seguia

com olhar ávido as nuvens de pó que o galope dos cavalos produziam ao longe na estrada.

Esse mancebo era Gilberto.

Durante este tempo o barão, que ficara só com Andreia, ainda não tinha podido falar.

Taverney oferecia um espectáculo bem singular.

Andreia, de mãos postas, pensava na série dos estranhos acontecimentos que acabavam de passar pela sua vida tão sossegada e julgava estar sonhando.

O barão coçava as sobrancelhas de compridos cabelos e amarrotava o bofe da sua camisa. Nicola, encostada a porta, olhava para seus amos.

La Brie, os braços pendentes, de boca aberta, olhava para Nicola.

O barão foi o primeiro que falou.

- Ó maroto - bradou ele para La Brie -
ficas aí como uma estátua, e aquele senhor,
aquele oficial da casa do rei espera lá fora.

La Brie deu um salto e desapareceu da sala.

Um instante depois voltou.

- Senhor - disse ele - aquele senhor está lá em baixo.

- Que está fazendo?

- Está dando a pimpla a comer ao seu cavalo.

- Deixá-lo. E a carruagem?

- Está na avenida.

- Pronta?

- Com quatro cavalos. Oh! que belos animais! Mas... estão comendo os arbustos do jardim.

- Os cavalos da casa real têm direito de comer o que quiserem. A propósito, onde está o feiticeiro?

- O feiticeiro desapareceu.

- Deixando o serviço de ouro sobre a mesa - disse o barão; - não pode ser. Há-de voltar ou mandar alguém.

- Não o creio - disse La Brie. - Gilberto viu-o partir na sua carruagem.

- Gilberto viu-o partir na sua carruagem? – repetiu o barão, pensativo.

- Sim, senhor.

- Aquele preguiçoso do Gilberto vê tudo. Vai arranjar o baú.

- Está pronto, senhor.

- Como! está pronto?

- Sim, apenas ouvi a ordem da senhora Delfina, dirigi-me ao quarto do senhor barão e arranjei o seu fato e a sua roupa.

- Quem te ordenou isso?

- Pareceu-me que andava bem, prevenindo os seus desejos.

- Asno! vamos, auxilia minha filha.

- Obrigada, meu pai, basta-me Nicola.

O barão começou de novo a pensar.

- Mas, grande brejeiro - disse ele para La Brie – há uma coisa impossível!

- Qual é, senhor?

- E na qual não pensaste, porque tu em nada pensas.

- Queira dizer, senhor.

- É que Sua Alteza Real tenha partido sem deixar alguma coisa ao senhor de Beausire, ou que o feiticeiro tenha desaparecido sem ter dito nem uma palavra a Gilberto.

Neste momento ouviu-se no pátio um pequeno assobio.

- Senhor - disse La Brie.

- Então?

- Chamam.

- Quem?

- Aquele senhor.

- O oficial da casa de el-rei?

- Sim, e Gilberto também anda por ali a passear como se quisesse dizer alguma coisa.

- Então vai, animal!

La Brie obedeceu com a sua costumada prontidão.

- Meu pai - disse Andreia chegando-se para o barão - eu adivinho o que o aflige. Mas, como sabe, tenho uns trinta luíses e aquele belo relógio guarnecido de brilhantes,

que a rainha Maria Leczinska deu a minha mãe.

- Sim, minha filha, sim, isso é bom - disse o barão; - mas guarda tudo, há-de ser-te preciso um vestido rico para seres apresentada... Entretanto, compete-me a mim procurar algum recurso. Caluda, aí vem La Brie.

- Senhor - bradou La Brie entrando, trazendo uma carta numa das mãos e algumas moedas de ouro na outra; - senhor, aqui está o que a Delfina deixou para mim, dez luíses! senhor, dez luíses!

- E essa carta, patife?

- Ah! esta carta é para o senhor barão; deixou-a o feiticeiro.

- O feiticeiro! E quem ta entregou?

- Gilberto.

- Não to dizia eu, bruto quadrado! dá-ma, dá-ma depressa!

O barão arrancou a carta das mãos de La Brie, abriu-a precipitadamente e leu em voz baixa:

“Senhor barão, depois de uma tão augusta personagem se ter servido em sua casa dessa baixela, pertence-lhe; guarde-a como uma relíquia, e lembre-se algumas vezes do seu hóspede agradecido - *José Bálsamo.*”

- La Brie! - bradou o barão depois de reflectir um instante.

- Senhor?

- Não há um bom ourives em Bar-le-Duc?

- Sim, senhor, o que consertou o copo de prata da senhora sua filha.

- Muito bem! Andreia, guarda de parte o copo pelo qual bebeu Sua Alteza Real, e manda transportar para a carruagem o resto da baixela. E tu, tratante, corre à adega e oferece àquele senhor o que ainda houver de bom vinho.

- Há só uma garrafa - disse La Brie com uma profunda melancolia.

- É quanto basta.

La Brie saiu.

- Vamos, Andreia - disse o barão pegando nas mãos de sua filha - vamos, coragem, minha filha! Vamos ao paço; há muitos títulos vagos, muitas abadias para dar, muitos regimentos sem coronel, muitas pensões para conceder. O paço é um belo país, que o sol aquece bem. Põe-te sempre do lado em que brilhar, minha filha, és formosa para ser vista. Vai, minha filha, vai.

Andreia saiu para se ir preparar.

Nicola seguiu-a.

- Olá! monstro de La Brie - bradou Taverney saindo atrás de todos - trata o senhor oficial da casa de el-rei o melhor possível, ouves?

- Sim, senhor - respondeu La Brie do fundo da adega.

- Eu - continuou o barão - dirigindo-se para o seu quarto - vou arranjar os meus papéis... Dentro de uma hora deveremos estar fora desta casinhola, ouves, Andreia? Finalmente, sairei de Taverney, e com o pé direito, que é o principal. Que belo homem

que é aquele feiticeiro! Na verdade, vou-me tornando supersticioso como um demónio. Mas avia-te, miserável La Brie!

- Senhor, fui obrigado a ir às apalpadelas. Já não havia velas no castelo.

- Pelo que parece, era já tempo - disse o barão.

XVII

OS VINTE E CINCO LUISES DE NICOLA

Andreia, voltando ao seu quarto, activava os preparativos da partida. Nicola ajudou esses preparativos com um ardor que dissipou logo a nuvem que se erguera entre ela e sua ama, por ocasião da cena que de manhã havia tido lugar.

Andreia olhava para ela disfarçadamente, e sorria vendo que nem mesmo teria necessidade de perdoar.

- É uma boa rapariga - dizia ela consigo - agradece muito os favores que recebe, não é ingrata; tem os seus momentos de fraqueza, como todas as criaturas que Deus deitou ao mundo. Esqueçamos!

Nicola também não era rapariga que deixasse de examinar a fisionomia de sua ama, e bem percebia a indulgência crescente

que se pintava no formoso rosto de Andreia de Taverney.

- Que tola que eu sou - pensou ela; - estive a ponto de indispor-me com esta menina, por causa desse vadio de Gilberto; ela que é tão boa, que me leva para Paris aonde dizem que quase sempre se faz fortuna.

Era difícil que estas duas simpatias, correndo uma para a outra, se não encontrassem, e que encontrando-se, não se pusessem em contacto.

Andreia deu o exemplo.

- Guarda as minhas rendas numa caixa - disse ela.

- Em que caixa, minha senhora? - perguntou a aia.

- Eu sei! Não temos nenhuma?

- Há uma que a senhora me deu, e que está no meu quarto.

E Nicola correu para ir buscar a caixa com tanto empenho, que decidiu Andreia a esquecer tudo completamente.

- Mas essa caixa é tua - disse Andreia quando ela voltou - e pode fazer-te falta, Nicola.

- Ora! a senhora necessita mais dela do que eu, e como afinal é propriedade sua...

- Quando se quer pôr casa - redargüiu Andreia - nunca há trastes de sobejo. E portanto, nesta ocasião, precisas dela mais do que eu...

Nicola corou.

- Precisas caixas para guardares o teu vestuário de noivado.

- Oh! senhora - disse Nicola alegremente abanando a cabeça - os meus enfeites de noivado serão fáceis de guardar e não ocuparão muito espaço.

- Por quê? Se casas, Nicola, quero que sejas feliz, e mesmo rica.

- Rica!

- Sim, rica, proporcionalmente, já se sabe.

- Achou-me para noivo algum rendeiro?

- Não; mas achei-te um dote.

- Realmente, senhora?

- Sabes o que há na minha bolsa?

- Sim, minha senhora, vinte e cinco belos luíses de ouro.

- Pois bem, são para ti esses vinte e cinco luíses, Nicola.

- Vinte e cinco luíses! É quase uma fortuna! - exclamou Nicola arrebatada.

- Melhor para ti, se dizes isso seriamente, minha filha.

- E a senhora dá-me esses vinte e cinco luíses?

- Dou, sim.

Nicola fez um gesto de surpresa, depois de comoção, depois as lágrimas rebentaram-lhe dos olhos e pegou na mão de Andreia e beijou-a.

- Teu marido então há-de ficar contente, não é verdade? - disse Andreia.

- Bem contente, certamente; pelo menos, assim o espero - redargüiu Nicola.

E começou a pensar que o motivo da recusa de Gilberto, era sem dúvida o receio

da miséria, e que agora, como estava rica, talvez causasse mais cobiça ao mancebo ambicioso. Eis o que havia de verdadeiramente generoso no projecto de Nicola. Talvez que algum malévolo comentador queira ver em tudo isto uma pouca de soberba, uma necessidade involuntária de humilhar aquele que a tinha humilhado.

Temos porém quase a certeza de que não era assim, e que as intenções de Nicola eram puras.

Andreia viu que ela meditava.

- Coitada! - murmurou ela - esta rapariga podia ser tão feliz!

Nicola ouviu estas palavras e estremeceu. Efectivamente, estas palavras deixavam perceber à frívola rapariga um eldorado de sedas, diamantes, rendas e amor, em que Andreia nem mesmo ainda havia pensado, porque a felicidade para ela era a vida tranqüila.

Entretanto, Nicola voltou o rosto para não ver essa nuvem de ouro e púrpura que passava pelo horizonte.

Resistiu.

- Enfim, minha senhora, talvez eu aqui também seja feliz - disse ela.

- Pensa bem, minha filha.

- Sim, minha senhora, eu pensarei.

- Pois sim, procura a felicidade onde julgares encontrá-la, e não tornes a dizer loucuras.

- É verdade, minha senhora, e já que se oferece uma ocasião, estimo muito poder dizer-lhe que na realidade fui bem louca, e principalmente bem culpada, mas espero que me perdoará; quando se ama alguém...

- Seriamente, amas Gilberto?

- Sim, minha senhora, eu... eu amava-o, - disse Nicola.

- É incrível! - disse Andreia sorrindo, - que é que achaste tu nesse rapaz que te pudesse agradar? A primeira vez que o vir,

hei-de olhar bem para esse Sr. Gilberto que inspira paixões.

Nicola olhou para Andreia com um certo ar de dúvida. Andreia, falando assim, usaria profunda hipocrisia, ou seria levada pela sua perfeita inocência?

Andreia não teria talvez olhado para Gilberto, podia assim ser, dizia consigo Nicola; mas o que decerto tinha acontecido, era Gilberto olhar para Andreia, porque isso tinha-o ela presenciado.

- Gilberto não nos acompanha para Paris, minha senhora? - perguntou Nicola.

- Para quê? - respondeu Andreia.

- Mas...

- Gilberto não é um criado; para mordomo de uma casa de Paris não pode servir. Os ociosos de Taverney, minha querida Nicola, são como as aves que trinam e cantam entre as flores do meu jardim e nos arbustos da avenida. Tiram o seu sustento da terra por mais pobre que seja. Mas em Paris,

um ocioso custa muito dinheiro e não poderíamos conservá-lo lá sem trabalhar.

- Mas se eu casar com ele... - disse Nicola.

- Pois bem, Nicola, se casares com ele, ficarás aqui, em Taverney, guardando esta casa de que minha mãe tanto gostava.

Nicola não esperava esta resposta; não podia descobrir o mais leve mistério nas palavras de Andreia, que assim renunciava a Gilberto, sem pena, sem saudade; entregava a outra aquele a quem na véspera concedera a honra de uma preferência, era incompreensível.

- Isto naturalmente está na organização das senhoras de bem - pensava Nicola - e será esse o motivo por que não vi grandes desgostos entre as educandas do convento da Anunciada, e entretanto que de intrigas! oh! meu Deus!

Andreia provavelmente adivinhou a hesitação de Nicola, e talvez visse também seu espírito flutuar entre a ambição dos

prazeres parisienses e a doce tranqüilidade de Taverney, porque, com uma voz suave mas firme, disse:

- Nicola, a resolução que tomares vai talvez decidir de toda a tua vida; reflecte bem, minha filha; tens ainda uma hora para te decidires. Uma hora na verdade é bem pouco, eu sei-o, mas julgo-te com juízo bastante para resolveres o que deverás fazer: ficar ao meu serviço ou casar, eu ou Gilberto. Não quero para aia uma mulher casada, aborreço os segredos conjugais.

- Uma hora, minha senhora! - repetiu Nicola - uma hora!

- Uma hora!

- Pois sim; também tem razão, minha senhora, é quanto me basta.

- Pois então, arranja o meu fato todo, junta-lhe o de minha mãe que, como sabes, são para mim relíquias, e vem anunciar-me a tua resolução. Seja qual for, aí tens os teus vinte e cinco luíses. Se casar é o teu dote, se

me acompanhadas são os teus dois primeiros anos de ordenado.

Nicola recebeu a bolsa das mãos de Andreia e beijou-a.

A aia não queria decerto perder nem um segundo da hora que sua ama lhe concedera, porque saiu precipitadamente do quarto, desceu rapidamente a escada, atravessou o pátio e desapareceu pela avenida.

Andreia, vendo-a afastar-se, murmurou:

- Pobre louca! podia ser tão feliz! O amor será um objecto tão doce?

Cinco minutos depois, e para não perder tempo, decerto, Nicola batia na vidraça do quarto de Gilberto, a quem Andreia havia dado o título de ocioso, e o barão o de preguiçoso.

Gilberto estava no fundo do quarto, fazendo alguma coisa que se não podia perceber, e de costas voltadas para essa janela.

Ao ouvir a bulha dos dedos de Nicola batendo na vidraça, abandonou a obra em

que estava ocupado, tão precipitadamente como se fosse algum ladrão apanhado em flagrante delito e voltou-se de repente para a janela.

- Ah! és tu, Nicola?

- Sim, sou ainda eu - respondeu a rapariga da parte de fora da janela, com um modo decidido e um sorriso nos lábios.

- Então sê bem-vinda, Nicola - disse Gilberto abrindo a janela.

Nicola, sensível a esta primeira demonstração de Gilberto, estendeu-lhe a mão; Gilberto apertou-a.

- Não principia mal - pensou ela; - adeus, minha jornada a Paris!

E aqui é ocasião de louvar sinceramente Nicola, que fazendo esta reflexão soltou apenas um suspiro.

- Sabes - disse a rapariga encostando-se à janela - sabes, Gilberto, que deixam Taverney.

- Bem sei - respondeu Gilberto.

- Sabes para onde vão?

- Para Paris.

- E sabes que eu também vou?

- Não sabia.

- Então?

- Se isso te causa prazer, dou-te muitos parabéns.

- Como dizes isso? - perguntou Nicola.

- Eu disse: se isso te causa prazer; parece-me que é bem claro.

- Causa-me prazer... é conforme? - prosseguiu Nicola.

- Que queres dizer nisso?

- Quero dizer, que de ti dependeria que isso me não causasse prazer.

- Não entendo - disse Gilberto sentando-se no parapeito da janela, de modo que os seus joelhos tocavam nos braços de Nicola, e que ambos podiam continuar a conversa, meio escondidos pelos jasmineiros e madressilvas, que lhes formavam toldo por cima da cabeça.

Nicola olhou ternamente para Gilberto.

Mas Gilberto fez um sinal com o pescoço e os ombros, como quem queria dizer que não percebia nem a significação do olhar, nem a das palavras.

- Está bom... Já que é preciso dizer-te tudo, ouve-me - continuou Nicola.

- Estou ouvindo - disse Gilberto friamente.

- A senhora deseja que eu a acompanhe a Paris.

- Bom - disse Gilberto.

- Só se...

- Só se?... - repetiu o mancebo.

- Só se casar aqui.

- Então sempre teimas em casar? - disse Gilberto muito impassível.

- Sim, principalmente depois que estou rica - respondeu Nicola.

- Ah! estás rica? - perguntou Gilberto com uma fleuma que descoroçoou Nicola.

- Muito rica, Gilberto.

- Realmente?

- Sim.

- E como foi esse milagre?

- A senhora dotou-me.

- É uma grande felicidade, Nicola, e dou-te os parabéns.

- Vê - disse a rapariga mostrando os vinte e cinco luíses que trazia na mão.

E dizendo isto, olhava para Gilberto, a fim de ver se descobria nos seus olhos um raio de alegria ou pelo menos de cobiça.

Gilberto nem sequer pestanejou.

- Por Deus - disse ele - é uma bela soma!

- Isto não é tudo - prosseguiu Nicola - o senhor barão vai tornar a ser rico. Fala-se em reedificar Casa Vermelha e embelezar Taverney.

- Não duvido.

- E então o castelo há-de precisar de alguém para o guardar.

- Sem dúvida.

- Pois bem! a senhora dá o lugar...

- De porteiro ao feliz esposo de Nicola - continuou Gilberto com uma ironia, que não

foi tão disfarçada que Nicola não a percebesse.

Entretanto, conteve-se.

- O feliz esposo de Nicola - repetiu ela - não será alguém que conheces, Gilberto?

- De quem queres falar, Nicola?

- Vejamos... estás pateta ou não falo eu bem francês? - exclamou a rapariga, que começava já a perder a paciência.

- Entendo-a perfeitamente - disse Gilberto; - oferece-me para ser seu esposo, não é assim, Sr^a. Legay?

- Sim, Sr. Gilberto.

- E é depois de enriquecer que torna a propor-me semelhante coisa? Realmente, agradeço-lho muito.

- Deveras?

- Sem dúvida.

- Pois bem! eu também to agradeço - disse francamente Nicola, estendendo para ele a mão - toca!

- Eu?

- Aceitas, não é verdade?

- Recuso.

Nicola deu um salto para trás.

- Olha - disse ela - tens mau coração ou mau espírito, Gilberto, e, acredita-me, esta acção não te há-de fazer feliz. Se eu ainda te amasse, e se neste passo que dei houvesse outra coisa que não fosse um ponto de honra e de probidade, despedaçar-me-ias a alma. Mas, graças a Deus, o que eu não queria era que se pudesse dizer que, depois de enriquecer, Nicola desprezava Gilberto e lhe dava um tormento por um insulto. Agora, Gilberto, tudo entre nós se acabou.

Gilberto fez um gesto de indiferença.

- O que eu penso de ti - disse Nicola - bem o sabes; para me decidir, eu, cujo carácter tão livre, tão independente como o teu, o que tu conheces perfeitamente; para me decidir a enterrar-me aqui, quando Paris me espera! Paris que há-de ser o meu teatro, entendes? Para me decidir a querer ver todos os dias do ano, durante a vida inteira, esse rosto frio e impenetrável, que oculta

pensamentos tão vis, fazia um sacrifício! Tu não o entendes, pior para ti. Não digo que tenhas saudade de mim, Gilberto; mas digo que me hás-de temer, e corar de pejo por me veres no lugar para onde me tiver conduzido o teu desprezo de hoje. Eu podia tornar a ser honrada; faltava-me para isso a mão de um amigo, que me segurasse à beira do precipício em que estou suspensa, e no qual, escorregando, vou cair. Bradei: ajuda-me, segura-me, e tu repeliste-me, Gilberto. Eu caio, perco-me, desapareço; Deus te pedirá contas deste crime. Adeus, Gilberto, adeus!

E a soberba rapariga retirou-se sem cólera, sem impaciência, acabando, como todos os que têm um coração bem formado, por mostrar toda a generosidade da sua alma.

Gilberto fechou sossegadamente a janela e dirigiu-se para o fundo do quarto, onde foi acabar a sua misteriosa operação, interrompida pela chegada de Nicola.

XVIII

DESPEDIDA DE TAVERNEY

Nicola antes de voltar para junto de sua ama, parou na escada para comprimir os últimos ímpetos de raiva que sentia em si.

O barão encontrou-a imóvel, pensativa; e apesar da grande lida em que andava, vendo-a tão formosa, abraçou-a, como o teria feito o senhor de Richelieu aos trinta anos.

Nicola, a quem esta brincadeira do barão chamara a si, subiu precipitadamente para o quarto de Andreia, que acabava de fechar uma caixa.

- Então! - disse Andreia as reflexões estão feitas?

- Estão feitas, minha senhora - respondeu Nicola com um modo desembaraçado e decisivo.

- Casas?

- Pelo contrário.

- Ora adeus! E essa grande paixão?

- Nunca me dará gosto igual à felicidade que gozo ao pé da senhora, que a cada instante me cumula de bondades; pertenço-lhe e quero pertencer-lhe sempre. Conheço a senhora a quem me dou, e sabe Deus se eu conheceria o senhor a quem me ia entregar!

Andreia ficou admirada com esta manifestação de sentimento, que estava longe de julgar encontrar na estouvada Nicola. Mal sabia ela que essa mesma Nicola, escolhia a sua companhia, na falta de outra mulher.

Sorriu-se, feliz por encontrar uma criatura humana melhor do que a esperava.

- Fazes bem em me acompanhar, Nicola
- disse ela. - Não o esquecerei. Confia-me a tua sorte, minha filha, e se eu tiver alguma felicidade, terás nela a tua parte, prometo-to.

- Oh! minha senhora, está decidido, acompanho-a.

- Sem saudades?

- Cegamente.

- Não gosto dessa resposta - observou Andreia. - Não quero que um dia te possas arrepender de me haveres seguido cegamente.

- Se me arrepender, minha senhora, a culpa terá sido só minha.

- Então já trataste isso tudo com o teu namorado?

Nicola corou de pejo.

- Eu? - disse ela.

- Sim, tu; vi-te falar com ele.

Nicola mordeu os beiços. Ela bem sabia que da janela do quarto de Andreia se via perfeitamente a do quarto de Gilberto.

- É verdade, minha senhora - respondeu Nicola.

- E disseste-lhe?...

Nicola julgou que Andreia a estava interrogando para algum fim, renovaram-se-lhe as suspeitas e diligenciou responder hostilmente:

- Eu disse-lhe que não queria mais saber dele.

Estava decidido que estas duas mulheres, uma com a sua pureza de diamante, a outra com a sua natural tendência para o vício, nunca se haviam de entender.

Durante este tempo, acabava o barão de arranjar a sua bagagem: uma velha espada, que usava em Taverney, alguns pergaminhos, que mostravam o direito de se sentar nas carruagens reais, uma colecção da *Gazeta*, e certas correspondências, formavam a parte mais volumosa do seu haver. Como Bias, levava tudo isso debaixo de um braço.

La Brie fingia que suava, andando todo curvado sob o peso de um baú quase vazio.

Encontraram na avenida o senhor oficial da casa real, que durante estes preparativos tinha despejado a garrafa até à última gota.

Ele tinha reparado na cintura delgada e na perna bem feita de Nicola; não descansava de passear do lago para os castanheiros, na esperança de tornar a ver essa formosa

rapariga, que tão depressa lhe havia aparecido e desaparecido.

O senhor de Beausire, já dissemos que era este o seu nome, foi tirado da sua contemplação pelo convite que lhe fez o barão para chamar a carruagem, o que ele fez imediatamente.

A carruagem entrou. La Brie colocou-lhe em cima o baú, com um misto indizível de prazer e orgulho.

- Vou finalmente entrar nas carruagens reais - murmurou ele, levado pelo seu entusiasmo e julgando estar só.

- Sim, meu amigo, mas há-de ser na tábua - respondeu o senhor de Beausire mostrando-lhe ao mesmo tempo um sorriso de protecção.

- Como, senhor! leva La Brie? - perguntou Andreia ao barão; - e quem fica para guardar Taverney?

- Fica o preguiçoso filósofo!

- Gilberto?

- Sim; não tem ele uma espingarda?

- Mas com que se há-de sustentar?

- Com a sua espingarda! e há-de regalar-se, digo-to eu; não há minguia de perdizes e tordos em Taverney.

Andreia olhou para Nicola, esta começou a rir.

- Aí está o dó que tens dele, mau coração! - disse Andreia.

- Oh! é um rapaz muito hábil, minha senhora - redargüiu Nicola - e, pode ficar descansada, não se há-de deixar morrer de fome.

- É preciso deixar-lhe um ou dois luíses, senhor - disse Andreia ao barão.

- Para os estragar, não é verdade? nada, nada; vícios não lhe faltam já.

- Não, mas é para o ajudar a viver.

- Pois se berrar, mandar-se-lhe-á alguma coisa.

- Ora! - disse Nicola - sossegue, minha senhora, não há-de gritar.

- Não importa - observou Andreia - deixa-lhe sempre três ou quatro escudos.

- Não os quererá aceitar.

- Não os quererá aceitar? Então é bem soberbo o teu Sr. Gilberto!

- Sim, minha senhora, mas não lhe chame meu, que já o não é, graças a Deus.

- Vamos, vamos - disse o barão para pôr termo a toda essa questão, que cansava já o seu egoísmo; - vamos, os diabos levem o Sr. Gilberto, a carruagem espera-nos, entremos para ela, minha filha.

Andreia não fez mais observação alguma, saudou o seu castelo com o olhar e entrou na pesada carruagem.

O barão de Taverney sentou-se junto dela. La Brie, sempre vestido com a sua magnífica libré, e Nicola que parecia não ter conhecido nunca Gilberto, instalaram-se no lugar do cocheiro, e este montou um dos cavalos, em ar de postilhão.

- Mas, o senhor oficial, onde se coloca? - bradou Taverney.

- Vou a cavalo, senhor barão, a cavalo - respondeu Beausire olhando para Nicola, que

corava de prazer por ter tão depressa substituído um grosseiro aldeão por um elegante cavaleiro.

A carruagem pouco tardou em mover-se, puxada por quatro vigorosos cavalos; e as árvores da avenida, dessa avenida tão conhecida de Andreia, começaram a voar de um e outro lado da carruagem, e a desaparecerem uma por uma, tristemente inclinadas pelo vento de leste, como para dizer um derradeiro adeus aos donos que as abandonavam. Assim chegaram ao portão.

Gilberto estava de pé, imóvel, junto do portal. Tinha o chapéu na mão, não olhava, e contudo via Andreia.

Esta, inclinada pelo outro postigo, procurava ver, o mais tempo que podia, a sua querida habitação.

- Pare um instante - bradou o senhor de Taverney ao postilhão.

Este segurou os cavalos.

- Ouça, senhor preguiçoso - disse o barão para Gilberto - vai ser bem feliz; aí fica

só, como deve estar um verdadeiro filósofo; nada tem que fazer, não tem que ouvir admoestações. O que muito lhe recomendo é o maior cuidado com o fogo, enquanto dormir, e cuide também de Mahon.

Gilberto inclinou-se sem responder. Julgava sentir o olhar de Nicola pesar sobre ele de um modo insuportável; receava ver a rapariga triunfante e irónica, e receava isso como se pode temer a ferida de um ferro em brasa.

- Para diante, postilhão! - bradou o senhor de Taverney.

Nicola não se havia rido, como Gilberto temia; precisara mesmo mais que a sua força habitual, mais que o seu ânimo pessoal para não dizer em voz alta alguma palavra de compaixão ao infeliz mancebo, que assim abandonavam sem pão, sem futuro, sem consolação; fora-lhe preciso para isso olhar para o senhor de Beausire, que montado a cavalo tinha uma presença tão bela.

Ora, como Nicola olhava para o senhor de Beausire, não pôde ver Gilberto, que devorava Andreia com a vista.

Andreia não dava atenção a coisa alguma, os seus olhos, banhados em pranto, contemplavam unicamente a casa em que tinha nascido e em que sua mãe havia morrido.

A carruagem desapareceu. Gilberto, que um instante antes era já tão pouco para os viajantes, começava agora a ser para eles coisa nenhuma.

Taverney, Andreia, Nicola e La Brie, transpondo a porta do castelo, acabavam de entrar num mundo novo.

Cada um tinha a sua idéia.

O barão calculava que em Bar-le-Duc lhe emprestariam com facilidade cinco ou seis mil libras sobre o serviço dourado de Bálsamo.

Andreia recitava em voz baixa uma oração, que sua mãe lhe havia ensinado, para

afastar de si o Demónio da soberba e da ambição.

Nicola segurava o lenço do pescoço, que o vento lhe desarranjava, não tanto, porém, como o desejava o senhor de Beausire.

La Brie contava no fundo da sua algibeira os dez luíses da princesa e os dois de Bálsamo.

O senhor de Beausire metia o seu cavalo a galope.

Gilberto fechou a grande porta de Taverney, cujos gonzos rangeram por falta de azeite, como era costume.

Correu para o quarto, puxou pela sua cómoda, por detrás da qual estava um embrulho pronto e enfiou-o num pau; depois abriu a cama, descoseu o colchão de feno em que dormia, passou as mãos pela abertura que fez e achou um papel dobrado, que procurava. Esse papel continha um escudo de seis libras. Eram as economias de Gilberto, desde três ou quatro anos talvez.

Abriu o papel, olhou para o escudo a fim de se assegurar que não estava mudado, e tornando a embrulhá-lo meteu-o num dos bolsos das calças.

Mahon uivava, dando saltos na distância que lhe permitia a corrente de ferro a que estava preso; o pobre animal gemia por se ver assim abandonado sucessivamente por todos os seus amigos, porque com o seu admirável instinto adivinhava que Gilberto ia também abandoná-lo.

Começou portanto a uivar cada vez mais.

- Cala-te - bradou-lhe Gilberto - cala-te, Mahon!

Depois, como sorrindo-se com o paralelo antitético que se lhe apresentava no espírito, acrescentou:

- Não me abandonaram como se fosse um cão? Por que te não hei-de abandonar como se fosses um homem?

Depois, reflectindo melhor, prosseguiu:

- Mas abandonavam-me livre ao menos, livre para procurar a minha vida como melhor o entendesse. Pois bem! assim será, Mahon, farei por ti o que por mim faziam, nem mais nem menos.

E indo soltar o cão, disse:

- Aí estás livre, procura a tua vida como quiseses.

Mahon correu para a casa, cujas portas achou fechadas, depois dirigiu-se para as ruínas, e Gilberto viu-o desaparecer por entre os bosques.

- Bem! - disse ele - veremos agora quem tem mais instinto, se o cão se o homem.

Dito isto, saiu Gilberto pela porta pequena, fechou-a da parte de fora com duas voltas e atirando com a chave por cima do muro, esta foi cair dentro do lago.

Entretanto, como a Natureza, apesar de monótona na geração dos sentimentos é variada na sua manifestação, Gilberto, saindo de Taverney, sentiu alguma coisa semelhante ao que Andreia experimentara; com a

diferença que da parte de Andreia era a saudade do tempo passado, e em Gilberto era a esperança do tempo futuro.

- Adeus! - disse ele voltando-se para ver ainda uma última vez o castelo, cujo telhado se distinguia por entre a folhagem dos sicómoros e as flores dos ébanos; - adeus, casa onde tanto sofri, onde todos me odiaram, onde me atiraram com o pão, dizendo-me que o roubava, adeus, eu te amaldição! Meu coração palpita de prazer e sente-se livre depois que me não fecham os teus muros; adeus, prisão! adeus, inferno, covil de tiranos, adeus para sempre, adeus!

E depois desta imprecação, talvez menos poética, mas não menos significativa que qualquer outra, começou Gilberto a correr atrás da carruagem, cujo rodar se ouvia ainda ao longe.

XIX

O ESCUDO DE GILBERTO

Depois de meia hora de uma corrida desenfreada, soltou Gilberto um grito de prazer; acabava de ver, numa distância de um quarto de légua, a carruagem do barão, que seguia a passo por uma subida.

Então sentiu Gilberto em si um verdadeiro movimento de orgulho, porque disse consigo que, com o único recurso da sua mocidade, vigor e inteligência, ia igualar os recursos da opulência, do poder e da aristocracia.

Então é que o senhor de Taverney podia ter chamado filósofo a Gilberto, vendo-o assim na estrada levando a sua bagagem pendurada num pau, às costas, caminhando a passos largos e rápidos, saltando fossos para economizar terreno, e parando a cada subida, como se dissesse com desprezo aos cavalos:

- Andam devagar para mim, e vejo-me obrigado a esperá-los!

Filósofo! oh! sim, decerto que o era naquela ocasião, se chamam filosofia ao desprezo de todos os gozos, de toda a facilidade. Não havia decerto sido acostumado a uma vida indolente, mas quantos o amor não torna indolentes!

Era portanto um belo espectáculo, força é confessá-lo, um espectáculo digno de Deus, Pai das criaturas enérgicas e inteligentes, o que oferecia esse mancebo correndo, coberto de pó e o rosto incendiado, durante uma ou duas horas, até alcançar quase a carruagem, e descansando com delícia quando os cavalos já não podiam caminhar de cansados. Nesse dia teria Gilberto inspirado admiração a qualquer que pudesse segui-lo com os olhos do espírito, como o estamos seguindo; e quem sabe mesmo se a orgulhosa Andreia, vendo-o, não se sentiria tocada, e se essa indiferença que ela manifestara por causa da sua

preguiça não se teria mudado em estima pela sua energia?

O primeiro dia passou-se assim. O barão parou mesmo uma hora em Bar-le-Duc, o que deu ocasião a Gilberto, não só de o alcançar, mas até de lhe passar adiante; depois, quando viu a carruagem aproximar-se, escondeu-se entre umas árvores, deixou-a passar, e continuou como dantes a segui-la.

Pela tarde alcançou o barão as carruagens da Delfina na pequena aldeia de Brillon, cujos habitantes, reunidos na colina, soltavam grandes brados de alegria e votos de prosperidade.

Durante o dia todo não tinha Gilberto comido senão um pedaço de pão que trouxera de Taverney, mas, em compensação, havia bebido água à vontade de um magnífico ribeiro que atravessava a estrada, e cuja corrente era tão pura, tão fresca, tão límpida, que, a pedido de Andreia, a carruagem parou, e a donzela descera para encher ali o copo de ouro da Delfina, única

peça do serviço que o barão havia conservado a pedido de sua filha.

Escondido por detrás de um olmo da estrada, tinha Gilberto presenciado tudo isto perfeitamente.

Apenas se afastaram os viajantes, veio Gilberto também exactamente ao mesmo lugar, pôs o pé onde tinha visto Andreia pôr o seu, e bebeu a água com as mãos, como Diógenes, na mesma corrente em que a donzela acabava de beber.

Depois prosseguiu no seu caminho.

Uma coisa dava cuidado a Gilberto, era saber se a Delfina passaria a noite em alguma estalagem do caminho. Se assim acontecesse, o que era provável, porque depois da fadiga de que se queixara em Taverney necessitava seguramente de algum descanso; se assim acontecesse, dizemos nós, Gilberto estava salvo. Nesse caso parariam decerto em Saint-Dizier. Duas horas de sono numa granja lhe bastariam para recuperar a elasticidade das pernas, que começavam a cansar; depois,

passadas essas duas horas, meter-se-ia a caminho, e andando de noite, com todo o seu vagar, adiantar-se-lhes-ia facilmente cinco ou seis léguas. Anda-se tão bem aos dezoito anos, nas belas noites do mês de Maio!

Chegou a tarde, e em pouco tempo tudo quanto Gilberto podia ver da carruagem, era a grande lanterna colocada no seu lado esquerdo, e cujo reflexo parecia um fantasma branco correndo espantado pela estrada.

Depois da tarde chegou a noite. Tinham-se andado doze léguas, chegava-se a Combles; as carruagens pararam um instante, Gilberto julgou que decididamente o Céu o protegia. Aproximou-se para ouvir a voz de Andreia, a qual perguntara que horas eram e uma voz respondeu que eram onze horas. Nesse momento não se sentia Gilberto cansado, e teria rejeitado com desprezo o oferecimento de entrar numa carruagem.

É porque aos olhos da sua ardente imaginação já aparecia Versalhes, dourada, resplandecente; Versalhes, a cidade dos

nobres e dos reis. Depois, além de Versalhes, via Paris, sombria, triste, imensa; Paris, a cidade do povo.

E em troca dessas visões que lhe recreavam o espírito, não teria Gilberto aceitado o ouro todo do Peru.

Duas coisas vieram tirá-lo do seu êxtase: o rumor das carruagens que tornavam a partir, e uma pancada violenta que deu contra uma charrua, que tinham deixado no meio da estrada.

A fome, por sua vez, começava também a torturá-lo.

- Felizmente - dizia consigo Gilberto - tenho dinheiro, estou rico.

Sabe-se que Gilberto possuía um escudo.

Até à meia-noite andaram as carruagens.

À meia-noite chegaram a Saint-Dizier; era ali que Gilberto esperava que dormissem.

Gilberto tinha caminhado dezesseis léguas em doze horas.

Sentou-se junto do fosso.

Mas em Saint-Dizier só fizeram mudas; Gilberto ouviu a bulha das carruagens que partiam novamente. Os ilustres viajantes tinham só tomado alguma coisa, no meio dos archotes e das flores.

Gilberto reuniu todas as suas forças. Pôs-se novamente de pé com tal energia de vontade que lhe fez olvidar o modo por que, dez minutos antes, lhe tremiam as pernas sob o peso do corpo.

- Bem - disse ele - parti, parti! Também eu me demorarei logo em Saint-Dizier, comprarei um pedaço de pão e de toucinho, beberei um copo de vinho, gastarei nisso tudo cinco soldos, e por cinco soldos ficarei mais satisfeito que os *amos*.

Como a si mesmo o prometera, parou Gilberto em Saint-Dizier, onde começavam já a fechar-se as portas e as janelas, porque a comitiva real tinha desaparecido.

O nosso filósofo viu uma estalagem de boa aparência, e criados bem vestidos com ramos de flores ao peito; era uma hora da

madrugada; viu, em grandes pratos de louça, aves de todas as qualidades, que estavam bem dizimadas já pelos esfaimados da comitiva.

Entrou resolutamente; os criados estavam trancando a vidraça; penetrou até à cozinha.

A dona da estalagem estava ali inspeccionando tudo e contando a sua receita.

- Perdoe o incómodo, senhora - disse Gilberto - faça favor de me dar um pedaço de pão e de presunto.

- Não há presunto, meu amigo - respondeu a estalajadeira.

- Quer frango?

- Não; pedi presunto porque desejo presunto; não gosto de frango.

- Então é ter paciência, meu rapaz - disse a mulher; - não tenho outra coisa. Mas acredite-me - prosseguiu ela sorrindo-se - o frango não lhe custará mais caro que o presunto; leve metade de um por dez soldos, e terá ainda com que almoçar amanhã.

Pensávamos que Sua Alteza Real se demoraria em casa do senhor bailio, e que venderíamos os nossos comestíveis às pessoas que a acompanhavam; mas como não se demorou, temos tudo estragado.

Seria conhecer bem pouco o carácter de Gilberto, julgar que teria aproveitado esta ocasião, única que se oferecia, para se regalar.

- Obrigado - disse ele - contento-me com menos; nem sou príncipe, nem lacaio.

- Então dou-lho de presente, meu pequeno Artaban - disse a boa mulher - e Deus o acompanhe.

- Também não sou mendigo, senhora - disse Gilberto humilhado. - Compro e pago.

E Gilberto, para juntar a acção às palavras, meteu majestosamente a mão no bolso das calças.

Tornou-se pálido; por mais que procurasse nessa enorme algibeira, só achou o papel em que estivera embrulhado o escudo, que sacudido na corrida, havia gasto o papel em que estava embrulhado, depois o

pano do bolso que era velho; dali caíra para o calção e do calção para a estrada, porque Gilberto, para dar mais elasticidade às pernas, havia desafivelado as ligas do calção.

O escudo estava portanto na estrada, provavelmente próximo do ribeiro, cuja corrente havia feito as delícias de Gilberto.

Ao pobre rapaz tinha custado seis francos um copo de água bebida nas palmas das mãos. Pelo menos, quando Diógenes filosofava sobre a inutilidade das gamelas de pau, não tinha bolsos que se rompessem, nem escudos de seis francos que se perdessem.

Vendo a palidez e o estremecimento de Gilberto, a boa mulher comoveu-se. Outros teriam triunfado por ver assim castigada a soberba; mas ela conheceu o sofrimento do mancebo.

- Vamos, meu pobre rapaz - disse ela - ceie e durma aqui; e se amanhã lhe for absolutamente necessário partir, continuará o seu caminho.

- Oh! sim, sim! é preciso - disse Gilberto
- é preciso continuar, mas não amanhã, há-de ser já.

E pegando na troixa, sem querer ouvir mais nada, saiu da estalagem para ocultar na obscuridade a sua vergonha e a sua dor.

A porta fechou-se de todo. Apagada na vila a última luz, os próprios cães, cansados do dia, cessaram também de ladrar.

Gilberto ficou só, bem só no mundo; porque ninguém está mais isolado sobre a Terra que o homem que acaba de perder o seu último escudo, principalmente quando esse escudo é o único que em sua vida tenha possuído!

A noite estava completamente escura; que deveria ele fazer? hesitou. Voltar para trás a fim de procurar o seu dinheiro, era primeiro que tudo entregar-se a uma busca bem precária; depois, essa busca ia separá-lo para sempre ou por muito tempo dessas carruagens, que decerto não tornaria a alcançar.

Resolveu continuar o seu caminho; porém, teria apenas andado uma légua, quando se sentiu atacado pela fome, que um instante o havia abandonado pelo adormecimento em que o lançara o padecimento moral, o qual se fazia sentir agora terrível como nunca.

Junto com a fome apareceu a fadiga, que é a sua companheira; Gilberto fez um esforço inaudito, e outra vez ainda alcançou a comitiva. Mas dir-se-ia que havia contra ele uma conspiração. As carruagens não paravam senão para fazerem as mudas, e ainda assim eram feitas com tal velocidade que o pobre viajante nem sequer pôde descansar cinco minutos.

Contudo prosseguiu. O dia começava a despontar no horizonte. O Sol aparecia entre umas ondulações de vapores escuros, e prometia um desses ardentes dias de Maio, que são ainda mais abrasadores que os do próprio Verão. Como poderia Gilberto suportar o calor do meio-dia?

Gilberto teve num instante a idéia, consoladora para o seu amor-próprio, de que os cavalos, os homens e Deus mesmo estavam ligados contra ele. Mas, como Ajax, mostrou o punho ao céu, e se não o imitou dizendo: “Escaparei, a despeito dos céus”, é porque conhecia melhor o *Contrato Social* que a *Odisséia*.

Como Gilberto havia previsto, chegou um momento em que ele conheceu a insuficiência das suas forças e a desgraça da sua posição. Foi terrível o momento da luta entre a soberba e a fraqueza. Por um derradeiro esforço aproximou-se das carruagens que já ia perdendo de vista, e que tornou a ver numa nuvem de poeira, que tomava uma cor fantástica pelo sangue de que os seus olhos estavam injectados; o rodar misturava-se nos seus ouvidos com as palpitações das suas artérias. A boca aberta, o olhar fixo, os cabelos pegados na fronte pelo suor, parecia um hábil autómato fazendo, pouco mais ou menos, os mesmos

movimentos que o homem, porém com mais firmeza e perseverança. Tinha desde a véspera andado vinte ou vinte e duas léguas; finalmente, chegou o instante em que as pernas despedaçadas se recusaram a levá-lo mais longe; já não via nem ouvia, parecia-lhe que a Terra era móvel e girava sobre si; quis gritar, faltou-lhe a voz; quis segurar-se porque conheceu que ia cair, e bateu no ar com os braços, como um louco.

Finalmente, pôde fazer soar a sua voz, e voltando-se para o lado de Paris, ou pelo menos, para o lado onde julgava ser Paris, soltou várias imprecações terríveis contra os vencedores da sua coragem e das suas forças. Depois, agarrando nos cabelos com as mãos ambas, girou duas ou três vezes sobre si e caiu no meio da estrada, com a consciência e portanto com a consolação de ter, como um herói da Antiguidade, lutado até ao fim.

Caiu com os olhos ainda ameaçadores, e com os punhos ainda fechados.

Depois os olhos fecharam-se, os músculos dilataram-se. Estava sem sentidos.

- Fora daí! fora do caminho! - bradou uma voz rouquenha no momento em que ele acabava de cair; e estas palavras eram acompanhadas por uns estalos de chicote.

Gilberto não ouviu.

- Fora daí! senão esmago-te, com todos os diabos!

E uma chicotada bem puxada veio servir de estimulante a este aviso.

Gilberto foi mordido na cintura pela pita do chicote.

Mas não sentiu mais nada e ficou debaixo dos pés dos cavalos, que vinham de uma estrada secundária, que se unia à principal entre Thiéblemont e Vauclère.

Saiu um grito terrível da carruagem, que os cavalos levavam como o tufão leva uma pena.

O postilhão fez um esforço sobre-humano; apesar, porém, desse esforço, não pôde segurar o primeiro cavalo, que

aparelhado adiante dos dois do tronco, saltou por cima de Gilberto. Na carruagem vinha uma mulher.

- Oh! meu Deus! - exclamou ela com angústia - está feito em pedaços, o desgraçado rapaz?!

- Para lhe dizer a verdade, minha senhora - respondeu o postilhão fazendo a diligência por distinguir alguma coisa entre o pó que os cavalos levantavam; - se não está esmagado, parece-o bem.

- Pobre rapaz! coitado! pare! pare! Nem mais um passo!

E a viajante, abrindo o postigo, saltou fora da carruagem.

Já o postilhão se havia também apeado e tratava de tirar de entre as rodas o corpo de Gilberto, que ele julgava encontrar ensangüentado e sem vida.

- Então, não foi feliz o rapaz!? Isto é um milagre; não tem nem sequer uma beliscadura.

- Mas está sem sentidos.

- Naturalmente foi do susto. Vamos colocá-lo aqui para algum canto onde as carruagens não o possam pisar, e como a senhora está com pressa, continuemos o nosso caminho.

- É impossível! Não hei-de abandonar esta criança em semelhante estado.

- Ora adeus! não tem nada; ele tornará a si sem socorros.

- Não, não. Coitado, tão moço! É algum rapaz fugido do colégio, que quis empreender uma jornada superior às suas forças. Veja como está pálido; oh! poderia morrer. Não, não o abandonarei. Meta-o na carruagem, no assento da frente.

O postilhão obedeceu. A senhora tornou a entrar também na carruagem.

- Agora continuemos - disse a senhora; - são dez minutos perdidos, um luís de ouro por esses dez minutos.

O postilhão fez estalar o chicote acima da cabeça, e os cavalos, que conheciam este

sinal ameaçador, meteram-se a caminho galopando a toda a brida.

EM QUE GILBERTO COMEÇA A CONSOLAR-SE DE HAVER PERDIDO O SEU DINHEIRO

Quando Gilberto tornou a si, o que foi dali a alguns instantes, não ficou pouco admirado de se achar deitado quase sobre os pés de uma jovem mulher, que olhava para ele atentamente.

Era uma senhora de vinte e quatro para vinte e cinco anos, de olhos pardos, nariz arrebitado e faces queimadas pelo sol meridional; a sua pequena boca, delicadamente talhada, dava-lhe à fisionomia aberta, franca e jovial, um certo carácter de esperteza, finura e circunspecção. Tinha os braços mais formosos do mundo, os quais estavam naquele momento cobertos com umas mangas de veludo roxo com botões de

ouro. As dobras de uma grande saia de seda alvadia com ramagens enchiam a carruagem. Porque, é preciso dizê-lo, com tanta surpresa como por tudo o mais, havia Gilberto conhecido que era levado numa carruagem a todo o galope.

Como a fisionomia da senhora era agradável e mostrava interesse, começou Gilberto a olhar bem para ela até estar certo de que não dormia.

- Então, meu filho - disse a senhora depois de um instante de silêncio - está agora melhor?

- Onde estou eu? - perguntou Gilberto a quem repentinamente ocorreu esta frase de romances que ele tinha lido

- Agora está em lugar seguro, meu caro senhor - respondeu a viajante com acento meridional bem pronunciado. - Mas ainda há pouco correu o grande perigo de ficar esmagado debaixo das rodas da minha carruagem. Ora diga-me, o que lhe sucedeu para assim cair no meio da estrada?

- É porque estava fraco, minha senhora.

- Como fraco? E de que provinha essa fraqueza?

- Tinha andado muito.

- Há então muito tempo que está em caminho?

- Desde ontem às quatro horas da tarde.

- E desde as quatro horas da tarde de ontem tem andado?

- Parece-me que dezesseis ou dezoito léguas.

- Em doze ou catorze horas?

- Pudera! vim sempre a correr.

- Então onde vai?

- A Versalhes, minha senhora.

- E vem?

- De Taverney.

- Onde é Taverney?

- É um castelo que está situado entre Pierrefitte e Bar-le-Duc.

- Nesse caso, teria apenas tempo para comer?

- Nem só não tive tempo para isso, minha senhora, mas faltaram-me os meios para o poder fazer.

- Como?

- Perdi o dinheiro no caminho.

- E por isso, desde ontem não tem comido?...

- Senão um bocado de pão, que havia trazido comigo.

- Pobre criança! Mas por que não pediu em alguma parte que lhe dessem de comer?

Gilberto sorriu-se.

- Porque sou soberbo, minha senhora.

- Soberbo! a soberba é uma bela coisa; mas quando se está morrendo de fome...

- Vale mais morrer que perder a honra.

A senhora olhou com admiração para o seu sentencioso interlocutor.

- Mas quem é então para assim falar, meu amigo? - perguntou ela.

- Sou um órfão.

- E chama-se?

- Gilberto.

- Gilberto de quê?

- De nada.

- Ah! ah! - disse a mulher, cada vez mais admirada.

Gilberto conheceu que causava interesse, e estimou ter seguido à risca o seu favorito João Jacques Rousseau.

- É ainda muito novo, meu amigo, para assim andar pelas estradas! - prosseguiu a senhora.

- Estava só e abandonado num antigo castelo, cujos senhores acabavam de o deixar. Imitei-os, deixei-o também.

- Sem destino?

- A Terra é grande, e dizem que o Sol alumia a todos.

- Bem - murmurou a senhora em voz baixa - é algum bastardo de aldeia que terá abandonado a casa de seus senhores.

- E diz que perdeu a sua bolsa? - perguntou ela em voz alta.

- Sim.

- E estava bem provida?

- Tinha apenas um escudo de seis francos – disse Gilberto, hesitando entre a vergonha de confessar a sua miséria e o perigo de ostentar uma fortuna demasiadamente grande, que poderiam julgar ilicitamente adquirida.

- Um escudo de seis francos para uma jornada tão longa! mas isso apenas lhe chegaria para comprar pão para dois dias! E o caminho, Santo Deus! que caminho! de Bar-le-Duc a Paris, disse?

- Sim, minha senhora.

- Anda por sessenta ou sessenta e cinco léguas, creio eu?

- Não contei as léguas; disse comigo: é necessário que eu chegue, e nada mais.

- E com essa resolução partiu, pobre louco!

- Oh! tenho boas pernas.

- Por melhores que sejam, também cansam, e tem já provas disso.

- Oh! não me faltaram as pernas, faltou-me a esperança.

- Efectivamente, parece-me tê-lo visto bastante desesperado.

Gilberto sorriu-se amargamente.

- O que lhe passava então pelo espírito? Batia na cabeça, arrancava os cabelos...

- Sim? - perguntou Gilberto bastante perturbado.

- Oh! tenho a certeza disso, creio mesmo que foi o seu desespero que o impediu de ouvir a minha carruagem.

Gilberto pensou que lhe seria ainda mais favorável contar a verdade pura. O instinto dizia-lhe que a sua posição era interessante, principalmente para uma mulher.

- Na verdade, estava desesperado - disse ele.

- E por quê? - perguntou a senhora.

- Por não poder já seguir uma carruagem que vinha seguindo.

- Realmente! - exclamou ela sorrindo-se; - mas, pelo que vejo, é uma aventura? Haverá amor nisso tudo?...

Gilberto não estava bastante senhor de si para não corar.

- E que carruagem era essa que seguia, meu Catão?

- Uma carruagem da comitiva da Delfina.

- Como! que disse? - exclamou a senhora; - a Delfina vai adiante de nós?

- Não há dúvida.

- Julgava-a muito para trás, em Nanci, quando muito. Os povos não lhe vêm fazer os seus cumprimentos ao caminho?

- Sim, minha senhora, mas parece que Sua Alteza tem pressa de chegar.

- Tem pressa, a Delfina; quem lhe disse isso?

- Presumo-o eu.

- Presume-o?

- Sim.

- E por que o presume?

- Porque disse primeiramente que descansaria duas ou três horas no castelo de Taverney.

- Muito bem, e depois?

- Demorou-se apenas três quartos de hora.

- Sabe se lhe terá vindo alguma carta de Paris?

- Vi chegar um homem, com uma farda toda bordada, e trazia uma carta na mão.

- Disseram o nome desse homem diante de si?

- Não, tudo o que sei é que era o governador de Estrasburgo.

- O senhor de Stainville, o cunhado do senhor de Choiseul. Ah! com a fortuna! mais depressa, postilhão, mais depressa!

Uma forte chicotada respondeu a essa recomendação, e Gilberto sentiu que a carruagem, que já ia a galope, crescia em velocidade.

- Com que então - prosseguiu a senhora - a Delfina vai adiante de nós?

- Sim, minha senhora.

- Mas há-de parar a fim de almoçar - disse a senhora como falando consigo mesma,

- e então passaremos adiante, salvo se esta noite... A noite passada parou?

- Sim, em Saint-Dizier.

- A que horas?

- Seriam onze, pouco mais ou menos.

- Era para cear. Bom, há-de almoçar também! Postilhão, qual é a primeira cidade de alguma importância por onde tenhamos de passar?

- Vitry, minha senhora.

- E a que distância estamos nós de Vitry?

- Três léguas.

- Onde teremos mudas?

- Em Vauclère.

- Bem. Continue, e se distinguir umas poucas de carruagens na estrada, previna-me.

Enquanto se trocavam estas palavras entre a senhora da carruagem e o postilhão, Gilberto quase que desmaiou de fraqueza. A viajante olhou para ele, e viu-o pálido e com os olhos fechados.

- Ah! pobre criança, lá vai ele novamente desmaiar! - bradou ela. - Também, a culpa é

minha, ele está com fome e sede, e eu faço-o falar, em lugar de lhe dar de comer e beber.

E, para recuperar o tempo perdido, a senhora tirou do bolso da carruagem um frasco cinzelado; no gargalo tinha uma pequena corrente de ouro segurando um copo do mesmo metal.

- Beba primeiramente uma gota deste vinho, - disse ela enchendo o copo e dando-o a Gilberto.

Este não se fez rogar. Seria a influência da linda mão que lhe apresentava o copo, ou seria mais imperiosa a sua necessidade que em Saint-Dizier?

- Agora - disse a senhora - coma este biscoito; daqui a uma ou duas horas, mandarei dar almoço mais confortável.

- Obrigado, minha senhora - disse Gilberto.

E comeu o biscoito depois de ter bebido o vinho.

- Bom - disse a senhora - agora que está um pouco mais forte, diga-me, se me acha

digna para sua confidente, que interesse tinha em seguir aquela carruagem, que segundo disse, faz parte da comitiva da Delfina?

- Vou dizer a verdade em duas palavras, minha senhora - respondeu Gilberto. - Eu vivia em casa do Sr. Barão de Taverney; estava lá quando Sua Alteza veio e ordenou ao senhor de Taverney que a seguisse para Paris, e ele obedeceu. Como sou órfão, ninguém se lembrou de mim e abandonaram-me sem me deixarem dinheiro nem sustento. Então jurei, já que todos iam para Versalhes, levados por bons cavalos e boas carruagens, que também eu lá iria, mas a pé, com as minhas pernas de dezoito anos, e que chegaria lá tão depressa com as minhas pernas de dezoito anos, como eles com as suas carruagens e cavalos. Infelizmente, as minhas forças traíram-me, ou direi melhor, a fatalidade tomou partido contra mim. Se eu não tivesse perdido o meu dinheiro, teria podido comer; e se eu esta noite tivesse

comido, poderia ter esta manhã alcançado a comitiva.

- Graças a Deus, a isso é que se chama coragem! - exclamou a senhora - e dou-lhe os parabéns, meu amigo. Mas há uma coisa que me parece ignorar...

- Qual é?

- É que em Versalhes não se vive de coragem.

- Irei a Paris.

- Nesse ponto de vista, Paris parece-se muito com Versalhes.

- Se não se vive de coragem, vive-se de trabalho, minha senhora.

- Bem respondido, meu filho; mas que trabalho há-de ser? As suas mãos não são as de um trabalhador ou de um moço de fretes...

- Hei-de estudar, minha senhora.

- Parece-me já bem instruído.

- Sim, porque uma só coisa sei e é que nada sei - respondeu sentenciosamente Gilberto, lembrando-se do dito de Sócrates.

- E se não for indiscrição, poderei perguntar-lhe que ciência estudaria com preferência, meu amigo?

- Minha senhora - disse Gilberto - parece-me que a melhor de todas as ciências é a que torna o homem o mais útil possível aos seus semelhantes. E daí, o homem vale tão pouco, que deve estudar o segredo da sua fraqueza, para conhecer o da sua força. Quero saber algum dia o motivo por que o meu estômago impediu esta manhã que as minhas pernas me levassem mais longe; enfim, quero saber se essa raiva, essa febre, esse negro vapor que me aterraram, não são o resultado da mesma fraqueza do estômago.

- Ah! parece-me que tem jeito para médico, já fala em medicina admiravelmente. Daqui a dez anos, prometo-lhe que há-de ser o meu médico.

- Farei por merecer tanta honra, minha senhora - disse Gilberto.

O postilhão parou. Tinha-se chegado ao lugar da muda, sem se encontrar carruagem alguma.

A senhora pediu informações. A Delfina acabava de passar, haveria um quarto de hora; devia parar em Vitry para se fazerem as mudas e para almoçar.

Saltou na sela um novo postilhão.

A senhora deixou-o sair da aldeia com o passo ordinário, depois, tendo chegado a alguma distância da última casa, disse:

- Postilhão, quer obrigar-se a alcançar as carruagens da senhora Delfina?

- Certamente.

- Antes que cheguem a Vitry?

- Diacho! iam a trote largo.

- Parece que metendo a galope...

O postilhão olhou para ela.

- Gorjeta triplicada - disse ela.

- Devia logo ter dito isso, teríamos avançado já um quarto de légua.

- Aí vai um escudo por conta; recuperemos o tempo perdido.

O postilhão inclinou-se para trás, a senhora para diante, uniram as mãos e o escudo passou das da viajante para as do postilhão.

Este, animado pelo dinheiro, fustigou os cavalos, que partiram com a rapidez do vento.

Durante a muda, Gilberto havia-se apeado, foi lavar o rosto e as mãos numa fonte, no que muito ganharam em formosura; depois alisou o cabelo, que era magnífico.

- Realmente - disse a senhora consigo - não é muito feio para um médico futuro.

E sorriu-se olhando para Gilberto.

Gilberto então corou como se adivinhara o que fazia rir a sua companheira de jornada.

Terminado o diálogo com o postilhão, a viajante voltou para Gilberto, cujos paradoxos e sentenças muito a divertiam.

De vez em quando interrompia-se no meio de uma gargalhada provocada por alguma resposta cheirando a filosofia a uma légua de distância, e olhava para a estrada, ao

longe. Então, se o seu braço havia tocado no rosto de Gilberto, ou se encostara à sua ilharga o seu joelho redondo, divertia-se a bela viajante em ver corar as faces do futuro médico, contrastando assim com os seus olhos fitos no chão.

Assim andaram uma légua pouco mais ou menos. De repente a senhora soltou um pequeno grito de alegria, indo sentar-se no banco de diante com tão pouca cautela que desta vez cobriu Gilberto todo.

Acabava de distinguir os últimos carros da comitiva subindo custosamente um grande outeiro em que formavam escada vinte carruagens, das quais se tinham apeado quase todos os viajantes.

Gilberto afastou de si as dobras desse vestido de grandes ramagens, passou a cabeça por debaixo de um dos braços da senhora, e a seu turno ajoelhou também no banco, procurando com a vista ardente Andreia de Taverney entre todos esses pigmeus ascendentes.

Julgou conhecer Nicola pela touca que levava.

- Aí estão, minha senhora - disse o postilhão; - que devemos agora fazer?

- É preciso passar adiante disso tudo.

- Passar adiante? é impossível, minha senhora! Não podemos passar adiante da Delfina.

- Por quê?

- Porque é proibido. Passar adiante do trem real! Era isso bastante para ir parar às galés!

- Ouça! arranje-se como puder, mas é preciso passar adiante disso tudo.

- Não pertence então à comitiva? - perguntou Gilberto, que até àquele momento havia julgado que a carruagem da senhora que o levava pertencia ao séqüito da Delfina, e que por um motivo qualquer tinha ficado para trás.

- O desejo de se instruir é muito louvável - respondeu a senhora - mas a indiscrição é um mau costume.

- Queira perdoar-me, minha senhora - retorquiu Gilberto.

- Então o que decide? - perguntou a viajante ao postilhão.

- Seguiremos atrás das carruagens até Vitry. Se Sua Alteza parar lá, pediremos licença para passar.

- Sim, mas hão-de perguntar quem sou, e hão-de saber... Não, não, esse meio não presta; procure outro.

- Minha senhora - disse Gilberto - se me permitisse que lhe desse um conselho...

- Fale, meu amigo, fale, e se for bom, há-de seguir-se.

- Seria tomar algum atalho, por fora de Vitry, e assim estaria adiante da senhora Delfina, sem lhe ter faltado ao respeito.

- Este pequeno tem razão - disse a senhora. - Postilhão, não há aqui algum atalho?

- Para ir aonde?

- Para ir aonde quiser, contanto que a senhora Delfina nos fique para trás.

- Ah! sim - redargüiu o postilhão - temos aqui do lado direito a estrada de Marolle, que passa por fora de Vitry e vai unir-se à estrada real em Chaussée.

- Bravo! - exclamou a senhora - isso é o que se quer!

- Mas - disse o postilhão - tomando eu esse caminho, sabe que dobro a posta?

- O que lhe há-de valer dois luíses, se estiver em Chaussée antes da Delfina.

- Não receia que a carruagem se quebre?

- Nada temo. Se a carruagem se quebrar, continuarei o meu caminho a cavalo.

E a carruagem, voltando para a direita, saiu da estrada real, entrou num atalho, e seguiu junto de uma pequena corrente de águas barrentas, que vai lançar-se no Marna, entre Chaussée e Mutigny.

O postilhão foi de palavra; fez tudo quanto humanamente se podia fazer para quebrar a carruagem, mas também para chegar.

Vinte vezes foi Gilberto lançado de encontro à sua companheira, a qual vinte vezes também foi cair nos braços de Gilberto.

Este soube ser correcto, sem contudo se tornar incómodo. Soube ordenar à sua boca que não sorrisse, quando entretanto seus olhos diziam à senhora que era bem formosa.

Com os encontros e a solidão nasce logo a intimidade; passadas duas horas no trânsito do atalho, parecia já a Gilberto que havia dez anos que conhecia a sua companheira, e, por sua parte, a senhora teria jurado que conhecia Gilberto desde o seu nascimento.

Pelas onze horas chegaram à estrada real de Vitry a Châlons; um correio que interrogaram deu a notícia que, nem só a Delfina almoçava em Vitry, mas que tinha chegado tão fatigada que se demoraria lá duas horas para descansar.

Acrescentou que o mandaram às próximas mudas para convidar os

empregados a acharem-se prontos pelas três ou quatro horas da tarde.

Esta notícia encheu a viajante de alegria.

Deu ao postilhão os dois luíses prometidos e voltando-se para Gilberto, disse:

- Ah! ah! pois nós também havemos de jantar nas primeiras mudas que se fizerem.

Estava portanto decidido que não seria ainda permitido a Gilberto jantar ali.

EM QUE SE FAZ CONHECIMENTO COM UMA NOVA PERSONAGEM

No cimo da subida pela qual a carruagem seguia, via-se a aldeia de Chaussée, onde se deviam fazer as mudas.

Era uma linda reunião de casas cobertas de colmo e colocadas, ao acaso ou ao gosto dos habitantes, no meio da estrada, ao canto de alguma pequena floresta, junto de alguma fonte, e isto quase sempre na borda da corrente de que já falamos, sobre a qual, em frente de cada habitação, algumas tábuas faziam de pontes.

Mas, naquele momento, o que havia de mais notável nessa aldeia, era um homem que estava junto do ribeiro, firme como uma sentinela, e que passava o tempo espreitando

a estrada, ou cobiçando um belo cavalo ruço, de crinas compridas, que, amarrado à ombreira da janela de uma casa, batia patadas no chão, exprimindo uma impaciência desculpável, atendendo a que estando aparelhado indicava bem que esperava o seu dono.

De vez em quando o estranho, cansado de espreitar a estrada, como já dissemos, aproximava-se do cavalo, examinava-o como um bom entendedor e passava-lhe sobre o lombo a mão acostumada a esse exercício. Depois, evitando o coice que a cada tentativa destas despedia o animal, voltava para o seu observatório e olhava para a estrada sempre deserta.

Por fim, como não via o que esperava, foi bater na janela da casa a que estava preso o cavalo.

- Olá! alguém! - bradou ele.

- Quem bate? - perguntou uma voz de homem, abrindo-se ao mesmo tempo a janela.

- Senhor - disse o estranho - se este cavalo se vende, aqui está um comprador.

- Bem vê que não tem rabo de palha - respondeu uma espécie de aldeão, fechando a janela que havia aberto.

Esta resposta não pareceu satisfazer o estranho, porque bateu segunda vez.

Era um homem de uns quarenta anos, alto e robusto, vermelho, barba bem negra, mão grossa, cujo punho era ornado com uma renda delicada. Cobria-lhe a cabeça um chapéu agaloado, posto atravessado, à moda dos oficiais da província que querem aterrar os parisienses.

Bateu terceira vez. Depois, impacientando-se, exclamou:

- Sempre lhe direi que é muito incivil, meu caro, e que se não abre imediatamente a janela, vou arrombá-la!

Com esta ameaça, abriu-se novamente a janela e apareceu a mesma pessoa.

- Eu já lhe disse, senhor, que o cavalo se não vendia - respondeu o aldeão; - parece-me que não era preciso outra resposta.

- Pois, meu caro, eu preciso de um bom cavalo.

- Se precisa de um bom cavalo, vá buscá-lo à posta. Há lá sessenta, que saem das cavalariaças de Sua Majestade, e terá por onde escolher. Mas deixe este à pessoa que tem só um.

- E eu repito-lhe que quero este.

- Sim? Não tem mau gosto, um cavalo árabe!

- É mais uma razão para eu desejar comprá-lo.

- Não duvido que deseje comprá-lo; entretanto, como não está à venda...

- Mas a quem pertence ele então?

- É muito curioso!

- E tu muito discreto.

- Pois bem! pertence a uma pessoa que está em minha casa, e que tem amor a este animal como se fosse uma criança sua.

- Pois quero falar com essa pessoa.

- Está dormindo.

- É homem ou mulher?

- É mulher.

- Pois bem, diz a essa mulher que se precisa de cinco mil francos, recebê-los-á em troca deste cavalo.

- Oh! oh! - disse o aldeão abrindo muito os olhos; - cinco mil francos, é uma bonita continha!

- Acrescenta, se quiseses, que é o rei que deseja possuir este animal.

- El-rei?

- Ele mesmo.

- Ora adeus! o senhor não é o rei.

- Não, mas represento-o.

- Representa el-rei? - disse o aldeão tirando o chapéu.

- Vai depressa, amigo, o rei não tem tempo para perder.

E o Hércules voltou-se para olhar para a estrada.

- Pois bem - disse o aldeão - pode ir descansado, quando a senhora acordar, eu lhe direi duas palavras a esse respeito.

- Sim, mas eu não tenho tempo para esperar que ela acorde.

- Que deverei fazer então?

- Acordá-la.

- Ora! pois não! isso nunca.

- Então vou eu mesmo acordá-la. Espera, espera!

E a pessoa que pretendia representar Sua Majestade avançou para bater na janela de cima, com o castão de uma chibata que tinha na mão.

Mas a mão, já erguida, abaixou-se sem mesmo tocar na janela, porque naquele mesmo instante tinha o homem visto um cabriole de posta, que chegava ao grande mas último trote de três cavalos esfalfados.

O olhar experiente do estranho conheceu a carruagem, e correu para ela com uma velocidade que faria honra ao cavalo árabe, cuja posse ele tanto ambicionava.

Esta carruagem era a que trazia a viajante, o anjo da guarda de Gilberto.

Vendo esse homem que lhe fazia sinais, o postilhão duvidando muito que os seus cavalos chegassem até à posta, ficou encantado de ter um pretexto que o fizesse parar.

- Chon! minha querida Chon! - bradou o estranho - és tu afinal? Bons dias! bons dias!

- Eu mesma, João - respondeu a viajante interpelada com um nome tão singular; - e que fazes tu aí?

- Boa pergunta! esperava por ti.

E o Hércules, saltando no estribo da carruagem, passou os braços pelo postigo, abraçou a senhora e deu-lhe uns poucos de beijos.

De repente viu ele Gilberto, que, não conhecendo as relações que podiam existir entre as duas novas personagens que acabamos de pôr em cena, fazia um rosto triste e carrancudo, semelhante a um cão a quem tiram o osso que está roendo.

- Olha! - disse ele - o que trazes tu aí?

- É um filósofozinho bem divertido - respondeu Chon, que pouco se lhe importava dizer bem ou mal do seu protegido.

- Onde o achaste?

- No meio da estrada. Mas não é disso que se trata.

- É verdade - respondeu João. - Então, a nossa velha condessa de Béarn?

- Está tudo feito.

- Feito, como?

- Sim, há-de vir.

- Há-de vir?

- Sim - disse Chon com a cabeça.

Os interlocutores desta cena continuavam a estar um dentro da carruagem, o outro no estribo da parte de fora.

- Que história lhe contaste?

- Disse-lhe que era filha de Flageot, seu advogado, e que tendo que passar por Verdum estava encarregada de lhe dar a notícia que o seu processo ia ser julgado.

- Nada mais?

- Sem dúvida. Só o que acrescentei é que esta circunstância tornava necessária a sua presença em Paris.

- E o que disse ela?

- Abriu o mais que pôde os seus pequenos olhos pardos, tomou uma pitada de rapé, afirmou que o Sr. Flageot era o primeiro homem do mundo, e deu ordens para partir.

- Ótimo, Chon! Nomeio-te meu embaixador extraordinário.

- Agora vamos almoçar?

- Certamente, porque este pobre rapaz está morrendo com fome; mas há-de ser depressa, não é verdade?

- Por quê?

- Porque vêm já aí!

- A velha contendora? Ora adeus! contanto que cheguemos duas horas antes, que é o tempo preciso para falar com o senhor de Maupeou.

- Não é isso, é a Delfina.

- Ora! a Delfina, deve estar em Nanci.

- Está em Vitry.

- A três léguas daqui?

- Nem mais nem menos.

- Oh! então muda muito o negócio!
vamos, postilhão, vamos!

- Aonde, senhor?

- À posta.

- O senhor sobe ou desce?

- Fico onde estou; siga!

A carruagem partiu levando o viajante no estribo; cinco minutos depois parava em frente da estalagem da posta.

- Depressa! depressa! - bradou Chon - umas costeletas, um frango assado, uma garrafa de vinho de Borgonha, qualquer coisa; temos pressa de partir imediatamente.

- Perdão, minha senhora - disse o dono da estalagem aproximando-se do limiar da porta; - mas se partir no mesmo instante, há-de ser com os seus cavalos.

- Como! com os nossos cavalos? - disse João saltando do estribo para a estrada.

- Sim, sem dúvida, com os mesmos que os trouxeram até aqui.

- Não, senhor, não pode ser - disse o postilhão; - já fizeram posta dobrada; veja o estado em que estão estes pobres animais.

- Oh! é verdade - disse Chon - e não podem ir mais longe.

- Mas o que o impede de me dar novos cavalos? - perguntou o Hércules.

- É porque não tenho mais.

- Devia ter... há um regulamento que o obriga!

- Senhor, o regulamento obriga-me a ter nas cavaliças quinze cavalos.

- Então?

- Tenho dezoito.

- É mais do que peço; bastam-me três.

- Sim, mas não estão cá.

- Todos os dezoito estão fora?

- Todos.

- Trinta raios o partam! - vociferou João.

- Visconde! visconde! - disse a senhora.

- Sim, sim, Chon - redargüiu o pimpão - descansa, tratarei de me moderar. E quando voltarão os teus sendeiros? - perguntou o visconde João dirigindo-se ao chefe da posta.

- Se quer que lhe diga, meu fidalgo, não sei; depende isso dos postilhões, numa hora talvez, ou em duas.

- Sabe, patrão - disse o visconde João carregando o chapéu sobre a orelha esquerda e dobrando um pouco a perna direita - sabe que não costumo brincar?

- Sinto isso muito, preferiria que tivesse um génio jovial.

- Ora vamos, aparelhem-me já os três cavalos, e quanto antes - bradou João - quando não temos história.

- Venha comigo à cavalaria, senhor, e se achar um único cavalo à manjedoura, dou-lho.

- Sonso! e se eu achar sessenta?

- Há-de ser o mesmo que se não achasse nem um só, meu senhor, visto que esses sessenta cavalos pertencem a Sua Majestade.

- Então?

- Então! esses não se alugam.

- Para que estão eles aqui?

- Para o serviço da senhora Delfina.

- Como? tem sessenta cavalos e não me pode dispensar nem um!

- Mas, bem vê...

- Não vejo senão uma coisa, é que tenho pressa.

- Sinto muito.

- E - continuou o visconde sem se importar com a interrupção do mestre da posta - como a senhora Delfina apenas chegará aqui esta tarde.

- O que diz? - perguntou o chefe da posta admirado.

- Digo que os cavalos hão-de estar de volta antes da chegada da senhora Delfina.

- Senhor - exclamou o pobre homem - teria porventura a pretensão?...

- Pudera! - disse o visconde entrando debaixo do telheiro - eu havia de fazer cerimónia; espera!

- Mas, senhor...

- Só três. Não peço oito cavalos como as altezas reais, ainda que tenho tanto direito como elas por aliança pelo menos; não, bastam-me três.

- Mas... não lhe darei nem um! - bradou o homem metendo-se entre os cavalos e o estranho.

- Maroto! - exclamou o visconde empalidecendo de raiva - sabes quem sou?

- Visconde - bradava Chon - visconde! em nome do Céu! não faças desordem!

- Tens razão, minha boa Chon, tens razão!

Depois, tendo reflectido um instante:

- Vamos - disse ele - nada de palavras; vamos a factos.

Voltando-se então para o estalajadeiro, e com o modo mais amável possível, disse-lhe:

- Meu caro amigo, vou pôr a tua responsabilidade a coberto.

- Como? - perguntou o homem ainda duvidoso, apesar do rosto prazenteiro do seu interlocutor.

- Vou servir-me a mim mesmo. Aqui estão três cavalos perfeitamente iguais. Levo-os.

- Como! leva-os?

- Sim.

- E chama a isso pôr a minha responsabilidade a coberto?

- Certamente.

- Mas eu digo-lhe que é impossível.

- Vamos a saber, onde guardam aqui os arreios?

- Aqui ninguém obedece senão a mim! - bradou o mestre dirigindo-se para os dois ou três homens que andavam por ali, no pátio e debaixo do telheiro.

- Ah! marotos!

- João! meu caro João! - exclamou Chon, que pela abertura da grande porta via e ouvia tudo quanto se passava. - Nada de más questões, é preciso saber sofrer!

- Sofro tudo, menos demoras - disse João com a maior fleuma; - e como me demoraria muito se tivesse de esperar que estes demónios fizessem o trabalho, vou eu mesmo fazê-lo.

E juntando o efeito à ameaça, João tirou sucessivamente dos cabides três arreios, que pôs sobre os lombos de três cavalos.

- Por piedade, João! - bradou Chon de mãos postas - por piedade!

- Queres chegar ou não? - disse o visconde rangendo os dentes.

- Não há dúvida, quero chegar! Está tudo perdido se não chegar a horas.

- Pois bem! então deixa isto por minha conta.

E o visconde, separando dos outros cavalos os três que tinha escolhido, e que não eram os piores, encaminhou-se para a carruagem, levando-os atrás de si.

- Pense bem, senhor, pense bem - bradava o mestre da posta seguindo João - o

roubo desses cavalos é um crime de lesa-majestade.

- Não os roubo, imbecil, levo-os emprestados, nada mais. Andem, meus pretinhos, andem!

O mestre da posta deitou-se às guias dos cavalos, mas antes que lhes chegasse, já o estranho o havia repellido asperamente.

- Meu irmão! meu irmão! - bradava Chon.

- Ah! era seu irmão - murmurou Gilberto respirando mais livremente no fundo da carruagem.

Nesse momento abriu-se uma janela mesmo em frente da porta da estalagem, do outro lado da rua, e apareceu uma admirável cabeça de mulher, toda assustada pela bulha que ouvia.

- Ah! é a senhora? - disse João mudando de conversa.

- Como! eu? - disse a mulher em mau francês.

- Já acordou; ainda bem. Quer vender o seu cavalo?

- O meu cavalo?

- Sim, o cavalo ruço, árabe, que está aí amarrado à ombreira da janela. Sabe que ofereço por ele cinco mil francos.

- O meu cavalo não se vende - disse a senhora fechando a janela.

- Adeus! hoje estou infeliz, não querem alugar-me nem vender-me cavalos. Com os diabos! se me não quiserem vender o árabe, furto-o, e se me não quiserem alugar os meklemburgueses, rebento-os. Anda cá, Patrício.

O lacaio da viajante saltou imediatamente do seu lugar.

- Aparelha - disse João ao lacaio.

- Acudam-me os moços da cavalaria! acudam-me! - bradou o estalajadeiro.

Acudiram dois moços.

- João! visconde! - bradava Chon dentro da carruagem fazendo esforços para abrir os

postigos; - estás louco! Vamos todos ser despedaçados.

- Despedaçados! tenho a esperança que nós é que os havemos de despedaçar! Somos três contra três. Vamos, jovem filósofo - bradou João para Gilberto que se não movia, tão grande era a sua estupefacção. Vamos, apeie-se e ajude-nos, seja como for, com um pau, com um punho ou com pedras! Apeie-se, com todos os demónios, parece-me um santo de gesso.

Gilberto interrogou a sua protectora com o olhar; esta deteve-o, segurando-o pelo braço.

O estalajadeiro continuava a berrar, puxando para um lado os cavalos que João puxava para o outro.

Este trio fazia o concerto mais lúgubre que se pode imaginar.

Enfim, a luta não havia de ser eterna. O visconde João, cansado, perdendo a paciência, deu no defensor dos cavalos um

soco tão forte, que o deitou para dentro do tanque em que andavam os patos e os gansos.

- Socorro! socorro! - bradou ele - querem matar-me! assassinar-me!

Durante esse tempo, o visconde, que parecia conhecer o preço do tempo, foi pôr as bestas na carruagem.

- Socorro! assassinam-me! quem me acode! aqui-d'el-rei! - continuou o estalajadeiro, tentando chamar em seu auxílio os dois moços, que estavam admirados.

- Quem pede socorro em nome de el-rei? - bradou de repente um cavaleiro que chegava a todo o galope do seu cavalo, que vinha coberto de suor, e que parou junto mesmo dos actores da cena que acabamos de referir.

- O Sr. Filipe de Taverney! - murmurou Gilberto escondendo-se cada vez mais no fundo da carruagem.

Chon, a quem nada escapava, ouviu bem o nome do mancebo.

O VISCONDE JOÃO

O jovem tenente, porque era ele, apeou-se vendo a cena singular que começava a atrair à porta da estalagem quantas mulheres e crianças havia na aldeia de Chaussée.

O estalajadeiro, vendo Filipe, quase que se lançou aos pés desse protector inesperado que a Providência lhe enviava.

- Senhor oficial - lhe disse ele - sabe o que aconteceu?

- Não - respondeu Filipe friamente; - mas conte-me tudo, meu amigo.

- Pois bem! acontece que me querem levar por força os cavalos do serviço de Sua Alteza Real a Sr^a. Delfina.

Filipe franziu a fronte como um homem a quem contam uma coisa incrível.

- E quem é que lhe quer levar os cavalos? - perguntou ele.

- É este senhor - disse o estalajadeiro.

E com o dedo apontava para o visconde João.

- É este senhor? - repetiu Filipe.

- Sim, com todos os diabos! sim, eu mesmo - disse o visconde.

- Está enganado - disse Taverney abanando a cabeça - é impossível, ou o senhor é doido ou malcriado.

- Engana-se em ambos os pontos, meu caro tenente - disse o visconde; - tenho a cabeça no seu lugar e faço parte da casa de Sua Majestade.

- Como é então que, estando em seu juízo e pertencendo à casa real, se atreve a tocar nos cavalos do serviço da Delfina?

- Em primeiro lugar estão aqui sessenta cavalos, e Sua Alteza Real só pode empregar oito; seria então grande infelicidade minha se, levando ao acaso três cavalos, acontecesse logo serem os da senhora Delfina.

- Há aqui sessenta cavalos, é verdade; também é verdade que Sua Alteza Real só

emprega oito, mas tudo isso não impede que desde o primeiro até ao sexagésimo, pertençam todos a Sua Alteza Real, e não pode admitir distinção no que compõe o serviço da princesa.

- E todavia, veja que admito - respondeu ele com ironia - pois que levo estes animais. Será preciso que eu vá a pé, eu? quando esses mariolas de lacaios vão andar a quatro. Com os diabos! que façam como eu, que se contentem com três, e terão ainda de sobejo.

- Se os lacaios vão a quatro é porque é essa a ordem de el-rei - disse Filipe - estendendo o braço para o visconde, para lhe fazer sinal de não persistir no caminho que havia adoptado. - Espero portanto, senhor, que terá a bondade de ordenar ao seu laçao que conduza esses cavalos ao lugar de onde os trouxe.

Estas palavras foram pronunciadas com tanta firmeza como civilidade; e a não ser um miserável, a resposta devia ser feita com igual cortesia.

- Teria talvez razão em falar assim, meu caro tenente - respondeu o visconde - se estivesse nas suas instruções velar por estes animais; não me consta, porém, que os oficiais de Cavalaria tenham sido elevados ao grau de moços de cavalaria; feche portanto os olhos a isto; diga aos seus homens que façam outro tanto, e adeus, desejo-lhe saúde.

- Está enganado, senhor, sem ter sido elevado nem rebaixado ao grau de moço de cavalaria, o que agora faço é das minhas atribuições, porque sou mandado pela senhora Delfina para que estejam prontas as mudas.

- Então muda o caso de figura - respondeu João; - todavia, permita-me que lhe diga uma coisa, é que está fazendo um bem triste serviço, meu oficial, e se é assim que a tal senhora começa a tratar o exército...

- De quem fala em semelhantes termos, senhor? - interrompeu Filipe.

- De quem há-de ser? da austríaca.

O mancebo tornou-se pálido como a sua gravata.

- Atreve-se, senhor... - bradou ele.

- Não só me atrevo a falar, mas também a obrar - prosseguiu João. - Vamos lá, Patrício, vamos pôr as bestas na carruagem, meu amigo, e depressa, que não posso perder tempo.

Filipe agarrou no cavalo pela rédea.

- Senhor - disse Filipe de Taverney com a sua voz sossegada - queira ter a bondade de me dizer quem é?

- Tem nisso empenho?

- Muito.

- Pois bem, sou o visconde João du Barry.

- Como! é irmão daquela...

- Que o fará apodrecer na Bastilha, meu oficial, se diz mais uma palavra.

E o visconde meteu-se dentro da carruagem.

Filipe aproximou-se do postigo.

- Sr. Visconde João du Barry - disse ele - espero que me fará a honra de se apear.

- Ora, pois não! eu mesmo tinha tempo para isso - disse o visconde, tentando fechar o postigo que ficara aberto.

- Se hesita um minuto que seja, senhor - respondeu Filipe impedindo com a mão esquerda que o visconde fechasse o postigo - juro-lhe sob palavra de honra que lhe atravesso o corpo com a minha espada.

E com a mão direita que lhe ficava livre puxava pela espada.

- Ora! é o que faltava! - bradou Chon; - é um assassinio! nada menos! Renuncia a esses cavalos, João, renuncia a eles.

- Ah! ameça-me! - bradou o visconde exasperado pegando também na sua espada, que tinha posto sobre o banco de diante da carruagem.

- E a ameaça será seguida da acção, se tarda um segundo, um único, ouviu? - disse o mancebo brandindo a espada.

- Nunca nos veremos livres para partir - disse Chon ao ouvido de João - se não levas esse oficial por bons modos.

- Não há bons modos nem violências que me façam suspender o exercício dos meus deveres - disse Filipe inclinando-se com cortesia, porque tinha ouvido as palavras da senhora; - aconselhe portanto a esse senhor que obedeça, quando não, em nome de el-rei, que eu represento, ver-me-ei obrigado a matá-lo se consentir em se bater, ou a prendê-lo se recusar.

- E eu digo-lhe que apesar disso tudo hei-de partir! - bradou o visconde saltando fora da carruagem e puxando pela espada ao mesmo tempo.

- É o que vamos ver, senhor - disse Filipe defendendo-se e cruzando a espada com a do seu adversário; - está pronto?

- Meu tenente - disse o cabo que comandava seis homens da escolta, debaixo das ordens de Filipe - meu tenente, é preciso que...

- Silêncio, firme! - bradou o tenente; - isto é um negócio particular; vamos, senhor visconde, estou às suas ordens.

Chon soltava agudos gritos, Gilberto desejava que a carruagem fosse profunda como um poço, a fim de melhor se esconder.

João começou o ataque. Era de uma rara habilidade nesse exercício de armas, que pede mais cálculo que habilidade física.

Mas a raiva tirava visivelmente ao visconde uma parte da sua força. Filipe, pelo contrário, parecia manejar a espada como um florete, e estar-se exercitando numa sala de armas.

O visconde rompia, avançava, saltava para a direita, para a esquerda, e quando atacava soltava gritos como os mestres dos regimentos.

Filipe, pelo contrário, com os dentes apertados, o olhar dilatado, firme e imóvel como uma estátua, via tudo, adivinhava tudo quanto não via.

Todos olhavam em silêncio; Chon também, não obstante a sua visível perturbação.

Durou o combate dois ou três minutos, sem que produzissem efeito algum os gritos, as astúcias, os fingimentos de João. Mas também sem que Filipe, que, seguramente, observava o jogo do seu adversário, atacasse uma única vez.

De repente, o visconde João deu um salto para trás soltando um grito.

O seu punho tingiu-se logo de sangue, que em rápidas gotas lhe corria pela mão abaixo.

Filipe atravessara com a espada o braço do seu adversário.

- Está ferido, senhor - disse ele.

- Com os diabos, sinto-o bem! - exclamou João empalidecendo e deixando cair a espada.

Filipe apanhou-a e entregou-lha.

- Vá, senhor - lhe disse ele - e não torne a fazer semelhantes loucuras.

- Obrigado! se faço loucuras, parece que as não pago mal! - rosnou o visconde. - Anda cá, minha Chon-Chon; - acrescentou ele dirigindo-se a sua irmã, que acabava de se apeiar da carruagem e corria para ele a fim de lhe prestar socorro.

Filipe voltou-se para a senhora e disse-lhe:

- Far-me-á a justiça de confessar, minha senhora, que a culpa não foi minha; e sinto a pena mais profunda por ter sido obrigado a desembainhar a espada na presença de uma senhora.

Cumprimentou-a e retirou-se.

- Leve esses cavalos, e conduza-os para o seu lugar - disse Filipe ao estalajadeiro.

João ameaçou Filipe com o punho; este encolheu os ombros.

- Ah! - bradou o estalajadeiro - ainda bem, aí chegam três cavalos. Courtin! Courtin! põe já esses cavalos na carruagem deste senhor.

- Mas, meu patrão - disse o postilhão - os cavalos...

- Vamos, nada de réplica - exclamou o estalajadeiro - este senhor está com pressa. Meu caro senhor - continuou ele dirigindo-se ao visconde - não se mortifique, vai partir imediatamente.

- Bom, bom - resmungou du Barry - era melhor que os teus cavalos tivessem chegado meia hora mais cedo.

E batendo o pé no chão olhava para o braço ferido, em que Chon punha um apósito com o seu lenço.

Durante esse tempo, Filipe que tornara a montar a cavalo, dava as suas ordens como se nada tivesse acontecido.

- Partamos, meu irmão, partamos - disse Chon, levando du Barry consigo para a carruagem.

- E o meu árabe? - disse ele. - Ora adeus! que vá para o diabo! O meu dia hoje é aziago.

E meteu-se na carruagem.

- Bom - disse ele vendo Gilberto - agora não posso estender as pernas à minha vontade.

- Senhor - disse o mancebo - muito me mortificaria ser-lhe importuno.

- Vamos, vamos, João - disse Chon - deixa o meu filósofo.

- Pois que vá junto com o criado!

Gilberto corou.

- Eu não sou um laçao - respondeu ele.

- Vês! - disse João para a irmã.

- Deixe-me apear.

- Pois apeie-se, com todos os diabos! - bradou du Barry.

- Não, não, sente-se em frente de mim - disse Chon segurando o mancebo pelo braço; assim não incomodará meu irmão.

E inclinando-se ao ouvido do visconde, disse-lhe:

- Ele conhece o homem que acaba de te ferir.

Um raio de luz brilhou nos olhos do visconde.

- Muito bem, então que fique. Como se chama aquele senhor?

- Filipe de Taverney.

Neste momento passava o jovem oficial junto da carruagem.

- Ah! ainda aqui, meu militar! - exclamou João; - está bem soberbo agora, mas cada um há-de ter a sua vez.

- É o que nós veremos quando for da sua vontade, Senhor - redargüiu Filipe impassível.

- Sim, sim, é o que nós veremos, Sr. Filipe de Taverney - bradou João, procurando ver o efeito que no mancebo produziria o seu nome assim pronunciado inopinadamente.

Com efeito, Filipe ergueu a cabeça com uma expressão de surpresa, em que entrava também um leve sentimento de desassossego; mas tomando logo o seu ar natural e tirando o chapéu com muita cortesia, disse:

- Boa viagem, Sr. João du Barry.

A carruagem partiu rapidamente.

- Com trezentos demónios! sabes que sofro muito, minha Chon? - disse o visconde fazendo visagens de aflição.

- Quando chegarmos às outras mudas, enquanto este rapaz estiver almoçando, mandaremos chamar um médico - respondeu Chon.

- Ah! é verdade - disse João - ainda não almoçámos. Pela minha parte, a dor tira-me a fome; tenho sede, nada mais.

- Queres beber uma gota de licor?

- Pois sim, dá-mo.

- Senhor - disse Gilberto - permite que lhe faça uma observação?

- Fale.

- É que, no estado em que se acha, uma bebida espirituosa pode fazer-lhe muito mal.

- Sim?

Depois, voltando-se para Chon:

- Pelo que vejo, o teu filósofo é médico? - perguntou o visconde.

- Não, senhor, não sou médico - respondeu Gilberto; - se Deus quiser, hei-de

sê-lo algum dia; mas li num tratado destinado à gente de guerra, que a primeira coisa que se deve proibir a um ferido é beber licores, vinho ou café.

- Ah! leu isso! Pois bem, não pensemos mais em tal.

- E se o senhor visconde me quisesse dar o seu lenço, iria eu molhá-lo naquela fonte que está além, e envolvendo com ele o braço, sentiria grande alívio.

- Pois sim, meu amigo, vá - disse Chon; - postilhão, pare!

A carruagem parou; Gilberto foi molhar o lenço numa fonte que ficava perto.

- Este rapaz vai incomodar-nos muito para falarmos - disse du Barry.

- Falaremos no nosso dialecto do costume - respondeu Chon.

- Tenho vontade de dizer ao postilhão que vá para diante, e de o deixar aqui com o meu lenço.

- Não farias bem, pode ser-nos útil.

- Em quê?

- Já me deu alguns esclarecimentos de bastante importância.

- A que respeito?

- A respeito da Delfina, e ainda há pouco, como viste, disse-nos o nome do teu adversário.

- Pois então que venha!

Neste momento voltava Gilberto, com o lenço molhado em água fria.

O apósito do lenço sobre o braço do visconde consolou muito a sua dor, como Gilberto o havia previsto.

- O rapaz tinha razão, sinto-me melhor; conversemos.

Gilberto fechou os olhos e abriu os ouvidos, mas foi baldada a sua esperança. Chon respondeu ao convite do seu irmão, nesse dialecto vivo e brilhante, que faz o desespero dos ouvidos parisienses, por não perceberem nada do dialecto provençal.

Gilberto, apesar de estar muito senhor de si, deixou perceber um pequeno movimento de despeito que não escapou a

Chon, que, para o consolar, lhe dirigiu um pequeno sorriso.

- Se Andreia me visse nesta bela carruagem! - pensava ele.

E o seu coração enchia-se de orgulho.

Quanto a Nicola, nem mesmo pensou nela.

O irmão e a irmã prosseguiram na conversa, sempre no mesmo dialecto.

- Bom! - exclamou de repente o visconde deitando a cabeça de fora do postigo.

- O que é? - perguntou Chon.

- O cavalo árabe que nos segue.

- Que cavalo?

- O que eu quis comprar.

- Olha - disse Chon - vem montado por uma mulher. Oh! que bela criatura!

- De quem falas?... da mulher ou do cavalo?

- Da mulher.

- Chama-a, Chon, talvez não tenha tanto medo de ti como de mim... Eu daria dez mil francos por aquele cavalo.

- E pela mulher? - perguntou Chon sorrindo.

- Arruinar-me-ia por ela... Chama-a!

- Minha senhora! - bradou Chon - minha senhora!

Mas a mulher, com os seus belos olhos negros, embuçada numa capa branca, levando na cabeça um chapéu de feltro alvadio com grandes plumas, passou como se fora uma flecha ao lado da carruagem, bradando:

- *Avanti, Djérid! Avanti!*

- É uma italiana - disse o visconde - e que bela mulher! se eu não padecesse tanto, saltava fora da carruagem e corria atrás dela.

- Conheço-a - disse Gilberto.

- Então! este aldeãozinho é o almanaque da província? Conhece toda a gente!

- Como se chama ela? - perguntou Chon.

- Chama-se Lorenza.

- E quem é ela?

- É a mulher do feiticeiro.

- De que feiticeiro?

- Do barão José Bálsamo.

O irmão e a irmã olharam um para o outro.

A irmã parecia dizer-lhe nesse olhar:

- Não fiz bem em o trazer?

- Parece-me que sim - respondia o visconde do mesmo modo.

XXIII

UMA MANHA DA SENHORA CONDESSA DU BARRY

Permita-nos agora o leitor que abandonemos Chon e o visconde João que vêm em caminho pela estrada de Châlons, e que o introduzamos junto de outra pessoa da mesma família.

No quarto de Versalhes que havia sido habitado pela Sr^a. Adelaide, filha de Luís XV, tinha este príncipe instalado, haveria um ano, a condessa du Barry, sua amante, mas não sem ter previamente observado o efeito que na sua corte produziria este golpe de Estado.

Com os seus modos livres, carácter alegre, o seu abandono e eterna galhofa, com as suas bulhentas fantasias, tinha a favorita transformado o silencioso palácio num mundo turbulento, em que cada habitante

não era tolerado senão com a condição de se mover muito e com a maior alegria possível.

Desse quarto de bem pouca importância certamente, se se considerar o poder de quem o ocupava, saía a cada instante a ordem para uma função ou o sinal para uma partida de prazer.

Mas o que decerto havia de mais singular nas escadas dessa parte do palácio, era a incrível afluência de pessoas que, logo pela manhã, isto é, pelas nove horas, subiam, guapas e enfeitadas, para se instalarem humildemente numa antessala cheia de curiosidades, menos curiosas que o ídolo que os eleitos vinham adorar no santuário.

No dia seguinte àquele em que se passava na pequena aldeia de Chaussée a cena que acabámos de narrar, pelas nove horas da manhã, hora do estilo, Joana de Vaubernier, envolta num penteador de cassa bordada que, sob a sua transparência, deixava adivinhar umas pernas bem torneadas e uns braços de alabastro; Joana de

Vaubernier, depois *mademoiselle* Lange, e finalmente condessa du Barry, por graça do Sr. João du Barry, seu antigo protector, saía da cama, não diremos semelhante a uma Vénus, mas certamente mais formosa que Vénus para todo o homem que prefere a verdade à ficção.

Cabelos castanhos admiravelmente bem frisados, uma pele branca acetinada com veias azuladas, uns olhos ternos e amortecidos ou brilhantes e cheios de fogo, uma boca pequena, vermelha, feita a pincel com o carmim mais puro, e que abrindo-se deixava ver como que duas enfiadas de pérolas; covinhas nas faces, na barba, nas mãos; uma garganta moldada na de Vénus de Milo, uma elasticidade de cobra, uma nutrição regular; era isto tudo que a senhora du Barry deixava ver aos seus eleitos, que vinham visitá-la de manhã, era isto tudo que Sua Majestade Luís XV, o eleito da noite, vinha também contemplar de manhã como os mais, pondo em acção o provérbio que

aconselha os velhos a não desperdiçarem as migalhas que caem da mesa da vida.

Havia já alguns minutos que a favorita estava acordada. Às oito horas havia tocado a campainha para que se permitisse ao dia, seu primeiro cortesão, penetrar no seu quarto; mas a pouco e pouco, por umas espessas cortinas, depois por outras mais finas, o sol, radioso nesse dia, tinha sido introduzido, e lembrando-se das suas aventuras mitológicas, veio beijar essa formosa ninfa que, longe de fugir como Dafne, o amor dos Deuses, humanizava-se a ponto de ir algumas vezes ao encontro do amor dos mortais. Portanto, já não havia hesitação nesses lindos olhos que interrogavam um pequeno espelho de mão, com uma cercadura de ouro; e esse corpo delicado, de que tentamos dar uma idéia, deixou-se escorregar da cama em que havia dormido, entregue aos sonhos mais doces, sobre um tapete de arminhos, onde os pés mais delicados do mundo inteiro

encontravam duas mãos segurando um par de pantufos de cetim.

Enquanto esta sedutora estátua começava a mover-se, ganhando a cada instante mais vida, lançavam-lhe sobre os ombros uma magnífica capa de rendas de Malinas; depois, metiam-lhe seus formosos pés numas meias de seda cor de carne, de tão fino tecido que difícil seria diferenciá-las da pele que acabavam de cobrir.

- Não há notícias de Chon? - foi a primeira pergunta que dirigiu à sua aia.

- Não, minha senhora - respondeu esta.

- Nem do visconde João?

- Também não.

- Sabe-se se Bischi recebeu notícias deles?

- Mandou-se esta manhã a casa da irmã da senhora condessa.

- E não há cartas?

- Não, minha senhora.

- Ah! como custa tanto esperar assim - disse a condessa amuando-se de um modo

encantador; - nunca se inventará algum meio para nos podermos corresponder a uma distância de cem léguas, num instante? Ah! tenho dó dos que hoje me caírem debaixo das mãos! Que tal está a minha antessala? tenho muita gente hoje?

- A senhora condessa ainda o pergunta?

- É porque ignoras, Doreia, que a senhora Delfina se aproxima, e que não seria para admirar que me deixassem por esse outro sol. Eu sou apenas uma pobre pequena estrela. Quem tenho eu, vamos a saber?

- O senhor de Aiguillon, o Sr. Presidente Maupeou, o senhor de Sartines...

- E o Sr. Duque de Richelieu?

- Ainda não apareceu.

- Nem hoje nem ontem! Não te dizia eu, Doreia, ele receia comprometer-se. Mandarás o meu andarilho ao palácio de Hanôver, para saber se o duque está doente.

- Sim, minha senhora. A senhora condessa quer receber todas essas pessoas ao

mesmo tempo, ou quer dar audiência particular?

- Audiência particular. Preciso falar com o senhor de Sartines; manda-o entrar só.

A ordem tinha apenas sido transmitida pela aia da condessa a um corpulento laçao que estava no corredor que conduzia das antessalas à câmara da condessa, e logo apareceu o tenente da Polícia, vestido de preto, e moderando a severidade de seus olhos pardos e a aspereza de seus lábios delgados, por um sorriso dos mais amáveis.

- Bons dias, meu inimigo - disse-lhe a condessa, que não olhava para ele mas que o via no espelho.

- Seu inimigo, eu, minha senhora?

- Certamente, o senhor. A gente, para mim, divide-se em duas classes de pessoas: os amigos e os inimigos. Não admito os indiferentes, ou classifico-os como meus inimigos.

- E tem razão, minha senhora. Mas diga-me como é que, apesar da minha bem

conhecida dedicação pela senhora, pude merecer uma classificação em semelhante lugar?

- Deixando imprimir, distribuir, vender, mandar a el-rei e a toda a gente uns pequenos panfletos, uns libelos dirigidos contra mim. Isso é mal feito, é odioso! não tem bom senso!

- Mas enfim, minha senhora, eu não posso ser responsável...

- Sim, senhor, é responsável, porque conhece o miserável que faz isso tudo.

- Minha senhora, se fosse só um autor, não teríamos necessidade de o fazer rebentar na Bastilha, rebentaria só com o peso de tantas obras.

- Está dizendo coisas muito amáveis!

- Se eu fosse seu inimigo, minha senhora, não lhas diria.

- Pois sim, é verdade, não falemos mais nisso. Estamos muito bem um com o outro, de acordo, e eu desejo-o; todavia, há ainda uma coisa que me dá cuidado.

- Qual é, minha senhora?

- É ser o senhor também amigo dos Choiseul.

- O senhor de Choiseul, minha senhora, é primeiro-ministro; dá ordens, e devo cumpri-las.

- Então se o senhor de Choiseul lhe der ordem para me deixar perseguir, insultar, matar de desgostos, deixará impunemente trabalhar os que me perseguirem, insultarem e matarem! Obrigada.

- Raciocinemos - disse o senhor de Sartines, que tomou a liberdade de se sentar sem que a favorita se mostrasse ofendida, porque tudo era desculpável ao homem mais bem informado da França; - que fiz eu pela senhora, há-de haver três dias?

- Mandou-me prevenir que partia um correio de Chanteloup, para apressar a chegada da Delfina.

- E é de inimigo semelhante acção?

- Não, mas na questão da minha apresentação, na qual, como sabe, ponho todo o meu amor-próprio, como se portou comigo?

- Do melhor modo possível.

- O senhor de Sartines não é franco.

- Ah! minha senhora, não me faz justiça!

Quem foi que descobriu no fundo de uma taberna, e em menos de duas horas, o visconde João, que lhe era preciso para mandar não sei aonde, ou antes direi, bem sei aonde?

- Bom - disse a condessa rindo - teria feito melhor em deixar perder meu cunhado, um homem ligado a família real de França.

- Enfim, minha senhora, tudo isto são serviços.

- De acordo, mas tudo isso era bom para há três dias, para anteontem; porém, ontem, fez alguma coisa por meu respeito?

- Ontem, minha senhora?

- Oh! sim, pense. Ontem era dia de fazer favores a outros.

- Não a entendo, minha senhora.

- Oh! eu bem me entendo. Vejamos, responda, senhor, o que fez ontem?

- De manhã ou de tarde?

- Vejamos primeiro de manhã.

- De manhã, minha senhora, trabalhei como é do meu costume.

- Até que horas?

- Até às dez.

- Depois?

- Depois, mandei convidar para jantar um amigo meu de Leão, que tinha apostado vir para Paris sem eu o saber, e que um dos meus lacaios esperava na barreira no momento em que ele chegava.

- E depois de jantar?

- Mandei ao tenente da polícia de Sua Majestade o Imperador de Áustria a morada de um célebre ladrão que ele não podia achar.

- E que estava?

- Em Viena.

- Então, nem só faz a polícia de Paris, mas também a das cortes estrangeiras?

- Sim, minha senhora, nas minhas horas vagas.

- Bom, tomo nota. E depois de expedir o correio o que fez?

- Fui ao teatro.

- Ver a Guimard? pobre Soubise!

- Não; fui para fazer prender um célebre ratoneiro, que deixei sossegado enquanto não roubava senão os recebedores gerais, mas que teve depois a audácia de se dirigir a dois ou três senhores da corte.

- Deveria em vez de audácia, dizer: estupidez. E depois do teatro?

- Depois do teatro?

- Sim. É uma pergunta bem indiscreta, não é verdade?

- Não. Depois do teatro... espere, deixe ver se me lembro.

- Ah! falta-lhe aqui a memória.

- Não. Depois do teatro... Ah! agora me recordo.

- Bom.

- Apeei-me em casa de certa senhora, que tem casa de jogo, e levei-a eu mesmo ao Fort-l'Evêque.

- Na carruagem dela?

- Não, numa carruagem alugada.

- Depois?
- Depois? nada mais.
- Houve mais alguma coisa.
- Meti-me na minha carruagem.
- E quem encontrou na sua carruagem?

O senhor de Sartines corou.

- Ah! - exclamou a condessa batendo palmas com as suas mãozinhas - tive a honra de fazer corar um tenente da Polícia.

- Minha senhora... - murmurou o senhor de Sartines.

- Pois bem! Eu vou dizer-lhe quem estava na carruagem - redargüiu a favorita; - era a duquesa de Grammont.

- A duquesa de Grammont! - exclamou o chefe da Polícia.

- Sim, a duquesa de Grammont, que vinha pedir-lhe para a introduzir nos quartos de el-rei.

- Enfim, minha senhora - exclamou o senhor de Sartines - entrego nas suas mãos a minha pasta. Já não sou eu que faço a polícia, é a senhora.

- Efectivamente, senhor de Sartines, tenho a minha polícia, como vê; tome portanto cuidado. Sim! sim! A duquesa de Grammont, numa carruagem, à meia-noite, com o senhor chefe da Polícia, e numa carruagem a passo! Sabe o que eu mandei logo fazer?

- Não sei, mas tenho um medo horrível. Felizmente era muito tarde.

- Ora! isso não importa. A noite presta-se à vingança.

- Vamos a saber, então que fez?

- Assim como tenho a minha polícia, tenho os meus literatos, uns horríveis caloiros, sujos como farrapos e esfaimados como doninhas.

- Dá-lhes pouco de comer?

- Não lhes dou coisa alguma; se engordassem haviam de se tornar estúpidos como o senhor de Soubise; a gordura absorve o fel, é coisa sabida.

- Continue, a senhora faz-me tremer!

- Pense em todas as maldades que contra mim deixa fazer pelos Choiseul. Isso irritou-me, e dei aos meus Apolos os seguintes programas: - 1.º o senhor de Sartines disfarçado em procurador, e visitando na Rua da Árvore Seca, no quarto andar, uma jovem inocente, à qual não tem vergonha de contar uma miserável soma de trezentas libras cada mês.

- Minha senhora, isso é uma boa acção que quer manchar.

- São as únicas que se mancham. 2.º o senhor de Sartines disfarçado em reverendo padre de missão, e como tal introduzindo-se no convento das Carmelitas da Rua de Santo António.

- Minha senhora, eu levava àquelas boas irmãs notícias do Oriente.

- Do pequeno ou do grande? 3.º o senhor de Sartines disfarçado em chefe de polícia, e andando à meia-noite pelas ruas da cidade, numa carruagem, com a duquesa de Grammont.

- Ah! minha senhora - disse o senhor de Sartines assustado - quer desconsiderar a minha administração a tal ponto?

- E não deixou o senhor desconsiderar a minha? - disse a condessa rindo. - Mas, espere.

- Eu espero.

- Os meus literatos deitaram-se ao trabalho e compuseram, como se compõe no colégio, em narração, versão, amplificação, e recebi esta manhã um epigrama, uma canção e uma modinha.

- Ah! santo Deus!

- Todos três horríveis. Hei-de regalar hoje el-rei com eles, assim como com o novo *padre-nosso*, que o senhor deixa correr contra ele, e que é:

“Padre-nosso que estais em Versalhes, amaldiçoado seja o vosso nome, como merece sê-lo; vosso reinado está a cair, vossa vontade não é mais feita na Terra que no Céu; dai-nos o nosso pão quotidiano que as vossas favoritas nos roubam; perdoai aos vossos

parlamentos que sustentam os vossos interesses, como nós perdoamos aos vossos ministros que os venderam. Não vos deixeis cair nas tentações da du Barry, mas livrai-nos do vosso diabo de chanceler. Amém.”

- Onde foi descobrir isto? - disse o senhor de Sartines soltando um suspiro.

- Não preciso descobri-los; fazem-me a galantaria de me mandar todos os dias o que de melhor aparece neste gênero. Eu julgava mesmo que era ao senhor que devia esta lembrança.

- Oh! minha senhora. .

- Mas também, por reciprocidade, receberá amanhã o epigrama, a canção e a modinha de que lhe falei.

- Por que os não poderei receber já?

- Porque preciso tempo para os distribuir; demais, não é costume que a polícia seja a última informada do que se passa? Oh! hão-de diverti-lo muito, asseguro-lho. Esta manhã fizeram-me rir mais de três quartos de hora. Quanto ao rei, produziu-lhe

uma desopilação do baço. É o motivo por que ainda não veio.

- Estou perdido! - disse o senhor de Sartines pondo as mãos na cabeleira.

- Não, não está perdido, está metido em canção, nada mais. E eu fiquei perdida por me chamarem a *Formosa Borbonesa*? Não. Isso amofina-me, nada mais; o que faz com que eu tenha também vontade de ver os outros amofinados. Ah! que lindos versos! Fiquei tão contente com eles, que mandei dar vinho branco aos meus escorpiões literários, e naturalmente neste instante estão eles a cair de bêbedos.

- Ah! condessa! condessa!

- Primeiramente vou recitar-lhe o epigrama.

- Perdão!

- França que destino o teu,
Sujeita assim a uma fêmea!...

Não! enganei-me; este é o que deixou publicar contra mim. Há tantos, que me fazem confusão. Ah! agora me lembra, ouça:

Amigos! vistas a tabuleta,
Que para os cabeleireiros,
Fez um bom pintor de S. Lucas?
Meteu em esguia frasqueta
Boynes, Maupeou e mais Terray,
Vestidos de casaca preta;
Deitou-lhe Sartines em infusões,
E chamou-lhe, é boa peta!
Vinagre aos quatro ladrões!

- Ah! cruel, quer transformar-me em tigre.

- Passemos agora à canção; é a duquesa de Grammont quem fala:

Senhor chefe da Polícia
Não tenho a pele macia?
Serviço me prestaria,
Se informasse disto o rei...

- Oh! senhora condessa! senhora condessa! - exclamou, furioso, o senhor de Sartines.

- Oh! descanse... Ainda não mandei tirar senão dez mil exemplares. Pelo *vaudeville* é que é preciso esperar.

- Tem então uma imprensa?

- Boa pergunta essa! E o senhor de Choiseul não a tem?

- O seu impressor que se acautele!

- Pois, sim... Experimente... A licença está em meu nome.

- Isto é odioso! E o rei ri-se de todas estas infâmias?

- Por que não? Se é ele quem dá as rimas quando os meus aranhões têm falta delas.

- Pois a senhora condessa trata-me dessa maneira, sabendo que lhe sou dedicado?

- Sei que me atraiçoa, isso sei. A duquesa e Choiseul empenham-se pela minha ruína.

- Façamos as pazes, condessa. Suplico em nome do Céu.

- Pois então, o senhor, um homem, um ministro, tem medo de uns poucos de versos maus?

- Ah! Se apenas tivesse medo disso...

- E não calcula as horas más que uma canção me pode fazer passar a mim, que sou mulher?

- Juro-lhe, senhora condessa, que nunca lhe fiz mal.

- Não, mas tem deixado que mo façam.

- O menos possível.

- Seja... Quero acreditá-lo. Trata-se agora de fazer o contrário do mal: trata-se de fazer bem.

- Auxilie-me e não deixarei de consegui-lo.

- É por mim, sim ou não?

- Sim.

- A sua dedicação irá ao ponto de defender a minha apresentação?

- A senhora condessa marcará os limites.

- Pense bem, olhe que a minha imprensa está pronta. Funciona dia e noite e, dentro de

vinte e quatro horas, os meus rabiscadores hão-de ter fome, e, quando têm fome, mordem.

- Hei-de ter juízo... O que deseja?

- Que não apareçam obstáculos contra coisa alguma que eu tente.

- Oh! pela minha parte, comprometo-me a isso!

- Aí está uma frase que me desagrade - disse a condessa, batendo o pé uma frase que cheira a grego ou a cartaginês, finalmente à fé púnica... E por isso não a aceito; é uma escapatória. O senhor figura como não fazendo coisa alguma, e no entretanto o senhor de Choiseul procede como lhe aprouver. Não quero isso, entende? Ou tudo ou nada. Entregue-me os Choiseul atados de pés e mãos, vencidos e sem se poderem mexer, quando não eu é que aniquilo o senhor intendente, eu é que o venço e amarro de pés e mãos... E tome cuidado, já o previno de que a canção não será a minha única arma.

- Não ameace, senhora condessa - disse o senhor de Sartines que se tornara pensativo porque essa apresentação torna-se de uma dificuldade que nem é capaz de imaginar.

- *Tornou-se* é o termo, porque lhe puseram obstáculos.

- Infelizmente!

- Não pode destruir esses obstáculos?

- Não, estou só. São precisas cem pessoas.

- Hão-de aparecer.

- Um milhão...

- Isso é com Terray.

- O consentimento do rei...

- Hei-de tê-lo.

- Não o dá.

- Tomo-o eu.

- E, quando tiver tudo isso, ainda lhe falta uma madrinha.

- Anda-se à procura dela.

- É inútil. Há uma liga contra a condessa.

- Em Versalhes?

- Sim. Todas as damas se recusaram, para serem agradáveis ao senhor de Choiseul, à senhora de Grammont, à Delfina e finalmente ao partido rigorista.

- Em primeiro lugar o partido rigorista tem de mudar de nome, se a senhora de Grammont faz parte dele.

- Está a teimar inutilmente, creia.

- Estou prestes a alcançar a vitória.

- Ah! foi para isso que enviou sua irmã a Verdum?

- Justamente. Ah! o senhor intendente sabe isso? - disse a condessa, contrariada.

- Então? Também eu tenho a minha polícia - disse, rindo, o senhor de Sartines.

- E os seus espiões?

- E os meus espiões.

- Em minha casa?

- Em sua casa.

- Nas minhas cocheiras ou nas minhas cozinhas?

- Nas suas antecâmaras, no seu salão, no seu gabinete de *toilette*, no seu quarto de cama, debaixo do seu travesseiro.

- Pois bem! como primeiro penhor de aliança – disse a condessa – diga-me quem são esses espiões.

- Ah! não quero que fique de mal com os seus amigos, condessa.

- Então, guerra!

- Guerra... Mas como diz isso!...

- Digo-o, como o penso. Vá-se embora. Não quero tornar a vê-lo.

- Ah! desta vez sou eu que a faço pronunciar a sentença. Posso porventura entregar um segredo... de Estado?

- Um segredo de alcova.

- É o que eu queria dizer: aí é que está hoje o Estado.

- Quero o meu espião.

- O que tenciona fazer dele?

- Ponho-o fora.

- Então tem que pôr toda a gente na rua.

- Sabe que é horrível o que está a dizer-me?

- Mas primeiro que tudo é verdade. Ah! se não fosse assim, não se podia governar... Bem o deve saber a senhora condessa, que é tão forte em política.

- Tem razão. As condições do tratado?

- Pertence-lhe impô-las. A vitória é da condessa.

- Sou magnânima como Semíramis. O que quer?

- Que nunca fale ao rei nas reclamações a respeito das farinhas, reclamações a que a senhora condessa - traíçoeira! - prometera o seu apoio.

- Está dito. Leve todos os memoriais que recebi sobre este assunto: estão naquele cofre.

- Receba em troca este relatório dos pares do Reino sobre a apresentação e sobre os tamboretas.

- Relatório que estava encarregado de entregar a Sua Majestade...

- Exactamente.

- Bem, mas o que tenciona dizer?

- Digo que o adiei. Assim ganha-se tempo e a senhora condessa, com a sua habilíssima tática, não deixará de aproveitar-se desta circunstância.

Neste momento, a porta abriu-se de par em par e entrou um porteiro que anunciou:

- O rei!

Cada um dos aliados apressou-se a esconder o seu penhor de aliança, voltando-se ambos para saudar Sua Majestade o Rei Luís XV.

XXIV

O REI LUÍS XV

Luís XV entrou de cabeça erguida, com a alegria nos olhos e o sorriso nos lábios.

Pela porta, aberta de par em par, via-se uma dupla fileira de cortesãos, curvados e cada vez mais desejosos de serem introduzidos, por verem que a chegada de Sua Majestade lhes poderia proporcionar o ensejo de mostrarem a sua submissão a duas potências ao mesmo tempo.

As portas tornaram a fechar-se.

- Bons dias, condessa - disse o rei, beijando a mão da senhora du Barry. - Que bem disposta a vejo esta manhã, graças a Deus! Bons dias, Sartines. Então trabalha-se por cá? Santo Deus, que enorme papelada! Escondam-me isso, sim? Oh! que lindo repuxo, condessa!

E, com a sua curiosidade, a um tempo versátil e eivada de tédio, os olhos de Luís XV fitaram-se num gigantesco móvel, no gosto chinês que, apenas desde a véspera, adornava um dos cantos do quarto de dormir da condessa.

- Senhor - respondeu a senhora du Barry - como Vossa Majestade pode ver, é um repuxo chinês. As águas, quando se abre uma torneira que está por detrás, fazem cantar uns passarinhos de porcelana e nadar uns peixinhos de vidro; depois abrem-se as portas do pagode e saem, marchando, uma porção de mandarins...

- É muito bonito, condessa.

Neste momento, passou o negrito. Usava um pequeno turbante com penas, posto ao lado, uma véstia de brocado de ouro que lhe deixava nus os braços, uns calções muito soltos, de cetim branco, bordados a ouro, que lhe desciam até aos joelhos e uma cinta de cores vivas; à cinta trazia um punhal cintilante de pedrarias.

- Bravo! - exclamou o rei - está esplêndido o Zamora!

- Senhor, ele tem um favor a pedir a Vossa Majestade.

- Parece-me que Zamora está a tornar-se ambicioso, condessa - disse Luís XV, sorrindo o mais graciosamente que lhe foi possível.

- E por quê, senhor?

- Porque a condessa concedeu-lhe o maior favor que ele podia desejar.

- Qual?

- O mesmo favor que me concedeu a mim.

- Não compreendo, senhor.

- Fê-lo seu escravo.

O senhor de Sartines inclinou-se, sorrindo e mordendo, ao mesmo tempo, os lábios.

- Oh! como é amável, senhor! - exclamou a condessa.

E em seguida, aproximando-se do ouvido do rei, disse baixinho: “Adoro-te, França”.

Luís por sua vez, sorriu também e perguntou:

- O que deseja então para Zamora?

- A recompensa dos seus longos e numerosos serviços.

- Tem doze anos...

- Dos seus longos e numerosos serviços futuros. Parece-me que é uso há muito tempo recompensar os serviços passados e que seria tempo de recompensar os serviços vindouros; haveria assim mais certeza de não ter como paga a ingratidão.

- E é uma idéia nova, lá isso é!... - disse o rei; - e que lhe parece, senhor de Sartines?

- Que todas as dedicações teriam a ganhar com esse sistema; portanto, aprovo, senhor.

- Que pede então para Zamora, condessa?

- Senhor, conhece o meu pavilhão de Luciennes?

- Conheço, mas só por ter ouvido falar nele.

- A culpa é sua. Mais de um cento de vezes o tenho convidado a lá ir.

- Conhece a etiqueta, condessa; a não ser em viagem, o rei não pode pernoitar senão nos castelos reais.

- Pois é exactamente a graça que tenho a pedir-lhe. Elevamos Luciennes a castelo real e para governador desse castelo nomeamos Zamora.

- Mas isso é uma paródia, condessa.

- Bem sabe, senhor, que adoro as paródias.

- E faz com que protestem os outros governadores.

- Deixá-los protestar!

- Mas desta vez com razão.

- Tanto melhor... Quantas vezes têm protestado sem ela!... Zamora, ponha-se de joelhos e agradeça a Sua Majestade.

- Mas, agradeça... o quê? - perguntou Luís XV.

- A recompensa que lhe concede por ter segurado na cauda do meu vestido e por ter

feito danar por esse motivo os rotineiros e as pretensiosas virtudes da corte...

- Realmente, é medonho - disse Luís XV.

E desatou a rir.

- Levanta-te, Zamora - disse a condessa;
- estás nomeado.

- Mas, realmente...

- Eu me encarrego de mandar passar as nomeações, alvarás e provisões. A Vossa Majestade pertence o poder ir a Luciennes sem quebra da etiqueta.

- Conhece algum meio, Sartines, de se lhe recusar alguma coisa?

- Talvez exista, mas ainda não foi descoberto.

- E, se o descobrirem, posso garantir que a honra dessa descoberta há-de pertencer ao senhor de Sartines.

- A mim, senhora condessa? - disse o intendente.

- Imagine, senhor, que há três meses que ando a pedir uma coisa ao senhor de Sartines, sem ser atendida.

- E o que lhe pediu a condessa? -
perguntou o rei.

- Oh! Ele bem o sabe.

- Eu, senhora condessa?...

- Está nas suas atribuições? - perguntou
o rei.

- Nas suas atribuições ou nas do seu
sucessor.

- A senhora condessa está a assustar-me
deveras.

- O que lhe pediu então?

- Que me descobrisse um feiticeiro.

O senhor de Sartines respirou:

- Para mandá-lo queimar? - disse o rei. -
Não... Agora faz muito calor; espere pelo
Inverno.

- Não, senhor, para dar-lhe uma varinha
de ouro.

- Esse feiticeiro anunciou-lhe então
alguma desgraça, que não chegou a suceder-
lhe, condessa?

- Pelo contrário, senhor, anunciou-me
uma felicidade que se realizou.

- Conte-me isso, condessa - disse Luís XV, conchegando-se numa poltrona e no tom de quem não sabe ao certo se vai divertir-se ou aborrecer-se, mas que se dispõe a correr-lhe o risco.

- Com todo o gosto, senhor, mas há-de caber-lhe a metade da recompensa.

- Toda, se for preciso.

- Ainda bem... Isso é que é falar como um rei.

- Estou ouvindo.

- Vou começar. Era uma vez...

- O princípio é como nos contos de fadas.

- E é um conto de fadas, senhor.

- Ah! tanto melhor. Sou doido por encantamentos.

- Como ia dizendo, era uma vez uma pobre rapariga que, nesse tempo, não tinha pajens, nem carruagem, nem preto, nem periquito, nem macaquinho.

- Nem rei - disse Luís XV. - O que fazia essa rapariga?

- Andava pelas ruas de Paris, a pé, como uma simples mortal. O que fazia, porém, era andar mais depressa, porque havia quem dissesse que ela era bonita e tinha medo que isso lhe proporcionasse algum encontro desagradável.

- Essa rapariga era então alguma Lucrecia? – perguntou o rei.

- Vossa Majestade bem sabe que, desde o ano, não sei quantos da fundação de Roma, já não há disso.

- Santo Deus! estará por acaso a tornar-se erudita?

- Não. Se me fizesse erudita, dizia uma data errada, mas dizia uma data.

- Tem razão - disse o rei - continue.

- Assim, pois, ia andando por aí, andando, andando, e, ao atravessar Versalhes, notou que a seguia alguém.

- Oh! diabo! - disse o rei; - e então parou?

- Ah! bom Deus! que má opinião tem a respeito das mulheres, senhor! Bem se vê que

não tem conhecido senão marquesas, duquesas e...

- E princesas, não é verdade?

- Sou delicada de mais para contradizer Vossa Majestade.

- Mas o que principalmente a assustava era o estar caindo do céu um nevoeiro que, de momento para momento, se tornava mais denso.

- Ó Sartines, sabe qual é a causa do nevoeiro?

O intendente de Polícia, colhido de súbito, estremeceu.

- Confesso, meu senhor, que não sei...

- Pois olhe, também eu não - disse Luís XV. - Continue, querida condessa.

- Deitou, portanto, a correr; transpusera a grade e achava-se na praça que tem a honra de ser designada com o nome de Vossa Majestade, quando de repente o desconhecido que a seguia e de quem se julgava livre, se achou em frente dela. Deu um grito.

- Era ele então muito feio?

- Pelo contrário, senhor, era um garboso mancebo de vinte e seis a vinte e oito anos, moreno, de olhos bem rasgados e voz sonora.

- E a sua heroína tinha medo, condessa? Coitada! estava então muito assustada?

- Ficou menos assustada quando o viu, senhor. No entretanto, a situação não era muito tranqüilizadora: devido ao nevoeiro, se o desconhecido estivesse com más intenções, não havia a esperar socorro. Por isso, juntando as mãos, a rapariga disse:

“- Oh! senhor, suplico-lhe que não me faça mal.

O desconhecido meneou a cabeça com um sorriso encantador e disse:

- Não é essa a minha intenção.

- O que quer então?

- Obter de si uma promessa: que me concederá o primeiro favor que eu lhe pedir, quando...

- Quando? - repetiu a rapariga com curiosidade.

- Quando for rainha.”

- E o que fez a rapariga?

- Como julgava que não ficava obrigada a coisa nenhuma, prometeu.

- E o feiticeiro?

- Desapareceu.

- E o senhor de Sartines - recusa-se a descobrir o feiticeiro?

- Não me recuso, meu senhor; não posso.

- Ah! senhor intendente, é essa uma frase que não devia existir no dicionário da polícia - disse a condessa.

- Anda-se na pista.

- É a frase sacramental.

- Deve compreender, senhora condessa, que são muito vagas as indicações que me dá.

- O quê? moço, bem parecido, moreno, cabelos pretos, olhos magníficos, voz sonora...

- Oh! mas como a condessa fala dele! Sartines, proíbo-lhe que descubra esse maganão.

- Faz mal, senhor, porque não tenciono pedir-lhe senão uma simples informação.

- É então da condessa que se trata?

- Certamente.

- E o que tem ainda a perguntar-lhe? O seu vaticínio realizou-se.

- Parece-lhe?

- Não há dúvida. É rainha.

- Pouco mais ou menos.

- O feiticeiro não tem então mais nada a dizer-lhe?

- Tem. Preciso que me diga quando é que essa rainha há-de ser apresentada. Não está tudo em reinar de noite, senhor; é preciso reinar também de dia alguma coisa.

- O feiticeiro não tem nada com isso - disse Luís XV, alongando os lábios, como quem vê que a conversação está a descambar para mau terreno.

- E de quem é que isso depende?

- Da condessa.

- De mim?

- Efectivamente. Arranje uma madrinha...

- Entre as suas delambidas da corte? Vossa Majestade bem sabe que é impossível; estão todas vendidas aos Choiseul e aos Praslin.

- Ora vamos... Parecia-me que estava combinado que não falávamos mais nem nuns nem noutros.

- Eu não prometi isso, senhor.

- Pois bem! Sou eu que lhe peço uma coisa.

- O que é?

- Que os deixe estar a eles onde estão e que se deixe estar onde está. Acredite, o melhor lugar é o seu.

- Pobres Negócios Estrangeiros! pobre Marinha!

- Condessa, por tudo quanto há, não façamos política, quando estivermos juntos.

- Seja! mas não me pode impedir de fazê-la a sós.

- Ah! a sós faça a política que quiser.

A condessa estendeu a mão para uma cesta cheia de fruta, tirou duas laranjas e fê-

las saltar alternativamente de uma para a outra mão, dizendo:

- Salta, Praslin! Salta Choiseul! salta Praslin! Salta Choiseul!

- Então? - disse o rei - o que está fazendo?

- Uso da permissão que Vossa Majestade me concedeu; estou a fazer saltar o ministério.

Neste momento entrou Doreia e disse algumas palavras ao ouvido de sua ama, que logo exclamou:

- Sim! certamente!

- O que é? - perguntou o rei.

- É a Chon, que chega de viagem e pede para apresentar os seus respeitos a Vossa Majestade.

- Que venha, que venha! Efectivamente, há uns quatro ou cinco dias, andava eu a sentir que me faltava alguma coisa, sem saber o quê.

- Obrigado, senhor - disse Chon, entrando.

E em seguida, chegando-se ao ouvido da condessa, segredou-lhe: “Está tudo arranjado.”

A condessa não pôde conter um leve grito de alegria.

- Então o que há - perguntou Luís XV.

- Nada, senhor; sinto-me feliz por tornar a vê-la.

- Vossa Majestade permite que diga algumas palavras a minha irmã? - perguntou Chon.

- Diz, diz, minha filha. Entretanto, vou perguntar ao senhor de Sartines de onde é que tu vens.

- Meu senhor - disse Sartines, querendo evitar a pergunta - Vossa Majestade dignar-se-á conceder-me um momento?

- Para quê?

- Para falar a el-rei de coisas da maior importância.

- Oh! tenho tão pouco tempo, Sartines...

- disse Luís XV, bocejando antecipadamente.

- Apenas duas palavras, meu senhor.

- A que respeito?

- A respeito desses videntes, desses iluminados, desses inventores de milagres.

- Ah! charlatães. Dê-lhes patentes de pelotiqueiros e já deixam de ser temíveis.

- Senhor, atrever-me-ei a insistir para dizer a Vossa Majestade que a situação é mais grave do que se lhe afigura. A todo o instante, abrem-se novas lojas maçónicas. Pois bem! senhor, já não é uma sociedade, é uma seita, uma seita na qual se filiam todos os inimigos da monarquia: os ideólogos, os enciclopedistas, os filósofos. O senhor de Voltaire vai ser recebido com grande cerimonial.

- Está a morrer.

- Ele? Isso sim... Tão tolo não é ele.

- Confessou-se.

- É um ardil.

- Tendo vestido o hábito de capuchinho.

- É uma impiedade, senhor! tudo isso se mexe, tudo isso escreve, fala, cotiza-se, corresponde-se, intriga, ameaça. Algumas

palavras que escaparam a vários irmãos indiscretos indicam até que estão à espera de um chefe.

- Pois bem! Sartines, quando chegar esse chefe, prenda-o, meta-o na Bastilha e está tudo acabado.

- Essa gente, senhor, dispõe de muitos recursos.

- E o senhor, que é intendente de Polícia de um reino, terá menos recursos do que eles?

- Senhor, houve quem de Vossa Majestade obtivesse a expulsão dos jesuítas; a expulsão dos filósofos é que lhe deveriam ter pedido.

- E aí está o senhor de Sartines outra vez a contas com esses escrevinhadores.

- Senhor, são perigosas as penas que são aparadas com o canivete de Damiens.⁷

Luís XV fez-se pálido.

- Esses filósofos, senhor, que Vossa Majestade despreza... - continuou o senhor de Sartines.

⁷ Referência a tentativa de assassinio contra Luís XV. N. T.

- E então?

- E então, sou eu que o digo a Vossa Majestade, hão-de perder a monarquia.

- Quanto tempo precisam eles para isso?

O intendente da Polícia olhou muito admirado para Luís XV.

- Como posso eu sabê-lo, senhor? Quinze anos, vinte anos, trinta anos talvez.

- Pois, meu caro amigo - disse Luís XV - daqui a quinze anos já eu não estou vivo; a quem deve falar nisso é ao meu sucessor.

E o rei voltou-se para a senhora du Barry, que parecia estar à espera desta ocasião.

- Oh! meu Deus! - exclamou a condessa, soltando um profundo suspiro - o que me dizes, Chon?

- Sim, o que diz ela? - perguntou o rei; - vejo-as a ambas com uns ares tão fúnebres...

- Ah! senhor - disse a condessa - e com toda a razão.

- Vamos, digam, o que foi que aconteceu?

- Pobre irmão!
- Parece-te que será preciso cortar-lho?
- Há esperanças de que não.
- Cortar-lhe o quê? - perguntou Luís XV.
- O braço, senhor.
- Cortar um braço ao visconde! e para

quê?

- Porque está gravemente ferido.
- Ferido gravemente num braço?
- Infelizmente, senhor.

- Alguma rixa, naturalmente, em qualquer casa de jogo ou em qualquer casa de má nota!...

- Não, senhor; foi numa estrada.
- Mas como foi que isso aconteceu?
- Aconteceu que quiseram assassiná-lo,

ora aí está!

- Pobre visconde! - exclamou Luís XV, que era pouco propenso a ter dó fosse de quem fosse, mas que sabia fingir admiravelmente que o tinha. - Assassinado! Mas isso é sério! Está ouvindo, Sartines?

O senhor de Sartines, aparentemente muito menos assustado do que o rei, mas que realmente estava muito mais impressionado, aproximou-se das duas irmãs e perguntou com ansiedade:

- Pois será possível ter-se dado semelhante desgraça?

- Infelizmente, é possível - disse Chon muito chorosa.

- Agredido dessa maneira... Mas como?

- Numa cilada.

- Numa cilada!... Olhe lá, Sartines - disse o rei - isto agora parece-me que é da sua competência.

- Conte-nos como isso foi, minha senhora - disse o senhor de Sartines. - Mas suplico-lhe que o seu justo ressentimento não exagere os factos. Seremos mais severos, sendo mais justos, e os factos, vistos de perto friamente, perdem muitas vezes uma parte da sua gravidade.

- Oh! ninguém mo disse - exclamou Chon - vi eu... vi com os meus próprios olhos.

- E então, o que foi que viste, minha querida Chon?

- Vi um homem que se atirou ao meu irmão, que o obrigou a puxar pela espada e que o feriu gravemente.

- E esse homem estava só? - perguntou o senhor de Sartines.

- Não estava, não, senhor! Estava com mais seis!

- Ora o pobre visconde! - disse o rei, olhando sempre para a condessa a fim de apreciar o grau exacto da sua aflição e regular por aí a sua. - Ora o pobre visconde obrigado a bater-se!

Viu, porém, nos olhos da condessa que ela não estava gracejando.

- E ferido! - acrescentou em tom compadecido.

- Mas a que propósito veio essa rixa? - perguntou o intendente de Polícia, procurando sempre descobrir a verdade por entre os rodeios que esta fazia para escapar-lhe.

- Um motivo muito frívolo, a propósito de uns cavalos de posta que estavam a disputar ao visconde, que tinha pressa de trazer-me para junto de minha irmã, a quem eu prometera estar de volta esta manhã.

- Ah! mas isso está a pedir vingança - disse o rei; - pois não lhe parece, Sartines?

- Mas certamente, senhor - respondeu o intendente de polícia - e vou colher informações. Queira dizer-me o nome do agressor, minha senhora, a sua qualidade, a sua profissão?

- A profissão? Era militar, um oficial dos gendarmes do delfim, creio eu. Quanto ao nome, chama-se Baverney, Fayverney, Taverney; sim, é isso, Taverney.

- Minha senhora - disse o senhor de Sartines - amanhã vai dormir para a Bastilha.

- Isso é que não! - disse a condessa, que mantivera até então o mais diplomático silêncio - isso é que não!

- Como assim, "isso é que não?" - disse o rei. E por que motivo, não me dirá, havemos

de deixar à solta esse patife? Bem sabe que não posso ver os militares.

- E eu, senhor - repetiu a condessa com a mesma firmeza - digo-lhe que não hão-de fazer nada ao homem que tão gravemente feriu o senhor du Barry.

- Ah! tinha que ver, condessa! - replicou Luís XV. - É singular o que está dizendo; peço-lhe que se explique.

- É fácil. Há-de haver quem o defenda.

- Mas quem?

- A pessoa por instigação de quem ele procedeu.

- E essa pessoa há-de defendê-lo contra nós? Oh! oh! é extraordinário o que está dizendo, condessa.

- Minha senhora - balbuciou o senhor de Sartines, que via aproximar-se o ataque e que em vão procurava o meio de resguardar-se dele.

- Não esteja a dizer "Oh! oh!" Porventura o senhor é quem manda?

O rei sentiu o golpe que o senhor de Sartines previra e acautelando-se, disse:

- Bom! agora vamos meter-nos nas razões do Estado e atribuir a um pobre duelo uns motivos do outro mundo.

- Ah! bem vê - disse a condessa - que já está a abandonar-me e que a traiçoeira agressão de ainda agora já não é mais do que um duelo, isto porque desconfia de qual seja a origem de tudo.

- Bem! chegamos ao ponto! - disse Luís XV.

- Não sabe de onde isto vem? - perguntou a condessa.

- Não, não sei - disse Luís XV.

- Pois eu, sei-o e vou dizer-lho, e tenho toda a certeza de que não lhe dou novidade nenhuma.

- Condessa! condessa! - disse Luís XV, tentando recuperar a sua dignidade - sabe que está a desmentir o rei?

- Senhor, talvez que eu seja um pouco precipitada, pode ser; mas se imagina que

hei-de consentir muito sossegadamente que o senhor de Choiseul me mate o meu irmão...

- Bom! agora a culpa é do senhor de Choiseul! - disse o rei, alteando a voz, como se não esperasse este nome, que receava ver figurar na conversação.

- Ora essa! se teima em não ver que é ele o mais meu cruel inimigo, eu, pela minha parte, vejo isso e muito claramente, porque ele não se dá ao trabalho de ocultar o ódio que me tem.

- Vai muita diferença, condessa, entre ter ódio às pessoas e assassiná-las.

- Para os Choiseul, é tudo o mesmo.

- Ah! lá estão outra vez as razões de Estado...

- Meu Deus! meu Deus! vejam se isto não é para uma pessoa se danar, senhor de Sartines.

- Mas não é, se o que pensa...

- O que penso é que o senhor não me defende, e até, direi mais, tenho a certeza de

que me abandona! - exclamou a condessa com violência.

- Oh! não se zangue, condessa - disse Luís XV. Não só não será abandonada, como há-de ser defendida, e tão bem, que há-de sair caro ao agressor do pobre João.

- Sim, é isso, quebra-se o instrumento, mas aperta-se a mão.

- E não será justo tomar a responsabilidade a quem fez o mal, a esse Sr. Taverney?

- Certamente que é justo, mas é apenas justo; o que faz por mim é capaz de fazê-lo por qualquer mercador da Rua de Santo Honorato espancado no teatro por um soldado. Já o previno de que não quero ser tratada como toda a gente. Se por aqueles que estima não faz mais do que pelos indiferentes, então prefiro o isolamento e a obscuridade dos indiferentes; pelo menos não têm inimigos que os assassinem.

- Ah! condessa, condessa - disse Luís XV tristemente - eu que por acaso me levantei tão

alegre, tão feliz, tão contente... como está a estragar-me esta minha encantadora manhã!

- E para mim, também foi bonita a manhã, vendo que estão a dar-me cabo da família?

O rei, apesar do íntimo receio que lhe causava aquela tempestade, não pôde deixar de sorrir, ouvindo as últimas palavras da condessa, que se levantou furiosa.

- E aí está como tem dó de mim! - disse ela.

- Então! então! não se zangue.

- Mas se eu quero zangar-me!

- Pois faz mal. É encantadora, quando sorri, ao passo que a cólera torna-a feia.

- E que importa? Para que preciso eu ser bonita, se a beleza não me impede de ser sacrificada por umas intrigas quaisquer?

- Ora vamos, condessa...

- Não. Escolha: ou eu ou o seu Choiseul.

- É impossível escolher: ambos me são precisos.

- Então retiro-me.

- A condessa?

- Sim, deixo o campo livre aos meus inimigos. Por causa disto, morro de desgosto com certeza, mas o senhor de Choiseul fica satisfeito, o que servirá de consolação a Vossa Majestade.

- Pois eu juro-lhe, condessa, que ele não lhe quer mal nenhum e que até a estima bastante. Afinal é um homem de bem - acrescentou o rei, falando por forma que o senhor de Sartines ouvisse bem estas últimas palavras.

- Um homem de bem! Faz-me exaltar, senhor! Um homem de bem que manda assassinar gente!

- Oh! - disse o rei - ainda não se sabe.

- E depois - arriscou-se a dizer o intendente de polícia - uma questão entre militares é tão natural!

- Também o senhor de Sartines!... - replicou a condessa.

O intendente compreendeu o valor deste *tu quoque* e recuou diante da cólera da condessa.

- Vê, Chon? - disse o rei no meio desta consternação geral - vê que tudo isto é obra sua?

Chon baixou os olhos com uma tristeza hipócrita.

- O rei há-de perdoar - disse ela - se a dor da irmã foi superior à força de alma da súbdita.

- Boa peça! - murmurou o rei. - Ora vamos, condessa, nada de ressentimentos.

- Oh! não, senhor, não os tenho... Simplesmente, vou para Luciennes e de Luciennes para Bolonha.

- Deveras? - perguntou o rei.

- Sim, meu senhor, deixo uma terra, onde o ministro mete medo ao rei.

- Senhora! - disse Luís XV ofendido.

- Pois bem! senhor, permita que me retire para não estar mais tempo a faltar ao respeito a Vossa Majestade.

A condessa levantou-se, observando de soslaio o efeito que esta atitude produzia.

Luís XV soltou um suspiro de cansaço, suspiro que significava:

- Estou a aborrecer-me aqui enormemente.

Chon adivinhou o sentido do suspiro e compreendeu que para sua irmã seria perigoso prolongar por mais tempo a contenda.

Puxou pela saia à irmã e, dirigindo-se ao rei, disse:

- Senhor, o afecto que minha irmã tem ao visconde levou-a demasiadamente longe. Fui eu quem cometeu o erro, é a mim que pertence repará-lo... Coloco-me no lugar da mais humilde súbdita de Sua Majestade; não acuso ninguém; o bom critério do rei saberá distinguir.

- Pois o que eu desejo é isso mesmo, é justiça; mas que seja a justiça justa. Se um homem não cometeu um crime, não o acusem

desse crime; se o cometeu, apliquem-lhe a devida pena.

E Luís XV, ao dizer estas palavras, olhou para a condessa, tentando aproveitar ainda, caso fosse possível, as migalhas da alegre manhã, que a si mesmo prometera e que acabava de uma maneira tão triste.

A condessa era tão bondosa que se condoeu daquela ociosidade do rei que em toda a parte o punha triste e aborrecido, excepto junto dela.

Voltou-se um pouco, pois tinha já começado a caminhar para a porta.

- E porventura peço eu outra coisa? - disse ela com uma adorável resignação. - Mas não repilam as minhas suspeitas, quando as manifesto.

- As suas suspeitas, condessa, são para mim sagradas - exclamou o rei; - e, tornando-se um pouco em certeza, verá. Mas, agora me lembro, há um meio muito simples.

- Qual, senhor?

- Manda-se aqui chamar o senhor de Choiseul.

- Oh! Vossa Majestade bem sabe que ele não vem aqui nunca. Despreza-se de entrar nos aposentos da dedicada amiga do rei. A irmã não é como ele; não desejaria ela outra coisa.

O rei começou a rir.

- O senhor de Choiseul macaqueia o senhor delfim - continuou a condessa, já um tanto animada. - Ninguém quer comprometer-se.

- O senhor delfim é um religioso, condessa.

- E o senhor de Choiseul um tartufo, senhor.

- Digo-lhe, minha querida amiga, que há-de ter o prazer de vê-lo aqui, porque vou mandá-lo chamar. É para serviço de Estado, não pode deixar de vir e faremos com que se explique na presença de Chon, que viu tudo. Temos assim uma acareação, como se diz nos

tribunais, não é verdade, Sartines? Vão-me chamar o senhor de Choiseul.

- E eu, quero que me tragam o meu macaquinho, Doreia! O meu macaquinho! o meu macaquinho! – gritou a condessa.

A estas palavras, que se dirigiam a uma aia que estava num gabinete de *toilette*, e que puderam ser ouvidas na antecâmara, porque foram pronunciadas exactamente quando se abria a porta diante do porteiro enviado ao senhor de Choiseul, uma voz fraca e arrastada respondeu, gaguejando:

- O macaquinho da senhora condessa, devo ser eu; por isso me apresento imediatamente e aqui estou.

Viu-se então entrar de mansinho um homem baixo e corcovado, vestido com a maior magnificência.

- O duque de Tresmes! - exclamou a condessa com modo pouco satisfeito.

- Pediu o seu macaquinho, minha senhora - disse o duque, cumprimentando ao mesmo tempo o rei, a condessa e o senhor de

Sartines - e como entre todos os cortesãos não vi nenhum macaco mais feio do que eu, vim imediatamente.

E o duque começou a rir, mostrando uns dentes tão compridos, que a condessa não pôde deixar de rir também.

- Posso ficar? - perguntou o duque, como se fosse esse o favor que toda a vida ambicionara.

- Pergunte ao rei; quem manda aqui é ele, senhor duque.

O duque voltou-se para o rei com gesto suplicante.

- Fique, duque, fique - disse o rei muito satisfeito por acumular em torno de si as distrações.

Neste momento, o porteiro de serviço abriu a porta.

- Ah! - disse o rei com uma leve nuvem de tédio - já é o senhor de Choiseul?

- Não, meu senhor - respondeu o porteiro - é o senhor delfim que deseja falar a Vossa Majestade.

A condessa deu um salto de alegria por imaginar que o delfim se aproximava dela; mas Chon, que pensava em tudo, carregou o sobrolho.

- E onde está o senhor delfim? - perguntou mal humorado o rei.

- Nos aposentos de Sua Majestade... O senhor delfim espera até que Sua Majestade volte.

- É sabido que nunca posso estar descansado um momento - disse resmungando o rei.

Depois, de repente, compreendendo que a audiência pedida pelo delfim lhe poupava, pelo menos momentaneamente, a esperada cena com o senhor de Choiseul, mudou de opinião e disse:

- Lá vou, lá vou. Adeus, condessa. Veja como sou infeliz, como me apoquentam.

- Vossa Majestade retira-se - exclamou a condessa quando o senhor de Choiseul está para chegar?

- Então que quer? O primeiro escravo é o rei. Ah! se os senhores filósofos soubessem o que é ser rei, e rei de França principalmente!

- Mas então, fique, senhor.

- Oh! não posso fazer esperar o delfim. Já dizem que não gosto senão das minhas filhas.

- Mas, finalmente, o que hei-de eu dizer ao senhor de Choiseul?

- Olhe, diga-lhe que venha ter comigo, condessa.

E para pôr cobro a qualquer observação, o rei beijou a mão da condessa, trémula de cólera, e desapareceu, a correr, como era o seu costume, todas as vezes que receava perder o fruto de alguma batalha ganha à custa das suas contemporizações e da sua astúcia de burguês.

- Oh! lá nos escapa outra vez! - exclamou a condessa, batendo, espeitada, com as mãos uma na outra.

O rei, porém, nem sequer ouviu esta exclamação.

A porta fechara-se já depois dele passar, dizendo ele apenas, ao atravessar a antecâmara:

- Entrem, meus senhores, entrem. A condessa consente em recebê-los. Hão-de achá-la, porém, bastante triste por causa do acidente que sucedeu ao pobre João.

Os cortesãos olharam uns para os outros, admirados. Ignoravam que acidente podia ter sucedido ao visconde.

Muitos esperavam que ele tivesse morrido.

Compuseram as caras em harmonia com as conveniências. Os mais alegres fingiram que eram os mais tristes e entraram.

A SALA DOS RELÓGIOS

Numa vasta sala do palácio de Versalhes, denominada a sala dos relógios, um mancebo de cútis rosada, olhos meigos e andar um tanto vulgar, passeava, com os braços pendentes e a cabeça à banda. Parecia ter dezesseis a dezessete anos. Realçada pelo veludo violeta da casaca, brilhava-lhe sobre o peito uma placa de diamantes, ao passo que lhe caía ao lado a fita azul da Ordem do Espírito Santo, cuja cruz pendia sobre um colete de cetim branco bordado a prata.

Ninguém poderia deixar de reconhecer aquele perfil a um tempo severo e bondoso, majestoso e risonho, que constituía o tipo característico dos Bourbons do primeiro ramo, e de que o mancebo, que apresentamos aos olhos dos nossos leitores, era a imagem mais viva e mais exagerada; somente, ao ver a

filiação talvez degenerescente daqueles nobres rostos desde Luís XV e Ana de Áustria, seria lícito dizer que o personagem a quem nos referimos não poderia transmitir as suas feições a um herdeiro sem uma espécie de alteração do tipo primitivo, sem que a beleza nativa daquele tipo, de que ele era a última prova boa, se mudasse numa cara de feições carregadas, sem que o desenho enfim se transformasse numa caricatura.

Efectivamente, Luís Augusto, duque de Berry, delfim de França e que foi depois Luís XVI, tinha o nariz bourbónico mais comprido e mais aquilino do que os da sua raça; a fronte, levemente deprimida, era ainda mais descaída do que a de Luís XV, e a papada do avô era nele tão acentuada que, embora ainda fosse magro naquela época, já lhe ocupava quase a terça parte do rosto.

Além disso, o andar era lento e embaraçado; bem proporcionado, parecia no entanto que se lhe tornava difícil o movimento das pernas e dos ombros. Só os

braços, e principalmente os dedos, tinham a agilidade, a força, e por assim dizer, a fisionomia que, no comum dos homens, está escrita na fronte, na boca e nos olhos.

O delfim passeava, como dissemos, em silêncio, pela sala dos Relógios, a mesma onde, oito anos antes, Luís XV entregara à senhora de Pompadour o decreto do Parlamento que desterrava para fora do reino os jesuítas. Percorrendo aquela sala, o delfim meditava.

Entretanto, acabou por cansar-se de esperar ou antes de meditar e, observando alternativamente os diversos relógios que adornavam a sala, entreteve-se, como Carlos Quinto, a notar as diferenças sempre invencíveis que entre si conservam os melhores relógios; manifestação singular, mas nitidamente formulada, da desigualdade das coisas materiais reguladas ou não pela mão dos homens.

Dentro em pouco parou diante do relógio grande, situado então ao fundo da

sala, relógio que pela hábil combinação dos maquinismos, marcava os meses, os anos, as fases da Lua, o curso dos planetas, finalmente tudo o que interessa a essa outra máquina, ainda mais surpreendente, que se chama homem, no movimento progressivo da vida para a morte.

O delfim olhava, como amador que era, para aquele relógio que tinha feito sempre a sua admiração e inclinava-se ora para a direita ora para a esquerda para examinar esta ou aquela engrenagem, cujos dentes, agudos como finas agulhas, mordiam uma outra mola ainda mais fina.

Em seguida, tendo examinado o relógio de lado, começava a olhá-lo de frente e a seguir com a vista o rápido escape da agulha deslizando sobre os segundos, semelhante às moscas aquáticas que correm pelos tanques e pelas fontes com as pernas muito compridas, sem sequer enrugarem o líquido cristal sobre o qual se agitam incessantemente.

Aquela muda contemplação facilmente o fez recordar o tempo que se havia passado. O delfim lembrou-se que estava à espera havia muitos segundos. É verdade que deixara passar um grande número deles primeiro que se atrevesse a mandar dizer ao rei que o estava ali esperando.

De repente a agulha, sobre a qual o jovem príncipe tinha fitos os olhos, parou. No mesmo instante, como por encanto, as engrenagens de cobre interromperam a sua ponderada rotação, os eixos de aço descansaram nos furos guarnecidos de rubis e produziu-se um profundo silêncio naquela máquina, onde pouco antes tão sensíveis eram o ruído e o movimento. Já não havia abalos nem oscilações, cessara o som das campainhas, as agulhas e as rodas já não tinham movimento.

A máquina estava parada, o relógio estava morto.

Teria entrado qualquer grão de areia, fino como um átomo, em qualquer dente de

uma roda, ou seria simplesmente o génio daquela maravilhosa máquina que estava descansando, fatigado da sua eterna agitação?

À vista daquela morte, daquela apoplexia fulminante, o delfim esqueceu-se do motivo que ali o tinha levado e do tempo, durante o qual estivera à espera; esqueceu-se principalmente de que a hora não é lançada na eternidade pelos movimentos de uma pêndula sonora, ou retardada no decorrer dos tempos pela momentânea paragem de um movimento de metal, mas sim marcada no eterno relógio que precedeu os mundos e que deve sobreviver-lhes, pelo dedo eterno e invariável do Omnipotente.

Começou portanto por abrir a porta de cristal do pagode, onde o génio estava dormitando, e meteu a cabeça no interior do relógio para ver melhor.

Mas logo reconheceu que a grande pêndula o estorvava nas suas observações.

Então meteu delicadamente os dedos, hábeis e práticos, pela abertura de cobre e tirou a pêndula.

Não era o bastante, pois embora o delfim mirasse atentamente por todos os lados, a causa daquela letargia continuou invisível aos seus olhos.

O príncipe supôs então que o relojoeiro do castelo se esquecera de dar corda ao relógio e que este parará naturalmente. Pegou então na chave que estava suspensa no pedestal e começou a dar corda com o desembaraço de quem está a isso habituado. Mas, tendo dado três voltas, foi obrigado a parar, prova de que o maquinismo sofrera qualquer desarranjo desconhecido; e a mola, embora retesada, não deu mais de si, apesar disso.

O delfim tirou da algibeira uma pequena raspadeira de tartaruga com lâmina de aço e, com a extremidade da lâmina, deu impulso a uma roda. As engrenagens

rangeram um meio segundo e em seguida pararam.

A indisposição do relógio tornava-se grave. Depois, entusiasmando-se, continuou a desarmar a complicada máquina, examinando até os pontos mais secretos e misteriosos.

De repente soltou um grito de alegria: acabava de descobrir que um parafuso de pressão, movendo-se na sua espiral, afrouxara uma mola e fizera parar a roda motora.

Começou então a apertar o parafuso.

Depois, com uma roda na mão esquerda e a raspadeira na direita, tornou a meter a cabeça na caixa.

Estava nestas alturas do seu trabalho, absorvido na contemplação do maquinismo, quando se abriu a porta e uma voz bradou:

- O rei!

Luís, porém, nada ouviu a não ser o tiquetaque melodioso que renascera devido

aos seus esforços, como o pulsar de um coração que um médico hábil restitui à vida.

O rei olhou para todos os lados e esteve algum tempo sem ver o delfim, cujas pernas apenas estavam visíveis, por isso que tinha o corpo e a cabeça escondidos dentro da caixa do relógio.

Luís XV aproximou-se sorrindo e, batendo no ombro do neto, perguntou-lhe:

- Que diabo estás tu aí a fazer?

O delfim saiu precipitadamente para fora do relógio, mas com todas as precauções para não causar o menor dano ao formoso móvel, cuja restauração empreendera.

- Como vê, senhor - respondeu o mancebo, fazendo-se muito corado por ter sido surpreendido naquela ocupação - estava a entreter-me, enquanto Vossa Majestade não chegava.

- Sim, a dares-me cabo do relógio. Bonito entretenimento!

- Pelo contrário, senhor, estava a consertá-lo. A roda principal tinha deixado

de funcionar por se ter embaraçado nela aquele parafuso que Vossa Majestade além vê. Apertei o parafuso e agora já trabalha.

- Ficas cego se continuas a olhar por aí dentro. Não era eu que metia aí a minha cabeça, nem que me dessem todo o ouro deste mundo.

- Não é tanto assim, senhor. Eu já conheço isto: sou eu quem ordinariamente desarma, torna a armar e limpa o admirável relógio que Vossa Majestade me deu, quando fiz catorze anos.

- Pois sim, mas por agora deixa estar essa máquina. Querias falar-me?

- Eu, senhor? - disse o mancebo corando.

- Certamente, visto teres-me mandado dizer que estavas à minha espera.

- É verdade, senhor - disse o delfim, baixando os olhos.

- O que era então que me querias? Responde. Se não tens nada a dizer-me, então parto para Marly.

E Luís XV procurava já evadir-se, segundo o seu costume.

O delfim pousou sobre uma cadeira a raspadeira e a roda do relógio, o que indicava que tinha efectivamente alguma coisa importante a dizer ao rei, visto interromper a interessante tarefa a que se entregara.

- Precisas dinheiro? - perguntou o rei muito depressa. Se é isso, espera que já to mando.

E Luís XV deu mais um passo, encaminhando-se para a porta.

- Não, senhor, não! - respondeu o jovem Luís; - ainda tenho mil luíses da minha pensão deste mês.

- Como é económico! - exclamou o rei - e que bem que o senhor de Lavauguyon mo tem educado! Na verdade, parece-me que lhe dou exactamente todas as virtudes que eu não tenho.

O mancebo fez sobre si mesmo um esforço violento e perguntou:

- Senhor, a senhora Delfina ainda está muito longe?

- Pois não o sabes tu tão bem como eu?

- Eu? - perguntou embaraçado o delfim.

- Decerto; leram-nos ontem o boletim da viagem: devia passar na segunda-feira última por Nanci; deve estar agora a quarenta e cinco léguas de Paris, isto aproximadamente.

- Sire, Vossa Majestade não acha - prosseguiu o delfim - que a senhora Delfina vem muito devagar?

- Não, não acho - disse Luís XV - acho até que, para uma senhora, vem muito depressa, atendendo a todas essas festas e a todas essas recepções; não anda menos de dez léguas em dois dias, num mais, noutro menos.

- Senhor, é muito pouco - disse timidamente o delfim.

O rei Luís XV cada vez mais e mais se admirava, ao ver revelar-se aquela impaciência, que não esperava de modo nenhum.

- Ah! sim?... - disse com um sorriso zombeteiro; - estás então com pressa, hem?

O delfim fez-se ainda mais vermelho do que até então.

- Afirmo-lhe, senhor - balbuciou - que não é pelo motivo que Vossa Majestade supõe.

- Tanto pior; antes queria que fosse por esse motivo. Que diabo! tens dezesseis anos, diz-se que a princesa é bonita e não te fica mal estares impaciente. Pois descansa, que a tua Delfina há-de chegar.

- Senhor, não seria possível abreviar um pouco essas cerimónias no caminho? - continuou o delfim.

- É impossível. Já atravessou sem parar duas ou três cidades, onde devia estacionar.

- Isso assim é eterno. E depois, senhor, parece-me uma coisa - atreveu-se o delfim a dizer, timidamente.

- O que te parece, então? Vamos lá, diz.

- Parece-me que o serviço está sendo mal feito, senhor.

- Como? que serviço?

- O serviço de viagem.

- Ora adeus! Mandeí trinta mil cavalos para a viagem, trinta carruagens, sessenta carros e não sei quantas caixas com víveres; se se pusessem numa só linha as caixas, os carros, as carruagens e os cavalos, tudo isso chegava de Paris a Estrasburgo. Como podes então acreditar que com todos esses recursos ainda o serviço é mal feito?

- Pois bem! senhor, apesar de todas as bondades de Vossa Majestade, tenho quase a certeza do que estou dizendo; o que empreguei talvez foi um termo impróprio e, em vez de dizer que o serviço era mal feito, talvez devesse dizer que o serviço estava mal organizado.

O rei, ouvindo estas palavras, ergueu a cabeça e fitou os olhos nos do delfim. Começava a compreender que havia muitas coisas ocultas nas poucas palavras que a Alteza Real acabava de dizer.

- Trinta mil cavalos - repetiu o rei - trinta carruagens, sessenta carros, dois regimentos empregados neste serviço... Sempre quero que o senhor sábio me diga se já viu alguma Delfina entrar em França com um cortejo como este?

- Confesso, senhor, que as coisas são feitas principescamente e como as sabe Vossa Majestade fazer; mas recomendaria Vossa Majestade com insistência que esses cavalos, essas carruagens e, numa palavra, todo esse material, fossem exclusivamente destinados ao serviço da senhora Delfina e do seu séqüito?

O rei olhou para Luís pela terceira vez; uma vaga suspeita acabava de mordê-lo no coração, uma recordação mal distinta começava a iluminar-lhe o espírito, ao mesmo tempo que lhe passava pela cabeça uma analogia confusa entre o que dizia o delfim e alguma coisa de desagradável que acabava de incomodá-lo.

- Que pergunta! - disse o rei; - certamente que tudo isso é para a senhora Delfina e eis a razão por que te digo que ela não pode deixar de chegar com brevidade. Mas por que motivo estás a olhar assim para mim? Ora vamos - acrescentou em tom firme e que pareceu ameaçador ao delfim - estarás por acaso a divertir-te, estudando as minhas feições como as molas das tuas máquinas?

O delfim, que ia abrir a boca para falar, calou-se de repente, ao ouvir aquela apóstrofe.

- Muito bem! - disse o rei com vivacidade - parece-me que não tens mais nada a dizer-me, hem? Estás contente, não é verdade?... A tua Delfina está a chegar, o serviço faz-se optimamente, estás rico como Crespo com os recursos do teu bolsinho particular; vai tudo pelo melhor. Agora que já não tens nada que te dê cuidado, faz-me o favor de dar corda ao relógio.

O delfim não se moveu.

- Sabes? - disse Luís XV rindo - que estou com vontade de dar-te o lugar de primeiro relojoeiro do castelo, com um bom ordenado, já se vê?

O delfim curvou a cabeça, intimidado pelo olhar do rei e foi buscar à cadeira a raspadeira e a roda do relógio.

No entretanto, Luís XV tinha ido de mansinho até à porta.

- Que diabo queria ele dizer com o serviço mal feito? - pensava o rei, olhando para ele ao mesmo tempo. - Vamos, vamos, mais uma cena de que me livrei; está descontente.

Efectivamente, o delfim tão sereno habitualmente batia com o pé no chão.

- Isto complica-se - murmurou Luís XV, rindo; - decididamente apenas tenho tempo para fugir.

Mas, de repente, quando ia a abrir a porta, viu à entrada o senhor de Choiseul, profundamente inclinado.

XXVI

UMA CORTE ONDE TODOS MANDAM

Luís XV recuou um passo, ante o inesperado aspecto do novo actor que vinha tomar parte na cena, impedindo-o de sair.

- Por vida minha! - pensou o rei - tinha-me esquecido deste! Bem-vindo seja; vai pagar pelos outros. - Ah! está aí! - exclamou. - Tinha-o mandado chamar, sabe?

- Sei, senhor - respondeu friamente o ministro - e estava a vestir-me para apresentar-me a Vossa Majestade, quando recebi essa ordem.

- Bem. Tenho que falar-lhe de assuntos sérios - começou por dizer Luís XV, carregando o sobrolho na intenção, se fosse possível, de intimidar o seu ministro.

Infelizmente para o rei o senhor de Choiseul não era homem que se intimidasse facilmente.

- Também eu, se for do agrado de Vossa Majestade, tenho que falar-lhe em assuntos muito sérios - respondeu, curvando-se, o ministro.

Ao mesmo tempo trocou um olhar com o delfim, meio escondido por detrás do relógio.

O rei estacou, dizendo de si para si:

- Bom! Também deste lado! Estou metido num triângulo! Agora não posso safar-me.

- Deve saber - disse logo em seguida o rei, no intento de jogar a primeira estocada ao seu antagonista - deve saber que o pobre visconde João esteve em riscos de ser assassinado. Isto é, recebeu uma espadeirada no antebraço.

- Vinha falar a esse respeito a Vossa Majestade.

- Sim, compreendo; antecipava-se ao boato.

- Ia ao encontro dos comentários, senhor.

- Conhece então o caso? - perguntou o rei com ar significativo.

- Perfeitamente.

- Ah! - disse o rei - foi o que já me afirmaram pessoas de confiança.

O senhor de Choiseul ficou impassível.

O delfim continuava na faina de fixar a porca do parafuso; mas, de cabeça baixa, escutava e não perdia uma única palavra da conversação.

- Agora vou eu dizer-lhe como as coisas se passaram - acrescentou o rei.

- E Vossa Majestade julga estar bem informado? - perguntou o senhor de Choiseul.

- Oh! quanto a isso...

- Estamos ouvindo, senhor.

- Estamos ouvindo? - repetiu o rei.

- Certamente, o senhor delfim e eu.

- O senhor delfim? - repetiu o rei, cujo olhar se dirigiu de Choiseul, respeitoso, para Luís Augusto, atento; e que tem de comum o senhor delfim com essa briga?

- Interessa o senhor delfim - continuou o senhor de Choiseul com uma saudação dirigida ao jovem príncipe - por isso que no facto se acha envolvida a senhora Delfina.

- A senhora Delfina envolvida neste caso? - disse o rei, estremecendo.

- Certamente. Vossa Majestade ignorava isso? Já vejo que Vossa Majestade tinha sido mal informado.

- A senhora Delfina e João du Barry - disse o rei - há-de ser curioso. Vamos, vamos, explique-se, senhor de Choiseul, e principalmente não me oculte coisa alguma, ainda que tenha sido a Delfina quem feriu du Barry.

- Não, meu senhor, não foi a senhora Delfina - disse Choiseul, sempre com a mesma serenidade - foi um dos oficiais da sua escolta.

- Ah! - disse o rei, tornando-se outra vez sério - um oficial que o senhor de Choiseul conhece, não é verdade?

- Não, meu senhor, mas um oficial que Vossa Majestade deve conhecer, se Vossa Majestade se recorda de todos os seus bons servidores; um oficial cujo nome, na pessoa de seu pai, se assinalou em Filipesburgo, em Fontenoi, em Mahon, um Taverney Casa Vermelha.

Dir-se-ia que o delfim, ao ouvir este nome, queria sorvê-lo com o ar da sala para melhor o gravar na memória.

- Um Casa Vermelha! - disse Luís XV. - Certamente que conheço esse nome. E por que motivo se bateu contra João, a quem estimo? Porque o estimo, talvez... Ciúmes absurdos, princípios de descontentamento, sedições parciais!

- Meu senhor, dignar-se-á Vossa Majestade ouvir-me? - perguntou o senhor de Choiseul.

Luís XV compreendeu que o melhor meio de sair daquela situação era mostrar-se irritado.

- Digo-lhe, senhor de Choiseul, que vejo nisto um germe de conspiração contra a minha tranqüilidade, uma perseguição organizada contra a minha família.

- Ah! meu senhor - disse o senhor de Choiseul - será defendendo a senhora Delfina, nora de Vossa Majestade, que um valente mancebo merece tal censura?

O delfim ergueu-se e, cruzando os braços, disse:

- Pois eu confesso que estou grato a esse mancebo por ter exposto a sua vida por uma princesa que, dentro de quinze dias, há-de ser minha mulher.

- Que expôs a vida, que expôs a vida! - balbuciou o rei. - Mas por quê? Sempre será bom saber-se porquê.

- Porque o Sr. Visconde João du Barry, que viajava com muita pressa - prosseguiu o senhor de Choiseul - se lembrou de apossar-

se dos cavalos da senhora Delfina na paragem, aonde ela ia chegar, e isto certamente para continuar a viagem ainda mais depressa.

O rei mordeu os lábios e mudou de cor; como um fantasma ameaçador, tomava corpo no seu espírito a analogia que pouco antes o havia já torturado.

- Isso não é possível; eu conheço o caso. Está mal informado, duque - murmurou Luís XV para ganhar tempo.

- Não, meu senhor, não estou mal informado e o que tenho a honra de dizer a Vossa Majestade é a verdade pura. Sim, o Sr. Visconde João du Barry insultou a senhora Delfina, tomando para si os cavalos destinados ao seu serviço e já os levava à força, depois de ter maltratado o encarregado da posta, quando, enviado por Sua Alteza Real, chegou o cavalheiro Filipe de Taverney que, depois de várias intimações delicadas e conciliadoras...

- Oh! oh! - resmungou o rei.

- Que, depois de várias intimações delicadas e conciliadoras, repito, meu senhor...

- E eu posso garanti-lo - disse o delfim.

- Também sabe isso? - disse o rei, muito admirado.

- Perfeitamente, senhor.

O senhor de Choiseul, radiante, inclinou-se, dizendo:

- Sua Alteza quer continuar? Sua Majestade dará por certo mais crédito à palavra do seu augusto neto do que à minha.

- Sim, senhor - continuou o delfim sem manifestar, no entanto, pelo calor com que o senhor de Choiseul defendera a Arquiduquesa, todo o reconhecimento que o ministro tinha o direito de esperar dele; - sim, senhor, sabia isso e tinha vindo para dizer a Vossa Majestade que o senhor du Barry insultou a senhora Delfina, não só embaraçando o seu serviço, como também opondo-se violentamente a um oficial do meu regimento que cumpria o seu dever,

censurando-o pelo seu incorrecto procedimento.

O rei abanou a cabeça, dizendo:

- É preciso saber, é preciso saber...

- Eu sei, senhor - acrescentou brandamente o delfim - e para mim já não há a menor dúvida: o senhor du Barry puxou pela espada.

- E foi ele o primeiro? - perguntou Luís XV, muito satisfeito por se lhe proporcionar aquele ensejo de igualar a luta.

O delfim corou e olhou para o senhor de Choiseul que, ao vê-lo embaraçado, se apressou a ir em seu socorro.

- Finalmente, senhor - disse o ministro - cruzaram a espada dois homens, dos quais um insultava e o outro defendia a Delfina.

- Sim, mas qual deles foi o agressor? - perguntou o rei. - Conheço João; é manso como um borrego.

- O agressor, pelo menos ao que me parece, foi aquele que andou mal - disse o delfim com a sua habitual moderação.

- Isso é uma coisa delicada - disse Luís XV; - o agressor foi aquele que andou mal... E, no entanto, se o oficial foi insolente?

- Insolente - exclamou o senhor de Choiseul - insolente contra um homem que queria levar à força os cavalos destinados à Delfina! Pois isso é possível, senhor?

O delfim não disse nada, mas fez-se pálido.

Luís XV viu estas duas atitudes hostis e acrescentou, emendando a frase:

- Precipitado, quero dizer.

- E de resto - prosseguiu o senhor de Choiseul, aproveitando este passo atrás para dar um passo à frente - Vossa Majestade bem sabe que um servidor zeloso não pode deixar de ter razão.

- Mas vamos a saber, como foi que teve conhecimento desse facto? - perguntou o rei ao delfim, sem perder de vista o senhor de Choiseul, o qual tão perturbado ficou com esta súbita interpelação que, apesar de todos

os seus esforços, não pôde ocultar o seu embaraço.

- Por uma carta, senhor - disse o delfim.

- Uma carta de quem?

- De alguém que se interessa pela senhora Delfina e que, como é natural, acha extraordinário que a ofendam.

- Ora aí está! - exclamou o rei. - Temos outra vez correspondências secretas, conspirações. Lá tornam outra vez a entender-se para me atormentarem, como no tempo da senhora de Pompadour.

- Não é assim, senhor - prosseguiu o senhor de Choiseul; - há uma coisa muito simples, um delito de lesa-majestade em segundo grau. Aplica-se ao culpado um bom castigo e está tudo pronto.

Ao ouvir a palavra “castigo”, Luís XV viu erguer-se a condessa furibunda e Chon toda ouriçada, viu desfeita a paz caseira, coisa que procurara toda a vida sem nunca a obter, viu iniciadas as guerras intestinas, de

garras aduncas e olhos vermelhos, inchados pelas lágrimas.

- Um bom castigo - exclamou o rei - sem eu ter ouvido as partes, sem ter podido apreciar de que lado está o bom direito! Um golpe de Estado, um encarceramento por ordem régia! Mas que bela proposta me faz, senhor duque, que famosa complicação em que me mete!

- Mas, senhor, quem há-de agora respeitar a senhora Delfina, se não se der um exemplo severo, punindo a primeira pessoa que a insultou?...

- Certamente - acrescentou o delfim - e seria um escândalo, senhor.

- Um exemplo! um escândalo! - disse o rei. - Oh! por Deus! dêem um exemplo todas as vezes que perto da minha pessoa se produzir um escândalo e não faço outra coisa senão assinar ordens de prisão para meter gente na Bastilha! Louvado Deus, bem bastam as que já tenho assinado...

- Assim é preciso, senhor - disse o senhor de Choiseul.

- Senhor, suplico a Vossa Majestade... - disse o delfim.

- O quê? Pois não acha que o João ficou bastante castigado com a espadeirada que levou?

- Não, senhor, porque podia ter ferido o senhor de Taverney.

- E nesse caso, senhor duque, o que pediria então?

- Pediria a cabeça do criminoso.

- Mas não se fez pior do que isso ao senhor de Montgomery, que matou o rei Henrique II - disse Luís XV.

- Se matou o rei foi acidentalmente, senhor, e o Sr. João du Barry insultou a Delfina com a intenção de a insultar.

- E o senhor? - disse Luís XV, voltando-se para o delfim - também pede a cabeça de João?

- Não, senhor, não sou a favor da pena de morte, Vossa Majestade bem o sabe -

acrescentou brandamente o delfim. - Limito-me por isso a pedir-lhe o desterro.

O rei estremeceu.

- O desterro por causa de uma rixa numa estalagem! Olhe que é severo, Luís, apesar das suas idéias filantrópicas. É verdade que, antes de ser filantropo, é matemático e um matemático é capaz de sacrificar o Universo aos seus Algarismos.

- Senhor - disse o delfim - pessoalmente não quero mal ao senhor du Barry.

- A quem então quer mal?

- Ao agressor da senhora Delfina.

- Que modelo de maridos! - exclamou ironicamente o rei. - Felizmente não me deixo enganar com muita facilidade. Bem vejo quem é que neste caso pretendem atacar e vejo principalmente até onde me querem levar com todos esses exageros.

- Meu senhor - disse o senhor de Choiseul - não creia Vossa Majestade que haja intenção de exagerar. Realmente o público está irritado com tanta insolência.

- O público! mais um monstro em cuja existência o senhor duque acredita, ou antes, em cuja realidade pretende que eu creia. Porventura dou eu ouvidos ao público, quando esses milhares de escrevinhadores e intrigantes me afirmam nos seus panfletos e nas suas canções que sou roubado, iludido e atraído? Não dou, não. Deixo-os falar e rio-me. Façam como eu, por Deus! tapem os ouvidos que o público, quando estiver cansado de gritar, há-de calar-se. Bom! está o senhor duque a fazer-me uma saudação para mostrar o seu descontentamento e o Luís a fazer-me uma careta para eu ver que está amuado... Realmente, é singular que não possam fazer em meu favor o que se faz a bem de qualquer pessoa, que não queiram deixar-me viver a meu modo, que odeiem constantemente o que eu estimo e estimem sempre o que eu odeio! Estarei no meu juízo ou estarei doido? Sou eu afinal quem manda ou não sou?

O delfim foi buscar a raspadeira e voltou para o relógio. O senhor de Choiseul inclinou-se, como já antes se inclinara.

- Bom! não me respondem nada... Mas respondam-me alguma coisa, com a breca! Querem dar cabo de mim com esses ditos e com esse silêncio, com esses ódiozinhos e com esses receios?

- Eu não tenho ódio ao senhor du Barry, senhor - disse sorrindo o delfim.

- E eu, senhor, não me arreceo dele - disse altivamente o senhor de Choiseul.

- Olhem, são ambos uns espíritos maus! - clamou o rei, fingindo-se enfurecido, quando estava apenas despeitado. - O que querem é que eu ande na boca de toda a Europa, que me escarneça o meu primo o rei da Prússia, que realize a corte do rei Pétaud do patife do Voltaire. Mas, não! não lhes faço a vontade! Não hão-de ter essa glória. Compreendo a minha honra a meu modo, e a meu modo hei-de defendê-la.

- Senhor - disse o delfim com a sua inesgotável brandura, mas com a sua eterna persistência - peço mil perdões a Vossa Majestade, não é da sua honra que se trata, mas sim da dignidade da senhora Delfina que foi insultada.

- O senhor delfim tem razão, senhor; basta uma palavra de Vossa Majestade para que o caso se não repita.

- E como havia de repetir-se? Nem sequer chegou a dar-se: João será grosseiro, mas não tem mau fundo.

- Seja - disse o senhor de Choiseul - levemos o caso à conta de grosseria e ele que peça ao Sr. Taverney que lhe desculpe essa grosseria.

- Já lhe disse - exclamou Luís XV - que nada disso é comigo; que João peça desculpa, isso é com ele; que a não peça, é também com ele.

- Tenho a honra de prevenir Vossa Majestade de que o caso, assim entregue a si

mesmo, há-de fazer bulha - disse o senhor de Choiseul.

- Tanto melhor! - gritou o rei. - E que faça tanta bulha, tanta, que eu fique surdo, para não ouvir mais disparates.

- Assim pois - respondeu o senhor de Choiseul, com o seu implacável sangue-frio - Vossa Majestade autoriza-me a publicar que dá razão ao senhor du Barry?

- Eu! - exclamou Luís XV - eu! dar razão a alguém num caso tão escuro como a tinta de escrever! Decididamente querem levar-me às últimas. Oh! cuidado, duque... Luís, por si, modere-se mais... Deixo-os pensar no que lhes estou dizendo, porque me sinto cansado, farto, não posso mais. Adeus, meus senhores, vou ter com as minhas filhas, e fujo para Marly, onde terei talvez mais algum sossego, principalmente se os senhores não forem atrás de mim.

Neste momento, e quando o rei se encaminhava para a porta, esta abriu-se e apareceu um porteiro.

- Meu senhor - disse este - Sua Alteza Real a Princesa Luísa espera na galeria para despedir-se de Vossa Majestade.

- Despedir-se? - disse Luís XV, assustado. - E para onde vai?

- Sua Alteza disse que Vossa Majestade a autoriza a sair do castelo.

- Mais outro acontecimento. Agora é a minha beata que está a fazer das suas. Realmente, sou o homem mais infeliz que há neste mundo!

- Sua Majestade deixa-nos sem resposta - disse o duque ao delfim. - O que resolve Vossa Alteza Real?

- Ah! lá está ele a tocar! - exclamou o jovem príncipe, escutando com alegria, fingida ou real, o tinir da campainha do relógio, que de novo estava a trabalhar.

O ministro carregou o sobrolho e saiu, recuando, da Sala dos Relógios, onde ficou a sós o delfim.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME